

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS E LITERATURA PORTUGUESA

CRIS GUIMARÃES CIRINO DA SILVA

**O BOLSONARISMO DA ESFERA PÚBLICA. UMA ANÁLISE
FOUCAULTIANA SOBRE OS CONCEITOS DE PÓS-VERDADE, *FAKE
NEWS* E DISCURSO DE ÓDIO PRESENTES NAS FALAS DE
BOLSONARO**

MANAUS – AM

2020

CRIS GUIMARÃES CIRINO DA SILVA

**O BOLSONARISMO DA ESFERA PÚBLICA. UMA ANÁLISE
FOUCAULTIANA SOBRE OS CONCEITOS DE PÓS-VERDADE, *FAKE
NEWS* E DISCURSO DE ÓDIO PRESENTES NAS FALAS DE
BOLSONARO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras, na linha de pesquisa Teoria e Análise Linguística.

Orientação do Prof. Dr. Leonard Christy Souza Costa.

MANAUS – AM

2020

CRIS GUIMARÃES CIRINO DA SILVA

**O BOLSONARISMO DA ESFERA PÚBLICA. UMA ANÁLISE
FOUCAULTIANA SOBRE OS CONCEITOS DE PÓS-VERDADE, *FAKE
NEWS* E DISCURSO DE ÓDIO PRESENTES NAS FALAS DE
BOLSONARO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras, linha de pesquisa em Análise do Discurso.

Aprovada em: 13 de janeiro de 2020.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Leonard Christy Souza Costa -Presidente
Universidade Federal do Amazonas



Prof. Dr. Sérgio Augusto Freire de Souza – Membro Universidade Federal do
Amazonas



Profa. Dra. Fernanda Dias de Los Rios Mendonça -Membro
Universidade Federal do Amazonas

Todos os direitos desta dissertação são reservados a sua autora e ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). É recomendado que este material seja reproduzido para fins acadêmicos ou científicos.

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S586b Silva, Cris Guimarães Cirino da
O bolsonarismo da esfera pública: uma análise foucaultiana sobre os conceitos de pós-verdade, fake news e discurso de ódio presentes nas falas de Bolsonaro / Cris Guimarães Cirino da Silva. 2020
CCXXXVII f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Leonard Christy Souza Costa
Dissertação (Letras) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Análise do Discurso Político. 2. Pós-verdade. 3. Discurso de Ódio. 4. Democracia. 5. Fake News. I. Costa, Leonard Christy Souza II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

DEDICATÓRIA

Àqueles que tem ânsia de conhecimento, aos que resistem para não se entregar a uma vida fascista, aos que morreram porque decidiram lutar por uma condição melhor e mais justa, especialmente, aos indígenas, negros, quilombolas, LGBT's, mulheres, professores e pobres.

AGRADECIMENTOS

Meus queridos amigos,

Me perdoem, por favor, caso eu cometa alguma falha de memória e esqueça de citar todos os que me apoiaram durante essa jornada acadêmica. São muitos os que torceram e compreenderam a dedicação que precisei ter ao escrever essa dissertação.

A gratidão é infinita aos meus pais, pelos discursos marcantes e amorosos que provocaram diversas produções de sentido na minha vida. Sou grata pelo amor que me dedicaram, especialmente, a minha mãe, Ivanete Guimarães, que me mostrou desde tenra idade o que é o amor incondicional de uma mãe exemplar assegurando a solidez de nossa família. Foucault dizia que falar a verdade é sobretudo ser livre, é ser um sujeito ético e moral. Minha mãe não deve saber, mas ela sempre teve um discurso parresiasta e foucaultiano em casa (risos).

Aos meus filhos, Mauro Nooblath Neto e Vitória Guimarães, indubitavelmente, meus melhores feitos. Serei eternamente grata por me dizerem frequentemente o quanto me admiram e me amam. Jamais esquecerei a forma como me consolaram quando, cansada e desesperançosa, eu caí por diversas vezes. Por meio do amor dos dois, eu me levantei mais forte e consciente em cuidar com mais carinho da minha saúde.

Ao meu irmão Glauber Cirino que, possivelmente, não sabe o quanto eu o busquei em meus pensamentos para que eu pudesse ter forças em continuar quando o corpo e a mente ansiosos me levavam à legítima e intensa vontade de desistir. A cunhada Simone Rodrigues e meus lindos sobrinhos Vinícius e Fernanda Rodrigues por quem me sinto envolvida em amá-los infinitamente.

Agradeço ao meu irmão Heber Cirino (*in memoriam*) que me fez compreender, após a sua partida, como viver com mais leveza, risos e aventura. Ele traduziu o seu amor por mim na linda música que escreveu, intitulada “Cinquenta e um”, cuja canção cantei por várias madrugadas, quando a dor e a saudade batiam a minha porta sem pedir licença.

Minha gratidão aos meus tios, primos e ao amigo “não humano” de quatro patas chamado Cappuccino, que ‘humanamente’ me acompanhou sem dormir durante as inúmeras madrugadas em que escrevia. Aos vários amigos queridos que me deram muita força durante toda essa trajetória acadêmica, vocês estão aqui comigo por onde eu for.

Aos queridos e amados Álvaro Sanches Filho, Helter Carvalho, Alinne Carvalho e Lalyne Bastos que iconicamente fingiam compreender os “vários não” que eu tive de dar aos alegres e revigorantes encontros que eu não pude estar presente.

Ao Álvaro Filho, que além de amigo e irmão, equilibrou sabiamente o fato de ser também minha liderança profissional por quase sete anos. Ele soube me conduzir e apoiar quando me faltava o ar, o peito apertava e o coração e respiração insistiam em descompassar, frutos de um transtorno de ansiedade que me acometeu antes e durante o curso. Sou grata por ele ter flexibilizado meus horários de trabalho para que eu pudesse cursar as disciplinas do mestrado.

A minha eterna gratidão aos profissionais mais incríveis e humildes da linguística que tive o prazer de conhecer. Eles unem inteligência e sensibilidade ao ensinar de forma saudável sem o abuso de poder que alguns pesquisadores praticam. Por isso, são minhas referências e inspirações. São eles:

- Professor Dr. Leonard Christy Souza Costa que, além de ser meu orientador na dissertação, tem sido meu orientador sobre “coisas da vida”, pois claramente me mostrou os diversos caminhos que eu poderia trilhar, sempre respeitando minha individualidade sem enviar meu posicionamento crítico. Ele esteve comigo nas situações mais desconfortáveis durante o curso, onde fomos vítimas de xingamentos virtuais e de uma política que tenta silenciar a liberdade de cátedra e as pesquisas que tanto corroboram com o social, em virtude da decisão que tive ao problematizar e levar adiante o tema desta pesquisa. Obrigada, professor, pela liberdade que me deste sobre os estudos em Análise de Discurso Político e por ter me apresentado Michel Foucault quando eu ainda era aluna especial do Programa.

- Professor Dr. Sérgio Augusto Freire de Souza, responsável pelo meu interesse sobre a AD- Análise do Discurso por meio de suas aulas e textos tão intrigantes, terapêuticos e reais sobre os entreveros que a vida nos apresenta.

- Professor Me. Éderson Luís da Silveira, amizade que iniciou nas redes sociais e que quero para vida presencial. Ele sempre tem palavras confortantes e adequadas para qualquer dúvida que eu tenha. Sou grata aos diversos materiais que, generosamente, ele dividiu comigo sobre os escritos densos e tensos de Foucault.

À UFAM- Universidade Federal do Amazonas, à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, ao PPGL- Programa de Pós-Graduação de Letras e aos meus colegas de jornada que dividiram comigo diversas disciplinas, especialmente, Renata Ipiranga e Ilma Pedrosa, a quem devo excelentes conversas acalentadoras e revigorantes sobre a pesquisa.

A todos os professores do PPGL e de outros programas da UFAM que me estenderam a mão durante a situação delicada e relatada acima no momento em que minha pesquisa foi divulgada de forma anônima e maliciosa, colocando eu e meu orientador como alvos de ameaças e discursos de ódio virtual. Ainda que tenha trazido desconforto e medo, o ocorrido corroborou para evidenciar e legitimar ainda mais o objetivo deste trabalho, que é o de analisar como discursos de ódio são produzidos, constituídos e circulados no ambiente virtual como matéria prima de uma nova topologia que banaliza e normaliza a violência. Desta forma, jamais esquecerei o apoio da Prof. Dra. Marta Monteiro, Dra. Fernanda Los Rios, Dra. Cássia Bezerra do Nascimento e Dr. Frantomé Pacheco (*in memoriam*).

Ainda sobre o episódio citado, agradeço ao apoio que tive da ADUA- Associação dos Docentes da Universidade Federal do Amazonas, na figura do prof. Marcelo Mario Vallina, que gentilmente acompanhou a mim e ao meu orientador na busca de orientação jurídica.

Ao grupo de amigos e irmãos de caminhada “Refleta e Viva”, conduzido pelas queridas amigas Alessandra Pereira e Dori Vania, que fizeram das minhas segundas-feiras o bálsamo necessário para acalmar meus pensamentos mais inquietos. Obrigada a amiga Marisa Feitosa por ter me apresentado ao grupo.

Os tantos outros queridos, novamente, me perdoem a falta de memória...

“A ideologia, assim como o inconsciente, é eterna”

Althusser

“ Se a filosofia deve começar como discurso absoluto, o que é que se passará com a história, e que começo é esse que começa com um indivíduo singular, numa sociedade, numa classe social, no meio das lutas? ”

Foucault

RESUMO

Este estudo traz reflexões sobre a Análise do Discurso Francesa, à luz de Michael Foucault, na maneira como se constituem os discursos de ódio, *fake news* e pós-verdade enunciados por Jair Bolsonaro entre os anos de 2013 e 2019 formulando regimes de verdade ou formas de veridccção. Para isso, se faz necessário descrever a produção de sentidos que fizeram funcionar como verdadeiros na mídia, sobretudo nas redes sociais de Jair Bolsonaro; apresentar de que forma as relações de poder e o discurso de ódio se exercem sobre estatutos e procedimentos que são utilizados para a obtenção da verdade nas relações entre sujeito, discurso e sociedade relacionando-os a discursividades e considerando a construção do sujeito e das materialidades linguísticas coletadas. Apesar de todo esse contexto, compreender o que é política parece ser um caminho assertivo para evitar que as discussões fiquem somente no âmbito das polaridades partidárias estimuladas pela função das redes sociais como plataforma para novos porta-vozes. Nas materialidades linguísticas analisadas, ainda que mantenham vínculos com dados factuais, inerente a toda construção ideológica, percebe-se enunciados contraditórios e autoritários permitindo reativar sentidos que viabilizam a fragilidade da democracia.

Palavras-chave: Análise do Discurso Político. Pós-verdade. Discurso de Ódio. Democracia. *Fake News*.

ABSTRACT

This research brings reflections on the French Discourse Analysis according to Michael Foucault about Jair Bolsonaro's hate speech, fake news and post-truth discourses between 2013 and 2019 formulating truth regimes or veridiction means. For this, it is necessary to describe the production of meanings that made it work as true in the media, especially on Jair Bolsonaro's social networks; to present how power relations and hate speech are exerted on statutes and procedures that are used for the truth achievement in the relations between subject, discourse and society by relating them to discursivities and considering the construction of the subject and the collected linguistic materialities. In spite of all this context, understanding what politics is seems to be an assertive way to avoid that discussions are only within the scope of party polarities stimulated by the function of social networks as a platform for new spokespersons. In the linguistic materialities analyzed, although they maintain links with factual data, inherent in all ideological construction, it is perceived contradictory and authoritarian statements allowing to restore meanings that enable the fragility of democracy.

Key words: Political Discourse Analysis. Post truth. Hate Speech. Democracy. Fake News.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: <i>Post da fanpage oficial Olavo de Carvalho no Twitter</i>	29
Figura 2: <i>Comments em perfil do @opropriolav</i>	30
Figura 3: <i>Imagem retirada da fanpage oficial Olavo de Carvalho no Twitter</i>	31
Figura 4: <i>Reprodução da capa do jornal Folha de S. Paulo da edição de 23-06-2019</i>	33
Figura 5: <i>Imagem da capa da matéria publicada no site The Intercept</i>	34
Figura 6: <i>Post publicado em um grupo de Facebook da Ufam</i>	37
Figura 7: <i>Post de seguidores de Olavo de Carvalho</i>	Erro! Indicador não definido.
Figura 8: <i>Post publicado por Eduardo Bolsonaro em seu perfil no Twitter</i>	38
Figura 9: <i>Comments em perfil do @eduardosp</i>	39
Figura 10: <i>Comments em perfil do @eduardosp</i>	39
Figura 11: <i>Comments em perfil do @eduardosp</i>	40
Figura 12: <i>Comments em perfil do @eduardosp</i>	40
Figura 13: <i>Gráfico sobre as divulgações comprovadas como fake news</i>	54
Figura 14: <i>Capa da matéria concedida pelo deputado Jair Bolsonaro à Revista Playboy</i>	80
Figura 15: <i>Imagem do vídeo da palestra realizada no Rio de Janeiro</i>	85
Figura 16: <i>Imagem retirada do site globo.com</i>	90
Figura 17: <i>Imagem retirada do perfil de Bolsonaro no Facebook</i>	100
Figura 18: <i>Imagem retirada do perfil de Bolsonaro no Facebook</i>	103
Figura 19: <i>Comments em perfil de Jair Messias.Bolsonaro</i>	104
Figura 20: <i>Comments em perfil de Jair Messias.Bolsonaro</i>	104
Figura 21: <i>Comments em perfil de Jair Messias.Bolsonaro</i>	105

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
A ESFERA PÚBLICA E O ESPAÇO PÚBLICO	19
1.1 MANIFESTAÇÃO E RESISTÊNCIA. NÃO FOI SÓ POR 20 CENTAVOS	21
1.2 JAIR BOLSONARO, O BOLSONARISMO E O OUTRO COMO INIMIGO	28
1.3 MINHA QUESTÃO: “ALGUÉM ME DIGA QUE ISSO É MENTIRA... NÃO SEI SE DOU RISADA OU SE CHORO”	35
1.4 OS ROBÔS VOTAM E TEM PERFIS NAS REDES SOCIAIS	41
O DISCURSO POLÍTICO	44
2.1 A VERDADE E O PODER. QUEM DIZ O QUE É VERDADE?	45
2.2 A CORAGEM DA VERDADE EM FOUCAULT	48
2.3 PÓS-VERDADE E FAKE NEWS. TENSÕES E APROXIMAÇÕES	51
2.4 A ONTOLOGIA DO ÓDIO NA POLÍTICA	55
DISCURSIVIDADES. AS APREENSÕES DE EFEITO DE SENTIDO	58
3.1 DE QUAL DEMOCRACIA ESTAMOS FALANDO?.....	60
3.2 AUTORITARISMO, FASCISMO E CONSERVADORISMO AMALGAMADOS	62
3.3 A MERITOCRACIA COMO MOEDA NEOLIBERAL	64
3.4 <i>REALPOLITIK</i> : O FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO E O POPULISMO COMO INSTRUMENTOS DE UMA POLÍTICA DE RESULTADOS	66
ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA- ADF	70
4.1 A ANÁLISE DO DISCURSO COMO METODOLOGIA	75
ANÁLISE DO CORPUS	78
5.1 FASE JAIR BOLSONARO DEPUTADO FEDERAL	78
5.2 FASE JAIR BOLSONARO CANDIDATO A PRESIDENTE DA REPÚBLICA	89
5.3 FASE JAIR BOLSONARO PRESIDENTE DA REPÚBLICA	98
CONSIDERAÇÕES INCONCLUSAS	110
REFERÊNCIAS	114
ANEXOS	119

INTRODUÇÃO

As manifestações sociais que levaram milhares de pessoas às ruas das principais cidades brasileiras, especialmente, desde o ano de 2013, trouxeram à tona o ativismo de certos tipos de atores sociais que há décadas não participavam de forma tão intensa no espaço público. Inicialmente, as manifestações contestavam o aumento das tarifas do transporte público, mas logo a mobilização foi adquirindo uma pauta diversa e revelando uma insatisfação com a classe política naquele que foi o ano de uma grande ruptura política e social na história do Brasil. O país se torna, notoriamente polarizado, entre os que apoiam ideologias de esquerda e de direita. De um lado, os antipetistas e, de outro, os que ainda viam no Partido dos Trabalhadores a salvação numa espécie de maniqueísmo escatológico.

As interações provocadas pelos atores sociais ganham novos contornos, muito pela potencialização das redes sociais que dão vida mais ativa a eles por meio de manifestações articuladas no ambiente digital. Os objetivos políticos e econômicos não são novos, pois nos remetem a um modelo de poder que nos segue desde a colonização. O que há é o aparecimento de um sujeito inserido em novos processos comunicacionais. Reaparecem líderes de diversos movimentos sociais e religiosos, formadores de opinião na arte e na política, conservadores morais e neoliberais arrastando milhares de pessoas em suas redes sociais. São os emissores legitimados pelo meio social receptor com opiniões autorizadas, identificados com competência interpretativa da realidade e acesso privilegiado às informações consideradas relevantes. São, portanto, pautadores dos interesses e das prioridades informacionais de sua audiência e intérpretes de sua vida cotidiana e política.

Os protestos em 2013 começaram com a esquerda reivindicando, mas parecia que a direita aproveitava e representava muito mais esse descontentamento. Já nos anos seguintes, a direita política, termo usado para se referir a diferentes posições políticas ao longo da história, também estava nas ruas com outras pautas, especialmente, pelo *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff que culminou com a ênfase que a grande mídia e as redes sociais deram ao episódio, estimulando uma grande insatisfação da classe média contra o PT munida de uma crítica generalizada sobre os governos e serviços públicos. Apesar de todo esse contexto, estudar e compreender o engendramento dos enunciados políticos parece ser um caminho assertivo para evitar que as discussões fiquem somente no âmbito das polaridades partidárias também estimuladas pelo importante papel das redes sociais como plataforma para novos portavozes.

A partir de 2013, aparecem grupos com perfis mais conservadores que ganham maior visibilidade inspirados pela ideologia de que o cenário político deveria ser “passado a limpo” urgentemente. Em 2015, esses mesmos grupos participaram da organização de novas manifestações, clamando pelo *impeachment* de Dilma Rousseff, contra o Partido dos Trabalhadores e a favor da Operação Lava Jato¹, investigação de grande porte realizada pela Polícia Federal do Brasil contra a corrupção e lavagem de dinheiro. A esse grupo se juntaram também os que pediam intervenção militar alegando que só assim, o Brasil teria de volta a ordem. Já no ano seguinte, o Brasil estava com uma presidente deposta, um forte candidato à presidência preso e um clima de descontentamento geral na população, uma vez que a mudança reivindicada é tão estruturante que jamais poderia ter sido atingida em um curto espaço de tempo.

A vulnerabilidade da crise política e socioeconômica abriu espaço para que no ano de 2018 houvesse uma das eleições à Presidência do Brasil mais conturbada na história do país, envolvendo escândalos de corrupção, memeficação da política² e uma espécie de normalização de discursos de ódio, ataques políticos, tentativa de homicídio ao então candidato Jair Bolsonaro, *fake news*³ e o que se convencionou chamar de pós-verdade, termo usado pela primeira vez em 1992 pelo dramaturgo Steve Tesich, mas com um pico de uso da palavra em 2016 para designar fenômenos que priorizam fatos com apelos emocionais e crenças pessoais a dados objetivos, modelando a opinião pública. Em outubro de 2018, o candidato Jair Bolsonaro do PSL derrotou o petista Fernando Haddad no segundo turno, com 55% dos votos e foi eleito o 38º presidente do Brasil. Capitão reformado do Exército e Deputado Federal desde 1991, Bolsonaro se elegeu com promessas de reformas liberais na economia e com um discurso conservador, contrário à corrupção e à velha política, ao Partido dos Trabalhadores, ao próprio sistema político e se posicionando de forma muito polêmica sobre as pautas identitárias.

¹ A Operação Lava Jato é a maior investigação sobre corrupção e lavagem de dinheiro conduzida até hoje no Brasil. Ela teve início no Paraná, em 17 de março de 2014, unificando quatro ações que apuravam redes operadas por doleiros que praticavam crimes financeiros com recursos públicos. O nome “Lava Jato” era uma dessas frentes iniciais e fazia referência a uma rede de postos de combustíveis e lava a jato de veículos, em Brasília, usada para movimentação de dinheiro ilícito de uma das organizações investigadas inicialmente. Fonte: <http://www.pf.gov.br/imprensa/lava-jato>.

² É um processo onde o meme, considerado um morfema, se auto propaga de forma satírica, causando uma unidade de identificação entre pessoas. Pode ser um acontecimento, uma frase, um ato falho de uma figura pública. Qualquer situação real pode se tornar um meme e divulgada de forma veloz no ambiente digital por meio de montagens de figuras, vídeos ou paródias. A propagação do meme pode ser ideias ou partes de ideias, línguas, sons, desenhos, capacidades, valores estéticos e morais, ou qualquer outra coisa que possa ser aprendida facilmente e transmitida como unidade autônoma.

³ Notícias falsas é um termo novo, ou neologismo, usado para se referir a notícias fabricadas. O termo *fake news* originou-se nos meios tradicionais de comunicação, mas já se espalhou para mídia *online*.

Existe um vasto número de evidências que descrevem os discursos de Bolsonaro desde enquanto Deputado Federal à Presidente da República do Brasil. Discursos com conotação autoritária, populista e ideológica que incitam ao ódio e segregam, utilizados como estratégia política para redigir novas diretrizes e pautas às classes vistas como “marginalizadas”, como os homossexuais, mulheres, negros, pobres, a classe acadêmica e científica, pondo em risco a democracia reconquistada na década de 80 com o fim da ditadura militar. Para tanto, problematizaremos o risco de discursos autoritários que flertam com a quebra do Estado de Direito e que se sustentam com a politização do ódio potencializando a reprodução de um discurso violento, demagogo e autoritário, provocando o desinteresse por questões coletivas, vistas como ameaças à legitimidade das instituições democráticas. É bom lembrar que não se faz democracia no individual e sim no coletivo.

Nas materialidades linguísticas analisadas, ainda que mantenham vínculos com dados factuais, inerente a toda construção ideológica, percebe-se falas contraditórias e autoritárias, permitindo reativar sentidos que viabilizam a fragilidade da democracia, enunciando assim, o que é fundamental para a teoria do discurso. Desta forma, nosso principal foco de análise não se dá nas discussões entre posicionamentos políticos de esquerda ou direita, mas o que está acima desses dois polos, ou seja, o que nos importa, verdadeiramente, são as pautas sociais emaranhadas no meio dos discursos políticos enunciados, as discursividades que engendram as falas de Bolsonaro e os sentidos ideológicos que carregam, fazendo convergir a teoria do discurso com postulados da genealogia e arqueologia de Foucault demonstrando que as formações discursivas são frequentadas por seus outros.

Operar com a perspectiva discursiva foucaultiana nesta pesquisa permitirá reativar sentidos que tendem a ser inviabilizados nos processos discursivos da política atual, centrando-se na constituição dos saberes, ou seja, como os saberes assumem o status de verdade resultantes da relação de poder dando forma às discursividades de uma determinada época, constituição histórica e análise dos deslocamentos de sentidos sobre democracia, populismo, demagogia, administração do poder, autoritarismo, *realpolitik*, etc.

O objetivo deste trabalho consiste em analisar sob o viés foucaultiano como os discursos de ódio, *fake news* e pós-verdade enunciados por Jair Bolsonaro entre os anos de 2013 e 2019 se estruturam constituindo e formulando regimes de verdade ou formas de veridicção. Para isso se faz necessário descrever a produção de sentidos que fizeram funcionar como verdadeiros na mídia, sobretudo nas redes sociais de Jair Bolsonaro; apresentar de que forma as relações de poder e o discurso de ódio se exercem sobre estatutos e procedimentos que são utilizados para

a obtenção da verdade nas relações entre sujeito, discurso e sociedade; e relacionar os discursos sobre democracia, autoritarismo, demagogia e populismo, enquanto discursividades, considerando a construção do sujeito e das materialidades linguísticas coletadas.

As emissões discursivas selecionadas ilustrarão bem a conexão de sentidos entre as ideias-força que sustentam o autoritarismo disfarçado de democracia. Mais do que isso, revelam a reverberação e a maneira com que esses discursos são enunciados indicando que a formação histórica é definida como um regime de enunciados e um campo de visibilidade, assim como o verdadeiro, segundo Foucault, é a combinação entre o visível e o enunciável.

O que norteia a escolha do período mencionado é um número exagerado de *fake news* e discursos de ódio disseminados e fomentados, não somente, mas principalmente, por Jair Bolsonaro; seus filhos que, também ocupam lugares de fala na esfera pública; e seus seguidores. Logo, faremos a análise dessas narrativas durante três fases de Jair Bolsonaro. A primeira enquanto Deputado Federal, a segunda como candidato à Presidência da República, fase que denominamos de pré-campanha eleitoral e, por fim, após sua posse, como Presidente do Brasil. Consideramos a interdição dos discursos que comprovem a intenção de fragilizar a democracia e enaltecer o autoritarismo e a segregação racial e social, no qual os poderes se articulam à discursos para produzir efeitos de verdade gerados pelas *fake news* e políticas de pós-verdades divulgadas por Jair Bolsonaro em suas redes sociais.

As contribuições sobre as teorias do discurso presentes neste projeto trazem a reflexão sobre de que forma os textos e imagens postados nas redes sociais de Jair Bolsonaro e, comprovados como *fake news*, corroboram para a formação de uma política de pós-verdade, incitando o ódio e apontando supostos inimigos que vão desde organizações e partidos políticos, a grupos específicos que não compartilham de seu universo de crenças e ideologia. Como exemplo, os ataques frequentes aos comunistas, os negros, os gays, as feministas e até os professores universitários, especialmente das universidades federais e estaduais e das áreas das humanidades, vistos como doutrinadores de uma política comunista ou de esquerda. Questionamos quais são as discursividades ou até pactos sociais, políticos, jurídicos, empresariais que, articulados, dão lugar a um certo pós-fascismo nas falas de Bolsonaro e de seus seguidores? Quais forças, elementos e relações de poder se juntam nessa dinâmica para dar ênfase a uma espécie de bolsonarização da esfera pública, ou seja, o efeito de uma prática populista que a banaliza e até normaliza discursos de ódio, configurando a imagem de um representante social populista que vai tirar o país da crise que se instalou durante o governo de esquerda? De que forma se constituem as falas do Bolsonaro sobre alguns temas como

violência, corrupção, manutenção da “família de bem”, as causas LGBT, a ideologia comunista que, segundo ele, está instalada nas universidades públicas do país e que demonstra crer, firmemente, que esteja em marcha uma conspiração, empunhada por uma sociedade secreta?

É importante ressaltar que a escolha deste tema tem uma grande relevância para a autora uma vez que o silêncio, em especial, sobre a última eleição presidencial, não é mais uma possibilidade e tampouco, a incapacidade de entender os acontecimentos. A busca e conquista por uma democracia para as gerações posteriores a dos meus filhos está em jogo e espera-se que esta pesquisa contribua para a reflexão de um pensamento político e científico mais crítico que os antidemocráticos tanto tentam combater.

CAPÍTULO 1

A ESFERA PÚBLICA E O ESPAÇO PÚBLICO

A esfera pública é o espaço que intermedia estado e sociedade, o *locus* onde se assentam as discussões e opiniões públicas. Para Habermas (1984), a concepção de esfera pública é um conceito que abrange diversas dimensões de definição e análise. Sob uma formação histórica, suas configurações dependem do contexto sócio-histórico em questão, desde a esfera feudal a burguesa. Em questões mais antropológicas, corresponde a um espaço social com representatividade pública. Na perspectiva das sociedades contemporâneas representa a totalidade da visibilidade e debate público no sentido de influenciar as decisões do sistema político a partir da análise da relação entre os atores e as ações dessa esfera política.

A partir da década de 80, Habermas faz uma revisão sobre suas teorias formulando a tese do agir comunicativo, compreendendo a sociedade como uma permanente tensão entre o mundo sistêmico e o mundo da vida relacionando espaço público, política, democracia e direito. Ele cita a existência de um poder comunicativo que emana da esfera pública e que contingencia, de certa forma, o poder político, por isso a esfera pública política ganha relevância com a democracia deliberativa que reconhece a importância do discurso na validação das vontades e pretensões sociais por meios da argumentação e da visibilidade que a mídia propõe. As ideias habermasianas nos apontam para a inexistência de uma autêntica esfera pública argumentativa, já que a política midiática é feita de forma espetacularizada e de uma linguagem sedutora.

As condições sob as quais o poder era exercido começava a modificar após os proprietários dos meios de comunicação deterem o controle da informação. A imprensa ganhava posição privilegiada no exercício do poder no espaço público. De uma esfera pública crítica, restrita antes somente à burguesia, se apresentava uma esfera pública manipulada e sedutora, cuja opinião pública era construída e formada pelos interesses de grupos específicos.

[...] Do público dessa esfera social se solicita a participação tão somente para assentir plebiscitariamente, ou pelo menos, tolerar posições que, de maneira não pública apresentaram-se na esfera pública. As posições ainda têm que ser mediadas discursivamente, mas não no interior da esfera pública e sim para a esfera pública. A discursividade já não é mais um critério para garantir que uma posição se exponha ao crivo da racionalidade, à comunicação pública; a discursividade agora serve para que uma posição consiga a boa vontade do público. Tratava-se de discussão. Trata-se de sedução; tratava-se de crítica, agora, de manipulação”. (GOMES, 2008, p. 163).

Arendt divergia de Habermas em alguns pontos sobre o conceito de esfera pública. Para ela, o mundo aparecia sob diferentes aspectos não redutíveis a uma única esfera. Em suas descrições sobre espaço público, por exemplo, não identificamos uma visão única ou singular, sua ênfase é plural, apresentando espaço público com uma multiplicidade de aspectos, exceto as oriundas de determinações biológicas ou dos processos econômicos. Para Arendt o espaço público não era ligado ao Estado, como Habermas o fez, não existia nenhum local privilegiado para ação política, existiam várias possibilidades de ação criadas e recriadas constantemente sempre que os indivíduos se liguem por meio do discurso e da ação.

A pluralidade de espaços públicos é reflexo das necessidades coletivas e das diferenças de opiniões, discursos e ferramentas tecnológicas disponíveis. Falar em público, por exemplo, perde a relevância de outrora e, conseqüentemente, em esfera pública. De certa forma, o espaço público se perpetua como um desdobramento da continuação e dinâmica da vida política e social.

Para Foucault a constituição da subjetividade se dá por meio de técnicas de si, as quais não se delineiam solitariamente. Se para Arendt a identidade se forma no contexto intersubjetivo do espaço público, para Foucault a presença do Outro é imprescindível no processo de autoconstituição. O outro é indispensável para que as práticas de si atinjam a forma de existência desejada (Ortega, 1999). Na análise foucaultiana, o pensamento político não é determinado e é uma alternativa que vai além de uma política partidária e que propõe a recuperação do espaço público, compreendendo uma atividade de criação e de experimentação. A fenomenologia arendtiana e a genealogia foucaultiana convergem na desconstrução da subjetividade e da tradição política ocidental, na procura de novas formas de subjetividade e de ação.

O espaço público que antes era um lugar físico comum de discussão e debates dá lugar a uma nova ágora, as redes tecnológicas de comunicação. Vive-se uma época de relações mediadas, em substituição às relações diretas, e essa mediação tecnológica, representada especialmente pela internet e suas ferramentas, multiplica as relações sociais (Thompson, 1998).

Ao considerar a esfera pública como a dimensão do debate ou do conflito argumentativo público, já não como a praça, o local físico, mas como o próprio debate que nela acontece, para Gomes (2008) a internet constitui-se em uma esfera pública. Contudo, existem discussões à cerca da sinonímia ou não entre os termos esfera pública e espaço público, sendo que a sua vitalidade é em qualquer caso sempre conferida pela comunicação.

Esfera ou espaço público é um fenômeno social elementar, do mesmo modo que a ação, o ator, o grupo ou a coletividade; porém, ele não é arrolado entre os conceitos tradicionais elaborados para descrever a ordem social. [...] Do mesmo modo que o mundo da vida tomado globalmente, a esfera pública se reproduz através do agir comunicativo, implicando apenas o domínio de uma linguagem natural; ela está em sintonia com a compreensibilidade geral da prática comunicativa cotidiana (HABERMAS, 1997, p. 92).

O nosso mundo está em processo de transformação estrutural desde há três décadas e fazer política, atualmente, tornou-se cada vez mais importante e, ao mesmo tempo mais difícil, mas talvez essa dificuldade seja mais um resultado de mudança e, conseqüentemente, a necessidade de compreendê-la do que o aumento dos problemas que com essa transformação desponta.

Em alguns espaços públicos, ocorre o que Bauman chamou de “esvaziamento do espaço público”, ou seja, lógica globalizante que realça o individualismo e o afastamento dos indivíduos. De acordo com o autor, as primeiras noções de espaço público, mas não civil, aparecem como duas categorias complementares. Vale destacar aqui que os espaços públicos não civis são caracterizados pela falta de uma interação política entre os presentes, tornando-se civis na medida em que sejam ocupados por alguma atividade política que vise a melhoria social por meio de alguma reivindicação política. O que torna o espaço público “civil” é a ocupação efetiva do mesmo.

Assim sendo, as conseqüências de um tal projeto de construção de esfera pública para a convivência democrática numa sociedade tão diversa, plural e desigual quanto a brasileira, parecem evidentes. Ela pode alimentar não o desejado processo de aceitação e reconhecimento mútuo das diferenças e particularidades de cada grupo sociocultural específico, mas exatamente o autorreferenciamento, a fragmentação social e a intolerância recíproca. Ou seja, mesmo que se assegure que cada grupo tenha seus espaços próprios de manifestação cultural, parece fundamental que as diferentes subculturas, na medida em que apresentem reivindicações que tenham conseqüências para o conjunto da comunidade nacional, tenham a possibilidade de dirigir suas vozes para uma esfera pública compartilhada, justificada e legitimada.

1.1 MANIFESTAÇÃO E RESISTÊNCIA. NÃO FOI SÓ POR 20 CENTAVOS

Nos últimos dez anos, temos assistido uma série de eventos que convidam a população a ir às ruas em manifestação popular convocados por meio da internet, sendo esta uma espécie

de agora onde todos têm hora marcada para se encontrar. Surgem ainda indivíduos políticos com novos contornos, com uma nova anatomia de atuação. As manifestações não têm mais e somente o foco em pautas econômicas e materialistas, agora as pautas são sobre a luta contra a corrupção e a favor das pautas identitárias com um legítimo sentimento de desconfiança e insatisfação sobre a classe política como um todo, dando espaço para um discurso apolítico e, conseqüentemente, sendo esse o principal efeito da crise política no Brasil que se origina exatamente na ausência da política substituída pela economia e interesses eleitorais.

Problematizando qual momento histórico exato funcionou como corte relevante para que o país desembocasse no atual contexto de manifestações populares e enunciados de resistência atribui-se a uma sequência de eventos responsáveis por potencializar tantos outros. Afirma-se, grosseiramente, que foram as jornadas de junho de 2013 que abriram espaço para que a Operação Lava-jato fosse o projeto que faltava para o Brasil ser passado à limpo e que trouxe à tona o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff abrindo espaço para a prática populista denominada bolsonarismo. É uma linha de raciocínio tosca e incipiente atribuir somente a esses quatro grandes eventos a “culpa” para explicar o motivo dos frequentes e importantes manifestos populares contra o Estado e suas antigas e repetidas manobras políticas. Proposta por Michael Foucault, há de se fazer uma arqueologia e genealogia dos acontecimentos históricos que relacionados formulam a produção de discursos norteadores para a convocação de manifestações como forma de resistência e transformação social.

Na arqueologia, o discurso é compreendido como determinado por uma regularidade que permite com que algo apareça como verdadeiro. Neste momento, Foucault busca compreender o discurso pela análise do saber, pois “[...] não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma” (Foucault, 2003). Na genealogia, a análise do discurso toma um caráter político apontando como o discurso manifesta e produz poder. O discurso é instrumento de poder quando possibilita seu exercício e é seu efeito quando é produzido por ele. Para Foucault, o discurso é o espaço aonde vão se alojar o saber e o poder.

Assim, a jornada de junho não foi provocada somente pela luta contra o aumento da passagem de ônibus em R\$ 0,20, tanto que o enunciado “não foi só por 20 centavos” ganha força quando deixa claro que as razões das inúmeras manifestações naquele mês eram bem mais do que o aumento do transporte público. Ou seja, explicar que junho de 2013, a Lava-jato, o *impeachment* de Dilma Rousseff e o bolsonarismo são os únicos culpados pelo cenário instável

socialmente e politicamente em que estamos inseridos é contribuir para um apagamento histórico, cultural e social de nossa trajetória.

No caso de junho, os efeitos imediatos da manifestação até são mais tangíveis (as tarifas de ônibus baixaram durante os protestos), mas são menos mensuráveis no longo prazo (as tarifas subiram depois). Houve o represamento dos preços na crise, mas não uma coisa que possa ser chamada de "vitória" da mobilização. Uma consequência política mais visível é que ela trouxe para rua uma parte dos cidadãos que não vinha se manifestando antes.

Em regra, os protestos, as manifestações e os discursos em massa visam, por meio de uma ação coletiva, se insurgir à realidade posta, com o intuito de modificá-la. Ocorre que as manifestações surgem diante das mais diversas demandas e insatisfações da sociedade civil, a qual não é um grupo uniforme e nem sempre tem anseios convergentes, uma vez que vivemos em uma realidade extremamente heterogênea e plural. Dito isto, podemos prosseguir analisando que as manifestações em massa que vêm ocorrendo no Brasil, especialmente desde 2013, têm uma anatomia diferente de outrora. Talvez pela complexidade na estrutura de formação psíquica desse sujeito modificado em massa e em rede, ou, possivelmente, pelo desencantamento dos valores democráticos para aumentar estrategicamente a coesão de um determinado grupo.

Tomamos a liberdade em intercalar nossas percepções às de Le Bon quando ele cita que na massa as aquisições próprias dos indivíduos se desvanecem e com isso desaparece sua particularidade. O inconsciente próprio da raça ressalta, o heterogêneo submerge no homogêneo. Ou seja, a sua estrutura psíquica, desenvolvida de forma diversa, é desmontada e o fundamento inconsciente comum a todos é posto a nu (torna-se operante).

Não pretendemos contradizê-lo, mas destacar que entre algumas causas apontadas por ele em sua obra sobre a modificação do indivíduo na massa, o contágio é a maior sugestão que a justifica e também por esta razão, a massa é inclinada aos extremos e excitada por estímulos desmedidos.

Como a massa não tem dúvidas quanto ao que é verdadeiro ou falso, e tem consciência da sua enorme força, ela é, ao mesmo tempo, intolerante e crente na autoridade. Ela respeita a força, e deixa-se influenciar apenas moderadamente pela bondade, que para ela é uma espécie de fraqueza. O que ela exige de seus heróis é fortaleza, até mesmo violência. Quer ser dominada e oprimida, quer temer os seus senhores. No fundo, inteiramente conservadora, tem profunda aversão a todos os progressos e inovações, e ilimitada reverência pela tradição (LE BON, 1895, p. 37).

É nesse contexto que se funda um discurso autoritário revestido de falsa democracia. A força do anti-identitarismo e do anti-politicamente correto representou grande relevância para

percebermos algumas práticas da *realpolitik*⁴ no mundo, como a eleição de Trump nos Estados Unidos, nos movimentos de extrema direita na Europa com Marine Le Pen na França, assim como Jair Bolsonaro aqui no Brasil. Toda essa dinâmica produz uma significativa reação a um determinado estado de coisas, produção de diversos significados por meio de uma estratégia para aumentar a coesão grupal.

Uma longa tradição nas ciências sociais relaciona a crise do sistema representativo com a ascensão dos chamados “novos movimentos sociais” a partir dos anos 1970, cuja democracia direta no processo de mobilização se contraporia aos limites da democracia representativa⁵. Os movimentos sociais juntam pessoas não sob a ordem numérica, mas como campo de atividades e experimentação social, e essas atividades são fontes geradoras de criatividade e inovações socioculturais.

Partindo para teoria freudiana associada ao coletivo, sobretudo na obra *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (Freud, 1921), encontramos que os sujeitos se juntam em grupos por uma ‘unidade’, isto é: por aquilo que os deixa em ‘comum-unidade’. Essa ideia de unidade e de pertencimento subsistiria em coletivos, dando certo ar de identidade, ou seja: o laço entre os membros de um grupo estaria delineado por esta demanda social do sujeito de uma identitarização que se baseia na ideia unificante, disso que é comum a mim e ao outro, numa associação positiva, o que legitimaria uma espécie de fantasia da totalidade. A busca por uma mesma unidade seria o procedimento que acontece e que alimenta os laços entre membros de grupos artificiais que Freud analisa, mas não só, o Exército e a Igreja, nos quais a presença de uma liderança como o Comandante-chefe para o primeiro e Cristo para o segundo. Ambos exercem a função de colocar os indivíduos em pé de igualdade por encontrarem-se submetidos de maneira igualitária ao ‘mesmo amor’. Freud diz que essa dinâmica permite perceber um ‘traço democrático’.

As massas nunca tiveram a sede da verdade. Requerem ilusões, às quais não podem renunciar. Nelas o irreal tem primazia sobre o real, o que não é verdadeiro as influencia quase tão fortemente quanto o verdadeiro. Elas têm a visível tendência de não fazer distinção entre os dois. Assim, as necessidades da massa a tornam receptiva ao líder, mas este precisa corresponder a ela com suas características pessoais. Ele

⁴ Descreve políticas mais modestas (realistas), opondo-se a políticas "superprotetoras", mas geralmente irrealistas, apesar de ser associado ao nacionalismo do século XIX. A *Realpolitik* é distinta da política ideológica por não seguir um número prefixado de regras, tendendo a ser orientada a resultados e limitada somente por exigências práticas.

⁵ Por exemplo, OFFE Clauss. *New Social Movements: Challenging the Boundaries of Institutional Politics*. Social Research, vol. 52, n. 4, 1985 e POLLETTA, Francesca. *Freedom Is an Endless Meeting*. Chicago: Chicago University Press, 2002.

próprio tem de estar fascinado por uma forte crença (numa ideia), para despertar crença na massa; ele tem de possuir uma vontade forte, imponente, que a massa sem vontade vai aceitar." (FREUD, 1921, pág. 127).

O conceito de democracia passa por uma ressignificação a fim de se ampliarem os mecanismos de soberania e participação popular e a ideia de cidadania. Há uma preocupação de se encontrar novas formas de participação social nas decisões políticas já que as consequências recaem sobre a população, legitimando a tomada de decisões e aproximando a relação entre sociedade e Estado.

Na recente história do Brasil, manifestação se tornou uma palavra comum tanto nos noticiários como nas conversas informais do povo, em casa, no trabalho ou em um grupo de amigos. Bauman refere que “na modernidade líquida, os espaços públicos são zonas de perigo quando vão de encontro aos padrões de civilidade estabelecidos” (BAUMAN, 2000, pág. 111). Ele aponta que esses espaços são chamados de não lugares, onde as pessoas deviam se sentir em casa, mas sem se comportar como se estivessem em casa. Um não lugar é, portanto, um espaço com expressões simbólicas de identidade, relações e histórias e jamais na história do mundo os não lugares ocuparam tanto espaço.

Algumas pesquisas⁶ vêm sendo desenvolvidas na direção da caracterização dos perfis ideológicos dos sujeitos que participaram como manifestantes bem como das organizações e instituições sociais que lhes dão suporte (Ortellado, 2015; Telles, 2015b; Tatagiba et al, 2015). Entretanto, pouco ainda se tem clareza sobre as configurações simbólico-discursivas que orientam cognitivamente e normativamente a ação de tais atores sociais. Para Ortellado e Solano (2015), as manifestações no Brasil desde os protestos de junho de 2013, os atuais atos que carregam a bandeira anticorrupção sofrem uma polarização que chega a ser prejudicial. “Hoje se vê uma raiva muito maior, uma polarização e um conteúdo muito emocional no discurso, que é pouco sólido politicamente, com poucos argumentos. Um discurso que impossibilita a entrada para o diálogo”, citam os pesquisadores.

Pouco mais da metade dos manifestantes concordavam total ou parcialmente em entregar o poder para um juiz ou político honesto. Ou seja, alguém que pudesse representar o país sem rastros de corrupção como nos governos anteriores. Por outro lado, 76% concordavam total ou parcialmente em tomar decisões políticas por consultas diretas e 59% em fortalecer ONGs e movimentos sociais.

⁶ Pesquisa Datafolha Manifestação na Avenida Paulista, 15/03/2015. Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2015/03/17/manifestacao-15-03.pdf>

Tabela 1- Alternativas para a crise política (%)

Opções	Entregar o poder para um político honesto	Entregar o poder para os militares	Entregar o poder para alguém fora do jogo político	Entregar o poder para um juiz honesto	Tomar decisões políticas por consulta popular e plebiscitos	Fortalecer organizações como ONGs e movimentos sociais
Concordo totalmente	64,20	27,70	13,10	43,70	40,50	27,90
Concordo em parte	23,50	28,90	15,10	20,00	36,30	31,40
Não concordo	10,60	38,50	71,10	32,80	21,00	39,80
Não sei	01,70	04,70	00,20	03,00	02,00	00,50
Não respondeu	00,00	00,20	00,50	00,50	00,20	00,50

A tendência é que os manifestantes, por se manterem em “guetos ideológicos” em suas redes sociais (maior meio de mobilização atual), não tenham uma visão crítica sobre a conjuntura política e criem a imagem de heróis e vilões dentro do jogo político. Esses indivíduos em massa acabam sendo atravessados por um controle bio (político) dos sujeitos.

Veremos ainda o discurso enquanto prática ou acontecimento. Foucault compreendeu os discursos como “[...] práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam”. Nessa perspectiva a noção de acontecimento amplia-se na análise do discurso permitindo que o movimento social seja tomado como acontecimento, considerada sua relação com o passado, a memória e a história. Foucault (1986) insiste que, para análise, é preciso restituir ao enunciado sua singularidade do acontecimento, tratar o enunciado em sua irrupção histórica, e, portanto, oposto à ideia de estrutura.

Como provam diferentes estudos dedicados ao denominado período do poder em Foucault, é neles que surge fortemente a problemática da resistência⁷. Dizia-se em 1989 que, ao introduzir noções normativas, o Foucault das resistências deveria dizer porque a luta é

⁷ Por exemplo, aqueles estudos que optam pelo período de 1975-1976 para analisar a resistência: Branco, Rosele “Lá onde há poder, há resistência”, PUC-SP, 2014.

preferível à submissão, e também porque é necessário resistir ao regime moderno de saber-poder⁸. Atualmente, argumenta-se sobre a necessidade de avaliar o resultado do “combate espiritual” (que Foucault descreveu como articulado genealogicamente ao “cuidar de si mesmo” do pensamento greco-romano), porque as formas do capitalismo atual fariam do indivíduo um empresário de si mesmo conforme o modelo de competência estabelecido, de forma que não mais trataria pensar a relação de biopoder, porém Foucault, segundo a afirmação de Han, por exemplo, teria que ter efetuado o giro à *psicopolítica* que consiste ser utilizada como mecanismo de monitoramento das condutas, dos comportamentos, das escolhas e da mobilidade de indivíduos e grandes extratos populacionais.

Han (2017, p. 12) observa que “a simbiose entre o corpo individual e um tipo de tecido social que o torna mais um dos territórios a serem conquistados, fazendo isso sem que seja necessário marcar ou afirmar esta conquista como violência (embora o seja)”. A depender de suas dinâmicas sociais, as sociedades tenderiam a promover coletivamente determinados tipos de enfermidades fundamentais. Não apenas dispositivos biopsicossociais, inclui-se na análise uma espécie de violência de si ou contra si.

O foco da análise foucaultiana quando se trata da constituição do termo *resistência ao Estado*, já que se desmitificou a centralidade da forma Estado nas relações de poder, nos mostra como ele não era o ponto de partida do poder, mas a resultante de uma complexa rede de poderes que atravessam todo o social. O mais importante, a noção de resistência em Foucault nunca pressupõe o fim do poder, pelo contrário, como a resistência é parte do poder, jamais ele é aniquilado ou extinto, mas sim recriado, deslocado sob novas circunscrições. Assim, quanto maior o poder, mais possibilidades de haver resistência, pois “[...] a cada instante se vai da rebelião à dominação, da dominação à rebelião”. (FOUCAULT, 2003, p. 232).

Essas reflexões são constituintes ao debate ético e político de nossa época, sobretudo por enfatizar o papel do indivíduo e das coletividades nas lutas de transformação das estruturas de poder ora vigentes. Os modos de ser das lutas de resistência revelam uma dimensão política extensa para além da analítica do poder e o potencial revolucionário ainda possível da atualidade, uma vez que lutar contra um poder que é massificante e individualizante. Um poder invasivo que cuida não só da gestão dos corpos como também das mentes na intenção de dirigi-los e governá-los. E, ainda, constrói formas de vida e de verdade.

⁸ Nancy Fraser, “Foucault on Modern Power: Empirical Insights and Normative Confusions” cit. in Michel Foucault Lectures Critique, pp.19-20, 1981.

1.2 JAIR BOLSONARO, O BOLSONARISMO E O OUTRO COMO INIMIGO

Analisar os discursos de Bolsonaro enquanto um Sujeito histórico, o significado dos significados resultando em sentidos, é também ouvir a voz social de uma memória coletiva recheada de ideologias, pois além dos significantes como a fonética, fonologia, sintaxe ou morfologia existe um significado pulsante sobre a forma como esses discursos são repetidos e replicados.

No mundo contemporâneo os meios de comunicação de massa e as redes digitais constituem-se nos espaços privilegiados para a construção dos enquadramentos⁹, os quais as pessoas recorrem para organizar e selecionar suas atitudes políticas. Tais enquadramentos são produzidos de forma interativa, isto é, são resultados de um processo de mão dupla entre os emissores e os receptores da informação.

O bolsonarismo da esfera pública é um exemplo desse enquadramento proposto por Goffman, caracterizado pela popularização, normalização e banalização de um discurso de ódio anticientificista, populista, com rastros fascistas e revestido de uma pseudodemocracia. Não se apresenta mais de forma dura ou clássica, ao contrário, muitas vezes vem por meio de um discurso de humor que toma uma proporção enorme via redes sociais. Essa prática populista é infinitamente maior e mais complexa que a figura de Jair Bolsonaro enquanto enunciador e sujeito e certamente não sobreviveria sem dois pilares político-eleitorais: o olavismo e o lavajatismo.

Existem narrativas que sustentam a vitalidade da prática bolsonarista, uma delas é o olavismo que busca o perfeito encaixe no meio das estratégias políticas de Jair Bolsonaro. Como uma espécie de metapolítica, o olavismo é a compilação de teorias conspiratórias. Por exemplo, inclui também o globalismo, ideologia que defende que o mundo está dividido em três blocos distintos e prestes a ser dominado por um governo comunista global que vai nos impor uma doutrina avassaladora e pernicioso. Nesse mesmo pacote de conspirações há as tramas de que as “vacinas matam ou endoiam” e o marxismo cultural, enredo que estabelece um vínculo entre a academia científica e os planos de dominação global dos comunistas. Esdrúxulos ou não, são ideologias que direcionam as políticas públicas do Brasil.

⁹ A noção de enquadramento é aqui tomada no sentido goffmaniano (Goffman, 2012), ou seja, como estruturas cognitivas, que organizam o pensamento. São esquemas que “dirigem atenção para a informação relevante, guiam sua interpretação e avaliação, fornecem inferências quando a informação é falha ou ambígua, e facilitam sua retenção” (Fiske & Kinder, citados por Entman, 1989, apud Aldé, 2004: 47).

A prática populista baseada na figura autoritária e polêmica de Olavo de Carvalho merece atenção e estudo no sentido de desconstruir regimes de verdade que contrariam dados científicos. Estamos num retrocesso discutindo se as vacinas são benéficas ou não para o indivíduo, se a terra é plana e se estamos sob ataque de uma grande conspiração marxista e comunista. Para cumprir o destino de lutar contra todas essas ideias conspiratórias, tudo se justifica, inclusive a perseguição às minorias.

É importante citar que estamos num contexto de desidentificação com instituições que antes nos pareciam fornecer verdades incontestes. Isso inclui as religiões, mídia e até mesmo a ciência abrindo lacunas para que “novas verdades” se constituam e produzam novas formas de veridção. Os discursos de Olavo de Carvalho, que inspiram as falas de Jair Bolsonaro e de seus apoiadores, nos trazem como evidência que tal ideologia se apresenta como capitalista de direita, com uma notória cópia dos princípios do Partido Republicano norte-americano, ainda que tenha sido fundado por princípios protestantes e trazido para o Brasil com uma roupagem “católica”. Isso contrasta fortemente com o catolicismo histórico, que sempre foi oficialmente contra o Estado mínimo e o liberalismo de mercado, sendo que os próprios católicos americanos historicamente sempre votaram fortemente no Partido Democrata (a esquerda americana). Ou seja, Olavo de Carvalho escolheu viver no país mais protestante do planeta, se inspirou no modelo político protestante que vê lá, e ainda assim temos enunciados onde ele ataca, difama e calunia o próprio protestantismo aqui, se assumindo como o líder de uma “nova direita” católica amalgamado com o ultraconservadorismo.

Dotado de um discurso informal, obsceno, muitas vezes de baixo calão e falas “aparentemente simples e comuns”, Olavo de Carvalho se utiliza dessas estratégias e de sua imagem folclórica para parecer próximo ao público que o acompanha nas redes sociais. De acordo com Solano (2018, p. 56), "Ele é a típica pessoa que soube se capitalizar com base nesse novo formato de se comunicar: fácil, rápido, polêmico e combativo. Ele sabe se comunicar com base em frases polêmicas, conteúdos curtos, mensagens fáceis e ataques”.

Figura 1: Post da fanpage oficial Olavo de Carvalho no Twitter



Figura 2: Comments em perfil do @opropriolav



Fonte: <https://twitter.com/opropriolavo/status/1157471374887313408>. Acesso em agosto de 2019.

Os comentários de seus seguidores são os mais diversos e percebe-se uma produção de sentido que vai ao encontro exatamente do que ocorre com a prática populista bolsonarista, ou seja, as pessoas retratam o ódio apelando para emoções negativas e intensas, como o desprezo, e o ceticismo, causados pela crença ou o julgamento de que o outro, o que geralmente é odiado, é um ser equivocado e com ideias *nonsense*. É como um estado de excitação, de fixação no odiado, e às vezes até de desejos de vingança. O indivíduo apela para um outro contexto com outras narrativas a fim de comparar situações que justifiquem àquela que está defendendo.

“Relembremos que Dercy Gonçalves era desbocada, aplaudida e muito homenageada antes e depois de sua morte. A expressão que ora Olavo deixa alguns ruborizados/chocados não é por acaso. Polêmico sim, mas as obras dele ‘viverá’ por séculos” (Cláudio Demétrio, 2019, tweet)¹⁰.

Olavo de Carvalho saiu do anonimato para se tornar intérprete das ansiedades de massa no Brasil, ele soube absorver e ler as vulnerabilidades e demandas sociais atuais. Nesse vazio ou recusa deixados por intelectuais, há diversas pessoas que não vão se sentir representadas pelas forças políticas e por isso o apoio enfático a ele. Embora o pensamento de Olavo tenha grande audiência entre o público geral, especialmente pelo uso que faz das mídias sociais, não obteve repercussão na academia e diversos pesquisadores e especialistas em filosofia e política têm criticado suas opiniões que não possuem validade científica.

¹⁰ Comentário do seguidor da página @opropriolavo

“Tanto o catolicismo quanto o judaísmo estão infiltrados de satanistas. Enquanto estes não forem identificados, denunciados e expulsos, os católicos e judeus continuarão levando as culpas de males que jamais praticaram” (Olavo de Carvalho, 2019, tweet).

Figura 3: Imagem retirada da *fanpage* oficial Olavo de Carvalho no *Twitter*



Fonte: <https://twitter.com/opropriolavo/status/1157471374887313408>. Acesso em agosto de 2019.

Com mais de duzentos mil seguidores em sua página no *Twitter*, Olavo de Carvalho conseguiu em pouco tempo influenciar as ideias da base política de Bolsonaro e se tornar seu “guru”, como ele mesmo o denomina. Ele também é um crítico ferrenho do setor acadêmico brasileiro, alegando que as universidades estão contaminadas com ideologias de esquerda. De outro lado, a academia não reconhece a produção dele, desconsiderando qualquer possibilidade de diálogo por não serem reflexões acadêmicas e científicas. Alguns enunciados analisados, nos mostram que há um grande rancor pelo *establishment* universitário brasileiro assim como um jogo político que consiste em plantar algum tipo de dúvida sobre alguma questão consolidada no discurso público, e usar essa dúvida para desqualificar todas as inferências sobre fatos consumados no discurso, como as culturais, por exemplo, que ele utiliza para criar dúvidas sobre a narrativa geral.

Outra base que sustenta o bolsonarismo é o lavajatismo, prática que se configurou na espetacularização do judiciário no Brasil onde a dinâmica da Operação que lhe coube o nome, se estruturou de uma forma que, após as mensagens reveladas pelo *The Intercept*¹¹, confirmaram o fundamental das denúncias que foram feitas durante anos e que foram ignoradas

¹¹ Publicação, na forma de jornal *online*, lançada em fevereiro 2014 pela *First Look Media*. A versão brasileira entrou no ar dia 2 de agosto de 2016.

tanto por outras instâncias ou pela maioria dos membros de órgãos superiores da Justiça como pela grande mídia.

A Operação Lava Jato é pautada num vasto empreendimento contra a corrupção no Brasil. Mas, pouco a pouco – muito antes das revelações do *The Intercept* Brasil, informações vieram à tona por causa de várias irregularidades e ilegalidades cometidas pelos procuradores de Curitiba, chefiados na época por Deltan Dallagnol, e pelo juiz Sérgio Moro. Tais irregularidades foram denunciadas por pessoas que se consideravam vítimas, por seus advogados e por setores da sociedade civil defensores dos direitos humanos, mas foram ignoradas por juízes, procuradores e por outras instâncias da Justiça.

A grande mídia se utilizou das inúmeras fragilidades jurídicas da Operação Lava Jato, corroborando para a divulgação de tomadas de decisões inconstitucionais vazando depoimentos, vazando delações sistematicamente, como forma de colocar a opinião pública em favor de suas iniciativas. Essas delações não eram vazadas na íntegra, apenas naqueles trechos que interessava divulgar para obter a indignação da opinião pública contra os suspeitos designados pela Lava Jato.

A parcialidade da operação foi denunciada inúmeras vezes pela defesa das vítimas, mas sempre era negada. O principal partido acusado pela Lava Jato foi o PT- Partido dos Trabalhadores e suas lideranças, a ex-presidente da República, Dilma Rousseff e Lula, ex-presidente também; outros partidos foram acusados, outras lideranças foram denunciadas, mas rapidamente saíram do noticiário. A grande mídia corroborou em transformar os fatos denunciados em relação a políticos do PT como a “maior história da corrupção na história do Brasil”. Criou-se na opinião pública a ideia de que a corrupção começou no Brasil com o PT e que seus membros eram uma espécie diferente de todos os demais políticos.

Ao condenar Lula e levá-lo à prisão, a operação Lava Jato foi elemento importante que contribuiu para a vitória de Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2018. Isto fica claro nas medidas tomadas para impedir que Lula fosse entrevistado durante a campanha eleitoral, medida proibitiva sem fundamento jurídico, mas político-partidário. Não se trata de negar que tenha havido falhas e corrupção nos governos do PT, que devem ser investigadas como aquelas de qualquer governo, mas o antipetismo que existe hoje em grande parte da sociedade é resultado direto da associação das denúncias da Lava Jato com a divulgação de vazamentos seletivos e pelo enfoque dado pela grande mídia de que se tratava da “maior história de corrupção da história do Brasil”. Dilma que, ao sofrer o *impeachment*, é considerada uma grande corrupta, até hoje não foi condenada em nenhum processo.

Figura 4: Reprodução da capa do jornal Folha de S. Paulo da edição de 23-06-2019



Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/06/lava-jato-articulou-apoio-a-moro-diante-de-tensao-com-stf-mostram-mensagens.shtml>. Acesso em julho de 2019.

As mensagens atribuídas a Sergio Moro, quando ainda era juiz federal, e a procuradores da Operação Lava Jato geraram reações de repúdio e de apoio à forma como as investigações foram conduzidas. No centro do debate está o questionamento sobre a conduta de Moro. Os diálogos divulgados pelo site *The Intercept* Brasil mostram um juiz que teria diretamente influenciado os trabalhos da força-tarefa. A forma de atuação de Moro, relevada pelas mensagens, levanta e reforça as questões éticas e processuais já desconfiadas desde quando a Operação foi instituída.

É preciso que os erros cometidos por setores do poder Judiciário sejam investigados e corrigidos. Que os julgamentos presididos por qualquer parcialidade de um juiz sejam revistos. Que as atividades ilegais sejam condenadas. E que o sofrimento infligido a inúmeras vítimas de difamação pública seja reparado. Sem isso, continuaremos tendo a Lava Jato como uma operação populista jurídica com objetivos muito bem desenhados e longe do que seria uma justiça ética e moral. Contudo, há uma grande questão importante a ser considerada, após a vitória de Jair Bolsonaro nas eleições de 2018, o juiz Sérgio Moro passa a ser o ministro da Justiça no governo atual e com isso, Bolsonaro provoca uma espécie de neutralização, em termos relevantes, à oposição política do Supremo Tribunal Federal ao seu governo.

Figura 5: Imagem da capa da matéria publicada no site *The Intercept*



Fonte: <https://theintercept.com/2019/07/21/deltan-dallagnol-sergio-moro-flavio-bolsonaro-queiroz/> Acesso em 21.07.2019

O termo bolsonarismo tem sido amplamente utilizado para caracterizar práticas populistas que combinam ideias neoliberais e autoritárias embutidas nas falas do atual presidente do Brasil Jair Bolsonaro e seus seguidores. São enunciados que incitam a banalização e normalização de discursos de ódio como uma verdade inquestionável, uma vez que funcionam como o antídoto que resgatará o país de um descontrole implantado e alimentado por ideias de esquerda. E é nesse contexto que identificamos o risco à democracia. Não na pessoa Jair Bolsonaro em si, enquanto indivíduo ou sujeito, mas nos efeitos que o bolsonarismo produz na esfera pública, reproduzidos por seus seguidores e atravessados por uma ideologia ultraconservadora de direita e, acima de tudo, pelo conceito de pós-verdade, *fake news* e, o que chamamos memeficação do discurso político de ódio. Um gênero discursivo que não é apresentado de forma dura ou clássica, mas por meio do humor e que se sustenta cada vez mais por meio das redes sociais. Muitas vezes são discursos interpretados de forma folclórica, lúdica e juvenil e é esse tipo de manifestação que vemos em diversas entrevistas concedidas por Jair Bolsonaro em suas redes sociais, já que é o principal canal de comunicação com a população instituído por ele. São tipos de discursos com um efeito perverso, pois muitas vezes o ódio se apresenta de forma sutil com censura, autoritarismo e a relação de poder amalgamados.

O bolsonarismo não necessariamente tem como único autor Jair Bolsonaro, mas envolve todos aqueles que corroboram com o empoderamento de um discurso conservador e baseado na moralização da política, numa espécie de “cristianização da esfera pública”, já que o fundamentalismo religioso tem sido um braço ativo e influente em práticas populistas como essa. Outro formador relevante é a referência aos programas popularistas que propagam um

discurso de repressão policial, sintetizando no lema “bandido bom é bandido morto”. O campo progressista, além de não penetrar nos canais de televisão, sofre resistência também no conteúdo do seu discurso e um dos pontos mais desafiadores é como comunicar questões importantes sem causar uma reação violenta contra as chamadas “pautas identitárias”, outra face do “inimigo” a ser combatido pelo campo conservador.

O fato de que nas mídias digitais existe um número significativo de opiniões que participam da lógica da disputa e da polêmica sem uma devida formação política, facilita o deslocamento de uma cultura do medo do Outro, daquele que se apresenta como ameaça à vida e à condição humana para uma cultura onde o afeto fundamental é o ódio.

Foucault nos mostra que a filosofia é um caminho importante contra uma vida fascista e que o maior inimigo do fascismo é o pensamento crítico, talvez por isso, percebamos frequentes ataques à educação, que se escondem atrás de uma retórica que define a escola e a Universidade como um lugar do pensamento técnico e neutro com a finalidade de despolitizar o debate.

A política enquanto circuito de afetos, citada também por Laval e Dardot, é uma discussão sobre até que ponto as pessoas se veem capazes de operar transformações sociais. O medo e o ódio acabam sendo fruto da relação entre o conservadorismo moral e o ultraliberalismo ou neoliberalismo. A sociedade tem entendido as pautas identitárias e progressistas como uma ameaça à condição humana. As reações sociais podem ser definidas como efeito *backlash*, onde se culpabiliza as manifestações sociais pelos contextos caóticos que tanto se tenta lutar contra. Toda essa lógica está ligada a dinâmica neoliberal, ou seja, a de que só o indivíduo, por meio de seu esforço e mérito, pode mudar o mundo sem precisar de uma união do coletivo.

1.3 MINHA QUESTÃO: “ALGUÉM ME DIGA QUE ISSO É MENTIRA... NÃO SEI SE DOU RISADA OU SE CHORO”

As eleições de 2018 foram marcadas pelo desabafo, mal-estar e o descontentamento com a política, fatos que marcaram determinadamente a popularidade do então pré-candidato à Presidência da República Jair Bolsonaro. Solano (2015) caracteriza esses sentimentos como “rebeldia conservadora”, ou seja, um movimento antissistêmico, onde a rebeldia não consiste em propor o novo e sim ao retorno de um modelo conservador e de ideias cristãs, de hierarquia, tradição e ordem que traga de volta o sentimento de segurança.

Embora se toquem, existem pautas mais importantes do que o dualismo entre esquerda x direita, que mobilizaram as últimas eleições no país, onde o poder é o norteador desses discursos. Óbvio que a prática do que é verdade não existe somente de um lado do polo político, afinal qualquer sujeito é atravessado por ideologias, produzindo assim verdades. Na esquerda, essa também é uma prática, mas o que nos chama atenção são os discursos que fragilizam os conceitos mais básicos de democracia. Na democracia dizer a verdade é perigoso, não só para a própria cidade como para o indivíduo que tenta exercê-la. E ao que parece, Foucault não está preocupado com um tipo de verdade epistemológica, mas como uma manifestação de algo, o que ele chama de aletúrgico. É o que nos permite identificar formalmente os tipos de discurso e personagens implicados nessa relação.

Etimologicamente, a *parresia* é a atividade que consiste em dizer tudo, uma espécie de fala franca. Logo, o parresiasta é quem porta o dizer-corajoso, ou seja, detém uma sinceridade ímpar que, inserida em contextos atuais, nem sempre será possível. Antes, via-se a *parresia* [o dizer a verdade] se revelar como a definição dada a cada um para dizer qualquer coisa. Agora, a *parresia* aparece como perigosa na medida em que requer, de parte de quem quer fazer uso dela, uma coragem que corre o risco, numa democracia, de não ser apreciada. De fato, entre todos os oradores que se enfrentam, como Platão fala, os oradores que tentam seduzir o povo e se apossar do leme, quais são os que serão escutados, quais são os que serão aprovados, seguidos e amados? Os que agradam, os que dizem o que o povo deseja, os que o lisonjeiam? E os outros, ao contrário, os que dizem ou tentam dizer o que é verdadeiro e bom, mas não o agradam, estes não serão ouvidos. Eles suscitarão reações negativas e o discurso verdadeiro deles os exporá, possivelmente, à certas vinganças e Foucault vai além: o parresiasta desapareceu porque a democracia e o neoliberalismo não o suportam.

A exemplo, embora não seja o foco principal de análise deste trabalho, temos como uma das materialidades discursivas o recorte de um discurso memeficado de ódio. Trata da divulgação do resumo deste projeto intelectual ainda inconcluso na época e divulgado de forma irresponsável e sem qualquer cuidado com a imagem dos autores envolvidos em um ambiente acadêmico. A publicação foi feita a partir da apresentação oral do resumo deste trabalho de dissertação de Mestrado em um Seminário de Metodologia da Pesquisa Científica no dia 21 de março de 2019 como parte da nota final de uma das disciplinas.

O fato ocorrido é reflexo da situação atual, da fragilidade de uma democracia que nunca foi firme. Quando alguém que comanda o poder político fala fortemente contra a imprensa, critica nominalmente jornalistas, professores, intelectuais é porque o discurso político não está

contra-argumentando, mas tentando controlar e silenciar. As pessoas percebem isso e sabem que podem recorrer ao mesmo discurso sem punições, pois estão tendo um certo aval de quem lhes governa. Assim, começam a criar uma estrutura para que determinadas opiniões virassem crimes de opinião e sabemos que o nome disso é autoritarismo e uma possível e velada ditadura.

Figura 6: Post publicado em um grupo de Facebook da Ufam



Fonte: Página do Facebook/Grupo Ufam. Acesso em 21/03/2019

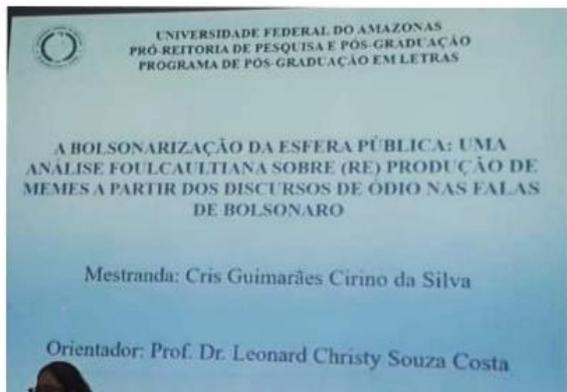
A partir da imagem divulgada no grupo da Universidade Federal do Amazonas, o *post* viralizou de forma rápida angariando inúmeros detratores do tema antes de haver uma leitura do projeto, uma vez que não houve nenhuma divulgação escrita do trabalho. Possivelmente, o que chamou a atenção dos apoiadores de Bolsonaro foi o termo “Bolsonarização” que, se faz importante citar, não foi cunhado pela autora, mas fora utilizado a exemplo de tantos outros como o tatcherismo, bolivarianismo, chavismo, lulismo que designam práticas políticas e ideológicas em nome dessa ou daquela figura política.

Sobre a pós-verdade em redes sociais e como elas se formam, há uma configuração específica de regimes de verdade que circunscrevem modos "contemporâneos" de formar essa verdade, ou seja, ela nem sempre vai ser verdade. Vai depender das formações históricas e dos sentidos. Para Pêcheux (1995, p. 102), “todo discurso se constitui a partir de uma memória e do esquecimento. Os sentidos se constroem no embate com outros sentidos”. Desta forma, quando

não conseguimos rememorar a memória que sustenta aquele sentido, temos o *nonsense*¹² que flui, naturalmente, mesmo o sujeito não tomando consciência desse movimento discursivo.

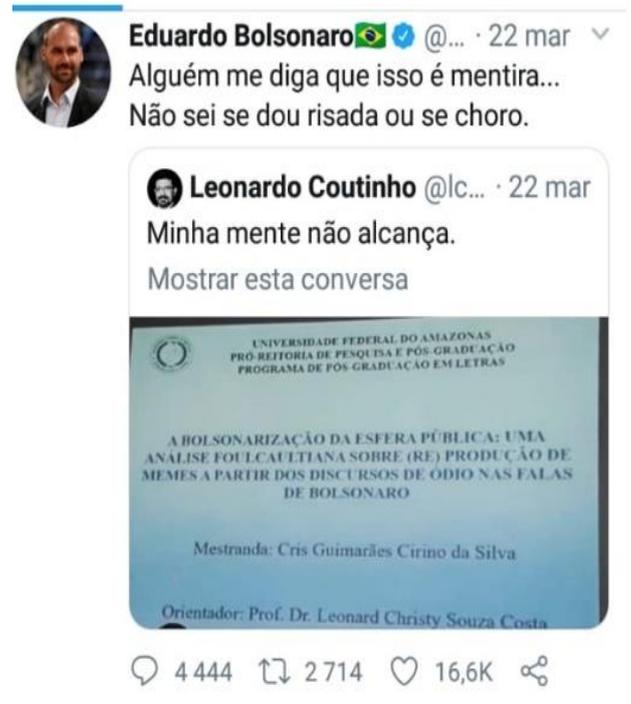
Assim sendo, após a primeira divulgação sobre o trabalho, os bolsonaristas não fizeram muito esforço para que a publicação chegasse à família do presidente. O discurso deles tem um aspecto exagerado sobre o anti-esquerdismo e, até antipetismo, com uma significativa reação a um determinado estado de coisas, incitando o ódio. O Deputado Federal Eduardo Bolsonaro, repostou a publicação em seu *Twitter* o que deu início a inúmeras mensagens de ofensas a autora e seu orientador.

Figura 8: Post de seguidores de Olavo de Carvalho



Fonte: Página do *Twitter*/@opropriolavo

Figura 7: Post publicado por Eduardo Bolsonaro em seu perfil no *Twitter*



Fonte: Página do *Twitter*/@bolsonarosp

¹² Sem sentido, de acordo com a Psicanálise.

Figura 9: *Comments* em perfil do @eduardosp



Fonte: Página do *Twitter* /@bolsonarosp

Figura 10: *Comments* em perfil do @eduardosp



Fonte: Página do *Twitter* /@bolsonarosp

O que se entende por políticas de pós-verdade se circunscreveram em torno do tema trazendo à luz outras discursividades que vão além. As estruturas de poder focam o saber, mas nada absorve tanto o poder quanto a subjetividade. Enunciados como esses parecem ser bem explicados por Freud (1991, pág. 127) quando cita que “essa é uma estratégia que a massa usa para aumentar a coesão grupal”. A época atual é ideal para uma fragilização no nosso sentimento de pertencimento, onde todos nós vivemos uma triste violação de expectativas, desesperança, desalento. É sedutor em discursos assim, reforçarmos a pertinência das pessoas aos seus grupos sociais, gerando ódio ao suposto inimigo, causador de toda essa situação. Foi assim na Alemanha Nazista contra os judeus e na Europa com os imigrantes. Só assim, as pessoas se sentem mais seguras, ou seja, banindo o inimigo.

Essas ascensões respondem a uma certa instrumentalização de frustrações, a decepção com as Instituições incita as pessoas a valorizarem o que Adorno chama de “o pequeno grande homem”¹³. Pessoas comuns que falam simples e que parecem autênticos, falam o que pensam, como se tivessem autoridade de diminuir o outro que pensa diferente do seu posicionamento.

¹³ Theodor Adorno promoveu uma análise da propaganda fascista no texto “A Teoria freudiana e o modelo fascista de propaganda”, caracterizado pela ambivalência do líder que comporta tanto a materialização da onipotência, quanto a ideia de que ele é apenas mais um na multidão.

Identifica-se nos enunciados acima um discurso preconceituoso sobre questões que estão longe de serem resolvidas, como o xenofobismo relacionado a região Norte e ao fato de pesquisas serem oriundas de universidades federais. O termo “ribeirinhos” retrata uma linguagem pejorativa que minimiza aqueles que vivem à margem das áreas urbanas. Sobreposto a este fato está o enunciado “o filho do pobre virou doutor”, frase de uso recorrente e produto de uma política contra as inclusões sociais onde o pobre possa ter acesso à educação.

Pessoas que ocupam lugares no espaço público e, de certa forma, estimulam a formação de opiniões, deviam ter muita cautela ao usar suas redes sociais para divulgar informações sem fontes legítimas e que possam gerar ainda mais discursos de ódio, discriminação e preconceito social. Essas figuras públicas, por estarem em determinados lugares de fala, poderiam desautorizar discursos de ódio como os mostrados anteriormente, mas não é o que não ocorre. Ao contrário, são, frequentemente, incitadores de discussões irrelevantes no cenário político, econômico e social, causando uma distopia ao que realmente deveria ser pauta.

A verdade sobre os dados científicos em diversas áreas do conhecimento é construída discursivamente com um viés político nessa interdição produzindo o silenciamento da divulgação de pesquisas dessa ordem. A produção de discursos é controlada para interditar sua circulação por causa dos riscos que implica. O fato é que a defesa da liberdade de cátedra e da livre produção e circulação de conhecimento científico precisa estar na pauta do debate político, aliás, é um preocupante alarme sobre a escalada do autoritarismo que vivenciamos.

Figura 11: *Comments* em perfil do @eduardosp



Fonte: Página do *Twitter* /@bolsonarosp

Figura 12: *Comments* em perfil do @eduardosp



Fonte: Página do *Twitter* /@bolsonarosp

Outra constatação que se percebe é que o discurso utilizado não reflete a complexidade na maneira como o ódio se apresenta e se demonstra reducionista. O discurso do ódio ao inimigo, àquele que representa uma constante ameaça constitui-se em processos em que há transferências de sentidos, jogos simbólicos, equívocos e contradições. O reducionismo, por exemplo, é enfaticamente percebido quando se percebe a questão da dicotomia na relação “ciência x senso comum”, estando dissociados ideologicamente.

Assim, voltando à prática parresiasta em contextos históricos e sociais, é um risco que precisamos assumir em nosso modo de fala. Não existe *parresia* solitária, distante do outro. Existe sabedoria de um homem só, profecia que muitos ignoram, técnica que ninguém domina, mas não existe *parresia* sem a relação com os questionamentos.

1.4 OS ROBÔS VOTAM E TEM PERFIS NAS REDES SOCIAIS

É importante pensar nos conceitos básicos do panoptismo¹⁴ proposto por Bentham e revisitados por Foucault em sua obra *Vigiar e Punir*, o da torre de vigilância que permite ao vigia observar todos os seus prisioneiros ao mesmo tempo, sem que os mesmos saibam que estão sendo observados naquele exato momento. O controle e a vigilância não tornam os sujeitos seres eminentemente adestrados, os faz sim, corpos dóceis (Foucault, 1996, p.295). Isso quer dizer que o poder produz corpos dóceis que são sujeitos economicamente produtivos, mas politicamente submissos.

Com a contemporaneidade, esses conceitos estão presentes nas redes sociais e na relação do observado com o observador onde tanto um quanto outro fazem parte de um jogo oposto entre vigias e vigiados, sendo perfeitamente possível a analogia na representação do Presidente da República do Brasil Jair Bolsonaro no momento em que posta algo em suas redes somado àqueles que o seguem e que fazem os comentários.

Ao observar atentamente as análises de Foucault sobre o discurso, reconhecemos que a partir de determinadas regras das práticas discursivas e de estratégias da sociedade que somos, é possível a produção de uma verdade, ou melhor, de formas de verdade que vão se organizando em seu interior e que só é possível fazer uma história da verdade a partir de uma compreensão das condições em que ela se forma. Nesse sentido, podemos dizer que a verdade é produzida.

14 Bentham escreveu um livro intitulado *O Panopticon*. O panóptico, que era a prisão modelo, era o lugar cujos habitantes, chamados “prisioneiros”, deviam ser vistos a cada instante sem que eles pudessem se ver entre si.

Na Ordem do discurso, Foucault menciona que “a produção de verdade se dá pelo ordenamento de saberes e legitimações do que é colocado como verdadeiro” (FOUCAULT, 2006). Assim, se tem uma reflexão sobre as práticas discursivas já que um discurso pode silenciar e desautorizar outros discursos.

Ao longo da história, o medo sempre foi utilizado como estratégia política e manutenção do poder e a narrativa analisada e citada evidencia exatamente essa prática. O objetivo é o de instalar o medo com o uso de mecanismos de manipulação e uma das mais eficazes estratégias é infundir medo, apontar os culpados e se apresentar como solução. É desta forma que têm funcionado os discursos do presidente e de outras vozes que corroboram com a sua, como de seus filhos enquanto figuras públicas e políticas e a de seu guru filosófico, como Jair Bolsonaro mesmo o denomina, Olavo de Carvalho. Quando se sentem acusados ou questionados sobre algo que não concordam ou que lhe causam insegurança, os discursos se tornam obliterantes, irônicos e agressivos, com acusações e piadas sobre situações delicadas, sérias e até científicas, mas que, infestados de ideologias, remontam uma memória histórica, discursiva e afetiva que insulta e expõe quem é visto por ele como inimigo político ou da pátria.

O tema do ódio e medo está presente na análise de muitos pensadores da política, desde pelo menos o século XVI, com destaque para Nicolau Maquiavel, na obra o Príncipe (1513) e, no século seguinte, com Thomas Hobbes, no Leviatã (1651). Ambos têm uma concepção pessimista da natureza humana. Para Maquiavel, o medo tem um papel fundamental na sociedade e na política, em particular. Para ele, é mais seguro um governante ser temido do que amado. Já Thomas Hobbes parte do princípio que os homens no seu estado de natureza têm um direito natural que é o direito à vida. Esse direito à vida pressupõe o uso de todos os meios necessários para a sua concretização, mas eles são naturalmente egoístas.

Esse é um fenômeno que se manifesta principalmente nas redes sociais, onde algoritmos favorecem a criação de câmaras de eco, que ressoam apenas as informações identificadas com as preferências de cada usuário e tornam invisíveis as informações que estejam fora desse campo de interesses previamente manifestados. Assim, o alcance de informações partidarizadas ou com teor ideológico pode ser ampliado, influenciando a percepção do público sobre a realidade e servindo de iscas poderosas para atrair a atenção, os cliques e as interações dos usuários, reforçando vieses cognitivos. Por isso, buscamos também a compreensão do fenômeno da “pós-verdade”, que ganhou importância a partir da análise do papel da mídia na eleição de Donald Trump, o 45º presidente dos Estados Unidos em 2016.

O crescimento do uso de robôs nas redes sociais representa uma ameaça para o debate público, pois representa riscos à democracia disputando narrativas que levam à busca de hegemonias na política. Sobreposto a este cenário, a automatização de ferramentas de publicação possibilitou o surgimento e a propagação de robôs, contas controladas por softwares para substituir a ação humana na interação nas redes sociais sobre pautas ativamente discutidas.

Em 2016, durante os protestos para o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, as interações conduzidas por robôs foram de aproximadamente 20% do debate entre quem apoiava Dilma, de acordo com uma pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas¹⁵. Um outro exemplo analisado mostra que quase 20% das interações no debate entre os usuários favoráveis a Aécio Neves no segundo turno das eleições de 2014 foi motivado por robôs que são usados não apenas para conquistar seguidores, mas também para conduzir ataques a opositores e forjar discussões artificiais. Os robôs muitas vezes funcionam para manipular debates, criar e disseminar notícias falsas e influenciar a opinião pública, promovendo *hashtags* que ganham destaque com a capilarização das postagens em larga escala, apagando a legitimidade de um debate espontâneo sobre algum tema.

Ainda é muito ativo o disparo de mensagens em grupos a favor e contra determinadas figuras políticas por meio dessa automação com o compartilhamento de *fake news*, ataques a adversários, mensagens de apoio, vídeos e *links* em *YouTube*. Alguns grupos ficam em silêncio até elegerem algum assunto polêmico que produzam o compartilhamento massivo da mensagem. Outro ponto preocupante são os perfis falsos, especialmente no *Facebook*, onde existem os algoritmos que amplificam alguns segmentos que não estão dentro de determinadas categorias entre os conhecidos/amigos.

Essa ferramenta automatizada também vasculha a Internet e mapeia os endereços de e-mail deixados em alguns formulários ou outro tipo de registro. Depois de coletados pelo robô são utilizados como destinatários de *spams*, assim como em encontrar sites vulneráveis a ataques e até as tão debatidas *fake news*, uma nova autonomia de compartilhamento de informações em rede. Para Castells (1999), as redes constituem "a nova morfologia social de nossas sociedades, a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial, a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura". Se por um lado Castells reconhece que isso não é novo, por outro defende que a novidade está na existência de uma base material para sua expansão penetrante na estrutura social.

¹⁵ A pesquisa foi realizada pela FGV/DAPP e pode ser acessada em <http://dapp.fgv.br/robos-redes-sociais-e-politica-estudo-da-fgvdapp-aponta-interferencias-ilegitimas-no-debate-publico-na-web/>

CAPÍTULO 2

O DISCURSO POLÍTICO

Refletir sobre a natureza, funções, regras e procedimentos do discurso político enquanto processo de influência social são norteadores da análise política, assim como a construção de identidades que convocam a emergência de uma nova ética política.

A palavra política funciona entre uma verdade do dizer e uma verdade do fazer: uma verdade da ação que se manifesta através de uma palavra de decisão, e uma verdade da discussão que se manifesta através de uma palavra de persuasão (razão) ou sedução (paixão).

Charaudeau (2006) diferencia sua abordagem daquelas de Weber, Arendt e Habermas, sustentando um duplo fundamento do discurso político, “esse resulta de uma mistura entre a palavra que deve fundar o político (como idealidade dos fins) e aquela que deve gerar a política (enquanto prática)”. O discurso político funciona na conjunção de discursos de ideias e discursos de poder (verdade e possibilidade), pensamento e ação. O discurso político é o lugar social dos jogos de máscaras. Diz Charaudeau (2015) que toda palavra dita neste campo (na política) deve ser apreendida ao mesmo tempo pelo que ela não significa, não devendo nunca ser tomada ao pé da letra, mas como produto de uma estratégia cujo enunciador quase sempre não é soberano.

Já em Courtine (2005, p.44), há uma articulação intensa entre língua e história que se apresenta em diferentes contextos. “O campo da análise do discurso é, então, o lugar de múltiplas tensões. Ele está dividido entre algumas maneiras de trabalhar que o arrastam para a linguística e outras o orientam para o lado da história” O discurso político está em crise nas sociedades ocidentais e passou a ser tratado como uma mercadoria espetacularizada.

Para a teoria do discurso, a verdade é uma construção discursiva, afirmação que não pode ser confundida com a simplista ideia de que a verdade não existe. Entretanto, recolocar-se desta forma, envolve uma importante ruptura que o conceito de discurso faz com o conceito de ideologia.

Não é questão de saber se o discurso mente ou se ele diz a verdade. Mas de se dedicar a compreender os meios que, como e quando o discurso muda. E se ele não muda, analisar a maneira pela qual os discursos aparentemente parecidos podem exprimir práticas políticas diferentes. Mas para isso, é preciso aceitar sair do texto. (COURTINE, 1981, p.11).

A característica fundamental do discurso político é que este necessita para sua sobrevivência impor a sua verdade a muitos e, ao mesmo tempo, é o que está mais ameaçado de não conseguir. É o discurso cuja verdade está sempre ameaçada em um jogo de significações. Ele sofre cotidianamente a desconstrução, ao mesmo tempo só se constrói pela desconstrução do outro. É portanto, dinâmico, frágil e, facilmente, expõe sua condição provisória.

O discurso político é o discurso do sujeito por excelência. A constituição do sujeito obedece às mesmas regras do discurso, ele não é anterior nem tampouco essencial, derivado de leis da história ou da própria natureza. Ao longo da nossa vida, temos várias posicionalidades como sujeito. Somos sujeitos de múltiplos discursos. Todas estas condições são potencialmente interpeláveis, mas antes do discurso e de sua sujeição a ele não é possível. O discurso existe porque ele é uma tentativa de dar sentido ao real, uma tentativa de fixar sentidos apresentando uma continuidade histórica. Quando o tema é o discurso político, esta dinâmica é muito simples de ser observada: o que é um discurso político, se não uma repetida tentativa de fixar sentidos em um cenário de disputa?

Quando analisamos o discurso político, verifica-se que esta é uma tentativa de fixar sentidos. Os discursos políticos têm locais de enunciação específicos, ou seja, é absolutamente legítimo quando ele parte de partidos políticos, de assembleias legislativas, do governo. Mas deve-se considerar que nas democracias contemporâneas cada vez mais existem outros espaços de construção do discurso político, que concorrem com os espaços tradicionais.

Todo o discurso é um discurso de poder, na medida em que todos os discursos pretendem impor verdades a respeito de um tema específico ou de uma área da ciência, da moral, da ética, do comportamento, etc. Entretanto, o discurso político se destaca de todos neste particular, porque enquanto os outros tendem a deslocar seus desejos de poder, tornando-os opacos, o discurso político explicita sua luta pelo poder. Não poderia ser diferente, pois a explicitação de seu desejo de poder é o próprio discurso.

2.1 A VERDADE E O PODER. QUEM DIZ O QUE É VERDADE?

Há relações diversas e fundamentais entre o discurso e a verdade. Ao longo da história, em condições de produção distintas, já se afirmou que a verdade existiria independentemente das coisas ditas; que estas últimas seriam entrave ou acesso à verdadeira essência dos seres e fenômenos; e, finalmente, que a verdade consistiria em

construção histórica dos fatos, para a qual o discurso é decisivo. Mais recentemente, vimos se multiplicarem as alegações de que os fatos não existem, de sorte que apenas haveria versões e interpretações alternativas. Assim sendo, instituições que antes nos guiavam com base em suas verdades fundamentais e na quase cega fé alheia, tornaram-se cada vez mais suscetíveis as nossas dúvidas e críticas. A religião, a política, a mídia e a ciência já não são mais do mesmo modo consideradas como fontes das quais brotariam a certeza dos fatos. Com frequência e intensidade aparentemente inéditas, a crença e a confiança que nelas depositávamos passaram a ter ceticismos e suspeitas. O que não significa que estejamos diante de um fenômeno homogêneo e igualmente experimentado por sujeitos de classes e grupos sociais distintos de ideologias diversas e inscritos em diferentes relações de poder.

Se considerarmos a questão do sujeito e do autor, o sujeito não é a origem do dizer e o autor emerge enquanto agrupamento de determinados discursos, ou seja, na proliferação de enunciados há procedimentos que visam controlar os discursos. Um enunciado jamais será oculto, ele sempre remeterá a formações históricas.

Por isso, Foucault (1986) vai mencionar que nem todos entram na ordem do discurso se não satisfizerem certas exigências e não estiverem qualificados para fazê-lo. Daí a apresentação de vozes de autoridades que se contrapõem e tornam possíveis determinados sujeitos a partir da ocupação de um lugar específico e de condições históricas de enunciação.

Articulada a esta noção de sujeito, está outra, a de poder. Em Foucault (1986) o poder não serve apenas para reprimir. Ele circula, se transforma e se dissemina por meio do discurso produzindo diversas possibilidades. A produção do discurso é também controlada. O poder reprime, secundariamente, pois ele faz algo muito mais profundo e, sem dúvida, muito mais terrível do que a repressão: ele forma, ele molda; ele não faz calar, mas pior, faz falar. Ele disciplina, ele normaliza. Foucault estava muito consciente de que o poder é a forma como somos vistos e falados. O poder nos fala e nos vê. Ele ainda aponta “que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo do saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (FOUCAULT, 1985).

Tais relações estão entrelaçadas produzindo instrumentos que explicam a produção dos saberes e das condições necessárias para que algo venha a ser considerado verdade, ou seja, produzem mecanismos que perpassam o modo como se geram, de um discurso a outro, efeitos de poder sobre os mesmos.

Está longe de o objetivo deste trabalho fazer analogias entre as polaridades políticas que se apresentam no mundo inteiro, em especial no Brasil. Contudo, o que nos chama atenção é o que Foucault convencionou chamar de forma de veridcção ou regimes de verdade que se apresentam numa anatomia específica e peculiar própria dos ambientes digitais utilizados como meios para estimular significativas mobilizações sociais com temas embutidos como o populismo e autoritarismo que flertam com o fascismo. Foucault é, sem dúvida, um dos filósofos que melhor atualiza conceitos, que retoma pensamentos desgastados e os insufla de novos ares. Ele é um filósofo da voz que cala, da palavra omissa e dos não-ditos, legado cuidadosamente aprendido com Nietzsche, “o dizer-a-verdade sobre si mesmo, e isso na cultura antiga (logo bem antes do cristianismo), foi uma atividade conjunta, uma atividade com os outros, e mais precisamente uma atividade com o outro, uma prática a dois” (FOUCAULT, 2004).

As contribuições foucaultianas acerca do surgimento da biopolítica a partir do século XXI ajudam a perceber como o poder se estende no corpo social e atravessa as relações humanas: isso também pode estar relacionado aos modos de efetivação dos direitos humanos, como a politização da educação, por exemplo. Isso porque quanto maior o poder, haverá possibilidades de resistência. Não sendo o poder algo que alguém detém, a resistência é o que faz com que aqueles que se colocam como detentores do poder busquem se manter com mais força, pois “[...] a cada instante se vai da rebelião à dominação, da dominação à rebelião” (FOUCAULT, 2003, p. 232).

O poder não se exerce sem que haja produções discursivas e as relações entre saber e poder sustentam as bases da biopolítica que visa direcionar a vida dos indivíduos. Instaura-se como verdade a necessidade de autorregular condutas, a fim de ter êxito em um tipo específico de governo de si, controlando também o cuidado com o governo dos outros.

A chamada microfísica do poder de Foucault consiste na “tempestade” de relações de poder que estão dispersas na sociedade e que são de várias intensidades ou efeitos. Essas relações podem ser exercidas em níveis diferentes da sociedade, em domínios e extensões muito variados, sendo que os micro-poderes são relevantes. O macro-poder ou poder central é o que decorre do aparato estatal e, por isso, está em um nível superior (geograficamente) e mais geral. O micro-poder é aquele que tem efeitos diretos na vida das pessoas por serem exercidos no nível do cotidiano. Além disso, o indivíduo com suas características, sua identidade, fixado a si mesmo, é o produto de uma relação de poder que se exerce sobre corpos, multiplicidades, movimentos, desejos, forças.

Diante do jogo do poder, a investigação de Foucault pode ser reconhecida como uma genealogia da atitude crítica, o modo pelo qual o questionamento do poder em sua necessidade é condição para uma nova relação com a verdade. Os desdobramentos de uma política da verdade desembocam numa subjetivação ética da verdade, num *ethos filosófico*. Não se trata da descoberta de uma verdade escondida no sujeito, mas de um jogo que implica a transformação de sua maneira de ser; tampouco se trata de saber se alguém alcança a verdade a partir de uma evidência, mas de reconhecer aquele que diz a verdade pela atitude corajosa da franqueza do seu discurso contra a opinião do senso comum. A história crítica da verdade elaborada por Foucault não pode ser pensada a partir de uma delimitação epistemológica, mas nos termos de uma política e de uma ética. Ela constitui um modo singular de aplicação de uma história crítica do pensamento e nos aponta que para falar a “verdade” de um determinado lugar, o sujeito só poderá falar dentro de limites contingenciados discursivamente.

2.2 A CORAGEM DA VERDADE EM FOUCAULT

O termo *parrhesia* foi refletido por Foucault em vários momentos de sua trajetória, nos dois cursos no Collège de France: A Hermenêutica do Sujeito¹⁶, em 1982; O Governo de si e dos outros¹⁷, em 1983; no seminário “Coragem e Verdade”¹⁸, em 1983; e, em 1984, é o momento em que volta a Paris para realizar o seu último curso, publicado como A Coragem da Verdade.¹⁹

A palavra *parrhesía* foi traduzida como “falar francamente” e utilizada primeiramente na literatura grega, com Eurípidés, por volta do século IV a.C. O parresiasta é aquele que tem coragem de dizer a verdade ao Príncipe, a um amigo, a um discípulo, mesmo que ponha em risco sua atitude. Foucault diz da seguinte maneira:

¹⁶ FOUCAULT, Michel. A Hermenêutica do Sujeito. Curso dado no Collège de France (1981-1982). Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006 (2ª ed.).

¹⁷ FOUCAULT, Michel. Le gouvernement de soi et des autres. Cours au Collège de France (1982-1983). Paris: Gallimard, 2008; O governo de si e dos outros. Curso dado no Collège de France (1982-1983). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010 (1ª ed.).

¹⁸ FOUCAULT, Michel. “Coraje y Verdad”. In: ABRAHAM, Tomás (org.). El último Foucault. Buenos Aires: Sudamericana, 2003.

¹⁹ FOUCAULT, Michel. Le Courage de la Vérité. Le gouvernement de soi et des autres II. Cours au Collège de France. 1984. Paris: Gallimard, 2009; A Coragem da Verdade. O governo de si e dos outros II. Curso dado no Collège de France. (1983-1984). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011 (1ª ed.). Sobre esses dois últimos cursos de Foucault, alerto que optei pelas edições francesas, pois no início da pesquisa contava somente com elas e fui obrigada a utilizar traduções de minha própria autoria. Para facilitar ao leitor o acesso às referências da edição brasileira, indicarei sempre as páginas das duas edições, seguindo tal ordem: primeiro, a edição francesa acompanhada da reprodução do trecho original em francês e, por último, a tradução brasileira.

Na parrhesía, o que está fundamentalmente em questão é (...) a franqueza, a liberdade, a abertura, que fazem com que se diga o que se tem a dizer, de maneira como se tem vontade de dizer, quando se tem vontade de dizer e segundo a forma que se crê ser necessário dizer. O termo parrhesía está tão ligado à escolha, à decisão, à atitude de quem fala, que os latinos justamente traduziram parrhesía pela palavra *libertas*. O tudo dizer da parrhesía tornou-se *libertas*: a liberdade de quem fala. (FOUCAULT, 2006, p.450).

O compromisso com a verdade é uma qualidade moral, sem nenhum interesse pessoal de persuasão. O parresiasta tem um conhecimento relacional capaz de produzir uma mudança no modo de ser do sujeito.

Foucault aponta como o jogo parresiástico vai se transformando na cultura antiga e ele destaca três fases principais: a oposição a retórica, a relação com a política e a sua associação com a filosofia e o cuidado de si. No primeiro momento, ele discute a diferença entre um conhecimento que diz a verdade e outro que não tem. Essa dicotomia entre filosofia e retórica é bem presente no século IV a.C. com Platão e permanece durante séculos. A retórica tem como objetivo a persuasão, logo não se preocupa com a verdade, inclusive é capaz de fingir, pois a emergência é do agir e conduzir os outros. Já a *parrhesia*, oposta a retórica, objetiva dirigir os outros, mas de uma maneira mais construtiva no sentido de desenvolver a soberania de si mesmo.

Ligada à política, a *parrhesia* era uma característica fundamental na democracia ateniense, apresentava uma atitude ética de falar em público, prática ligada a um certo status social. Quem não tinha o direito de falar livremente era desprovido de ter algum poder. Ou seja, a *parrhesia* não era um direito de todo cidadão ateniense, somente àquele que detinha algum prestígio. Com o período monárquico, esse conceito político vai modificando e centra-se na relação entre o Soberano, o Príncipe e seus conselheiros, sendo que este último usava a *parrhesia* para ajudar o rei em suas decisões e evitar que o mesmo abusasse de alguma forma de seu poder. O rei precisava saber ouvir e escutar a verdade para que fosse de fato um bom governante para sua cidade.

A relação da *parrhesia* com a filosofia é fundamental durante o contexto da crise da democracia ateniense onde Sócrates assume o papel de parresiástico. Em seu diálogo com Alcibíades, a *parrhesia* aparece associada ao cuidado de si quando ele afirma que o rei da Pérsia, antes de ser capaz de assumir o cargo de soberano de Atenas, deve primeiro ocupar-se de si mesmo. Assim sendo, o cuidado de si não é mais pensado para governar a polis, mas será um objetivo em si mesmo.

O objetivo da *parrhesía* é fazer com que, em um dado momento, aquele a quem se endereça a fala se encontre em uma situação tal que não necessite mais do discurso do outro. De que modo e por que não necessitará mais do discurso do outro? Precisamente, porque o discurso do outro foi verdadeiro. É na medida em que o outro confiou, transmitiu um discurso verdadeiro àquele a quem se endereçava que este então, interiorizando este discurso verdadeiro, subjetivando-o, pode se dispensar da relação com o outro. (FOUCAULT, 2006, p.458).

A ligação de Foucault sobre o modo de dizer e de se relacionar com a verdade na Antiguidade e a ética do intelectual no presente, mostra como a *parrhesía* na cultura antiga inspiraram Foucault a repensar a militância política da atualidade. O seu ativismo político ligado às margens possibilitou-lhe um olhar específico para dar visibilidade a práticas filosóficas esquecidas por uma determinada tradição de pensamento filosófico e político.

Se aplicarmos a democracia e a *parrhesia* no contexto atual, veremos que elas não funcionam mais como um par, não é porque o dizer verdadeiro foi recusado, mas porque algo parecido com “falar a verdade” apareceu. Ou seja, trata do discurso do adulator e do demagogo. Esse mau parresiasta, muito presente na atualidade, não fala mais o que representa a sua opinião ou porque ele pensa que ela é verdadeira. Agora, o que o parresiasta diz representa a opinião corrente, aquela da maioria. Ou seja, ao invés de o discurso verdadeiro caracterizar-se pela sua diferença, a sua fala está em conformidade com qualquer um que diz ou pensa, essa falsa *parrhesía* não tem como principal característica a coragem singular daquele que é capaz de se voltar contra o povo e dar-lhes as respostas. No lugar da coragem, encontramos os indivíduos que estão preocupados em garantir a sua própria segurança e o seu próprio sucesso por meio do prazer que eles produzem exigindo que prevaleça os seus sentimentos e as suas opiniões.

Foucault estrutura seu pensamento em alguns deslocamentos fundamentais, ele desloca o eixo da história do conhecimento em direção à análise dos saberes, e percebe as práticas discursivas como formas de veridicção ou regimes de verdade. Em seguida, ele não descreve o Poder, as instituições de poder ou as formas gerais ou institucionais de dominação, mas estuda as técnicas e os procedimentos pelos quais conduzimos a conduta dos outros. A questão da norma do comportamento coloca-se nos termos do poder que exercemos, e este, ainda, é analisado como um campo de procedimentos de governo. Ele também analisa a constituição do modo de ser do sujeito. E, aqui, o objetivo foi escapar de uma teoria do sujeito e analisar as diferentes formas pelas quais o indivíduo se constitui como sujeito.

Os cínicos criticavam de maneira contundente os costumes sociais por meio do escândalo da existência em praça pública. Partem de um engajamento político que se preocupa com o cuidado de si, do outro e do gênero humano inteiro, propondo uma intervenção cotidiana

na vida das pessoas. Foucault, então, vê nos cínicos uma forma da militância política que se constrói por valores autônomos.

O pensamento de Foucault sobre a vontade de saber à coragem da verdade sofre mudanças nos anos de 1980, pois ele tenta deslocar os sentidos da problemática da verdade ligando-a a modernidade. Quando ele propõe fazer a “genealogia da atitude crítica ocidental”, as práticas parresiásticas problematizam a ligação estabelecida com a tradição da verdade do pensamento ocidental. É nesta última tradição que Foucault se reconhece e, dessa maneira, a sua valorização *da parrhesía* em relação à retórica, por exemplo, produz um novo olhar sobre o passado, mostrando como a história nos possibilita caminhos muitos diversos.

2.3 PÓS-VERDADE E FAKE NEWS. TENSÕES E APROXIMAÇÕES

Em plena era da internet, do conhecimento científico e do acesso à informação, por que uma parcela da sociedade escolhe acreditar em informação quem não tem fundamentos ancorados na ciência? Mais do que isso, por que estamos discutindo pontos elementares da história da humanidade como a terra ser ou não plana, a eficácia das vacinas e se houve ou não ditadura, holocausto, etc.?

Diante de um mundo repleto de incertezas e do questionamento constante da suposta normalidade, não é de se estranhar que aqueles desconfortáveis com o aparente mal-estar saiam em busca de promessas, certezas e de garantias, ainda que fabricadas e mentirosas. E nada mais confortável do que ler apenas o que queremos acreditar. Sem contraditório, sem desconstrução. Assim, com essa enxurrada de elementos tóxicos, acompanham discursos de líderes sem o compromisso com a verdade, apresentam falsas soluções simplistas e deixam uma brecha de silêncio suficiente para que determinada parcela da sociedade preencha os vazios com seus preconceitos, temores e angústias. A mentira sempre foi um instrumento de poder, nos parecendo não ser um deslize quando enunciada, mas um método.

Existe uma problemática sobre a definição de *fake news* e como diferenciá-las do jornalismo alternativo, por exemplo, que nos traz interpretações sob vieses contra-hegemônicos, ou ainda gêneros humorísticos que satirizam o noticiário. Allcott e Gentzkow (2017) definem *fake news* como artigos noticiosos intencionalmente falsos e verificáveis, cuja intenção é a de enganar os leitores, muitas vezes simulando características de gêneros jornalísticos tradicionais. Nesta definição, não podem ser consideradas *fake news* as notícias

falsas publicadas por erro jornalístico não-intencional, nem as notícias que repercutem declaração falsa ou contraditória de uma fonte.

Há décadas ocorrem notícias falsas, contudo ganham novas dinâmicas com as tecnologias, especialmente com a internet. Quando nos referimos, hoje, às *fake news*, estamos falando de uma nova manifestação comunicacional, que só existe graças à possibilidade de disparo de uma mesma mensagem a milhares de usuários, por meio das redes sociais, permitindo uma produção barata com escala e alcance muito maiores. Segundo Allcott e Gentzkow (2017), sua motivação pode gerar lucro através dos cliques de usuários visando interferir em processos políticos como eleições ou plebiscitos.

O termo *fake news* se capilarizou durante as eleições presidenciais norte-americanas de 2016, polarizadas entre Donald Trump e Hillary Clinton, do Partido Democrata. Ao mesmo tempo em que a campanha de Trump era acusada de disseminar as *fake news*, ele mesmo utilizava a mesma expressão em suas declarações para desqualificar jornais tradicionais que o criticavam (COSTA, 2019).

Cenário semelhante tem sido observado no Brasil. No *clipping* realizado pelo OBCOM²⁰ e Instituto Palavra Aberta durante o período de agosto a novembro de 2018, o número de matérias produzidas por agências de *fact-checking* (verificação de fatos) como a Comprova e a Aos Fatos desmentindo *fake news* de direita é muito maior do que o de matérias desmentindo *fake news* de esquerda.

Alguns exemplos de *fake news* desmentidas pela agência Comprova associam o PT a organizações criminosas e lançam dúvidas sobre a honestidade da imprensa e do processo eleitoral, por exemplo, pesquisa eleitoral falsa que indicaria 100% de rejeição a Bolsonaro em presídios (COMPROVA: PESQUISA..., 2019)²¹, boatos acusando Datafolha e outros institutos de distorcerem pesquisas para privilegiar o PT e notícias falsas de que venezuelanos teriam recebido os códigos das urnas eletrônicas (COMPROVA: CÓDIGOS..., 2019)²². Um dos objetivos das *fake news* é desviar a atenção das massas e da imprensa para evitar temas

²⁰ O Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura é um núcleo interdisciplinar de apoio à pesquisa que se dedica ao estudo da liberdade de expressão e da censura nas artes e nos meios de comunicação, e é sediado na Escola de Comunicações e Artes da USP.

Disponível em https://www.palavraaberta.org.br/docs/Livro_Campanhas_Eleitorais_2018_web.pdf

²¹ PODER 360. Comprova: pesquisa falsa indica 100% de rejeição a Bolsonaro nos presídios. 8/8/2018.

Disponível em: <https://www.poder360.com.br/eleicoes/comprova-pesquisa-falsa-indica-100-de-rejeicao-a-bolsonaro-nos-presidios/> Acesso em: 30 jul 2019.

²² PODER 360. Comprova: pesquisa falsa de que venezuelanos receberam códigos de urnas eletrônicas.20/9/18

Disponível em <https://www.poder360.com.br/eleicoes/comprova-codigos-de-urnas-eletronicas-nao-foram-entregues-a-venezuelanos/> Acesso em 12 set. 2019.

estruturais, reformular um passado ou confundir os atores sociais envolvidos nesse processo. A luta contra a desinformação certamente passa por uma questão de tecnologia e de Justiça.

Rasmus Kleis Nielsen e Lucas Graves (2017), em um estudo sobre as perspectivas do público sobre as *fake news*, publicado pelo *Reuters Institute for the Study of Journalism*, apontaram outras duas mudanças estruturais que podem ser identificadas com o conceito de “pós-verdade”. A primeira dessas mudanças é relacionada ao que os autores caracterizam como uma “crise de confiança” em relação à imprensa e outras instituições públicas, incluindo os políticos. Segundo eles, os cidadãos têm se mostrado altamente céticos quanto às informações que circulam nos espaços públicos atualmente, sejam as que ouvem dos políticos, publicadas pela imprensa, ou as encontradas nas redes sociais e por meio de mecanismos de busca.

Os mecanismos que tornam as informações falsas virais são o fato de que elas tendem a circular, ao menos inicialmente, entre pessoas mais propensas a acreditar nelas. Notícias falsas tendem a apelar para concepções que já temos e, por isso, temos menos inclinação de questionar. É isso que as torna tão perigosas. Quando atravessam, no caso da política, o espectro ideológico, começam a ser questionadas. Até isso acontecer já circulou bastante e nem todo mundo que viu a mensagem falsa vai ser informado sobre ela.

De acordo com uma pesquisa em *fact checking*²³ o site Aos fatos noticiou em 17 de junho de 2019 que em 167 dias de governo, Bolsonaro deu 192 declarações falsas ou distorcidas, ou seja, a cada 10 declarações enunciadas pelo presidente Jair Bolsonaro, 06 são distorcidas ou falsas, sendo economia e relações exteriores os assuntos com mais distorções. Esse número é significativo em tão pouco tempo de governo, uma vez que o presidente utiliza ativamente as redes sociais para se pronunciar o que aumenta o risco de divulgação de *fake news*, matéria prima primordial para a construção do conceito de pós-verdade

É importante lembrar que a popularização das redes sociais e de equipamentos móveis também possibilitou que qualquer pessoa, principalmente formadores de opinião, criassem seus próprios canais de comunicação sem preocupações maiores com a precisão e veracidade da informação por eles distribuídas. A popularização do *fact-checking* surge exatamente nesse contexto e embora tenham existido iniciativas pontuais na década de 1990, foi em 2003 que uma fundação americana chamada *Annenberg Public Policy Center*²⁴ criou o *FactCheck.org*²⁵,

²³ Checagem de fatos. Em jornalismo, refere-se ao trabalho de confirmar e comprovar fatos e dados usados em discursos (sobretudo políticos) nos meios de comunicação e outras publicações.

²⁴ Centro de Políticas Públicas de Annenberg.

²⁵ É um projeto do Centro de Políticas Públicas Annenberg da Universidade da Pensilvânia com fins de checagem sobre a veracidade de informações publicadas.

primeira plataforma de checagem, baseada nos Estados Unidos e, em seguida, no Brasil com projetos pontuais.

Figura 13: Gráfico sobre as divulgações comprovadas como *fake news*



Fonte: <https://aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro/> Acesso em 17/06/2019.

Para preencher a lacuna da cobertura jornalística prestigiada em época de eleições, surgem plataformas brasileiras para checar sistematicamente o discurso público chanceladas pela IFCN (*International Fact-Checking Network*)²⁶ a partir de seu código de boas práticas.

Analisar e compreender as discursividades produzidas sobre o sujeito enunciador e a polissemia explicitadas nas falas de Bolsonaro funda-se na noção de “efeito metafórico”. Pêcheux (1995) vai chamar de efeito metafórico o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual desencadeando práticas discursivas que se referem às diferentes posições do sujeito.

O termo pós-verdade se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos e objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais e surge com o colapso do anti-identitarismo, ou seja, existe uma falta de confiança em instituições que antes acreditava-se ser comprometida com a verdade incontestada, como por

²⁶ Rede Internacional de fatos verificados.

exemplo, a religião, a mídia e a ciência. Esse processo se potencializa com a disseminação das *fake news* que funcionam como um tipo de matéria prima fértil para a produção de pós-verdade baseada em emoções e não em dados factuais.

2.4 A ONTOLOGIA DO ÓDIO NA POLÍTICA

O ódio como aversão intensa não é questão nova na sociedade e, para este entendimento, faz-se necessária a discussão sobre a natureza do mal. O mal existe, principalmente, nas culturas ocidentais construídas pela influência do Cristianismo. A cultura judaico-cristã trouxe o conceito de culpa e punição de condutas que contrariavam os preceitos morais e éticos; isto porque as transgressões estariam na origem da existência do mal. Na cultura greco-romana, anterior ao cristianismo, o conceito de mal não tinha o homem como o seu engendrador, pois afirmava-se que os deuses haviam enlouquecido os homens e surgia assim, o mal independente da vontade humana. Após as ideias renascentistas e iluministas surgiu ao homem a possibilidade do uso do conhecimento e da razão para o controle da maldade inerente ao homem. A correlação dessas mudanças resultou na substituição do discurso religioso pelo científico e político.

O conceito de mal adquire novos contornos sociais após a Segunda Guerra Mundial e por meio de regimes totalitários foi instrumento de dominação, discriminação e extermínio. Com a revolução tecnológica, surge a sociedade da informação, com fins de promover troca de informações de forma instantânea, porém, as facilitações do mundo virtual não foram capazes de romper com a intolerância enraizada nas relações humanas.

Atualmente, o tema das emoções e dos sentimentos é recorrente na cultura popular e de massa em vários discursos, especialmente nos políticos e na defesa de princípios morais entre outros. As emoções e o seu governo são condições necessárias para se alcançar algum estado de felicidade e, lidar com as emoções, é uma espécie de caminho para alcançar a felicidade. Há discursos, porém, que supervalorizam algumas emoções que são apresentadas como sinônimo de felicidade e, ao mesmo tempo, excluem emoções que são entendidas como sinônimo de infelicidade, o que por si só evidencia a ausência de uma educabilidade para o governo das emoções. Historicamente, o homem tem retratado as emoções na literatura, pintura, religião, filosofia, música, etc. Porém, em poucos momentos as emoções são consideradas protagonistas

da existência humana. Seu papel para a educação humana, para ética e a política, assumem importância secundária.

Segundo Nussbaum (2007), as emoções são parte essencial do sistema de decisão moral, porém, se não houver uma clareza sobre o que sentimos e suas implicações para nossos juízos, estes podem nos levar a tomar decisões equivocadas. As emoções podem levar a juízos verdadeiros ou falsos e podem ter pressupostos bons ou maus para ações morais; e podem ser positivas ou negativas, fomentando e auxiliando as pessoas a orientar-se para uma vida feliz.

As pessoas retratam o ódio para emoções negativas e intensas, como o desprezo, a raiva, o medo ou até o nojo, causados pelo julgamento de que o outro que é odiado é um ser malvado e detestável, por isso o estado de excitação, fixação no odiado e desejos de vingança. O ódio enquanto afeto legítimo pode surgir de crenças, preconceitos, conflitos entre grupos econômicos e até, fruto das promessas que frustram as pessoas quando não são cumpridas. Entrelaçado ao preconceito, muitas vezes encontra suas raízes na história se estendendo na esfera pública, porque mesmo existindo os ódios individuais, outros são compartilhados por muita gente e isso só se potencializa com as mídias sociais. O ódio mútuo também se manifesta com frequência entre grupos e líderes políticos e isso é essencial analisar em nossa sociedade, construindo uma espécie de mapa político.

Byung-Chul Han corrobora com as análises sociais de Foucault, Deleuze e Bauman, ainda que faça algumas críticas, quando ele cita as formas de violência e de ódio atuais, ressaltando que estamos inseridos numa sociedade que se afasta cada vez mais do esquema do inimigo, da disciplina, muito típica no período pós-guerra, e nos aproximamos de uma sociedade de desempenho que traz mais aflições, angústias, frustrações e raivas.

A sociedade do desempenho e a sociedade ativa geram um cansaço e esgotamento excessivos. Esses estados psíquicos são característicos de um mundo que se tornou pobre em negatividade e que é dominado por excesso de positividade. Não são reações imunológicas que pressuporiam uma negatividade do outro imunológico. Ao contrário, são causadas por um excesso de positividade. O excesso da elevação do desempenho leva a um infarto da alma (HAN, 2015, p. 70-71).

Na atualidade, o problema deixou de ser o outro para tornar-se produção do mesmo numa intenção de perpetuar a igualdade sob a diferença. A vida fica transitória e líquida onde não conseguimos reter nossa atenção e reagimos com mais velocidade, hiperatividade, histeria, paranoia da produção. Esse circuito de afetos de cansaço e irritação são facilmente substituídos por esgotamento e ódio. A comunicação está debilitada como nunca: a comunicação global e

dos *likes*²⁷ só tolera os iguais; o igual não dói. As relações são substituídas pelas conexões iguais.

A ideologia, especialmente quando se torna fanatismo, é outra poderosa fonte de ódio. A doutrinação ideológica costuma reagir a ódios ancestrais que interessa perpetuar, e a ambições de poder. É muito grave e prejudicial quando acontece no próprio governo de um país e se manifesta especialmente na educação dos mais jovens. Costuma ser embasado por mentiras ou meias-verdades sobre a história do país e sobre as responsabilidades, causas e causadores dos males presentes que afetam a parte ou o conjunto de sua população. O grupo que sustenta uma ideologia se considera moral e até intelectualmente superior aos demais. Essa superioridade gera ódio e o ódio abriga o desejo de um mundo sem o odiado.

Quem odeia não gosta de odiar sozinho, porque isso faz com que a pessoa se sinta insegura. Quem odeia se sente conduzido a levar os outros a odiar, pois a validação do ódio pelos outros reforça uma autoestima que impede de raciocinar sobre suas próprias inseguranças. Os grupos de ódio formam identidades coletivas com suas manifestações e palavras de ordem, e por meio de símbolos, rituais e mitos que, quanto mais degradam os odiados, mais engrandecem os membros. O ódio é especialmente grave quando, além de mudar pensamentos e emoções, proclama e prega a condenação moral e a desumanização dos odiados.

A constituição do ódio se revela como múltipla e complexa estando intrincada nas malhas do poder modelado pela cultura e imposições do espaço social. O ódio não é somente uma reação hormonal, ele encerra uma interpretação da realidade dentro de uma subjetividade no espaço de interação. Nessa trajetória, se insere a noção de biopolítica formulada por Foucault (1996) para demonstrar que “o poder passa a ser exercido por meio de controles precisos e regulações de conjunto e mecanismos de segurança, como forma de exigir mais vida e de aumentar e gerir essa vida”.

Num sentido mais amplo, o biopoder é uma forma de normalizar a própria conduta da espécie, regradar, manipular, incentivar e observar macrofenômenos como as taxas de natalidade e mortalidade, a duração e as condições da vida. As tecnologias do biopoder e os saberes investidos nessas tecnologias produzem as categorias de anormalidade (delinquente, perverso, doente, etc.) com base no par normal e anormal, e constroem formas para eliminá-las.

Conforme Foucault (1985), seria necessário falar de biopoder para designar aquilo que faz entrar a vida e seus mecanismos no domínio dos cálculos explícitos e torna o poder e o saber agentes de transformação da vida humana.

²⁷ Significa curtir um *post*, vídeo ou fotos postadas em redes sociais.

CAPÍTULO 3

DISCURSIVIDADES. AS APREENSÕES DE EFEITO DE SENTIDO

Diferentemente dos enunciados, que funcionam como uma espécie de materialidade da língua com circunscrições específicas, os discursos atravessam os enunciados produzindo efeitos de sentido. Ou seja, da maneira como as materialidades se constituem, elas permitem a apreensão de efeitos de sentido, não como se o analista tivesse que achar uma resposta estanque, mas de que maneira o recorte discursivo está implicado na materialidade. Analisar as discursividades é olhar para os efeitos de sentidos que ela pode produzir.

Reforçamos a ideia inicial desta pesquisa de que, mais importante do que discutir a polaridade sobre esquerda e direita, é analisarmos as discursividades enquanto unidades temáticas do discurso produzidas pelo sujeito, presentes por trás de todo esse embate político, social e ideológico.

Uma formação histórica se forma baseada em sua própria evidência, ou seja, no seu regime e em suas discursividades. Um regime de enunciados, será chamado por Foucault de discursividades. Sendo assim, as visibilidades não são coisas entre tantas outras e as visões, as evidências, não são ações entre outras, são condições. Ver é uma condição sob a qual surge toda a ação. Já os enunciados não são ideias dentre outras e nem simples comunicações entre ideias. São condições para o desdobramento de todas as redes de ideias que existem numa determinada época.

No livro *O Nascimento da Clínica*, Foucault invoca sob qual forma e de que maneira uma doença é visível a uma época? O que torna visível a doença? E ele diz que o sintoma e, logo em seguida, a clínica são o que fazem ver uma doença. Ora, a doença não é só um conjunto de sintomas, o visível, ela também é o enunciável. Ela é uma combinação de signos. Analogicamente, os inúmeros pronunciamentos do presidente Jair Bolsonaro e de seus seguidores podem ser considerados sintomas, ou seja, enunciáveis. E com o uso cada vez mais frequente de suas redes particulares como meios de comunicação, temos uma nova maneira de ver esses sintomas.

Há uma constância nos discursos de Jair Bolsonaro sobre os termos democracia e comunismo, desde o momento em que era candidato atravessando o momento de sua posse e fincando raízes enquanto presidente, algo visto como o norteador de seus posicionamentos políticos. É importante ressaltar que tal imagem é convalidada por seus inúmeros seguidores

que o enxergam como a simbologia do homem de bem, patriota e honesto, afinal, somos continuamente levados a pensar o outro para a nossa própria formação.

Maingueneau (2005) associa a interdiscursividade com a gênese discursiva, já que há sempre um já dito que se constitui no outro do discurso. Assim, toda produção discursiva, de acordo com certas condições conjunturais, faz circular formulações já enunciadas anteriormente.

Outro conceito importante é o de enunciado. Para Foucault (2003), enunciado é a unidade elementar do discurso. Ele define enunciado como uma função de existência, que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis, e as faz aparecer com conteúdos concretos, no espaço e no tempo. Além disso, existe uma diferença entre enunciado e enunciação, só existindo enunciado quando o mesmo possui possibilidade de repetibilidade, diferente de uma frase proferida (uma enunciação), que não poderá ser repetida. Desta forma, o enunciado depende de uma materialidade, que é de ordem institucional, no sentido de uma estrutura de poder.

Sob o escopo teórico-interpretativo, essa pesquisa busca apresentar pronunciamentos enunciativos de compreensão de narrativas que evidenciam a produção de discursos emergentes. Não buscamos analisar as unidades dos discursos, mas o que assinala sua dispersão por meios das materialidades analisadas. É como cita Gregolin (2016), as redes de enunciação compõem o arquivo de uma época, os discursos que circulam e são (re) produzidos. Sendo assim, a circulação de enunciados produz verdades e promove subjetivações. Para Foucault (1986) os sentidos se naturalizam como verdades de uma época, isso porque “[...] o arquivo se constrói na densidade das práticas, do discurso em movimento, mas sem que as posições-sujeito que o animam se deem conta disso” (GREGOLIN, 2016, p. 138).

A linguagem é simbólica e só faz sentido envolta ao social, ao homem e a sua história. A AD – Análise do Discurso observa a língua como um sistema aberto com suas pluralidades e significação. Isto dará uma determinada materialidade para a análise discursiva.

Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se completa com o fato de que, como diz M. Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido (ORLANDI, 1999, p.17).

O discurso é representado por um sujeito, no qual está inserido em um determinado lugar, e este lugar é resultado das relações sociais. Através do lugar do sujeito projeta-se assim uma fala, redimensionada por este espaço, assim, se cria uma expectativa do falar deste sujeito.

Na fase da identificação e análise das discursividades, os textos serão colocados num outro grau de relevância, já que são categorizados a partir de indícios discursivos identificados. Entende-se que as contradições não estão no texto, mas sim nos discursos, especificamente quando relacionamos os sentidos e as questões teóricas. Denominados também os conceito-análises, identificamos no decorrer do processo de análise as seguintes categorias discursivas: “democracia”, “autoritarismo”, “fascismo”, “conservadorismo moral”, “neoliberalismo”, “populismo”, “fundamentalismo religioso”, “globalização econômica” e “*realpolitik*”.

3.1 DE QUAL DEMOCRACIA ESTAMOS FALANDO?

O ódio à democracia é tão antigo quanto a própria democracia desde a Grécia antiga quando era entendida como um insulto por aqueles que viam ruir toda uma ordem legítima em um governo das multidões. O que é novo e traz uma anatomia diferente é a violência com que a linguagem se manifesta sobre a fragilidade democrática de nosso país, como uma forma de governo corrompido que afeta o Estado e a sociedade. Esse novo sentimento antidemocrático traz uma visão ainda mais incômoda e dúbia, uma vez que é má quando se deixa corromper pela sociedade democrática que quer que todos sejam iguais e que todas as diferenças sejam respeitadas. E é bom quando mobiliza e convoca os indivíduos apáticos a se posicionarem em defesa das lutas pelas civilizações.

A análise sobre o ódio à democracia nessa pesquisa está longe dos modelos da antiguidade, essa nova rejeição diz respeito não a uma forma de governo corrompido, mas a uma crise da civilização que afeta a sociedade e o Estado através dela. Trata de uma visão maniqueísta quando aponta um mau governo democrático que se deixa corromper pela sociedade democrática que quer que todos sejam iguais e que as diferenças sejam respeitadas. E é relevante quando convoca os indivíduos apáticos da sociedade democrática para resistência em defesa dos valores da civilização.

As democracias contemporâneas têm dois fundamentos: a soberania popular e o princípio do governo. A tensão dessa bipolaridade repercute na separação dos espaços públicos

e privados que, de certa forma, são privatizados. O espaço do capital dentro do Estado cresce tanto pela privatização simples de empresas estatais, quanto pelo aumento da dívida pública.

A democracia representativa se viu colocada em xeque também por causa da crise econômica do capitalismo neoliberal entre 2007 e 2008 que convocou um novo tempo pós-político, por diversos movimentos sociais populistas contra o *establishment*²⁸, seja na forma de uma democracia radical dos 99% do povo, no campo da esquerda, ou mesmo por via de manifestações neofascistas, xenofóbicas, antissemitas e autoritárias no contexto político da direita ou da *alt-right*.²⁹

O diálogo é o coração da democracia e peça fundamental para uma política saudável e inclusiva. O que se observa no Brasil atual são inúmeros grupos sociais raivosos, intolerantes, infantilizados, que cada vez mais preferem o grito ao argumento, a imposição ao debate. Um poder público arrogante que prioriza projetos de poder personalistas em vez de projetos nacionais. Nesta ordem de coisas, o Estado penal ganha força e legitimidade, a oposição ao status quo é reprimida continuamente com a imprensa. E no meio de tudo isso, quando há manifestações sociais, práticas democráticas legítimas, acaba incomodando as estruturas de poder sendo quase impossível não encontrar de forma rotineira cenas de repressão jurídico-policia e manipulação midiática que se repetem insistentemente contra os grupos que tentam “quebrar a ordem”. Estas atitudes são profundamente antidemocráticas e a democracia nesses discursos de ódio é banalizada e utilizada como mero acessório para a racionalidade da dinâmica do ultraliberalismo ou neoliberalismo, uma vez que sua prática deveria assegurar os direitos igualitários de uma sociedade e não atacar os direitos sociais provocando mais desigualdades.

Faz-se necessário analisarmos a prática democrática, seus conceitos e articulações com outras discursividades, afinal, a democracia é a base de um Estado de Direito e quando esta base entra em crise, todo o tecido social rompe também. Quando o Estado social se transforma num Estado hiperliberal punitivo, e que exclui as classes indesejáveis da participação política e da proteção jurídica, a possibilidade de diálogo entre o poder instituído a as dissidências ou grupos de protesto, perde sua força e importância social.

²⁸ O termo inglês *establishment* refere-se à ordem ideológica, econômica e política constituinte de um Estado. Em sentido pejorativo, também designa uma elite social, econômica e política que exerce forte controle sobre o povo.

²⁹ Refere-se à fração da extrema direita ou direita alternativa de vários países que se caracteriza pela rejeição do conservadorismo clássico.

Ainda temos no Brasil temos uma sociedade escravocrata com um racismo potente e preconceito estruturante que nos intrigam em responder de que forma temos uma democracia, ainda que seja representativa. A sociedade brasileira conhece o que de fato é democracia? Há a constatação de uma baixa participação popular nos processos decisórios de governo, se resumindo à criação de coeficientes eleitorais em momentos de eleição. A prática democrática consiste na criação de mecanismos de ampliação da democracia direta, seja através da generalização de plebiscitos, seja através da regionalização dos processos de decisão sob a forma de conselhos populares.

A crise generalizada no mundo nos mostra que neoliberalismo e democracia não andam juntos e que há situações em que um aniquila o outro. Atualmente, o setor financeiro é a maior ameaça à democracia ocidental e o perigo está justamente aí, de nos tornarmos uma sociedade totalitária.

3.2 AUTORITARISMO, FASCISMO E CONSERVADORISMO AMALGAMADOS

O autoritarismo no Brasil ganha novas formas considerando que vem travestido de democracia desde o fim do período militar, talvez porque ainda viva esse período em seu imaginário, o que não quer dizer que o autoritarismo nasce daí uma vez que acaba sendo uma marca inquestionável na formação econômica social e política do país, potencializado por uma mentalidade ainda colonial. Diante disso, há a urgência de refletirmos “sobre os mecanismos discursivos que tornam possível que ideias autoritárias circulem, democraticamente, em uma sociedade que saiu de um governo militar ditatorial e se estabeleceu em um Estado de Direito”. (COSTA; SILVEIRA, 2018, p. 15).

As lógicas individualistas provocadas pela racionalidade neoliberal são incorporadas pelas pessoas da administração pública que colocam seus objetivos pessoais acima dos interesses coletivos, ou seja, vive-se até mesmo em um liberalismo com verniz autoritário. Um exemplo paradoxal sobre isso foi a era Vargas que, mesmo concedendo direitos sociais ao povo, havia um discurso autoritário e populista conciliando os interesses do empresariado e do capitalismo. Esse era o discurso político que se encontrava em fase de expansão e que viria ancorar a estruturação da cultura política autoritária que invade a contemporaneidade.

O pensamento autoritário e antiliberal é articulado e conectado com o jurídico e com a tradição do pensamento totalitário, de Stalin ao fascismo de Mussolini, que também esteve marcada pelo duplo movimento de repressão aos dissidentes e da expressão do regime como

uma personificação objetiva e precisa do querer público (AMARAL, 1981, p. 249). Essa também era uma apropriada descrição para a nova política do Brasil, cuja realidade era a da ação de um ditador que responderia diretamente ao povo (VARGAS, 1938, p. 19), deslocando assim o papel das casas legislativas.

A tradição autoritária, patriarcal e escravocrata é muito potente em nosso país e emergiu com um forte conservadorismo desde as eleições de 2018, imbricada em um liberalismo econômico extremo que repudia as diferenças sociais fundamentando-se na marginalização dos que são vistos como minorias. Há um repúdio notório de elites políticas às conquistas sociais das minorias nas últimas décadas resultando em discursos de ódio e intolerância social.

O modelo de autoritarismo que tem se apresentado no Brasil nos relembra a mesma raiz autoritária de outros governos brasileiros, eleitos inclusive de forma democrática, cujo mecanismo é a produção intensa de medidas de exceção no interior da democracia, mesmo que, em alguns momentos tenham medidas autoritárias no seu cotidiano. Contudo, passam a ser disfunções quando as medidas autoritárias são com uma intensidade muito maior do que seria admissível ou imaginável levando a uma lógica perversa de camuflar o seu elemento autoritário para que permaneça o máximo de tempo no poder, frequentemente, sobreposto a um discurso conservador.

O conservadorismo clássico, em sua gênese pós-1789, constituiu-se como sistema de ideias e posições políticas marcadamente antimodernas, antirrepublicanas, antiliberais e antiburguesas. É possível caracterizá-lo como uma reação ideológica e política aos avanços da modernidade. Avanços esses identificados, naquele momento, no desenvolvimento das forças produtivas e nas transformações das relações de produção, que implicaram profundas mudanças sócio institucionais e culturais. O positivismo impulsionou o sistema conservador de ideias, ao mesmo tempo em que o modificou, pois estabeleceu sua reconciliação com a sociedade capitalista consolidada e sua institucionalidade; e realinou o foco das disputas políticas dos conservadores. Todavia, as inúmeras consequências dessas mudanças são inteligíveis quando se pauta o processo histórico que permitiu ao conservadorismo transpassar de reação à modernidade para posições supostamente progressistas na contemporaneidade.

Esse é o cenário histórico que o conservadorismo requisita dos "neoconservadores" de novas bases políticas, acrescido do conceito de totalitarismo trazido por Hannah Arendt (2004), significativo para o conservadorismo moderno, pois ofereceu uma chave mestra conceitual para o pensamento conservador. Assim sendo, os conservadores se sentem defensores do presente democrático (burguês) contra as “perigosas utopias ideológicas do comunismo e do fascismo”.

Em síntese, desde que veio à tona na metade do século XX, o conceito de “totalitarismo” tem servido como uma das pedras angulares da tradição conservadora moderna que tem como braços o conservadorismo moral, religioso e político.

Outra particularidade do conservadorismo moderno está relacionada à formação de sua autoimagem. Isto é, à representação que os sujeitos conservadores elaboram acerca de si mesmos e de seu significado social e histórico. Assim, os argumentos de quem apoia os discursos autoritários e conservadores com aspectos totalitários revelam um paradoxo. A democracia atual parece ter dois grandes inimigos. De um lado, um governo arbitrário e sem limites que, denominamos conforme a época, de conservadorismo, ditadura ou totalitarismo e, de outro, temos a vida democrática, e esta última sim, desafiadora e capaz de causar a verdadeira ruptura nos contornos do conceito de democracia no mundo. Talvez, precisaremos redefini-la, mesmo considerando a contemporaneidade.

O mesmo acontece com o conceito de fascismo aplicado ao cenário atual. O fascismo é o sistema de governo que opera em conluio com grandes empresas (as quais são favorecidas economicamente pelo governo), que carteliza o setor privado, planeja a economia subsidiando grandes empresários com estratégias conexões políticas, exalta o poder estatal como sendo a fonte de toda a ordem, nega direitos e liberdades fundamentais aos indivíduos (como a liberdade de empreender em qualquer mercado que queira) e torna o poder executivo o senhor irrestrito da sociedade.

O autoritarismo, o conservadorismo e o totalitarismo produzem uma determinada estrutura que, ligados ao fascismo, dinamizam práticas discursivas que se circunscrevem a uma determinada época. São discursividades que se constituem, formulam significados e circulam de uma maneira ativa sendo etapas de uma continuação que visa o controle econômico total, onde começa com a intervenção no livre mercado e termina, possivelmente, numa política ditatorial.

3.3 A MERITOCRACIA COMO MOEDA NEOLIBERAL

Se é verdade que a relação entre os afetos e o corpo político está presente na filosofia, pelo menos, desde a modernidade, mais particularmente na obra de Hobbes (Safatle, 2015, p.18), é verdade também que parte da crítica social se caracteriza muitas vezes por um déficit de afetividade. Safatle (2015) explora o medo como um dos afetos principais circulantes na racionalidade neoliberal que estamos vivendo. Vive-se o desamparo e se renega a esperança

pela insistência num modelo absolutamente falido de política para cujo testemunho privilegiado podemos tomar o estado atual da política brasileira.

O ponto central é que o medo está presente na lógica que governa a política pública cujo centro se coloca na proteção da propriedade, entendida na referida obra, em função de sua caracterização lockeana. O estado obedece à lógica do medo e se transforma num calculador universal do medo. Assim, Safatle afirma que “o mais correto dizer que o Estado não se coloca como garantia da segurança, mas como gestor da insegurança social” (Safatle, 2015, p.142).

O grande erro que alimenta e sustenta a posição neoliberal é a noção de indivíduo que é tomada como a expressão de uma identidade pessoal capaz de filtrar, com pleno poder de escolha, aquilo que deve ou não ser objeto de seus atributos identitários.

A autonomia centrada na noção de indivíduo desconsidera que ela precisa de uma construção ideológica que lhe suporte ou ainda, seguindo a leitura de Adorno proposta por Safatle: a identidade é a forma originária da ideologia (SAFATLE, 2015, p.234).

O exercício do poder neoliberal tem por meio da lei a luta do neoliberalismo contra a democracia. O Estado de direito não está sendo agredido de fora, mas internamente sob o risco de se transformar em uma arma de guerra contra a população e a serviço da classe dominante. O neoliberalismo não só sobrevive como sistema de poder, como também se reforça.

Trazendo o conceito de neoliberalismo, não podemos mais compreendê-lo com um olhar simplista e reducionista a uma política econômica monetarista e de ditadura dos mercados financeiros. Trata-se mais fundamentalmente de uma racionalidade política que se tornou mundial e que consiste em impor por parte dos governos, na economia, na sociedade e no próprio Estado, a lógica do capital até a converter na forma das subjetividades e na norma das existências, conforme nos apontam Dardot e Laval,

Não há como compreender a razão neoliberal sem analisar primeiramente as mudanças ocorridas na própria concepção de Estado, entre as décadas de 1960 e 1980. O discurso contra o intervencionismo estatal ganhou o centro do debate especialmente após a década de 1970, quando se iniciam os governos neoliberais de Donald Reagan, nos Estados Unidos, e Margareth Thatcher, na Inglaterra. Apesar de haver um forte e contínuo discurso contra o Estado, na realidade, o neoliberalismo nunca vislumbrou o seu fim, mas sua transformação. (Dardot; Laval, 2016 p. 272-274).

A construção dessa nova racionalidade, ou razão-mundo, nos termos dos autores, segue basicamente os passos da construção do mercado à concorrência como norma dessa construção, da concorrência como norma da atividade dos agentes econômicos e, por fim, da concorrência como norma do Estado-empresa à concorrência como norma da conduta do sujeito-empresa.

O neoliberalismo provoca uma desdemocratização parecendo não caber numa só esfera, pelo menos não com essa configuração atual. Ele traz a ideia equivocada de liberdade, a de um sujeito livre, quando na verdade ele provoca é a sujeição.

É necessário analisar e compreender a racionalidade neoliberal para evitar equívocos ao confundir neoliberalismo com ultraliberalismo, o libertarianismo, o retorno a Adam Smith ou o fim do Estado. Foucault (2004) nos traz que “o neoliberalismo é um modo de governo muito ativo, que não tem muito a ver com o Estado mínimo passivo do liberalismo clássico”. Deste ponto de vista, a novidade não consiste no grau de intervenção do Estado, nem em seu caráter coercitivo; o novo é que a antidemocracia inata ao neoliberalismo, incorpora em um questionamento político cada vez mais aberto e radical dos princípios e das formas da democracia liberal.

Os discursos políticos são todos enraizados e fundamentados numa racionalidade neoliberal onde a meritocracia e o sujeito “empresário de si” precisa ser a voz ativa dentro do processo democrático político. Ou seja, o neoliberalismo aderiu a princípios etnoidentitários e autoritários que colocam em questionamento o funcionamento normal das democracias liberais e, em nome de uma razão suprema do capital, ataca os fundamentos da vida social, por meio da crítica social e intelectual.

Essa nova anatomia do neoliberalismo é a continuação do antigo de maneira pior. O marco normativo global que insere indivíduos e instituições dentro de uma lógica de guerra implacável, desgastando progressivamente a capacidade de resistência, desativando o coletivo. Esta natureza antidemocrática do sistema neoliberal explica em grande parte o espiral sem fim da crise do pouco e incipiente princípio democrático que temos.

3.4 *REALPOLITIK*: O FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO E O POPULISMO COMO INSTRUMENTOS DE UMA POLÍTICA DE RESULTADOS

A combinação do anti-identitarismo com o antipoliticamente correto representou grande relevância para percebermos algumas práticas da *realpolitik* no mundo, como a eleição de Trump nos Estados Unidos, nos movimentos de extrema direita na Europa com Marine Le Pen na França, assim como Jair Bolsonaro aqui no Brasil. Toda essa dinâmica produz uma significativa reação a um determinado estado de coisas, incitando o ódio, por meio de uma estratégia para aumentar a coesão grupal. A despeito disso, Le Bon cita que,

O primeiro é que o indivíduo na massa adquire, pelo simples fato do número, um sentimento de poder invencível que lhe permite ceder a instintos* que, estando só, ele manteria sob controle. E cederá com tanto mais facilidade a eles, porque, sendo a massa anônima, e, por conseguinte irresponsável, desaparece por completo o sentimento de responsabilidade que sempre retém os indivíduos. Não precisamos, em nosso ponto de vista, atribuir muito valor à emergência de novas características. Basta-nos dizer que na massa o indivíduo está sujeito a condições que lhe permitem se livrar das repressões dos seus impulsos instintivos inconscientes. As características aparentemente novas, que ele então apresenta, são justamente as manifestações desse inconsciente, no qual se acha contido, em predisposição, tudo de mau da alma humana. Não é difícil compreendermos o esvaecer da consciência ou do sentimento de responsabilidade nestas circunstâncias. Há muito afirmamos que o cerne da chamada consciência moral consiste no “medo social”. (Le Bon, 1954 p. 15).

Mas Le Bon não responde a essa questão, ele prossegue considerando a alteração que o indivíduo experimenta quando num grupo e descreve em termos que se harmonizam bem com os postulados fundamentais de nossa própria psicologia profunda.

Uma política externa guiada pelos princípios de *Realpolitik* também pode ser descrita como uma política realista e de resultados, funcionando como um guia prescritivo para a formulação de políticas mais pragmáticas (a exemplo da política externa), enquanto o realismo é um paradigma que inclui uma grande variedade de teorias. E isso é claramente visto nos discursos políticos atuais sem qualquer pretensão de indicarmos se é certo ou errado, mas com o propósito de considerar os dados do problema. A *Realpolitik* não se deixa guiar por motivações idealistas, generosas ou “humanitárias” de tal decisão ou ação, mas exclusivamente pelo retorno esperado de um determinado curso de ação, que deve corresponder à maior utilidade ou retornos possíveis para o seu proponente ou condutor da ação.

A este conceito, soma-se outro, o de populismo que tem em seu bojo um apelo apaixonado ao nacionalismo e à exaltação da pátria, características presentes nas falas de Bolsonaro e que carregam seus milhares de seguidores. Populistas vêm ganhando força mundo afora, explorando temores da população e descontentamento com a política. Sua definição coloca-se no campo da lógica da ação política, dos mecanismos de confrontação e acesso ao poder. Muitos movimentos populares reais podem compartilhar essa lógica.

Laclau retoma alguns pressupostos que a literatura tem trazido sobre o significado de populismo e que, segundo ele, traz uma visão pejorativa e vaga que não passa de retórica, mas que reflete uma realidade social com dispositivos teóricos. Ele reafirma a sua tese central de que “o populismo é o caminho para se compreender algo sobre a constituição ontológica do político enquanto tal” (LACLAU, 2013, p.115). Ele ressalta a necessidade de uma abordagem renovada do populismo, como fenômeno que deve ser mais bem compreendido pela ciência política e para resgatá-lo como objeto de estudo.

Vários recursos são utilizados pelo líder para obter apoio popular. Esses artifícios vão desde a linguagem simples e popular, propaganda pessoal massiva e simplificação de problemas complexos através de recursos retóricos como a falácia e demagogia. Desta maneira, o populismo prepara o terreno para a concretização de medidas autoritárias que desrespeitam os partidos políticos e instituições democráticas. Por isso, além do autoritarismo e assistencialismo, os governos populistas controlam os meios de comunicação para que sejam instrumento de divulgação das ações governamentais.

Aqui no Brasil, por exemplo, o governo atual utiliza do populismo para fazer frente com alguns grupos de interesse, como donos de grandes grupos midiáticos, a bancada neopentecostal, por exemplo. Essa tática não é nenhuma coincidência, pois os populistas de direita e os evangélicos mantêm semelhantes agendas de valores conservadores. Trata-se da ordem, da família, de valores tradicionais, trata-se de privilegiar casamentos heterossexuais, por exemplo, em nome de um conservadorismo moral e práticas cristãs. Além disso, em seus cultos, as igrejas evangélicas neopentecostais costumam usar estratégias de encenação semelhantes às dos populistas, buscando o contato direto com o povo e apelando, primariamente, para as emoções.

Ancorado no monoteísmo, o Fundamentalismo religioso no Brasil não é só uma fonte de conflitos, mas um tipo de proselitismo que aproxima religião e política produzindo diversos significados que segregam, que causam rupturas sociais. O Fundamentalismo religioso opera mudanças na estrutura social por impor que a religião do outro não é a mais adequada, é como se o outro não possuísse divindades e sim ídolos. Ela categoriza quando é usada como instrumento dos princípios da *Realpolitik*, mesmo que envie e trave essa política de resultados.

Weber (2004) argumentou que a religião era um dos motivos das culturais ocidentais e orientais se desenvolverem de formas diversas, e salientou algumas especificidades do protestantismo ascético que leva ao surgimento do capitalismo e da burocracia. Ele diz ainda que o desencantamento do mundo é uma característica da atualidade, no qual as ideias saem da esfera pública. É bom lembrar que o termo “desencantamento do mundo” não denota desencanto ou desapontamento e sim, a retirada da magia, o feitiço, desfazer um tabu. Assim, nas palavras do próprio Weber “o desencantamento do mundo: a eliminação da magia como meio de salvação.” (WEBER, 2004, p. 106). E esta é uma forma que o pensador alemão tem para saber em que ponto está a racionalização de uma religião, já que se entende o desencantamento do mundo como uma racionalização no campo religioso.

Weber chega a dizer que o desencantamento do mundo é uma característica de nossos tempos, no qual as ideias religiosas se retiraram da vida pública. E este é um ponto importante, sendo que Weber não diz que o intelectualismo elimina a religião, embora possa corroer a imagem que ela fornece à realidade.

Por um lado, a humanidade parte de um ponto onde o mundo é povoado de mistérios sagrados que são respeitados, mas não explicados. O ser humano contemporâneo afirma que a ciência e a razão darão conta de compreender o mundo que está a sua volta. A religião pode alcançar e acessar o que há de mais imprescindível no humano, atribuindo verdadeiro sentido à existência. Mas, para isso, é preciso que ocorra a superação de leituras reducionistas, fundamentalistas e fanáticas, a dinamizarem posturas intolerantes, desagregadoras e violentas a partir da religião.

Desde o final da década de 70, o mundo tem sido obrigado a revisitar a questão da relação entre o campo religioso e o campo político. O uso de discursos e símbolos religiosos para legitimar projetos de poder não é algo novo. A história está repleta de exemplos onde a religião é a máscara sob a qual a barbárie é justificada e o poder religioso de persuasão transforma-se em poder político, levando para a esfera do Estado os seus valores, visão de mundo e interesses econômicos, fazendo com que o Estado laico, torne-se utópico.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA- ADF

Esse trabalho tem como embasamento teórico a Análise do Discurso Francesa à luz de Foucault com o objetivo de articular os estabelecimentos das relações discursivas possíveis nos pronunciamentos enunciativos de alguns agentes sociais, vistos como Sujeitos. Pode-se afirmar que o termo Sujeito serve para designar o indivíduo preso a uma identidade que reconhece como sua, onde ele não aparece como autor ou origem do dizer, ele é um sujeito do enunciado, ou seja, é

[...] um lugar determinado e vazio, que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes [...] descrever uma formulação enquanto enunciado [consiste] em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar para ser sujeito. (FOUCAULT, 1997, p. 109).

E nesse sentido, podemos dizer que a análise de Foucault não começa pelo Sujeito, mas consiste em pensar os processos de objetivação e subjetivação que antecedem à constituição dele, não se limitando a diagnosticar o que o saber e o poder operam sobre os indivíduos, constituindo-os enquanto sujeitos de saber e de poder, mas também tentando examinar como eles se constituem e se reconhecem a si mesmos. Ou seja, o sujeito seria um composto histórico, uma determinada identidade produzida por forças em um dado período histórico.

A Análise do Discurso implica operações de interpretação e leitura que envolvem campos sócio-históricos e ideológicos. Logo, para a análise de um *corpus* nessa perspectiva, considerando a própria natureza do objeto, vamos ter de sair da materialidade linguística em questão para compreendê-la em sua exterioridade, onde o histórico e o ideológico coexistem enquanto discurso. A teorização do conceito de Análise do Discurso possibilita também analisarmos a constituição do *corpus* que é a delimitação e apreensão do fenômeno discursivo.

Para analisar os sentidos discursivos utilizados por Jair Bolsonaro com a conotação de ódio por meio de *fake news*, políticas de pós-verdade e em outros textos, utilizamo-nos da Análise de Discurso Francesa (PÊCHEUX 1995, 1990; ORLANDI, 1999; SOUZA, 2006, 2014). Tal escolha se dá exatamente pelo fato dessa disciplina estudar a relação da linguagem com as questões sociais, a partir dos embates ideológicos e de poder possibilitando um olhar

aguçado sobre as marcas textuais e o acesso às filiações ideológicas nos discursos de ódio analisados como efeito do bolsonarismo.

Vale destacar Orlandi (2006) quando diz que o analista de discurso não interpreta, mas trabalha no limite da interpretação. Isso porque ele não se coloca fora da história, do simbólico ou da ideologia. “Ele se coloca em uma posição deslocada que lhe permite contemplar o processo de produção de sentidos em suas condições, e o faz pela mediação teórica. Para isso, é preciso que ele entenda como o discurso se textualiza” (ORLANDI, 2005, p. 59).

Em relação à discursividade, ela diz que consiste nos efeitos da língua na história. É neste ponto que a análise do discurso trabalha a relação da língua com sua exterioridade. Essas considerações preparam o deslocamento do modo como foi tratada a ideologia e a questão da interpretação, ou seja, trabalha o deslocamento.

A análise de discurso francesa nos auxilia em interpretar os diferentes sentidos de um discurso, não com o conteúdo do texto, em um sentido que não é traduzido, mas sim, interpretado. Mesmo não sendo apenas uma metodologia, a AD é uma disciplina de interpretação fundamentada na interação de epistemologias distintas entre as áreas da linguística, materialismo histórico e psicanálise.

Com a análise, o analista deve verificar a descontinuidade, a dispersão, a incompletude, a falta, o equívoco, a contradição, constitutivas tanto do sujeito quanto do sentido. Feito isso, o analista não percorrerá sobre o texto mas sobre um discurso dominante em suas posições ideológicas. Orlandi (2004) enumera três etapas que ajudam no percurso do passar do texto ao discurso, no contato com o *corpus*, o material empírico, são elas: a passagem da superfície linguística para o texto (discurso), a passagem do objeto discursivo para a formação discursiva e o processo discursivo para a formação ideológica.

Por exemplo, nas inúmeras materialidades que aplicamos as análises discursivas, identificamos o autoritarismo como característica fortemente presente. Nesses casos, não são somente as intenções de seu locutor que importam, não se trata de uma questão moral. É uma questão linguístico-histórica, ideológica. E não há sujeito sem ideologia. Ou seja, quem analisa não pode se contentar nem com a inteligibilidade nem com a interpretação. Para a inteligibilidade basta “saber” a língua que se fala. Para interpretar, o fazemos de nossa posição sujeito, determinados pela ideologia, nos reconhecemos nos sentidos que interpretamos. Mas para compreender é preciso teorizar. É preciso não só se reconhecer, mas fazer o esforço de conhecer. É aceitar que a linguagem não é propriedade de um único sujeito.

Os discursos possuem um suporte histórico e institucional que autorizam ou restringem sua realização. Quando um sujeito ocupa um lugar institucional, faz uso de enunciados em determinados campos discursivos obedecendo às articulações sociais de cada época. Essa prática discursiva se define como um “conjunto de regras anônimas, históricas, sempre no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa”. (FOUCAULT, 2011, p.133).

Na leitura arqueológica Foucault (2011) sugere algumas estruturas intrínsecas ao discurso, tais como *episteme*, enunciado e arquivo. Para ele, a *episteme* é

[...] algo como uma visão do mundo, uma fatia de história comum a todos os conhecimentos e que imporia a cada um as mesmas normas e os mesmos postulados [...] uma certa estrutura de pensamento a que não saberiam escapar os homens de uma época”. (FOUCAULT, 2011, p.89).

A *episteme* pode ser entendida como um conjunto de relações que podem unir, em um determinado período, práticas discursivas consideradas aceitáveis. Cada período histórico tem uma *episteme*, um sistema de discursos a partir do qual cada cultura em determinada época pensa. O sujeito que vive imerso em determinada estrutura não reconhece que seus pensamentos são direcionados por ela.

Outro conceito importante é o de enunciado. Para Foucault (2011), enunciado é a unidade elementar do discurso sendo uma função de existência, que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis, e as faz aparecer com conteúdos concretos, no espaço e no tempo. Não podemos ligar o enunciado a uma frase já que a ligação entre enunciado e aquilo que ele enuncia (o referencial) é variável, segundo as realidades materiais no espaço e no tempo. Além disso, existe uma diferença entre enunciado e enunciação, só existindo enunciado quando o mesmo possui possibilidade de repetibilidade, diferente de uma frase proferida (uma enunciação), que não poderá ser repetida. Desta forma, o enunciado depende de uma materialidade, que é sempre de ordem institucional, no sentido de uma estrutura de poder.

O arquivo, por sua vez, pode ser compreendido como “o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares”, e o que faz com que todas “as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem ruptura e não desapareçam ao simples

acaso de acidentes externos, mas que se agrupem em figuras distintas” (FOUCAULT, 2011, p.147).

Foucault (2006) introduz o conceito de Formação Discursiva (FD) como “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e espaço que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa”. Ele relaciona as questões ideológicas e psicanalíticas à linguagem.

Esse conceito desfaz a FD como uma estrutura fechada, pois uma FD é o que “pode/deve ser dito a partir de um determinado lugar definido socialmente” (SOUZA, 2006, p.89) ou, segundo Foucault (2006, p.142): “conjunto de performances verbais, no nível dos enunciados e da forma de positividade que as caracteriza”. Para Foucault, a análise de uma FD consistirá na descrição dos enunciados que a compõem. Já o discurso seria concebido como um grupo de enunciados pertencentes a uma mesma formação discursiva.

Nessa fase ainda, Pêcheux (1990) introduz as noções de interdiscurso, intradiscurso e esquecimentos. O interdiscurso é a memória discursiva marcada pelas relações de dominação, subordinação e contradição, é a produção do que já foi dito. Pode-se dizer que memória e esquecimento estão imbricados no interdiscurso, pois são determinantes na sua constituição. O “sujeito-falante esquece que ele está dentro de uma formação discursiva que o domina. Ele esquece de sua sujeição inconsciente aos sentidos que produz no seu dizer” (SOUZA, 2006, p.91)

A AD é um sistema da língua que determina o sujeito dos discursos e não os sujeitos que determinam os seus próprios discursos. As palavras do dia a dia interpelam os indivíduos carregados de sentidos que eles não sabem como se constituíram. Esse sujeito aqui é um indivíduo assujeitado. O sistema não determina o discurso que ele enuncia, mas limita por meio da ideologia de sua época algumas escolhas. Ele é assujeitado por conta de não ser obrigado a adotar um discurso, mas por escolher entre as possibilidades o que suas formações ideológicas permitem.

O sujeito da AD não é apenas afetado pela ideologia e pela linguagem, mas também pelo inconsciente. Por isso, a Análise de Discurso busca os não-ditos ou os ditos dentro de um texto. É por meio dessas falhas que se atingem essas estruturas, não vistas mais como completas e fechadas, mas sim como abertas e inconclusas, sempre em circulação entre si.

A análise do discurso visa compreender como um objeto simbólico produz sentidos. A transformação da superfície em um objeto discursivo é o primeiro passo para essa compreensão. Inicia-se o trabalho de análise pela configuração do corpus, delineando-se seus limites, fazendo recortes, na medida em que se vai incidindo um primeiro trabalho de análise, retomando-se conceitos e noções, pois a análise do discurso tem um procedimento que demanda um ir-e-vir constante entre teoria, consulta ao corpus e análise. (ORLANDI, 1999, p.66).

De fato, o sentido de um texto não existe em si, sendo, pois, definido pelas posições ideológicas dispostas no processo sócio-histórico no qual as palavras são produzidas. Seguindo o mesmo raciocínio teórico, em todo texto devemos considerar aquilo que é dito naquele momento, o que já foi dito e esquecido e também aquilo que não foi dito, mas faz sentido.

Nessa perspectiva, Orlandi (2005) enfoca os três momentos que contemplam os processos de produção do discurso. A autora ressalta que estes momentos são igualmente relevantes: Constituição, a partir da memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo; Formulação, que ocorre em condições de produção e circunstâncias específicas; Circulação que ocorre em certa conjuntura e segundo certas condições.

A constituição corresponde ao interdiscurso, ao que já foi dito e esquecido e que determina a formulação, visto que só é possível formular se projetarmos na perspectiva dizível. Assim, “todo dizer se encontra na confluência de dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação), e é desse jogo que tiram seus sentidos” (ORLANDI, 1999, p.33).

Já a formulação, corresponde à vida da linguagem, pois conforme Orlandi (2005, p.9), “formular é dar corpo aos sentidos”, na medida em que o homem, um ser simbólico, constitui-se em sujeito pela e na linguagem inscrito na história para significar, possui seu corpo vinculado ao corpo dos sentidos. Nesse contexto, há um investimento do corpo do sujeito atado ao corpo das palavras, indicando que a formulação compreende:

O momento em que o sujeito diz o que diz. Em que se assume autor. Representa-se na origem do que diz com sua responsabilidade, suas necessidades. Seus sentimentos, seus desígnios, suas expectativas, sua determinação. Pois, não esqueçamos, o sujeito é determinado pela exterioridade, mas, na forma-sujeito histórica que é a do capitalismo, ele se constitui por esta ambiguidade de, ao mesmo tempo, determinar o que diz. A formulação é o lugar em que esta contradição se realiza. Ela é o acontecimento discursivo pelo qual o sujeito articula manifestamente seu dizer. Dá o contorno material ao dizer instaurando o texto. (ORLANDI, 2005, p.10)

Em outras palavras, a autora afirma que o interdiscurso (dimensão vertical, constituição) delimita o intradiscurso (dimensão horizontal, formulação) e todo dizer se constitui ao ser atravessado pelo interdiscurso (memória).

A circulação, ou trajetos dos dizeres, corresponde aos meios pelos quais os sentidos se formulam e como circulam. Não há privilégio entre as instâncias da constituição, formulação e circulação, portanto, a ordem de apresentação dessas instâncias só se faz por necessidade teórica ou por questões metodológicas (ORLANDI, 2005, p. 12).

4.1 A ANÁLISE DO DISCURSO COMO METODOLOGIA

A análise do discurso nos ajuda a definir o campo de atuação, procurando analisar inicialmente um *corpus* marcado, sobretudo, pelos discursos de ódio nos enunciados de Jair Bolsonaro desde a fase em que era deputado federal aos dias atuais, enquanto Presidente da República. Em consonância com o método e os procedimentos, a análise do discurso visa mostrar como um discurso se constitui e circula produzindo efeitos de sentidos.

Em face dos objetivos e do objeto de estudo dessa pesquisa, convém enquadrá-la como sendo uma pesquisa documental pelo fato de explorarmos conteúdos, no caso, informações veiculadas com falas de Jair Bolsonaro, principalmente em suas redes sociais que ainda não passaram por um tratamento analítico específico, ou seja, são ainda matéria-prima (SEVERINO, 2007), a partir da qual desenvolveremos nossas análises.

O modo que os discursos eletrônicos circulam nos faz pensar que, pela sua especificidade, produz consequências sobre a função do enunciadador e o efeito produzido no leitor. Estas consequências estão ligadas à natureza da memória a que estes sentidos se filiam.

A circulação de discursos no digital não se produz pela historicidade, mas por um construto técnico. Sua particularidade é ser horizontal e não vertical, como a define Courtine (1981), não havendo assim estratificação em seu processo, mas distribuição em série, na forma de adição e acúmulo, ou seja, quantidade e não historicidade. As diferentes formas de memória acarretam diferenças no circuito constituição, formulação e circulação e também afetam a função do autor e o efeito produzido no leitor. Isto porque, qualquer forma de memória tem uma relação necessária com a interpretação e, conseqüentemente, com a ideologia.

Para circunscrever o conceito-análise do *corpus* dessa pesquisa, utilizamos análises de determinados períodos que apresentam diversos tipos de textos/unidades de sentido situadas temporalmente entre 2013-2019 como conteúdo de sites jornalísticos, publicações, vídeos e postagens em mídias sociais.

Essas materialidades linguísticas são, sobretudo, oriundas das redes sociais de Jair Bolsonaro via publicações e comentários dos seus seguidores reproduzidos e multiplicados pelos meios de comunicações, muitas vezes como um redizer do que fora circulado em algum

outro momento histórico. O texto é “só uma peça de linguagem de um processo discursivo bem mais abrangente e é assim que deve ser considerado. Ele é um exemplar do discurso” (ORLANDI, 2001, p.72).

A metodologia adotada passa pela superfície linguística, ou seja, o texto ou material coletado, para chegar ao objeto discursivo. Para isso, é preciso saber como se diz; quem diz e em quais circunstâncias no qual o sujeito se marca no que diz, para compreendermos como ocorre a textualização do discurso. Neste processo, são analisadas as presenças de paráfrases, metáforas, sinonímia, determinantes para a historicidade na língua.

Segundo Orlandi (2001), em um texto não se encontra apenas uma formação discursiva. Podem existir várias, que se organizam em função da dominante. A autora completa dizendo que o discurso não se fecha. Ou seja, um mesmo sujeito pode ter discursos diferentes. Dessa forma,

(...) devemos procurar remeter os textos ao discurso e esclarecer as relações deste com as formações discursivas pensando, por sua vez, as relações destas com a ideologia. Este é o percurso que constitui as diferentes etapas da análise, passando da superfície linguística ao processo discursivo. Correspondentemente, passamos pela análise dos esquecimentos e chegamos mais perto do real dos sentidos na observação das posições dos sujeitos. (ORLANDI, 2001, p. 71).

É importante considerarmos que existe um dispositivo teórico da interpretação ancorado pela Análise do Discurso Francesa e o dispositivo analítico do analista, definido pelo próprio pesquisador-analista, além de outras teorias mobilizadas por ele. Orlandi (2001, p. 27) esclarece essa distinção: “o dispositivo teórico é o mesmo, mas os dispositivos analíticos, não. O que define a forma do dispositivo analítico é a questão posta pelo analista, a natureza do material que analisa e a finalidade da pesquisa”.

O dispositivo analítico construído para esta pesquisa foi elaborado com base nas questões-chaves que norteiam este trabalho. Baseada nas teorias utilizadas, destaca-se alguns conceitos centrais que se fazem necessários para a pesquisa: Discurso Político de ódio, Populismo, Democracia, Autoritarismo, Demagogia, *Realpolitik*, Neoliberalismo e Pós-verdade.

Quando chegamos na etapa da Análise do processo discursivo, relacionamos as formações discursivas com as ideológicas identificando as redes de filiações de sentidos e suas relações circunscritas pela ideologia. Para isso, utilizamos os conceitos descritos em Souza (2014). Ele cita que a leitura analítica deve ser feita utilizando-se perguntas heurísticas, que auxiliam o analista a identificar os sentidos: “a análise em si envolve a circunscrição do conceito

análise e a escolha, interpretação e análise do corpus por meio de perguntas heurísticas” (SOUZA, 2014, p.21). Assim, questionou-se quais são os conceito-análises presentes nos textos analisados que evidenciam palavras de ódio? Como os conceito-análises ou as falas de Bolsonaro constroem o sentido de pós-verdade? A que discurso pertence o conceito-análise construído da forma que os enunciados se constroem?

Quando nos propomos a fazer uma análise, investigamos como um texto constrói determinado sentido sobre determinado tema. Souza (2014) destaca que o conceito-análise pode surgir de duas formas: pela definição do interesse do analista ou pelo surgimento do mesmo durante o próprio processo de análise.

Admitimos que o corpus analisado representa apenas uma parte de um sistema muito mais complexo politicamente com implicações oriundas das transformações políticas e sociais no mundo e da forma como o nosso país se constituiu e se formou. Contudo, definimos algumas unidades de análise que consigam representar as condições de produção do discurso. Buscamos, assim, os efeitos de sentidos que são produzidos, as condições determinadas e o modo como se diz.

Souza (2014) nos traz a forma como o analista pode escrever seu relato de pesquisa. Ele orienta que a escrita seja numa forma linear, pois “a organização da textualização acadêmica, um texto sequencial bem definido em suas partes, é mais bem acolhido dentro do gênero acadêmico” (SOUZA, 2014, p.40). O autor recomenda que seja feita uma caracterização da análise, explicitação do dispositivo teórico e dispositivo analítico, relato de análise (descrição e interpretação), considerações e o contexto no qual a análise discursiva foi elaborada.

Essa ambientação facilitará ao leitor compreender o ponto de vista do analista, bem como as questões que balizaram a análise. Nessa pesquisa, esse contexto da análise é feito por meio dos capítulos antecedentes, que objetivam construir uma percepção sobre as discursividades que se circunscrevem nas materialidades analisadas.

CAPÍTULO 5

ANÁLISE DO CORPUS

Alguns questionamentos embasam o item desse capítulo, como se estruturam os discursos de ódio, *fake news* e pós-verdade enunciados por Jair Bolsonaro entre os anos de 2013 e 2019 constituindo e formulando regimes de verdade ou formas de veridicção. Para isso, descrevemos a produção de sentidos que fizeram funcionar como verdadeiros na mídia, sobretudo nas redes sociais de Jair Bolsonaro, para apresentar de que forma as relações de poder e o discurso de ódio se exercem sobre estatutos e procedimentos que são utilizados para a obtenção da verdade nas relações entre sujeito, discurso e sociedade; e relacionar os discursos sobre democracia, autoritarismo, demagogia e populismo, enquanto discursividades, considerando a construção do sujeito e das materialidades linguísticas coletadas.

Não temos como objetivo julgar o que é correto ou errado moralmente ou eticamente, e nem entrar no âmbito da moralização dos argumentos, uma vez que nosso papel é o de interpretar e identificar marcas textuais presentes nas três fases da análise. A intenção, neste capítulo, é apresentar os processos de significação e os sentidos discursivos nos enunciados que se apresentam com uma interdiscursividade potente sobre determinados conceito-análises.

Efetivamente, o enfoque desta seção está na apresentação dos resultados da análise discursiva realizada, destacando os sentidos circunscritos, descrevendo suas peculiaridades e descamando algumas implicações na cultura e sociedade de contextos políticos que estão para além da polarização política acirrada que se transformou o país.

Para isso, parametrizamos o período de análise que envolve os discursos de Bolsonaro enquanto Deputado Federal a Presidente da República referente ao período de 2013 a 2019 e que nos possibilitou analisar e estabelecer os devidos parâmetros comparativos das regularidades históricas, considerando a época em que foram veiculadas e consumidas.

5.1 FASE JAIR BOLSONARO DEPUTADO FEDERAL

Desde quando ainda era Deputado Federal, Jair Bolsonaro enunciou diversas frases polêmicas referentes a situações e grupos vistos por ele como “à margem da sociedade” ou “associados a ideologias implantadas por ideias comunistas, socialistas e esquerdistas. A

exemplo, identificamos diversas falas de ódio sobre LGBT's; negros; professores universitários, especialmente na área das humanidades; cientistas; representantes de classe; mulheres; indígenas; quilombolas; e os que defendem pautas identitárias, sobretudo com a marca do ultraconservadorismo brasileiro aliado ao fundamentalismo religioso.

Dessa forma, a reconstrução idealizada de um passado, a construção de um discurso que explique a decadência atual e a tradicional polarização entre amigo e inimigo, o que possibilita a manutenção de uma base de seguidores fieis, e produz diversos significados que formulam e sustentam os discursos bolsonaristas.

Não existe homofobia no Brasil. A maioria dos que morrem, 90% dos homossexuais que morrem, morre em locais de consumo de drogas, em local de prostituição, ou executado pelo próprio parceiro. (Trecho entrevista de Bolsonaro in *Out there*, 2013).

A declaração acima foi dada em uma entrevista concedida por Jair Bolsonaro para o documentário *Out There*³⁰, exibido pela emissora britânica *BBC*. Bolsonaro afirmou ao entrevistador Stephen Fry que “a sociedade brasileira não gosta de homossexual”. “Nós não perseguimos, [...] não gostar não é a mesma coisa que odiar. Você, por exemplo, não gosta dos talibãs”. Fry descreveu o encontro com Bolsonaro como “um dos mais estranhos e sinistros” de sua vida.

O efeito de frases como essas autoriza e potencializa ainda mais a disseminação do preconceito e discussões sobre os direitos e reconhecimento social da pauta sobre a diversidade sexual, supostamente em defesa da família e dos fundamentos da fé, dos bons costumes e da moral. Trata-se ainda do casamento desastroso entre neoliberalismo e conservadorismo moral, que vem desde o período considerado democrático no país, de 1988 a 2016, entre a promulgação da Constituição Federal e o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, período onde setores conservadores se mantiveram no poder, barrando a ascensão de uma democracia igualitária, marginalizando questões sociais e legitimando, assim, uma visão minimalista de democracia.

Seria incapaz de amar um filho homossexual. Não vou dar uma de hipócrita aqui. Prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter morrido mesmo. [...]E se um casal homossexual vier morar do meu lado, isso vai desvalorizar a minha casa! Se eles andarem de mão dada e derem beijinho, desvaloriza. (Bolsonaro, entrevista concedida à revista *Playboy*, 2011)³¹.

³⁰ O documentário *Out There* foi produzido pelo ator e comediante Stephen Fry e aborda o avanço da homofobia no mundo.

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=442&v=9TiqyO5JQZs&feature=emb_title

³¹ Entrevista completa disponível em <http://playboy.abril.com.br/entretenimento/entrevista/jair-bolsonaro/>

As formas de subjetivação são intermináveis e modificáveis, transformáveis e em permanente desconstrução, seja pelo que veio antes relacionado ao que vem depois, seja em relação aos diferentes modos de olhar que vão sendo constituídos sobre o mesmo objeto observado. Por isso, os sujeitos podem vir a ser outros, estando em processo contínuo de vir. Não se trata de nomear nem de multiplicar e defender a pluralidade de gêneros, mas de, a partir de um ato teórico-político que toma o poder heterogêneo para problematizar subjetivações fixas relacionadas ao feminino e ao masculino, reconhecendo que a complexidade da diferença é mais potente que a suposta binarização em que os termos foram assentados historicamente.

O lugar, a posição que o sujeito enunciador, no caso, o deputado Jair Bolsonaro ocupa, estão relacionados ao funcionamento discursivo. Trata-se de um lugar e não de assinalar a origem do enunciado em um indivíduo porque seria negligenciar condições sociais, históricas culturais de produção de enunciados e que estão no entorno de tal sujeito. Logo, sob este escopo investigativo, as diversas modalidades de enunciação não reiteram uma origem do dizer ou um sujeito unitário, mas revelam a dispersão do sujeito. Por isso, Foucault vai mencionar a existência de um campo de regularidade para diversas posições de subjetividade.

Figura 14: Capa da matéria concedida pelo deputado Jair Bolsonaro à Revista *Playboy*



Fonte: <http://playboy.abril.com.br/entretenimento/entrevista/jair-bolsonaro/>. Acesso agosto 2019.

Historicamente, existe uma luta muito significativa contra a criminalização, a patologização de condutas, ao combate à discriminação e a violações de direitos fundamentais, que se estende desde o final do século XIX. A própria criação da categoria “homossexual” e sua identificação como uma “condição” respondia a necessidades dos movimentos que, na Europa do final do século XIX, procuravam enfrentar leis que consideravam crime as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Ao longo da segunda metade do século XX, contudo, dois processos se desenvolvem paralelamente. O primeiro diz respeito à separação entre a orientação do desejo sexual e identidade de gênero. O segundo tem relação com o processo de retirada da homossexualidade e, recentemente, da transexualidade dos manuais e classificações internacionais de diagnósticos e de doenças.

O “17 de maio”, Dia Internacional contra a Homofobia relembra a data em que, no ano de 1990, a Assembleia Geral da Organização Mundial de Saúde (OMS) aprovou e oficializou a retirada do código 302.0 – “homossexualismo” – da CID (Classificação Internacional de Doenças), e declarou oficialmente que “a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio”. A Associação Americana de Psiquiatria já havia retirado a palavra da lista de transtornos mentais ou emocionais em 1973.

Uma primeira dificuldade ao se fazer uma análise da história dos direitos de LGBT decorre do modo como se produz conhecimento sobre esses sujeitos. Diferentemente de outros recortes populacionais, há poucas estatísticas de maior abrangência disponíveis e avaliação de indicadores divulgados. Isso se deve à dispersão dessa população, ao caráter sensível da informação sobre a orientação sexual ou identidade de gênero dos sujeitos, mas também ao precário reconhecimento dos mesmos como sujeitos de direitos e ao desprestígio que até pouco tempo era mais significativo.

Nos enunciados sobre a temática LGBT destacadas nessa pesquisa, percebe-se a circulação, ou trajetos dos dizeres, correspondente aos meios pelos quais os sentidos sobre as pautas das questões de gênero circulam. A discriminação contra as pessoas LGBT alimenta a espiral de violência a que elas estão sujeitas diariamente e cria um ambiente favorável à exclusão de oportunidades em todas as facetas da vida, incluindo educação e participação política e cívica, contribuindo para a instabilidade econômica e social. O tema está frequentemente associado pelos conservadores morais e religiosos a algo patológico ou até mesmo a questões de pedofilia. Essa produção de sentido pode ser percebida nas formas de

reprodução do discurso, especificamente nas falas do então deputado federal Jair Bolsonaro durante entrevista ao Jornal O Estado de São Paulo³². Observe os trechos a seguir:

O próximo passo será a adoção de crianças por casais homossexuais, é a legalização da pedofilia. O Supremo extrapolou. Quem tem de decidir isso é o Legislativo, com a sanção do Executivo. Agiu por pressão da comunidade homossexual e do governo. Unidade familiar é homem e mulher.

Eu não quero que o meu filho menor vá brincar com o filho adotivo de dois homossexuais. Não deixo. Não quero que ele aprenda com o filho do vizinho que a mamãe usa barba, que isso é normal. Não vou deixá-lo nessas companhias porque o futuro do meu filho também será homossexual. Vão dizer que estou discriminando e estou, sim.

Se ser homofóbico é defender as crianças nas escolas, defender a família e a palavra de Deus, pode continuar me chamando de homofóbico com muito prazer, pode me dar o diploma de homofóbico.

(Bolsonaro, entrevista concedida ao Jornal o Estado de São Paulo, 2011).

Se tornou um eixo central e efeito do bolsonarismo o ódio contra as questões de gênero, principalmente, por causa da capilarização dos meios de comunicação digital, definidos por Jair Bolsonaro e seus seguidores como o principal meio de comunicação entre ele e a sociedade. Frequentemente, temos como materialidades linguísticas as falas de Bolsonaro defendendo a família brasileira contra a ameaça das causas LGBT's, porque “é justamente isso que representa, uma ameaça aos bons costumes da família cristã”. Os discursos de ódio de Bolsonaro contra os homossexuais não é um produto isolado. É causa e efeito em si mesmo esse tipo de discurso que encontra eco ao longo da história e é presente em diversas instituições, organizações e indivíduos. A problemática se acentua quando o indivíduo encontra respaldo nas falas de alguém que, por ser figura pública e política representando um país, reforça e autoriza que discursos assim perpetuem em outras esferas resultando num ciclo perverso e interdiscursivo.

Esta pesquisa parte da influência das teorias foucaultianas que consistem em “[...] tentar saber de que maneira e até onde seria possível pensar diferentemente em vez de legitimar o que já se sabe”. (FOUCAULT, 1985, p. 13). Desse modo, há a emergência em refletir com Foucault acerca das sexualidades, já que

[...] é preciso não apenas se perguntar quais foram as formas sucessivas impostas pela regulamentação ao comportamento sexual, mas como esse comportamento sexual tornou-se, em dado momento, o objeto de uma intervenção não somente prática, mas também teórica. Como explicar que o homem moderno busca sua verdade em seu desejo sexual? (FOUCAULT, 1985, p.332).

³² Entrevista completa disponível em <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/05/bolsonaro-proximo-passo-sera-legalizacao-da-pedofilia.html>

Descamar os discursos alçados historicamente no lugar do verdadeiro serviu de inspiração foucaultiana para problematizar a existência de um sujeito fundante ou universal. Desse modo, essa abordagem não parte de uma teoria geral do saber, mas de uma investigação acerca dos problemas. Um exemplo é o discurso sobre a influência patriarcal enraizada em todos os setores da vida privada e pública. O combate às práticas discriminatórias contra a mulher torna-se um desafio diário para as feministas, visto que tais concepções decorrem de padrões culturais estabelecidos por séculos no ambiente social. Historicamente, o Feminismo tem se esforçado para defender os direitos femininos, buscando estabelecer a igualdade entre homens e mulheres.

A discriminação é a antítese da igualdade. Em outras palavras, a negação do princípio de que todos são iguais perante a lei. Não se pode falar em democracia, justiça ou estado de direito sem que o princípio da igualdade seja lembrado e observado. Um Estado nunca será democrático, justo ou de direito se os cidadãos forem tratados desigualmente. Os privilégios de castas, grupos e classes e a discriminação por sexo, raça, cor, origem, crença religiosa, idade, etc., além de macular os ideais mais elevados de qualquer sociedade, não raro põe em risco a própria sobrevivência do Estado, pelo conflito que gera e faz perpetuar como uma marca linguística em diversos discursos.

Ainda como Deputado Federal, Jair Bolsonaro já enunciava frases que causaram indignação e questionamentos por parte das mulheres que caracterizavam como misoginia. A exemplo, temos a frase dirigida à deputada Maria do Rosário (PT-RS), durante uma discussão nos corredores da Câmara em 2003, diante de vários jornalistas, e depois repetida em 2014, dessa vez na tribuna da Casa, que foi motivo para que o então deputado recebesse inúmeras críticas sobre seu ponto de vista sobre o papel da mulher na sociedade, assim como diversos apoios sobre a forma como reagiu durante o desentendimento com a deputada.

“Eu jamais ia estuprar você, porque você não merece.” (Bolsonaro, 2003; 2014). Bolsonaro usou o verbo “merecer” deixando implícito que algumas mulheres poderiam merecer tal violência dependendo do tipo de sua beleza. O tema sobre a violência sexual contra a mulher com destaque para a culpabilização da vítima deve ser priorizado, principalmente porque muitas vezes, essa culpabilização é construída pela desqualificação da fala da própria mulher que atribui a sua vestimenta, vida sexual, aparência e/ou comportamentos sociais como a causa do crime. A desigualdade de gênero tem papel preponderante nisso.

Em esclarecimento ao jornal Zero Hora na época, Bolsonaro disse que a colega “não merecia (ser estuprada) porque ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria”.³³ Ele se tornou réu no Supremo Tribunal Federal (STF) por apologia ao crime de estupro e injúria, após ter agredido a deputada Maria do Rosário. Ainda durante essa entrevista, Bolsonaro também falou sobre os direitos das mulheres.

Ela não merece porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria. Eu não sou estuprador, mas, se fosse, não iria estuprar, porque não merece.

Eu sou liberal. Defendo a propriedade privada. Se você tem um comércio que emprega 30 pessoas, eu não posso obrigá-lo a empregar 15 mulheres. A mulher luta muito por direitos iguais, legal, tudo bem. Mas eu tenho pena do empresário no Brasil, porque é uma desgraça você ser patrão no nosso país, com tantos direitos trabalhistas. Entre um homem e uma mulher jovem, o que o empresário pensa? "Poxa, essa mulher 'tá' com aliança no dedo, daqui a pouco engravida, seis meses de licença-maternidade..." Bonito pra c.... pra c....! Quem que vai pagar a conta? O empregador. No final, ele abate no INSS, mas quebrou o ritmo de trabalho. Quando ela voltar, vai ter mais um mês de férias, ou seja, ela trabalhou cinco meses em um ano.

Por isso que o cara paga menos para a mulher, qual a solução.... É muito fácil eu, que sou empregado, ou que estou aqui no serviço público, que não tenho nada a ver com um empregado meu mandado embora, falar que é injusto, que tem que pagar salário igual. Só que aquele cara que está produzindo ali, na ponta da linha, com todos os encargos trabalhistas, aquela pessoa que fica fora, que perde o ritmo de trabalho etc. etc., ele vai ter uma perda de produtividade. O produto dele vai ser posto mais caro na rua, ele vai ser quebrado pelo cara da esquina. Eu sou um liberal, se eu quero empregar na minha empresa você ganhando R\$ 2 mil por mês e a Dona Maria ganhando R\$ 1,5 mil, se a Dona Maria não quiser ganhar isso, que procure outro emprego! Se você acha que também não 'tá' ganhando, que procure outro emprego. Eu que estou pagando, o patrão sou eu.

(Bolsonaro, entrevista concedida ao Jornal Zero Hora, 2014).

Abordar crimes por motivação de gênero, orientação sexual e racismo como “normais”, iguais e qualquer outro discurso que incite o ódio, é inviabilizar as dimensões mais nefastas desse tipo de crime. É característica de governos fascistas operar dessa forma, normalizando o ódio, preconceito e discriminações. A máscara de que o Brasil sempre foi um país pacífico e sem conflitos aparentes já não se mantém em pé. O que encontramos hoje são intensas disputas que perpassam as formas com que os discursos são produzidos e circulados.

Ao afirmar que as desigualdades salariais com base no gênero são anteriores a ele e quem decide isso é o dono da empresa, juntamente com a frase “sempre foi assim”, identifica-

³³ Matéria disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2014/12/bolsonaro-diz-que-nao-teme-processos-e-faz-nova-ofensa-nao-merece-ser-estuprada-porque-e-muito-feia-cjkf8rj3x00cc01pi3kz6nu2e.html>

se um discurso onde o Estado ou qualquer representante do Executivo não deve interferir no campo da reprodução das desigualdades e que só devem ser decididas pelo setor privado já que envolve regras de mercado e salários. Assim, Bolsonaro expressa que o livre mercado deve imperar e que a remuneração dependerá somente da produtividade do trabalhador e que isso independe do gênero.

Jair Bolsonaro segue afirmando que suas respostas à parlamentar e a algumas entrevistadoras são reações normais e impulsivas, que são “ironias provocadas pela agressão do outro, fazem parte do ser humano, o sangue ferve e não se contém”. Aproximar novamente ao campo do “normal”, do comportamento humano essencialmente instintivo é justificar, num pretenso senso comum, que esses crimes podem existir.

Em 2017, durante uma palestra no Rio de Janeiro, Jair Bolsonaro faz uma colocação preconceituosa que gerou várias críticas, desta vez, referindo-se ao fato de ter tido quatro filhos homens e uma mulher. Ele afirmou: “Eu tenho 5 filhos. Foram 4 homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher”.

Figura 15: Imagem do vídeo da palestra realizada no Rio de Janeiro



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Qm7jZeoTMds>

Esse é um dos efeitos dessa prática populista para ganhar atenção e futuros seguidores. É perverso porque trata de um discurso que se perfaz de piada e humor sarcástico abafando a violência ali contida. É o tipo de memeficação do discurso de ódio que pode não se apresentar de forma dura e ou física, mas psicológica e “aparentemente suave”.

Assim, percebemos ainda marcas linguísticas fortemente presentes em discursos que se organizam de forma discursiva estruturalmente machista e ideologicamente patriarcal. Marca que não pode mais parecer indelével na constituição da sociedade. A violência contra as mulheres faz parte de um sistema sócio-histórico que as condicionou a uma posição hierarquicamente inferior produzindo um campo de força de relações assimétricas entre homens e mulheres em nossa sociedade.

Destacamos algumas convergências entre Foucault e o feminismo, em especial no que se refere às questões da ética, da liberdade, do poder, da crítica à razão ocidental e à teoria universalizante do sujeito. Uma das contribuições mais notáveis de Foucault para a crítica social contemporânea é a questão do poder/saber. Para Foucault (1986), o poder e o saber estão entrelaçados. O poder não é apenas coercitivo ou repressor, mas produtivo, heterogêneo, e atua através de “práticas e técnicas que foram inventadas, aperfeiçoadas e se desenvolvem sem cessar. Existe uma verdadeira tecnologia do poder, ou melhor, de poderes, que têm sua própria história” (Foucault, 1986, p. 241). Em cada sociedade, há um regime de verdade com seus mecanismos particulares de produção. Foucault (2011) diz-nos que a Verdade nunca está fora do sistema de poder. Rejeitando a hipótese repressiva do poder, em que o poder só operaria a partir do sistema coercitivo das leis ou do Estado, ele descreve a complexa rede de tecnologias e de sistemas disciplinares pelas quais o poder opera, particularmente através das disciplinas normalizantes na modernidade. A noção de poder inclui a possibilidade de resistência, que é fundamental na contraposição a todas as formas de opressão e violência. No entanto, a análise das relações de poder remete em dominação/resistência na condição de sujeitos livres, enfatiza Foucault (2011), noção especialmente problemática no que tange à condição feminina. As feministas e Foucault (2006) igualmente compreendem que há relações em que o poder está saturado, não havendo fluidez, o que caracteriza os estados de dominação. A dominação se dá, então, de forma desigual e vertical.

As relações de poder e as produções da Verdade e do Sujeito estão absolutamente entrelaçadas com as questões de gênero. Historicamente, as relações de poder se associam à dominação masculina, daí a relevância da crítica feminista à negligência de Foucault ao gênero na análise genealógica. As práticas disciplinares de feminilidade da sociedade Ocidental contemporânea atuam sobre os e nos corpos das mulheres, de forma a torná-los dóceis e a discipliná-los de forma distinta da domesticação dos corpos dos homens.

Nas últimas décadas, o interesse acadêmico pelo estudo das muitas minorias sociais tem crescido. Isso ocorre porque esses grupos lutam há tempos para conquistar uma voz, muitas

vezes silenciada e censurada. Assim, além de LGBT's e mulheres, os negros, indígenas e quilombolas também são vistos e tratados como “marginalizados” dentro das políticas públicas, possivelmente, por estarem inseridos dentro de um imaginário equivocadamente criado pelo preconceito social, como o sustentado pela mídia sobre a Amazônia e seus povos e estruturado em interdiscursos históricos, literários, científicos, midiáticos e, sobretudo, aos valores efetivos, sentimentos e emoções sobre ela. A ideia de Amazônia é polissêmica e uma composição de interdiscursos.

Nada diferente do que vivemos desde a colonização se não fossem os novos processos comunicacionais e suas implicações nas tecnologias na mídia, principalmente com as redes sociais, sendo estas as principais e mais usuais formas que Jair Bolsonaro utiliza para comunicar seus discursos. Além disso, temos que pensar numa questão mais global, que tem relação com o avanço do conservadorismo no mundo e, por outro lado, a questão mais local, que é pensar na escravidão e no patriarcado como pressupostos de formação do Brasil.

Uma discussão conflituosa foi sobre a abertura da Renca (Reserva Nacional do Cobre e Associados) para exploração pela iniciativa privada, onde uma das principais defesas do então deputado para a recuperação da economia é justamente a exploração de minérios. A ocasião ocorreu durante uma palestra em abril de 2017 no Rio de Janeiro, onde ele defendia um novo mapeamento geológico do país e investimentos no setor. Uma das colocações foi a seguinte: "Eu tenho falado que um povo que tem uma terra como essa aí (mostra um mapa de minérios pendurado na sala) não pode ser pobre³⁴". (Bolsonaro, 2017).

No final do mesmo ano, Jair Bolsonaro foi condenado³⁵ pelo discurso de ódio contra uma comunidade quilombola que conheceu, quando afirmou que “o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas”, e ainda, citando a visita, completou: “Não fazem nada, eu acho que nem ‘pra’ procriador servem mais”. Considerando que sete arrobas é medida de carne, através da qual ele retoma a objetificação das pessoas e o domínio do corpo escravo, percebe-se que seus argumentos estão escorados na desumanização do outro.

Bolsonaro prometeu ainda, caso fosse eleito presidente da República em 2018, acabar com todas as demarcações de terra para essas comunidades: “Pode ter certeza de que, se eu chegar lá, não vai ter dinheiro pra ONG [...] Não vai ter um centímetro demarcado para reserva

³⁴ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Qm7jZeoTMds>

³⁵ Matéria completa disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2017/10/justica-condenada-bolsonaro-por-discurso-de-odio-contra-quilombolas.html> Acesso em 03 de março de 2019.

indígena ou para quilombola. Onde tem uma terra indígena, tem uma riqueza embaixo dela. Temos que mudar isso daí”.

Consideramos a interdição dos discursos que comprovem a intenção de enaltecer o autoritarismo nas relações políticas com o tema Amazônia, a segregação racial e social sobre os povos amazônicos no qual os poderes se articulam a discursos e jogos de poder para produzir efeitos de verdade, fragilizando ainda mais nossa democracia e criando um cenário fantasioso e equivocado dos fatos.

É primordial analisarmos discursivamente o significado dos enunciados de Bolsonaro, seus seguidores e apoiadores sobre a Amazônia, pois resultam em sentidos que ouvem a voz social de uma memória coletiva recheada de ideologias. Existe um significado pulsante sobre a defesa inquestionável da soberania do estado brasileiro no espaço amazônico, por exemplo, e que não deve ser desprezado. Essa percepção da Amazônia como natureza engendra a perspectiva de estar atrelada a uma imagem de falta de modernidade, “atraso” que a natureza sugere, necessitando superar o estado de Amazônia bruta, indomável e não-desbravada. A elaboração de como a Amazônia é vista e percebida nos dias atuais ainda está impregnada de ideologias, conceitos, juízos, símbolos, mitos e valores da civilização europeia. É por meio das narrativas dos conquistadores europeus que essas imagens são percebidas até os dias de hoje.

Em abril de 2016, Jair Bolsonaro parabenizou o deputado Eduardo Cunha pela forma como conduziu o *impeachment* de Dilma Rousseff e usou seu discurso de voto³⁶ sobre o impedimento para homenagear Carlos Alberto Brilhante Ustra³⁷, vale ressaltar, o primeiro militar a ser reconhecido pela Justiça como um dos torturadores durante a ditadura militar. “Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias, pelas Forças Armadas, pelo Brasil acima de tudo e por Deus acima de tudo, o meu voto é sim”.

Em sua defesa, Bolsonaro alegou que as declarações durante a votação do *impeachment* estão protegidas pela imunidade parlamentar. A declaração é absolutamente violenta à memória de tantos que morreram pelo ideal de uma democracia que Bolsonaro tanto ataca. Mais lamentável ainda é o eco de sentidos que esse discurso produz, uma vez que nenhum

³⁶ A menção foi feita durante a votação no processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, ocorrida em 11/04/2016 na Câmara dos Deputados. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=xiAZn7bUC8A>

³⁷ Carlos Alberto Brilhante Ustra foi um coronel do Exército Brasileiro, ex-chefe do DOI-CODI do II Exército, um dos órgãos atuantes na repressão política, durante o período da ditadura militar no Brasil e torturador condenado.

dos governos civis que sucederam os militares fez nada pelos brasileiros mortos, torturados e desaparecidos e eles ainda continuam ocupando cargos no governo e nenhum dos que cometeram crime de lesa-humanidade foi responsabilizado.

O fascismo cultural corta na raiz toda a capacidade de pensamento, de crítica, de divergência e prospera como sendo um estilo diferenciado de controle social e econômico. Suas características estão tão arraigadas em nossas vidas, e já é assim há um bom tempo, que se tornaram praticamente invisíveis para nós.

Bolsonaro traz, indubitavelmente, marcas de fascismo em seus discursos. Ele não consegue sair da dicotomia, do maniqueísmo. É da natureza dele estabelecer continuamente o confronto, e não a união, não a harmonia, o apaziguamento dos espíritos. Claramente, ele precisa do confronto e fora dele, talvez não saiba se sustentar na política e, possivelmente, viver.

5.2 FASE JAIR BOLSONARO CANDIDATO A PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Analisar e compreender as discursividades produzidas sobre o sujeito enunciador e a polissemia explicitadas nas falas de Bolsonaro funda-se na noção de “efeito metafórico”. Pêcheux (1995) vai chamar de efeito metafórico o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual desencadeando práticas discursivas que se referem às diferentes posições do sujeito. Como o embasamento teórico desta pesquisa se dará a partir da Análise Francesa do Discurso, ela nos ajudará a compreender como um objeto simbólico produz sentidos.

O que evidenciamos nessa próxima fase de Jair Bolsonaro são os mesmos discursos obliterantes e contraditórios, marcas textuais já vistas e tratadas analiticamente no item anterior deste capítulo, além de um número significativo de *fake news* durante a fase de campanha eleitoral. Em *clipping*³⁸ realizado pelo OBCOM em parceria com o Instituto Palavra Aberta, analisando a cobertura de 7 veículos (Carta Capital, O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, O Globo, Poder 360, UOL e Veja) foram identificadas 1.437 matérias com as palavras-chave redes sociais e *fake news*, sinalizando a importância que essa temática assumiu para os veículos. Além dos desmentidos de *fake news*, a cobertura inclui análises sobre o real impacto que elas poderiam ter no resultado das eleições e que medidas poderiam ser tomadas por autoridades a respeito.

³⁸ Disponível em <https://www.palavraaberta.org.br/v2/images/relatorio-anual-2018.pdf>

O número de matérias produzidas por agências de *fact-checking* (verificação de fatos)³⁹ como Comprova e Aos Fatos desmentindo *fake news* de direita é muito maior do que o de matérias desmentindo *fake news* de esquerda. A grande quantidade e variedade destas mensagens, em geral se reportando a pautas morais e religiosas, ou ao tema da segurança pública, mostram o processo de construção de um inimigo, associado com o crime, a blasfêmia e a perversão sexual.

Durante as campanhas eleitorais, o discurso sai dos limites dos locais tradicionais de enunciação e todos nós nos tornamos enunciadores de discursos políticos, sujeitos de discursos políticos: os eleitores passam a ser também enunciadores. Todo leitor, em última instância, quando vota, constrói um discurso político, a política se legitima na fala de cada um de nós.

Levando em conta essas considerações, passemos, então, à primeira análise que consiste na entrevista ao vivo concedida pelo então candidato à Presidência pelo PSL Jair Bolsonaro ao Jornal Nacional no dia 28 de agosto de 2018.

Figura 16: Imagem retirada do site globo.com



Fonte: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/08/28/jair-bolsonaro-psl-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>. Acesso em 10/06/2019.

³⁹ Disponível em <https://aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro>. Acesso em 17/06/2019

Os temas abordados durante os quase 30 minutos de entrevista envolvem temas relevantes da pauta política, como segurança pública, emprego, corrupção, discussões sobre diferenças de gênero, assim como um discurso antigo e repetido em diversas épocas de eleições entre os candidatos sobre o “velho” e o “novo” político que estão integradas às discursividades que nos propomos analisar.

Diferente de outros políticos emblemáticos, Jair Bolsonaro tem um discurso obliterante e que deriva constantemente, apesar de não ter cabresto na língua e não medir suas frases de efeito. Assim, o que engendra as falas de Bolsonaro não é se elas são de direita ou de esquerda, mas o que escondem sobre discursividades relevantes e significativas como *corpus* desta pesquisa, uma vez que, enquanto um dos principais candidatos à Presidência sendo entrevistado numa grande emissora de televisão às vésperas das eleições, se “traveste” de direita, mas demonstra um autoritarismo exacerbado com respostas que não atendem às perguntas elaboradas e que flertam com uma conduta populistas com traços fascistas.

Evidenciamos, acerca da entrevista, os seguintes enunciados:

...Ele entra, resolve o problema, se matar 10, 15 ou 20 com dez ou trinta tiros cada um, ele tem que ser condecorado e não processado...

...Dar uma florzinha para eles? Ou atirar? Você tem que entrar e atirar, se não atirar, não vai resolver nunca...

...Vamos juntos mudar esse ciclo, mas para tanto precisamos eleger um presidente da República honesto, que tenha Deus no coração, patriota, que respeite a família...

... Estavam discutindo ali, comemorando o lançamento de um material para combater a homofobia, que passou a ser conhecido como kit gay”. Entre esse material, Bonner, estava esse livro lá, Bonner...

Tais enunciados trazem à tona alguns contextos muito enraizados no Brasil: Quando Bolsonaro cita nas duas primeiras sentenças que a polícia militar deve ser condecorada e não processada em caso de “entrar atirando” para matar os bandidos, fica claro o posicionamento do candidato sobre combater violência gerando mais violência e não combatendo ou mitigando as verdadeiras causas, mesmo que possa ferir ou matar pessoas inocentes. A frase reforça outras ditas anteriormente de que “bandido bom é bandido morto” mesmo com uma polícia despreparada como a do Brasil, onde faltam recursos, treinamento e suporte do Estado. O problema da criminalidade é complexo, e precisa de respostas de igual sofisticação. E essa resposta, apesar de difícil delimitação, certamente não é a sentença de morte. Rememorando a valiosa lição de Gandhi: “olho por olho, e um dia terminaremos todos cegos”.

Observa-se que os sentidos de frases como as pronunciadas pelo candidato em plena época de eleição vão ao encontro do desejo de grande parte da população, pois a sensação de insegurança e da necessidade de uma ordem encontra sentido em enunciados que demonstram o poder centralizado na figura política de Bolsonaro e que ressoa num único viés para controlar a criminalidade que existe enquanto prática, mas que, quando é enunciada, elencada e interdita, vai se construindo como realidade possível, a partir desses enquadramentos discursivos.

A época atual é ideal para uma fragilização no nosso sentimento de pertencimento onde significativa parte da população vive uma triste violação de expectativas, desesperança e desalento. É sedutor em discursos assim, reforçarmos a pertinência das pessoas aos seus grupos sociais, gerando ódio ao suposto inimigo, causador de toda essa situação. Retomando Freud,

Os líderes adquirem importância pelas ideias de que eles mesmos são fanáticos. A estas ideias, assim como aos líderes, atribui igualmente um poder misterioso, irresistível, que ele chama de “prestígio”. O prestígio é uma espécie de domínio que uma pessoa, uma obra ou uma ideia exerce sobre nós. Paralisa toda a nossa capacidade crítica e nos enche de espanto e respeito. Provocaria um sentimento semelhante ao do fascínio na hipnose. (FREUD, 1921).

Além dos estudos sociológicos, políticos ou mesmo históricos, os da Psicologia têm muito a contribuir no entendimento da formação das multidões e sua evolução, considerando-se esse um complexo fenômeno relacionado à sociabilidade humana, e que explicita “a inerentemente dialética natureza do relacionamento entre o indivíduo e a sociedade” (REICH, 2011, p. 197). Como ressalta Magnoli,

A interpenetração de discursos e práticas sociais entre culturas, constatadas na globalização, está relacionada não apenas aos fatores comunicacionais mais abertos, mas também à interdependência das economias ao redor do globo e na possibilidade de deslocamentos rápidos entre diferentes pontos do planeta”. (MAGNOLI, 2003.)

Ao longo da história, o medo e o autoritarismo sempre foram utilizados como estratégia política e manutenção do poder, porém, todas as experiências dos que ganharam eleições usando o medo e o autoritarismo se revelaram depois uma farsa. A tradição autoritária é uma marca indelével da formação econômica e sociopolítica do Brasil, assentada no regime de apropriação privada da terra, na ausência de relações de solidariedade social, na primazia da autarquia individual, nas ‘lutas de famílias’, no poder dos donos das terras fundiárias, bem como, no emprego sistemático da mão de obra escrava para sustentar uma produção orientada fundamentalmente para o mercado externo, evidenciando o verdadeiro “sentido da colonização”.

Durante sua campanha no Nordeste para Presidente do Brasil em 2018, Jair Bolsonaro afirmou que a “Amazônia não é nossa”, e defendeu a abertura da região para exploração. “Aquilo é vital para o mundo”, disse. “A Amazônia não é nossa e é com muita tristeza que eu digo isso, mas é uma realidade e temos como explorar em parcerias essa região”, o que deixou em alerta, desde essa época, comunidades indígenas e ambientalistas sobre o destino da floresta equatorial da Amazônia.

Quando os discursos de intolerância vão para o espaço público e vão ganhando espaço isso só tende a crescer. E chega uma hora em que esses discursos que eram inaceitáveis passam a ser aceitáveis. Isso é um caminho sem volta. A sociedade como um todo passa a tolerar coisas que não deveriam ser toleradas em um estado de direito. Essa tradição autoritária e escravocrata atrapalhou o desenvolvimento da cidadania e o aprimoramento dos direitos sociais no Brasil, influenciando para uma democracia fragilizada onde o direito das minorias não é priorizado e, muito menos, assegurado.

Voltando ao *corpus*, a frase “mudar esse ciclo” e “um presidente que tenha Deus no coração, patriota e que respeita a família” contingencia um recorte sobre um governo que anuncia que precisa de mudanças substituindo o velho pelo novo, ou seja, políticas inovadoras diferentes das que já tivemos na história do país. Bolsonaro demonstra fazer parte de uma política neoconservadora que converge com outras lógicas complementares que reforçam o hiperindividualismo meritocrático, onde o cidadão só conseguirá êxito por meio do suor do trabalho, da luta e não com a força do coletivo. É esse o discurso que ele se apropria como sendo “novo”, o discurso meritocrático.

Dentro desse contexto aparece o fundamentalismo religioso impresso no *slogan* de campanha do candidato com um rótulo voltado para a preservação da família cristã e de bons costumes, preenchendo um espaço vazio deixado pela ausência de ações efetivas pelo campo progressista, uma vez que há uma potente articulação político-social dos evangélicos e neopentecostais como uma força articuladora socialmente periférica. Jair Bolsonaro se apropria deste contexto e atua justamente nesta lacuna angariando simpatizantes e eleitores nesse campo. Há um claro conluio entre o populismo religioso e o político.

Historicamente, identifica-se que o populismo está intrinsecamente ligado ao fascismo, entretanto, com as vestes da democracia. E que, tanto o populismo de esquerda como o de direita, são articulados em torno dos mesmos elementos: a identificação entre líder e povo, a substituição das categorias ideológicas clássicas pela dicotomia entre as classes mais favorecidas e as menos desprovidas, o culto semirreligioso ao dirigente numa espécie de

fundamentalismo religioso que sedimenta a base de uma governança tendenciosa, o menosprezo pelos opositores como verdadeiros inimigos do estado e a imprensa crítica fragilizando ainda mais os princípios democráticos.

A formação discursiva do enunciado acima citado é voltada para difusão de uma ideia nacionalista e tradicionalista onde o conservadorismo ultraliberal faz nexos com as formações ideológicas. Foucault nos elucidava que há um processo que precisamos observar: o modo como o discurso materializa o ideológico. Nietzsche ilustra ainda que,

A fé sobre a qual nossa crença na ciência repousa é ainda uma fé metafísica... É a fé cristã, que era também a fé platônica, no princípio de que Deus é a verdade, e verdade divina. Porém, o que acontecerá se esta equação se tornar cada vez menos digna de crença, se as únicas coisas que ainda devem ser consideradas divinas são o erro, a cegueira e a mentira; se Deus, ele mesmo (a verdade) se transformar em nossa mais antiga mentira? (NIETZSCHE, 1998, pág.140).

Foucault apresenta a religião como uma possibilidade de resistência. Porém, isso não significa que toda manifestação religiosa seja uma forma de resistência à modernidade que se pretende laica e oprime determinados grupos que conseguem expressar suas insatisfações através da esfera religiosa. É relevante perceber que os discursos religiosos possuem mecanismos próprios de produção da verdade e modos de sujeição que, naquele contexto citado pelo filósofo, apresenta-se como marginal, excluído, manifestando-se resistente ao discurso hegemônico da medicina social. Há uma disputa de saberes e de suas formas de instituição de verdades e de produção dos sujeitos, particular a cada um dos discursos. A religião, desse modo, é também um regime de verdade por mais que apareça dependendo do contexto histórico como uma forma de resistência a um discurso hegemônico oposto.

Sobre o “*kit gay*”, amplamente divulgado durante a campanha eleitoral e replicado entre os apoiadores de Bolsonaro, foi analisado por plataformas de checagem e comprovado que se trata de *fake news* usada por Jair Bolsonaro durante seu pronunciamento no Jornal Nacional. Também foi falsa a informação de que, em novembro de 2010, teria ocorrido um evento chamado “IX Seminário LGBT Infantil” e que por isso, ele questionou a integridade do conteúdo. O termo *Kit Gay* foi cunhado por Bolsonaro se referindo ao projeto “Escola sem Homofobia” que, por sua vez, estava dentro do programa “Brasil sem Homofobia”, do Governo Federal em 2004.

As principais *fake news* estão relacionadas a questões de gênero e de sexualidade, como é o caso da mamadeira erótica e do chamado *kit gay*. Não é à toa que isso seja assim. Esses temas têm um forte apelo de mobilização de pessoas que, inclusive, não estão ligadas à política e que não se conectam com o universo político partidário. Essas questões envolvem o universo

privado, da família. Nesse contexto, para boa da parte da população, o que está em jogo não são as questões políticas partidárias, mas sim questões da família, da defesa da família.

As declarações dadas pelo candidato rememoram os discursos de outrora sobre as causas de igualdade de gênero, assim como a questão da homossexualidade já tratada pelo candidato em diversas entrevistas e palestras como algo “fora da normalidade” e que perpassa pelo preconceito e discriminação, embora ele diga que essas acusações não procedem. O maior desafio entre o ativismo e a postura de Bolsonaro é que ele não compreende a homossexualidade como inata, mas como anormalidade. Vale frisar que, o conservadorismo, em sua essência, não está associado a posturas retrógradas e preconceituosas, mas ao ceticismo e à preservação daquilo que é atemporal. Nota-se que o debate sobre as pautas identitárias políticas, sociais e econômicas ficam em segundo plano e a prioridade passa a ser uma “moralização da esfera pública”, contextualizada no que chamamos de “guerras culturais”, ou seja, ou debates ficam em torno do campo moralista, religioso e quando provocado e questionado com argumentos intelectualizados, científicos, acadêmicos sobre a homossexualidade, tem-se respostas com contra-argumentos também moralistas, religiosos e incompatíveis com a esfera democrática. A lógica neoliberal contém em si mesma uma declaração de guerra a todas as forças de resistência às reformas em todas as camadas da sociedade.

Entre os discursos de ódio veiculados abundantemente e os discursos de resistência, precisamos investir em compreensões que possam nos acordar e criar condições para desmontar o avanço do fascismo entre nós e, assim, nos demais países do mundo. Voltando à narrativa de Bolsonaro durante a entrevista ao vivo no Jornal Nacional “...entre esse material, Bonner, estava esse livro lá, Bonner...”, percebe-se uma insistência autoritária, preconceituosa e significativa ao afirmar sobre a apologia de outros políticos, vistos por ele como inimigos, ao suposto livro denominado *kit gay*. Um livro infantil que conseguiu ser mais polêmico do que os debates sobre pautas como segurança pública, emprego, saúde e educação.

O ódio de homofóbicos ao ex-deputado Jean Wyllys e dos sexistas e machistas contra Maria do Rosário, por exemplo, não deve ser analisado como simples espontaneidade do preconceito. A espontaneidade não é um argumento quando se trata de tantos grupos envolvidos com projetos de poder. A orientação para a homofobia e a misoginia não é espontânea quando se trata de poder, sobretudo se associarmos o neopentecostalismo das novas igrejas do mercado a isso. A homofobia mostra-se hoje como um padrão bastante manipulável, tanto que após essa entrevista, o número de seguidores de Bolsonaro que replicou a informação falsa, aumentou exponencialmente.

De acordo com Foucault, o poder constitui o sujeito de diversas formas. O poder repressivo busca o discurso das "verdades" produzidas e se exerce sobre a loucura e a sexualidade, produzindo o discurso "verdadeiro" da psiquiatria e da sexologia, respectivamente. Ele afirmava que nas sociedades ocidentais, durante séculos, se ligou o sexo à busca da verdade, sobretudo a partir do cristianismo. Segundo ele, "o problema está em apreender quais são os mecanismos positivos que, produzindo a sexualidade desta ou daquela maneira acarretam efeitos de miséria". A sexualidade humana só será livre quando regulamentada em função do atendimento das próprias necessidades humanas e não, como consequência de estratégias que objetivam o exercício do poder.

Há algo ainda que opera bastante nessas retóricas que é a supervalorização das redes sociais como fonte de informação e uma pseudoformação política, assim como uma desconfiança crescente dos meios de comunicação tradicional. A emergência de novas formas de humor, propiciadas pelas tecnologias de informação, reforçam ainda mais a importância de se pensar o uso do humor em contextos políticos.

Durante uma entrevista como candidato à presidência ao site *HuffPost* Brasil⁴⁰, Bolsonaro fala sobre os direitos humanos e em sua avaliação afirma "merecem um cavalo de pau". Segundo ele, os direitos humanos só existem para defender bandidos e pessoas que contribuem para a ideia de que o Brasil é um país com sérios problemas de crimes. Sobre o assunto, ele defende ainda que "não temos que ter privilégio no Brasil, nem para índio, nem para brancos, nem para negros, para gays ou ninguém, somos todos brasileiros". Sobre as mulheres, ele minimiza: "A cada pesquisa que sai, que eu acompanho, aumenta o percentual de apoio de mulheres. Elas vão 'cair na real'".

Todos me procuram. Sou a virgem da praça. [...] sou o Neymar da política, quer queira quer não. Não sei como vai ser amanhã, mas hoje em dia, todos me querem.

[...] tem que dar um cavalo de pau na política de direitos humanos. A política de direitos humanos não tem que ser essa que está aí. Se você sofrer uma violência, eu vou ser solidário a você, vou fazer o possível para ir atrás de quem fez maldade contigo e punir esse cara. Até para dar de exemplo para outros não fazerem besteira, mas a política de direitos humanos no Brasil basicamente está voltada para defender interesses de bandido.

Olha, os cinco presidentes militares, os cinco generais, foram formados em artilharia, infantaria e cavalaria e eles pegaram o Brasil de 49ª economia do mundo e entregaram em 8ª. O Itamar Franco também não entendia de economia, muito menos o FHC, um sociólogo, que era amigo de Fidel Castro, entre outros, foi feito um plano econômico e o Itamar que não entendia de economia se tornou o pai do plano Real.

⁴⁰ Entrevista completa disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/2017/05/22/jair-bolsonaro-sou-o-neymar-da-politica-todos-me-querem_a_22096048/ Acesso em 22/05/2017.

O armamento mais que assegura a sua vida, é a garantia da liberdade e democracia de um país.
(Bolsonaro, entrevista concedida ao site *HuffPost* Brasil, 2017).

Em discursos como esses, percebe-se declarações utilizadas pelo candidato a partir de um cálculo estratégico para esvaziar a discussão política. Durante a campanha eleitoral, como se sabe, Bolsonaro quase não falou sobre temas importantes como estratégias econômicas, ações políticas na educação e saúde. Tudo muito vago. Não apresentou propostas para criação de mecanismos de combate às causas e efeitos da corrupção. O ministro Moro hoje discorda do juiz Moro e já entende que o caixa 2 não é crime tão grave assim. E agora que surgem indícios muito consistentes de mau uso do dinheiro público na campanha do partido que o elegeu, de possível envolvimento do filho com a milícia e da retenção dos salários de assessores, Bolsonaro investe tanto na adesão dos brasileiros à sua simpatia pelo autoritarismo, quanto na divisão de uma sociedade polarizada para permanecer sempre em campanha, mesmo um ano depois de eleito.

Esse fator é importante para entender um outro aspecto. Embora admirador dos regimes que prenderam, torturaram e assassinaram diversas pessoas, hoje, o presidente Bolsonaro não tem a sua disposição o mesmo engajamento das forças armadas para esse propósito. Não é raro, no entanto, perceber o “lugar de fala” como uma espécie de passaporte utilizado para anular o argumento de interlocutores sem vivência, ou seja, grupos minoritários veem suas vidas governadas por quem nunca viveu suas realidades. Mas seria razoável considerar que a vivência substitui a observação científica. Mesmo porque, assim como a observação científica não produz verdades absolutas sobre vivências, as vivências também não geram experiências idênticas. Por isso, Pablo Ortellado acerta quando diz que “personalidades públicas como Fernando Holiday curto-circuitam a noção de lugar de fala”⁴¹. Certamente, elas aproveitam o argumento da vivência para invalidar os argumentos dos próprios movimentos identitários na construção de políticas públicas.

⁴¹ Em entrevista recente, Pablo Ortellado, filósofo e professor de Gestão de Políticas Públicas da USP, aponta algumas fragilidades do conceito de “lugar de fala”: “Acho que a difusão e popularização do conceito gerou alguns efeitos muito paradoxais. O primeiro deles é que grupos adversários incorporaram o conceito para deslegitimar a luta dos movimentos sociais. É o que acontece no Brasil no caso de um blogueiro e político como o Fernando Holiday [vereador de São Paulo pelo DEM] que usa sua condição de gay, negro e periférico para reivindicar legitimidade para criticar as cotas raciais e o que ele chama de “vitimismo”, curto-circuitando o lugar de fala. [...] Outro efeito paradoxal é que o lugar de fala indiretamente reforça na esquerda os argumentos “ad hominem”, interrompendo uma tradição progressista de racionalismo esclarecido. Os argumentos “ad hominem” são falácias condenadas desde a antiguidade clássica porque desqualificam quem fala para não precisar discutir o teor do que diz o adversário. Quando o movimento social condena discursos sobre a opressão que não são enunciados pelos próprios oprimidos, de certa maneira ele resgata e legitima uma modalidade de argumento ad hominem”. ORTELLADO, P. O que é lugar de fala e como ele é aplicado no debate público. JORNAL NEXO, 15 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://goo.gl/XUKcDZ> >, acesso em 30 de março de 2018.

Para entender melhor como um deslocamento de poder atua na sociedade, é preciso estar atento à relação de acontecimentos como a ascensão da burguesia como classe dominante no final do século XVI. A ideia de um sujeito útil e inofensivo é uma concepção positiva utilizada por Foucault para dissociar os termos repressão e dominação que definiam a intervenção violenta do Estado sobre os cidadãos, por exemplo.

[...] essa série de fenômenos que me parece bastante importante, a saber, o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder. Em outras palavras, como a sociedade, as sociedades ocidentais modernas, a partir do século XVIII, voltaram a levar em conta o fato biológico fundamental de que o ser humano constitui uma espécie humana. É em linhas gerais o que chamo, o que chamei, para lhe dar um nome, de biopoder. (FOUCAULT, 1996, p. 33).

Assim, pretendemos analisar alguns enunciados que conferem forma de existência aos discursos políticos de Bolsonaro, dando-lhes tratamento de arquivo, ou seja, “uma existência acumulada dos discursos” (FOUCAULT, 2003), por meio da veiculação de seus repetidos discursos políticos. O recorte requerido para esta reflexão se liga à elaboração de Michel Foucault acerca da sociedade de controle que começa a se desenhar no século XVIII, com o aparecimento de um poder que é ao mesmo tempo disciplinador e normalizador e não se exerce mais sobre os corpos individualizados, mas se concentra na figura do Estado, em que é exercido com pretensões de administrar a vida e o corpo da população.

5.3 FASE JAIR BOLSONARO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

A arqueologia de Michel Foucault é uma modalidade de análise do discurso. Conforme o autor (1985), “o discurso é constituído por um conjunto de sequências de signos enquanto enunciados, isto é, enquanto se lhes possam atribuir modalidades particulares de existência por terem sido efetivamente produzidas”. O enunciado se refere ao que realmente pôde ser dito; é constituído por uma materialidade que lhe dá substância, suporte, lugar e uma temporalidade que lhe asseguram uma identidade. Assim, os discursos veiculados, sustentados, descartados, ou mesmo silenciados pela mídia, constituem o arquivo que define, nos termos de Foucault (1985), o sistema de enunciabilidade, de formação e transformação dos enunciados, bem como a lei do que pode ser dito. Se o que é dito o é no interior das regras do arquivo, sua análise comporta, conforme Foucault (1986) “a orla do tempo que cerca nosso presente, o domina e o

indica em sua alteridade, instaura o corte que nos separa do que não podemos mais dizer e do que fica fora de nossa prática discursiva”.

Nesta fase de análise, destacamos as discursividades circunscritas por meio das diversas materializações do discurso na língua e que ainda perduram as mesmas batidas textuais sobre o ódio enunciados por Bolsonaro desde a época em que era Deputado Federal. Uma coisa é certa, analisando somente os discursos, não dá para dizer que a sociedade foi enganada por Bolsonaro, uma vez que seus enunciados sobre direitos humanos, mulheres, LGBT's, indígenas, negros e pobres são basicamente os mesmos, como se o presidente ainda estivesse numa grande disputa eleitoral. Os objetivos políticos e econômicos não são novos, pois nos remetem a um modelo de poder que nos segue desde a colonização. O que há é um novo sujeito inserido em novos processos comunicacionais.

Já como presidente eleito, Bolsonaro continua utilizando suas redes sociais como principal forma de comunicação com uma agenda ativa de *posts* e de produção de *lives*⁴² e que, ao postar temas polêmicos, não desautoriza os comentários agressivos, preconceituosos e autoritários que seguem, fazendo com que seus seguidores se sintam estimulados por posicionamentos pós-fascistas. Logo abaixo, temos comentários de seguidores sobre o *post* da imagem fazendo referência a discursos obliterantes e contraditórios que se coadunam a uma política demagoga, uma vez que Bolsonaro cita a “democracia” como algo prioritário, mas percebe-se a crítica logo abaixo do *post* aos países da Coreia do Norte e Cuba, alusivos ao comunismo e ideias de esquerda, que inclusive nos mostra uma fraude intelectual e uma releitura completamente equivocada da história.

Figura 17: Imagem retirada do perfil de Bolsonaro no *Facebook*

⁴² No sentido mais genérico, é uma plataforma que permite a seus usuários assistir e transmitir vídeos utilizando uma câmera e um computador através da internet.

Fonte: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/144716977209867> Acesso em 05/05/2019.



Estudar os discursos de Bolsonaro, o significado dos significados resultando em sentidos, é também ouvir a voz social de uma memória coletiva recheada de ideologias, com a ideia de esquerda, socialismo, comunismo e PT (Partido dos Trabalhadores) como uma sinônima.

Quando o enunciado da figura acima traz o termo “democracia como uma chama que será mantida sem qualquer regulamentação da mídia, incluindo as sociais”, identificamos um discurso demagogo relacionado ao conceito mais básico de democracia, o do convívio e bem-estar coletivo, assegurando os direitos humanos dos cidadãos assim como a liberdade de expressão. O que percebemos com a frase dita é que o conceito da palavra comunismo tem sido o ato de discordar do presidente e ainda com devidos ajustes, a democracia e o comunismo, enquanto políticas ideológicas são compatíveis, uma vez que a igualdade deve ser fruto da liberdade e da fraternidade.

Para Henry Giroux (2018), o fascismo neoliberal é uma “formação econômico-política específica”, que mistura ortodoxia econômica, militarismo, desprezo pelas instituições e as leis, supremacia branca, machismo, ódio aos intelectuais e amoralismo. Giroux ainda cita a ideia de que o fascismo se apoia em paixões mobilizadoras que voltamos a encontrar no fascismo neoliberal: amor ao chefe, hipernacionalismo, fantasmas racistas, desprezo ao estrangeiro, desconsideração pelos direitos e a dignidade das pessoas, violência para com os adversários etc.

Um outro ponto que nos chama atenção nos conteúdos postados por Bolsonaro em suas redes sociais é a aliança entre a lógica neoconservadora e neoliberal, onde várias forças atuam de forma convergente e complementar como, por exemplo, a questão da ordem no sentido

ontológico e existencial. É como se as pessoas conservadoras precisassem de ordem porque tudo está bagunçado, alterado, um caos social, pois vemos cada vez mais as classes minoritárias lutando e se posicionando socialmente e isso é ameaçador para esta “pseudo ordem”. Percebemos uma politização da antipolítica, um discurso de rebeldia conservadora, mas não vanguardista ou promissora, e sim com um saudosismo melancólico na forma como a ordem era instaurada há décadas e em como as hierarquias sociais estavam melhor definidas. Legitimar os movimentos LGBT’s, feministas, indígenas como temos agora, pressupõe uma desordem social, como se estes grupos não estivessem prontos e nem quisessem lidar com toda essa problemática na busca de seus direitos, ocorrendo uma negação das pautas identitárias e sociais. É em todo esse contexto que se funda o discurso autoritário revestido de uma falsa democracia.

Com essas falas extremamente autoritárias e com a corroboração dos efeitos nefastos do bolsonarismo, a sociedade civil se fragiliza cada vez mais. O grande desafio da democracia brasileira sempre foi transformar a democracia representativa numa democracia participativa através da colaboração, espontânea ou solicitada, de associações de classe, organizações não-governamentais, entidades comunitárias, para que tragam sua contribuição no processo decisório da administração pública. É abrir o Estado para a participação da sociedade, fazer com que cada vez mais pessoas participem da fixação do destino coletivo. Contudo, há grandes indícios históricos de que a democracia com a anatomia atual não caberá numa racionalidade neoliberal. Nos parece que precisará ruir para ser ressignificada e reestruturada. O neoliberalismo não só sobrevive como sistema de poder, como também se reforça. É preciso compreender esta singular radicalização, o que implica discernir o caráter plural do neoliberalismo. Mas, é necessário ir ainda mais longe e perceber o sentido das transformações atuais do neoliberalismo, ou seja, a especificidade do que aqui chamamos o novo neoliberalismo.

O que caracteriza este modo de governo é que se alimenta e se radicaliza por meio de suas próprias crises. O neoliberalismo só se sustenta e se reforça porque governa mediante a crise. Desde os anos 1970, o neoliberalismo se nutre das crises econômicas e sociais que gera e, em vez de questionar a lógica que as provocou, é preciso levar ainda mais longe essa mesma lógica e procurar reforçá-la indefinidamente. Se a austeridade gera déficit orçamentário, é preciso acrescentar uma dose suplementar. Se a concorrência destrói o tecido industrial ou desertifica regiões, é preciso aguçá-la ainda mais entre as empresas, entre os territórios, entre as cidades. Se os serviços públicos já não cumprem sua missão, é preciso esvaziar esta última de qualquer conteúdo e privar os serviços dos meios que precisam. Se a diminuição de impostos

para os ricos ou empresas não dão os resultados esperados, é preciso aprofundar ainda mais nisto, etc.

Ainda sob efeito das mesmas estratégias políticas e de pronunciamento, Bolsonaro continua como se estivesse em campanha política. Com falas evasivas e sem embasamentos, ele tem contribuído para um cenário instável no sentido do que é legítimo considerarmos. Vivemos uma das fases históricas do país onde mais circulam mentiras e informações distorcidas, trazendo à tona o conceito de “pós-verdade”, que foi o nome atribuído à modelagem de fatos e de informações com o objetivo de influenciar a opinião pública, através da manipulação emocional e de valores pessoais e religiosos. Pouco importam os fatos objetivos, o que interessa é a deturpação da realidade em função do efeito a ser produzido: ódio, desprezo, veneração ou empatia. Tanto quanto a “verdade”, a linguagem se torna uma refém da “pós-verdade”, que sequestra a mente e a emoção das pessoas em função de interesses escusos.

A frase dirigida à deputada Maria do Rosário (PT-RS) e citada neste capítulo, durante uma discussão nos corredores da Câmara em 2003, foi motivo para que Jair Bolsonaro publicasse em junho de 2019, sob mandato da justiça, uma nota de retratação à parlamentar:

Em razão de determinação judicial, venho pedir publicamente desculpas pelas minhas falas passadas dirigidas à Deputada Federal Maria do Rosário Nunes. Naquele episódio, no calor do momento, em embate ideológico entre parlamentares, especificamente no que se refere à política de direitos humanos, lembrei fato ocorrido em 2003, em que, após ser injustamente ofendido pela congressista em questão, que me insultava, chamando-me de estuprador, retruquei que ela 'não merecia ser estuprada. (Jair Bolsonaro, 2019, *Twitter*).

Figura 18: Imagem retirada do perfil de Bolsonaro no *Facebook*

Fonte: <https://web.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/photos/a.250567771758883/1487448941404087/?type=3>

NOTA DE RETRATAÇÃO

Em razão de determinação judicial, venho pedir publicamente desculpas pelas minhas falas passadas dirigidas à Deputada Federal Maria do Rosário Nunes. Naquele episódio, no calor do momento, em embate ideológico entre parlamentares, especificamente no que se refere à política de direitos humanos, relembrei fato ocorrido em 2003, em que, após ser injustamente ofendido pela congressista em questão, que me insultava, chamando-me de estuproador, retruquei afirmando que ela "não merecia ser estuprada".

Aproveito o ensejo para manifestar o meu integral e irrestrito respeito às mulheres. Relembro que na ocasião inicial em que ocorreram os fatos ora tratados, eu havia acabado, justamente de, no plenário da Câmara dos Deputados, defender uma pena mais severa aos autores de estupro e crimes contra a dignidade sexual, relatando o notório caso envolvendo o criminoso "champinha", cuja atrocidade cometida teve repercussão nacional, tendo em vista este sujeito ter estuprado uma mulher e assassinado covardemente o seu namorado. Estava, portanto, exatamente defendendo as vítimas destas práticas repugnantes de estupros e demais crimes sexuais, tendo sido esta sempre uma luta constante nos meus anos de parlamentar. Esta afirmação pode ser constatada por qualquer um, bastando, por exemplo, rememorem o projeto de lei 5.398 apresentado por mim no ano de 2013 e no qual propunha-se aplicação de castração química a estuproadores, exatamente como medida de proteção às mulheres, a fim de evitar a reincidência por parte destes criminosos. No mesmo ano de 2013, apresentei também o Projeto de Lei nº 5.242, que buscava tornar hediondo os crimes passionais, cujas principais vítimas são as mulheres.

Já no dia de minha posse como Presidente da República, o protagonismo foi feminino, tendo a Primeira Dama discursado antes mesmo do Presidente, com a naturalidade que tratamos essas questões em nossas vidas. Nos primeiros meses de governo reforcei a Lei Maria da Penha permitindo a adoção de medidas protetivas de urgência para mulheres ou a seus dependentes, em casos de violência doméstica ou familiar (Lei 13.827/19). Essas são algumas das nossas ações em tão pouco de governo em prol das mulheres e meninas do nosso país.

Reitero, portanto, que as mulheres brasileiras constituem uma prioridade de meu governo, o que tem sido e será sempre demonstrado através de ações concretas.

Assim, reforço meu respeito a todas as mulheres.

Muito obrigado e um forte abraço!

Jair Messias Bolsonaro.

Jair Messias Bolsonaro
· 13 de junho de 2019 ·

169 mil reações · 33 mil comentários · 12 mil compartilhamentos

Curtir · Comentar · Compartilhar

Mais relevantes ▾

Alcione Giacomitti II Qualquer problema, me escreve Maria do Rosário: euqueroaminhachupeta@gmail.com

O SENHOR NÃO PODE FALAR, NÓS FALAMOS MARIA DO ROSÁRIO, VAISE CATARI

Ativar o Windows
Escreva um comentário...
Acesse Configurações para ativar o Windows

&theater Acesso em 13/06/19.

Os mais de 33 mil comentários e 12 mil compartilhamentos demonstram a viralização e engajamentos sobre assuntos como esses. Os comentários no *post* de Jair Bolsonaro, publicados em seu perfil no *Facebook*, demonstram um número significativo de mulheres que apoiam o presidente e que prestaram solidariedade a ele pelo ocorrido. O efeito de discursos como esses parecem ser inconcebíveis quando se trata de apoio de mulheres. Contudo, a violência dos seguidores do bolsonarismo será sempre contestada pelo número de vítimas que o “comunismo” produziu no mundo. Para eles, a democracia não é o sistema político que empodera o povo, mas sim, um instrumento utilizado pelo subversivos e comunistas para chegar ao poder; e a defesa da cidadania não é uma bandeira política legítima, mas sim um “discurso de autovitimização” ou “coitadismo”. Fraternidade, liberdade e igualdade são todos termos “vermelhos” a serem banidos do vocabulário. Quem não for a favor é uma ameaça a ser eliminada.

Figura 20: *Comments* em perfil de Jair Messias.Bolsonaro

Figura 19: *Comments* em perfil de Jair Messias.Bolsonaro



Fonte: Página do *Facebook* de Jair Messias.Bolsonaro

Fonte: Página do *Facebook* de Jair Messias.Bolsonaro

Ainda de acordo com a nota, Bolsonaro reforçou nos primeiros meses de governo a Lei Maria da Penha, permitindo a adoção de medidas protetivas de urgência para mulheres ou a seus dependentes, em casos de violência doméstica ou familiar (Lei 13.827/19). Em seguida, ele listou feitos referentes às mulheres desde sua posse como presidente, argumentando que "o protagonismo" do evento foi feminino “tendo a Primeira Dama discursado antes mesmo do Presidente, com a naturalidade que tratamos essas questões em nossas vidas”.

É interessante notar a intenção do presidente em reforçar que valoriza o “protagonismo feminino” quando autoriza que sua esposa se pronuncie antes dele em um discurso de posse. São representações que denotam a falta de entendimento de Jair Bolsonaro sobre verdadeiramente quais são os direitos que as mulheres tanto lutam há séculos em conquistar.

No segundo semestre de 2019, Bolsonaro se envolveu em polêmicas com proporções internacionais ao comentar ironicamente sobre um *post* de um de seus seguidores em seu perfil na página do *Facebook*. A troca de críticas e ofensas entre Jair Bolsonaro e o presidente da França, Emmanuel Macron, motivadas pelos incêndios na Amazônia, acabou resultando numa piada machista e sexista sobre a comparação de beleza da primeira-dama francesa, Brigitte Macron, e Michelle Bolsonaro. “Agora entende por que Macron persegue Bolsonaro? ”, escreveu o seguidor, na legenda da foto dos casais. Bolsonaro respondeu: “Não humilha cara. Kkkkkkk”.

Figura 21: *Comments* em perfil de Jair Messias.Bolsonaro



Fonte: Página do Facebook de Jair Messias.Bolsonaro. Acesso em 25/08/2019.

O efeito do Bolsonarismo nessa fase de Jair Bolsonaro como Presidente da República, ganha nova anatomia ao evitar (e não suspender) a enunciação de discursos com ódio e ofensas explicitamente sobre causas sociais que vêm sendo tratadas nessa pesquisa. Ele tem estimulado sutilmente os comentários preconceituosos e jocosos de seus seguidores e deixa que eles o façam por ele, possivelmente, com a intenção de se isentar da autoria de determinada fala. Foi como mencionou de forma impaciente e contrariada em uma entrevista postada em seu perfil no *Facebook*⁴³: “ Eu não botei aquela foto. Alguém que botou a foto lá e eu falei para ele não falar besteira. Não quero levar para esse lado. Questão pessoal, familiar, eu não me meto. Respeito o cara para não entrar nessa área”.

Outro discurso fortemente marcado pelo preconceito e que ainda está frequentemente presente em suas enunciações é sobre as causas LGBT's. O presidente declarou recentemente sobre a decisão tomada pelo Supremo Tribunal Federal (STF) em ser considerado crime a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero. Ele equiparou a homofobia ao crime de racismo afirmando que “O STF entrou na esfera penal, estão legislando agora. E essa decisão prejudica os próprios homossexuais. A decisão do Supremo, com todo respeito aos ministros, foi completamente equivocada”.

Uma outra evidência de que as decisões de Jair Bolsonaro sobre as causas homossexuais estão inundadas de um discurso ideológico homofóbico são as recentes e frequentes decisões

⁴³ Entrevista completa disponível em <https://web.facebook.com/watch/?v=895871407435781>

sobre pautas que atendam alguns direitos já conquistadas LGBT`s. Em 2019, por meio de uma *live*⁴⁴ em seu perfil no *Facebook*, Bolsonaro não permitiu que a Agência Nacional do Cinema (Ancine) liberasse verbas para algumas produções com temas LGBT que tentaram captar recursos, dizendo:

É um dinheiro jogado fora. Não tem cabimento fazer um filme com esse tema. [...] eu não entendi nada. Olha, a vida particular de quem quer que seja ninguém tem nada a ver com isso, mas fazer um filme sobre isso, confesso que não dá para entender. Então mais um filme que foi ‘pro’ saco aí. (Jair Bolsonaro, 2019, *Live*).

Ao tratar do tema, Bolsonaro voltou a defender a ideia de ter um ministro evangélico no Supremo, mas negou querer misturar política e religião. Na avaliação do presidente, um ministro evangélico poderia se contrapor à criminalização da homofobia com base em trechos da Bíblia e, se visse que sua posição estava perdendo, pediria mais tempo para analisar o processo e, então, "sentar" em cima do processo. Ou seja, não permitir que o caso voltasse a ser julgado num futuro próximo. “Não custa nada ter alguém lá”, disse Bolsonaro.

As pessoas sentem que os preconceitos são mais aceitos porque o discurso do presidente os legitima. Os discursos contidos em toda essa prática populista denominada de bolsonarismo parece produzir sentidos sobre justiça e equidade de direitos entre homossexuais e heterossexuais, mas não é isso. A grande questão é que, por trás do discurso folclórico de intolerância que conquista seguidores com facilidade, está em jogo o grande interesse da religião como negócio, dinheiro e poder. O discurso moralista contra minorias esconde os interesses perversos dos que tratam a religião como negócio.

Como uma espécie de inspiração ou orientação intelectual de seu guru Olavo de Carvalho, Bolsonaro continua a se utilizar da principal característica do “olavismo” que é o anticientificismo, como uma poderosa estratégia populista demagoga para deslegitimar o que a ciência vem elucidando. Essa ofensiva anticientificista e anti-intelectualista ganhou formas pouco conhecidas dos contemporâneos desde que o fenômeno do nazi-fascismo foi extinto com o fim da guerra.

A questão é que não pode haver ciência, de nenhuma espécie, sem o debate, a divergência e a crítica, algo que é proporcionado pela epistemologia. O pensamento não pode se desenvolver, portanto, sem a Filosofia, especialmente considerando-se que nenhuma fenomenologia pode prescindir da metafísica sobre o que vem a ser a verdade. Contudo, tudo indica que isso não é bem visto por Jair Bolsonaro, já que em 2019 ele se posicionou de forma

⁴⁴ Disponível em <https://web.facebook.com/watch/?v=2362674230488690>

irônica e desrespeitosa perante aos órgãos científicos de pesquisa sobre as questões do desmatamento na Amazônia. Com a promessa de dar “transparência total” e maior qualidade nas informações divulgadas pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) ele demitiu o diretor do Instituto substituindo por um militar em meio a uma nova polêmica envolvendo seu governo e o desmatamento da Amazônia.

O órgão que se tornou alvo de uma série de críticas por parte de Bolsonaro e de outros representantes do governo depois da divulgação de um relatório⁴⁵ que revela um aumento de 74% nos índices de desmatamento da Amazônia no mês de junho de 2019 em relação ao mesmo período do ano passado. Até julho deste ano, uma área de 18.629 km² foi queimada na Amazônia brasileira, isso é 74% maior do que a média dos dez anos anteriores para o mesmo período (2009 a 2018), que foi de 10.665 km².

A polêmica ganhou mais evidência, principalmente, porque Bolsonaro tem enfrentado diversos questionamentos, tanto no Brasil, quanto no exterior pela ausência de uma política ambiental efetiva mas, sobretudo, à banalização de seus discursos sobre as queimadas na Amazônia usando dados falsos ou distorcidos, segundo diversas agências *fact checking*.

Insinuando que o INPE pudesse ter influência de alguma Organização Não Governamental (ONG), ele se referiu ao ex-diretor do instituto: “Eu não peço. Certas coisas, eu mando, por isso eu sou presidente. Após as declarações dele a meu respeito, pessoais, não tinha clima para continuar, mesmo que ele viesse a provar que os dados estavam até mesmo certos, não tinha mais clima”.

Há um sentido de desqualificar o renomado órgão em questão e, para que o autoritarismo aconteça, é necessário que, para além de alguém que o exerça, exista eco desses sentidos em outros discursos. Nessa discursividade, evidencia-se o eco do sentido autoritário em relação ao poder, sendo importante pontuar que o aspecto repressivo não é suprimido, e é óbvio que ele existe e cumpre o seu papel diante da ciência e de outras esferas.

Ainda em agosto de 2019, ocorreram significativos focos de queimadas na Amazônia e as declarações do presidente acabaram por ampliar a crise ajudando a torná-la um consenso internacional. Em seus discursos na mídia, identificamos que o foco era o de questionar a veracidade dos números do INPE e apontar ONG’s, países desenvolvidos com interesses escusos em explorar a Amazônia, assim como culpabilizar até os índios, como principais

⁴⁵ Relatório do Portal do Monitoramento de Queimadas e Incêndios. Fonte: INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, 2019. Disponível em <http://queimadas.dgi.inpe.br/queimadas>

responsáveis pelas queimadas, criando um cenário que vitimasse e desqualificasse o governo brasileiro.

Essas vozes que questionam a legitimidade das preocupações ambientais e indígenas emergiram de setores das Forças Armadas e de políticos da Amazônia que sustentam uma determinada noção de desenvolvimento. Assim, reverberam em seus seguidores que, sem a devida averiguação dos fatos, repetem e multiplicam essas narrativas. Só após a devida pressão internacional pela ausência de um posicionamento sério sobre as queimadas, o presidente decidiu fazer um pronunciamento de, aproximadamente, cinco minutos em rede nacional. Com narrativas que sustentam um discurso ainda mais ideológico e defensivo, percebeu-se a mudança de tom do presidente logo depois da questão ambiental se transformar numa crise internacional: “...todos os anos, infelizmente, ocorrem queimadas na região amazônica...”. Apesar de o governo ter anunciado previamente que medidas para conter os incêndios seriam divulgadas, o pronunciamento não trouxe nenhuma menção a providências concretas.

A divulgação distorcida sobre os dados científicos em diversas áreas do conhecimento, em especial, sobre as queimadas na Amazônia e toda ação antrópica, certamente, nos levam cada vez mais rápido ao lamentável *tipping point*.⁴⁶

Obviamente que a espetacularização da Amazônia, as informações divulgadas sem o devido trato científico e outras até falsas sempre existiram. Em governos anteriores ao atual também ocorreram índices significativos de queimadas, assim como a ausência de uma política de gestão ambiental efetiva que provocasse o mínimo de mudança social. Contudo, estamos num contexto caótico e irreversível, onde apesar da palavra “sustentável” estar desgastada, cabe usar, pois ultrapassou os limites de uma sociedade que seria verdadeiramente sustentável e isso inclui a forma como pensamos e significamos o que seria preservar a Amazônia e o meio ambiente, afinal há muito tempo a ação antrópica tem sido numa escala maior do que a capacidade da natureza se regenerar.

Trata-se daquilo que Gregolin (2016) chamou de produção de uma função enunciativa. Existe uma verdade embutida a partir da qual são selecionados discursos falsos, anticientificistas, abundantemente presentes nas falas dos seguidores de Jair Bolsonaro que apontam a Universidade, em particular as estaduais e federais, como um ambiente fértil para a disseminação de ideologias marxistas, socialistas e comunistas e que, segundo eles, representam um verdadeiro atraso ao desenvolvimento político-econômico-social e cultural do

⁴⁶ O pesquisador Carlos Nobre contextualiza como ponto crítico, ponto de inflexão, de virada, de ruptura do equilíbrio de um sistema.

país. Isso vale até mesmo para o modo como as informações são produzidas, distribuídas e consumidas por meio de tecnologias de informação e comunicação (TIC), criando um terreno fértil para a veiculação das chamadas *fake news*, ou seja, notícias falsas. Embora não caracterizem um problema recente, agora podem ser disseminadas a uma velocidade jamais vista, com o auxílio das redes sociais digitais.

Outro recorte são os sentidos produzidos no discurso de Bolsonaro durante seu pronunciamento⁴⁷ na Organização das Nações Unidas (ONU), em setembro de 2019, quando ele afirmou que o cacique do povo Kayapó Raoni, considerado um dos líderes indígenas de maior renome mundial, tem servido como “peça de manobra” por governos estrangeiros para “avançar seus interesses na Amazônia”.

Ou seja, se o governo de Jair Bolsonaro ataca a ciência, as universidades e a inteligência do país, não é por outro motivo que não o seu conteúdo autoritário, populista e demagogo, conteúdo este que não permite que um governante que luta permanentemente contra os dados e evidências da realidade, e que passou toda a sua vida negando que tenha havido golpe e ditadura, e sobretudo, que diz que nazismo é de esquerda, lide bem com historiadores e demais pesquisadores que comprovam justamente o oposto.

No Brasil de Bolsonaro, quando apenas se inicia esse processo de ataque às universidades e ao conhecimento, o quadro não é diferente do restante do mundo, mas é ainda mais extremado em se tratando de um país com acentuados índices de desigualdade, uma violência explosiva que ainda atravessa uma crise econômica sem precedentes, com milhões de desempregados.

⁴⁷ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=qrdbc5vdA4M>

CONSIDERAÇÕES INCONCLUSAS

Se pensarmos a linguagem como um movimento discursivo inconcluso e que não é um fim em si mesmo, de fato, nossas “conclusões” não se encerram por aqui e não pretendemos finalizá-la. Esta pesquisa tem como intenção deixar abertas as lacunas que precisam ser preenchidas pelo sujeito, história e língua, porque discurso é também a combinação dos três. Por isso, nossas considerações não estarão concluídas já que entendemos que discurso é a linguagem que desliza, que altera sentidos, que produz significados, que apreende ideologias. Dessa forma, vimos que a língua, como o gigantesco processo metafórico em que o sentido surge, se manifesta como a incompletude nas diversas relações entre as materialidades linguísticas.

Escrever essa dissertação não foi tarefa fácil. Exigiu da autora um lado pesquisador que precisava se sobrepor ao de mulher, mãe, cidadã e brasileira. Há algum tempo, ouvi de um pesquisador querido e competente na área de Análise do Discurso, Dr. Sérgio Freire, que o pesquisador pesquisa sua dor. Essa frase sempre me inquieta, principalmente em épocas como a que a estamos vivendo, porque levantar dados para elaborar o *corpus* dessa pesquisa, teorizar sobre cada enunciação e analisá-las discursivamente, trouxe o desagradável sentimento da dor transformada muitas vezes em desesperança. E antes que vire medo ou ódio, é preciso interrompê-lo não com as vestes do vitimismo, mas na crença de uma ciência que produza mais conhecimentos sem políticas de silenciamento, de uma verdade produzida na ética e moral de uma vida não fascista, como citou Foucault sobre a importância da filosofia.

Enquanto mestrande, eu não só atuei produzindo esse estudo, mas estive também como um dos objetos da minha própria pesquisa, porque fui também alvo de violência, preconceito, ódio, *fake news*. O tema desse trabalho intelectual produziu sentidos que reverberam ecos de uma sociedade que ainda tem um pensamento colonial, está em movimento por meio da linguagem e propõe discutir o discurso político dentro da era de pós-verdade. Por isso, tentaram me silenciar, justamente porque o tema pesquisado fez sintoma social. Recorrendo aos postulados freudianos, esses sujeitos se manifestaram por meio de discursos de ódio porque não há sujeito fora de um arranjo sintomático, o sintoma se constrói na relação de significação, assim como o sujeito se constitui na linguagem, no campo do Outro. O sujeito se expressa através do seu sintoma. Partindo dessa perspectiva, as descrições objetivas da pesquisa saíram de cena, abrindo espaço para que fosse privilegiada a escuta desse sujeito que, ao falar, significou seu sofrimento.

A partir da concepção de que o sujeito não se define unicamente pela racionalidade, mas antes se encontra, constantemente, invadido pela dimensão inconsciente, identificamos que o sintoma causado estava de acordo com as pulsões geradas que visam a satisfação (desejos inconscientes) e a censura que se estabelece em virtude das restrições impostas ao sujeito por sua relação com o mundo e com os outros.

Esta pesquisa apresentou um panorama amplo e diversificado, baseado nas produções de sentido das análises enunciativas de Jair Bolsonaro e a maneira que isso reverbera na sociedade, fundamental para a compreensão da radicalização da política brasileira por meio de um autoritarismo que parece ser estruturante e parte da formação social e política de nosso país. Fizemos o recorte de análises históricas também sobre os vários regimes de enunciados, aspectos que fundamentam ainda mais as estratégias de discurso de Bolsonaro, como o fundamentalismo religioso e suas articulações políticas, o liberalismo nacional de uma burguesia que tem o autoritarismo como mola propulsora de seus interesses, as forças armadas e o vínculo ainda forte com um passado ditatorial, a fragilidade no entendimento e no contorno do que é democracia em nosso país, além de um judiciário politicamente marcado pelo interesse no poder. Em outras palavras, delinea-se o grande princípio histórico de Foucault: toda formação histórica vê aquilo que é capaz de ver, toda formação histórica vê tudo o que ela pode ver. E diz tudo o que pode dizer.

A produção de sentido excessiva no efeito social das divulgações de *fake news* nos últimos anos contribuem diretamente para o que chamamos de pós-verdade. Ou seja, a verdade em si não importa, o que é elevado em consideração é o desejo de que determinada informação fosse verdadeira. O que há embutido na era da pós-verdade não é a racionalidade dos fatos e sim, a emoção, a vontade que determinados discursos produzam específicos efeitos de sentido. Isso tudo amalgamado com uma antipolitização, ausência de identificação política e social com instituições, resultando em uma espécie de “*deriva social*”. Ou seja, estamos num momento onde essas forças de poder se coadunam criando pretensas verdades de que a terra é plana, as vacinas geram autismo, o papa é comunista, o kit gay é uma verdade, entre outros discursos que fazem sintoma e que geram uma política de pós-verdade sustentado pelo ódio e pelas *fake news* potencializados pela instantaneidade das redes sociais.

A questão de dizer a verdade em Foucault remete a desnaturalizações. É preciso ter cuidado para não confundir conceitos e descaracterizar o pensamento foucaultiano por meio de reducionismos. Foucault não refuta a verdade como algo existente no mundo das palavras e das

coisas. Ele usa essa instância para dizer que um gesto de unificação não se dá sem que haja naturalizações e repetições negligenciadoras da diferença.

Um outro ponto é que o ato de dizer a verdade por si só não configura a pressuposição da existência de uma responsabilidade do sujeito. É importante salientar isso para que não haja a relativização do conceito. Assim, é importante mobilizarmos um deslocamento: a ousadia de enunciar qualquer tipo de verdade não legitima que tal sujeito é responsável. Dessa forma, é preciso mencionar que o que faz com que um sujeito parresiasta seja responsável, sob o viés foucaultiano que estamos mobilizando, é o senso de responsabilidade em relação aos demais e consigo mesmo. Em relação a *parresia*, podemos citar que se trata da coragem de dizer a verdade, ainda que isso desagrade, irrite ou produza desconfortos. Mas não se trata, em hipótese alguma, de qualquer verdade. Por isso que, lisonja e retórica são adversários desse falar francamente.

Utilizando como metodologia a Análise do Discurso da linha francesa com os postulados foucaultianos, constatamos um constante processo de formulação e reformulação dos discursos de ódio como causa e efeito de uma sociedade marcada pelas desigualdades sociais, preconceitos, medo e profunda aversão ao diferente, resultando numa dinâmica que nos lembra, desconfortavelmente, que são práticas antigas, identificadas no dorso de uma história que tem tentado sobreviver aos interesses vis e perversos da política e de uma modernidade fluida, escorregadia e, como disse Bauman, líquida. Os problemas sociais que vivemos não são atuais, o discurso patriarcal não é recente, as desigualdades e preconceitos não são novos. Novo é como o sujeito tem se constituído e sua maneira de se relacionar com o mundo.

Durante toda a análise das materialidades, identificamos os mesmos jogos políticos e interesses de poder, um programa de capitalismo bem formado pela elite financeira com um forte autoritarismo vindo do desejo que determinadas interpretações sejam usadas como regimes de verdade e com sentidos que ecoam em diversas discursividades que, aliás, são os grandes focos desta pesquisa. Por isso descrevemos algumas produções de sentidos que fazem funcionar como verdadeiros na mídia, sobretudo com a capilarização das redes sociais, apresentamos de que forma as relações de poder e o discurso de ódio se exercem sobre estatutos e procedimentos que são utilizados para a obtenção da verdade nas relações entre sujeito, discurso e sociedade relacionando-os justamente a discursividades e considerando a construção do sujeito nos discursos analisados.

As lógicas percebidas nos discursos autoritários e de ódio de Jair Bolsonaro e legitimados para que seus seguidores reproduzam, perpassam nos diversos ciclos políticos e

econômicos do Brasil, inclusive marcadamente nas três fases que nos propomos a analisar, desde deputado federal a Presidente da República. A linearidade dos discursos polêmicos, de ódio, preconceituosos e misóginos é uma constante. Não dá para afirmar que Jair Bolsonaro teve uma mudança na estratégia de seus discursos durante as fases parametrizadas. Ao contrário, se fizermos um recorte somente dos discursos atuais, temos a clara impressão de que ele ainda está em campanha numa acirrada disputa a um cargo político.

No Brasil, atualmente, a questão que se apresenta é de um governo autoritário e populista, mas com frágeis características de democracia. Ao verificar os inúmeros pronunciamentos, entrevistas e algumas postagens de Jair Bolsonaro, de seus filhos que também são figuras políticas, seus ministros, seguidores e apoiadores, é notório que determinadas políticas públicas em curso sejam desprezadas quando se trata de beneficiar os direitos das minorias, como povos indígenas, comunidades quilombolas, negros, população LGBT, mulheres e pobres. São, portanto, evidências empíricas concretas da retórica refratária à democracia em suas diversas dimensões: representativa, participativa e deliberativa. Os discursos construídos já foram (re) ditos em outro momento e ainda perduram porque abrigam discursividades estruturantes e fundantes na história de formação de nosso país.

Podemos dizer que a proposta discursiva nos permite compreender o texto não como mera construção formal, mas sim, como parte de um processo discursivo mais amplo. Assim sendo, ressalva-se que não houve a pretensão de esgotar o assunto, e sim, a de apresentar uma proposta que não tem o caráter de receita, mas o de promover uma reflexão que opere transformações sociais. O silêncio e a ausência de um posicionamento político não são uma opção segura, tampouco, a incapacidade de entender os acontecimentos. Desejamos que esse estudo auxilie o pensamento crítico e político, porque a palavra em constante movimento precisa se transformar em ação, em atividade, em resistência no sentido foucaultiano do termo, ou seja, uma forte ruptura em nossas bases de formação político-social.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **A Teoria freudiana e o modelo fascista**. Originalmente publicado em 1951. Disponível em: https://nupese.fe.ufg.br/up/208/o/Theodor_Adorno_-_A_Teoria_freudiana_e_o_modelo_fascista_de_propaganda__1951__.htm?1349568035. Acesso em: 27/9/2018.
- ALLCOT, Hunt; GENTZKOW, Matthew. **Social Media and Fake News in the 2016 Election**. *Journal of Economic Perspectives*, 2017.
- AMARAL, Azevedo. **O Brasil na crise actual**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.
- _____. **O Estado autoritário e a realidade nacional**. Brasília: Câmara dos Deputados, Universidade de Brasília, 1981.
- ARENDDT, Hannah. 2004. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- _____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- _____. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000a.
- _____. **A sociedade individualizada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo, Paz e Terra, 1999.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. Tradução de Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- COSTA, Cristina. Liberdade de expressão e campanhas eleitorais. In COSTA, Cristina e BLANCO, Patrícia. (Org.). **Liberdade de Expressão e Campanhas Eleitorais: Brasil 2018**. São Paulo: Palavra Aberta, 2019.
- COSTA, Leonard Christy de Sousa; SILVEIRA, Éderson Luís. Efeito Bolsonaro: anatomia do autoritarismo. In SILVEIRA, Éderson Luís (Org.). **Os efeitos do autoritarismo: práticas, silenciamentos e resistências (im)possíveis**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2018.
- COURTINE, Jean-Jacques. Os deslizamentos do espetáculo político. In: GREGOLIN, Maria do Rosário V (Org.). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.
- _____. A estranha memória da análise do discurso. In INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (Org.). **Michel Pêcheux análise do discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos: Claraluz, 2005.

COURTINE, Jean-Jacques (1981). **Análise do Discurso Político: O discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EDUFSCar, 2009.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FANPAGE oficial Olavo de Carvalho. Agosto de 2019. *Twitter*.

FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/03/pre-candidato-bolsonaro-quadruplica-faltas-na-camara-dos-deputados.shtml>. Acessado em 01 de março de 2019.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

_____. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros**, vol. II. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: WMF/Martins Fontes, 2011.

_____. **A Hermenêutica do Sujeito**. 2. ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **A Ética do Cuidado de Si Como Prática da Liberdade**. In: FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. Col. Ditos e Escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. **A microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. 12. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1996. 295p.

_____. **Estratégia, poder-saber**. Ditos e escritos IV. Tradução Vera L Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FREUD, S. *Psychologie des masses et analyse du moi*. In J. Laplanche (Org.), **Oeuvres complètes**. Paris: PUF, 1991. (Original publicado em 1921).

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Diretoria de Análise de Políticas Públicas. **Robôs, redes sociais e política no Brasil: estudo sobre interferências ilegítimas no debate público na web, riscos à democracia e processo eleitoral de 2018**. Rio de Janeiro, 20 ago. 2017, v. 1. Disponível em: http://dapp.fgv.br/wp-content/uploads/2017/08/Robos-redes-sociais-politica-fgv-dapp_.pdf. Acesso em: 19 maio. 2019.

GOMES, Wilson.; R. C. M. *Esfera pública política e comunicação em direito e democracia de Jürgen Habermas*. **Comunicação & democracia - Problemas & perspectivas**. São Paulo: Paulus Editora, 2008.

GIROUX, Henry. **Neoliberal Fascism and the Echoes of History**, Disponível em <https://www.truthdig.com/articles/neoliberal-fascism-and-the-echoes-of-history/> Publicado em agosto de 2018. Acesso em 08/09/2018.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Michel Foucault: uma teoria crítica que entrelaça o discurso, a verdade e a subjetividade. FERREIRA, Ruberval; RAJAGOPALAN, Kalavillil (orgs.). **Um mapa da crítica nos estudos da linguagem e do discurso**. Campinas: Pontes, 2016, p. 115-142.

HABERMAS, J. **Direito e Democracia**: Entre Facticidade e Validade (volume 2). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

_____. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Giachini Enio Paulo. Petrópolis: Vozes, 2017.

JORGE FILHO, José Ismar Petrola. *Fake news* e a disputa entre grande imprensa e redes sociais na campanha eleitoral de 2018 no Brasil. In: COSTA, Cristina e BLANCO, Patrícia (Org.). **Liberdade de Expressão e Campanhas Eleitorais: Brasil 2018**. São Paulo, Palavra Aberta, 2019.

LACLAU, E. **A razão populista**. São Paulo: Três estrelas, 2013

LE BON, Gustav. **Psicologia das multidões**. Rio de Janeiro: F. Briguet & Cia; 1954 (Original publicado em 1895).

MAGNOLI, D. **Globalização**: estado nacional e espaço mundial. São Paulo: Moderna, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar, 2005.

NIELSEN, R. K.; GRAVES, L. **News you don't believe: audience perspectives on fake news**. Reuters Institute for the Study of Journalism Factsheet. Oxford, Oct. 1981, v. 1. Disponível em: https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/201710/Nielsen%26Graves_factsheet_1710v3_FINAL_download.pdf. Acesso em: 19 fev. 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NUSSBAUM, Martha; RAWLS, John. **Las fronteras de la justicia**: consideraciones sobre la exclusión. Barcelona: Paidós Ibérica, 2007.

ORTEGA, F. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999a.

ORTELLADO, Pablo; SOLANO, Ester. **Pesquisa manifestação política 12 de abril de 2015**. Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2015/04/12/manifestacao-12-04.pdf>. Acesso em: maio 2015.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos**. Campinas, Pontes, 1999.

_____. **Discurso e Texto: formação e circulação dos sentidos.** Campinas, SP: Pontes, 2001

_____. **Análise de Discurso.** In *Discurso e Textualidade.* **Eni Orlandi e Suzy Lagazzi-Rodrigues (Orgs.).** Campinas: Pontes, 2006.

_____. **Cidade dos sentidos.** Campinas-SP: Pontes, 2004.

_____. **Discurso e Texto. 2.ed.** Campinas, Pontes, 2005.

OUT THERE. Episódio 2, Documentário. Direção: Stephen Fry. (59 minutos). Produção: BBC. Reino Unido, 2013. Disponível em https://www.youtube.com/watch?time_continue=442&v=9TiqyO5JQZs&feature=emb_title. Acessado em agosto de 2019.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

_____. A Análise do Discurso: três épocas. In: GADET, F e HAK, T (Orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Pêcheux.** Campinas, Editora da UNICAMP, 1990.

_____. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In **Semântica e discurso** — uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

REICH, W. **Psicologia de massas do fascismo.** São Paulo: Martins Editora, 1921.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SOLANO, Esther. **O ódio como política. A reinvenção da direita no Brasil.** 1º edição. São Paulo: Editora Boitempo, 2018.

SOUZA, Sérgio Augusto Freire de. **Análise de discurso: procedimentos metodológicos.** Manaus: Instituto Census, 2014.

_____. **Conhecendo Análise do Discurso: linguagem, sociedade e ideologia.** Manaus: Editora Valer, 2006.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade, uma teoria social da mídia.** Petrópolis: Vozes, 1998.

VARGAS, Getúlio. **A nova política do Brasil.** Rio de Janeiro: J. Olympio, 1938.

WEBER, M. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. A ciência como vocação: In: **Ensaio de sociologia.** 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982

_____. A psicologia social das religiões mundiais: In: **Ensaio de sociologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

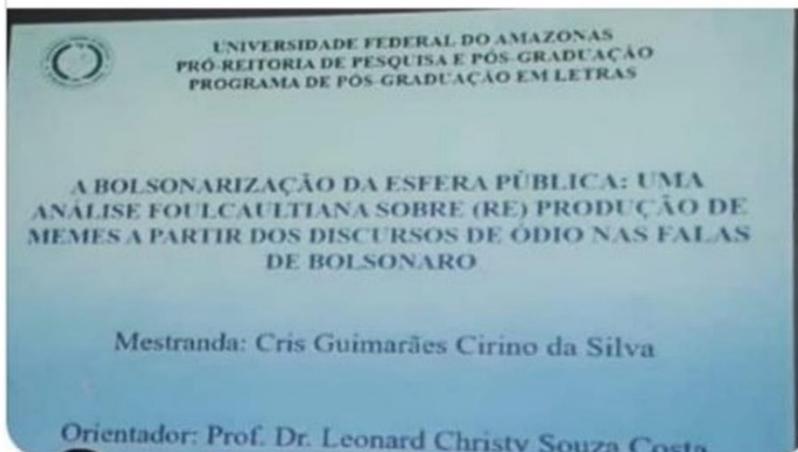
ANEXO I

Tweet publicado por @bolsonaroSP

**Eduardo Bolsonaro** 🇧🇷 ✓ @... · 22 mar ▾Alguém me diga que isso é mentira...
Não sei se dou risada ou se choro.**Leonardo Coutinho** @lc... · 22 mar

Minha mente não alcança.

Mostrar esta conversa



4 444 ↻ 2 714 ❤️ 16,6K 🔗

ANEXO II

Comentários diversos sobre o tema dessa pesquisa de mestrado

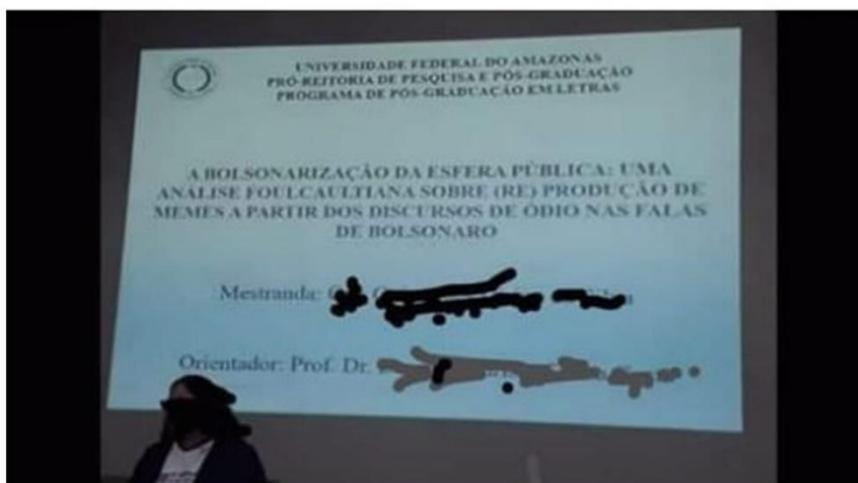


Golf Mike ▶ Grupo UFAM



Há 34 minutos •

Isso é uma tese de mestrado? Isso é sério?
O que está acontecendo? Cara, que vergonha
alheia.



3 comentários

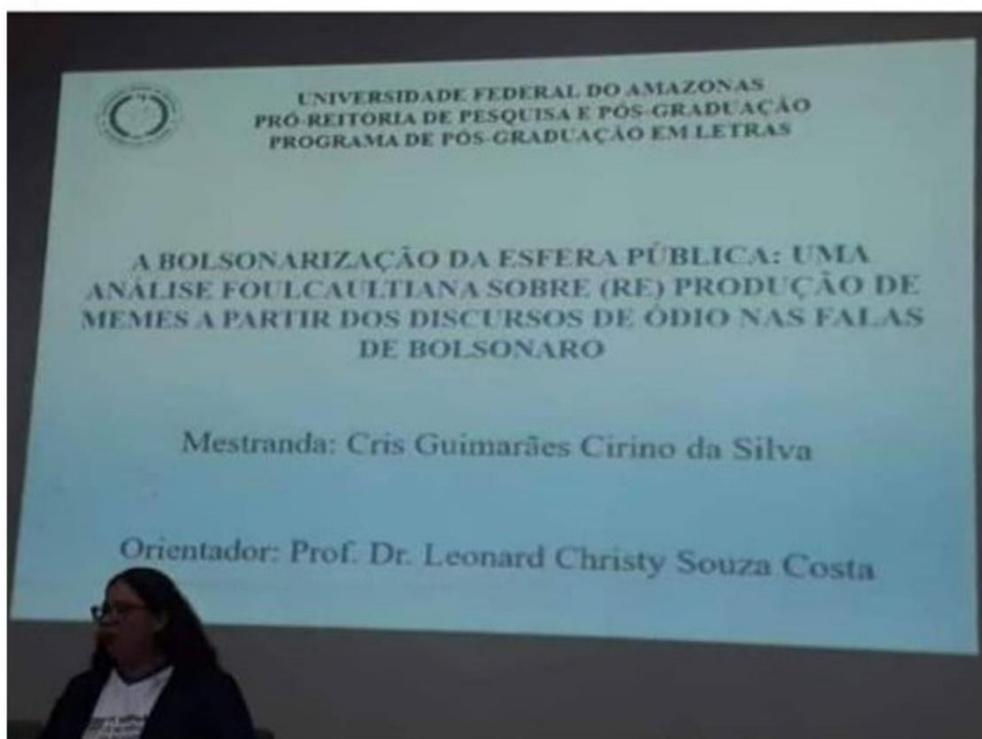
ANEXO III

**Anibal Forte**

2 h • 🌐



Olhem que absurdo . Um trabalho de mestrado da UFAM.
RIDÍCULO.....



2 comentários • 1 compartilhamento

ANEXO IV

-  Sequência
-
-  **Gustavo Ferreira** @glferreir... · 23 mar ▾
Em resposta a @lcoutinho
Só de ver a pinta da mestranda vc já sabe o que vai vir. Misericórdia!
-    6 
-
-  **Ricardo Ramos** @rickramo... · 23 mar ▾
Em resposta a @lcoutinho
É isso mesmo? Grande contribuição científica para a academia e a sociedade brasileira. Como podemos melhorar nossos índices educacionais com produções como esta?
-    5 
-
-  **ChristianACruzB** @Christi2... · 23 mar ▾
Em resposta a @lcoutinho
Maconha batizada!
-    5 
-
-  **Alberto Fabrício** 🇧🇷🇺🇸🇮🇸 ... · 23 mar ▾
Em resposta a @lcoutinho
Caraca, tese de mestrado????
-    6 

ANEXO V



Sequência



Marcia Porto @marcitaporto · 23 mar ▾

Em resposta a @lcoutinho

O quociente de inteligência dessa aluna é estupendo kkkkk

@jairbolsonaro olha aí essa kkkk estou achando que vc vai ter muito trabalho pela frente!



Katya17 @Katya17269002... · 23 mar ▾

Em resposta a @lcoutinho

A feminázi q aparece ali parece o sapo gilmar mendes



VbBomba @VbBomba · 22 mar ▾

Em resposta a @lcoutinho

Deuzulivre que "inguinorança"



Trump sem grife @dos_tru... · 22 mar ▾

Em resposta a @lcoutinho

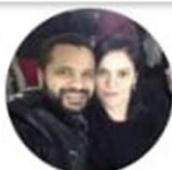
Não, não é!!! Qual o problema, não entendi ?



ANEXO VI



Sequência



@Natansouza @Natansou... · 24 mar ▾

Em resposta a [@lcoutinho](#)

Esquerdismo enraizado no sistema de ensino à décadas resulta exatamente nisso !! Quando o Brasil se igualar a suíça ou Alemanha, eles vão estar nessa postura sem noção!!



Kátia Gomes @Ktia560435... · 24 mar ▾

Em resposta a [@lcoutinho](#)

Essa professora devia ser expulsa!



Nildo sousa @Nildo666644... · 24 mar ▾

Em resposta a [@lcoutinho](#)

Que lixo !!!



Gabriela Araujo @gabidear... · 24 mar ▾

Em resposta a [@lcoutinho](#)

Gente... só pode ser o desespero.



ANEXO VII


Anderson Luiz Farias ... >


Mario Sabino Jonhatan Eduardo disser...



Kelisson Rocha

O orientador é um professor militante que fala de democracia mas não aceita o resultado democrático das urnas. 😂



8 h Gosto Responder

Ver 70 respostas anteriores


Mario Sabino UFAM se tornou em um a...



Victor Guedes

Um trabalho de uma aluna de mestrado, de uma universidade federal, com

ANEXO VIII



aproveite,são uma vergonha se forem alunos

5 h Gosto Responder



Osiris Flores M

Ainda Nós pagamos a bolsa dela de mestrado para fazer uma porcaria dessas.

3 h Gosto Responder



Neto Siqueira

ENTAO O ERRADO É O EDUARDO NÉ? PEOFESSOR MILITANTE GRITA LULA LIVRE FDP.



3 h Gosto Responder



Max Baraúna

ANEXO IX



Tweet



Kátia - Robô do Bolsonaro ❤️... · 1 d ▾

Em resposta a [@BolsonaroSP](#)

Você não viu nada. Rode pelo país e você verá muita bizarrice nesses depósitos de zumbis que se transformaram as universidades Federais e tudo bancado com nosso dinheiro. Esses militantes esquerdistas travestidos de professores tinham que ser escorraçados dessas universidades



1



8



RIBEIRO.S 🇧🇷🇮🇸🇺🇸🇮🇹🇵🇱 AR... · 1 d ▾

Em resposta a [@BolsonaroSP](#)

A maior parte do orçamento da educação é gasto c/ isso que chamam de "universidade" formando "MESTRES" em putaria

Por isso defendo q o governo deve se ocupar somente com ensino fundamental e médio, incluindo os bons cursos de formação técnica, e privatize TODAS as universidades.



2



3



15



ANEXO X

← Tweet



QUE MERDA HEIN??



 2
 



toviva @ToViva · 19h 

Em resposta a [@portald24am](#)
[@BolsonaroSP](#) precisa é procurar a mamadeira de piroca.



 1
 



Iron Maiden is my religion ... · 56 min 

Em resposta a [@portald24am](#)
 "Mestranda" em meme...








Gilberto g4 @g4_gilberto · 21h 

Em resposta a [@portald24am](#)
 Terceirizado da Ufam,não tem refeitório,não tem Área para Repouso após o Almoço,que aliás é tão ruim,que parece ser Babuja para porcos. Também não tem banheiros nem para as mulheres fazer asseios higiênico. A Midia sabe,o MPT sabe. mas ninguém toma providência. o Reitor nota 00

ANEXO XI

 Tweet

Carlosorico@bol.com.br Henri... · 1 d 

Em resposta a [@BolsonaroSP](#) e [@professorigor](#)

Se o presidente [@jairbolsonaro](#) tiver que substituir o [@ricardovelez](#) no [@MEC_Comunicacao](#) que seja por um general linha dura [@exercitooficial](#) pra despertizar as universidades brasileiras, cantarão o hino nacional, da bandeira e da independência todos os dias [#BolsonaroOrgulhaOBrasil](#)



 4

 13



Heitor Serrano @HeitorSerrano · 1 d 

Em resposta a [@BolsonaroSP](#)
E vejam... tem até mestranda em Boulsonarização...

 3

 4

 17



Jhonatan Alves @johnalvesv · 1 d 

Isso só mesma a qualidade do ensino refletido nas universidades.



 2



ellsena @ellsena · 1 d 

Em resposta a [@BolsonaroSP](#)

ANEXO XII



Querem ver o que a doutrinação esquerdista fez? Vai la no 3o andar da @UEAmazonas ESAT pra ver como tá, totalmente depredado com, segundo eles, "arte".



Lussandro Costa @lussandroC · 18h ▾

Em resposta a @portald24am

A militância é tanta que até uma besteira dessa é capaz de virar tese de mestrado. Querem falar de fake news mas deixam de fora a maior delas que foi a fake do whatsapp.



Temer Livre #RESISTENCIA @... · 1 d ▾

Em resposta a @portald24am

é bem trabalho de gorda



3



4



Herbert_Buriti    @Herb... · 1 d ▾



ANEXO XIII

 Tweet**Guto Rocha** @prgutorocha · 1 dEm resposta a [@BolsonaroSP](#)

Mentes obscurecidas pela ideologia nefasta de esquerda; o que uma tese dessa acrescenta à cultura brasileira?! Nada, simplesmente; e a Universidade gasta o dinheiro do povo pra produzir lixos como esse! É a personificação do ódio sendo trabalhada pelo orientador.

**Claudia Mortari** @mortari_clau... · 1 dEm resposta a [@BolsonaroSP](#)

Isso aqui foi verdade em rede nacional, tipo assim, VAI TRABALHAR VAGABUNDO.. 🤪



136 visualizações



ANEXO XIV



Tweet



Dani Nunes Robot 🇧🇷 🤖 🧡 🍀 ... · 16h ▾

Em resposta a [@BolsonaroSP](#)
Pós graduação em Letras? Que vergonha, que vergonha! E a orientadora? Que vergonha!



Érika Regina @rikaRegina13 · 1 d ▾

Em resposta a [@BolsonaroSP](#)
Eu mudaria o título: A idiotização bolsnarista!



ANEXO XV

 Tweet**Guilherme Pedrosa** @guilhped... · 23h Em resposta a [@BolsonaroSP](#)

Dudu, me conta aí. Bom é o quê? Análise "Olaviana" sobre mamadeira de piroca e kit gay?

**RedescobreBr** @redescobre · 1 d Em resposta a [@BolsonaroSP](#)

Choremos, oremos e denunciemos.

**אנה** @AnaMarrj1 · 1 d 

Chora!! Brasil não é?

**Suzuki** @vsuzukii · 18h Em resposta a [@BolsonaroSP](#)

Explica o que vc entendeu desse título.

**Giovana Cristina** @gioangioletti · 1 d Em resposta a [@BolsonaroSP](#)

Única maneira do bolsonaro se

ANEXO XVI



Sequência



Andrezza Muniz @Muniza... · 22 mar ▾

Em resposta a @lcoutinho

Tá aí, esse é o cúmulo da imbecilidade.



Nilson Carvalho @NilsonC... · 23 mar ▾

Em resposta a @lcoutinho

Tradução: Mestranda em tratamento de efluentes residenciais provenientes exclusivamente de vasos sanitários, composto essencialmente por resíduos sólidos, descartada a fase líquida.

Acho q a esquerda sente nojo de si mesma!



Tereza Faria @terezafaria3 · 23 mar ▾



Rêmulô 🇧🇷🇧🇷 @amr5858 · 23 mar ▾

Em resposta a @lcoutinho

É nesse tipo de problema que queremos que MEC faça alguma coisa ministro

ANEXO XVII



Sequência

**Sabrina** @vivimedSabrina · 23 mar

Em resposta a @lcoutinho

🤔🤔🤔🤔 Obra de uma Mestrando? Meu Deus! 🤯 Por isso as crianças, adolescentes e jovens de até 25 anos.. não sabem nem tabuada.. mas virar militante e homossexual.. ahh isso sim.. tem muitos argumentos e querem ganhar todos os debates!

**Fernando Gomes** @nandoli... · 23 mar

Em resposta a @lcoutinho

São dois perturbados mentais: o orientando e o orientado! 🤔🤔🤔🤔

**AdriPivo** @AdriPivo · 23 mar

Em resposta a @lcoutinho

**CSI** 🟡🟢🟡🟢🟡🟢 @acsi... · 23 mar

Em resposta a @lcoutinho

Muito Tosca.
Vergonha alheia.

ANEXO XVIII

-  Sequência
-
-  **Luh** @Luh40814537 · 23 mar 
Em resposta a [@lcoutinho](#)
Tô começando a agradecer a Deus por não ter entrado em uma faculdade ,pq assim permaneço com meu cérebro
-   1  
-
-  **Karina Giassi** @GiassiKarina · 23 mar 
Em resposta a [@lcoutinho](#)
Aí vem a sujeita e te fala “Me respeita que sou Mestra” . RIP educação
-   1  
-
-  **João Simplicio** @joao_and... · 23 mar 
Em resposta a [@lcoutinho](#)
É, o caminho é o empreendedorismo mesmo, pq depender de universidade...
-   1  
-
-  **Tâmila Paes da Silva** @TamilaP... · 4d 
Em resposta a [@lcoutinho](#)
Nossa, não é possível!
-    

ANEXO XIX

 Sequência

Marcio Gomes @marcio_g... · 24 mar ▾

Em resposta a @lcoutinho

🇧🇷 esta do avesso, é uma Mesanta e não mestranda.



Sisiblue @CruzSiimone · 24 mar ▾

Em resposta a @lcoutinho

Desse nível ..



bb 🇧🇷 @bbmar08 · 24 mar ▾

Em resposta a @lcoutinho

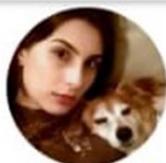
Qual o benefício ao contribuinte de um estudo dessa natureza?! Isso é "ciência"?!!!!



ANEXO XX



Sequência

**Lays** @t_curvello · 22 mar

Em resposta a @lcoutinho

Será q essa geração vai deixar algum legado para as futuras gerações? Se depender da Cris não



2



24

[4 respostas a mais](#)**M. Vidigal** @marcelo_vidigal · 23 mar

Em resposta a @lcoutinho

O triste é saber que as bolsas de estudos (com fins de pesquisa), ofertadas pela CAPES/CNPQ são utilizadas dessa forma. Qual a relevância do assunto para interesses de uma nação?

É uma dissertação que reflete o ego de quem escreve e de quem orienta.



1



1



4

**Maria Cristina Cilento** @Cil... · 23 mar

ANEXO XXI

- ← Sequência
-
- 
Luiz Alberto @caterre · 23 mar ✓
 Em resposta a @lcoutinho
 Dê um Google no nome da mestranda.
 Tem endereço incerto e não sabido,
 processada pela filha menor.
- 



-
- 
Marcelo Cavalcante @Mar... · 23 mar ✓
 Em resposta a @lcoutinho
 Prende ela no potinho pra não encontrar
 um espécime macho e reproduzir. Esse
 animal é um perigo pra sociedade.
- 



-
- 
THEA 🇧🇷 🇮🇹 🇮🇪 🇮🇪 🇮🇪 🇮🇪 🇮🇪 🇮🇪 · 23 mar ✓
 Em resposta a @lcoutinho

- 



-
- 
José Augusto Alves @aug... · 23 mar ✓
 Em resposta a @lcoutinho
 Não é e pra o seu bico, ave olaviana...

- 



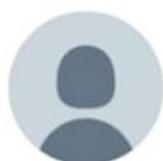

ANEXO XXIII

 Sequência

cintiadias @cintiad329037... · 23 mar ▾

Em resposta a @lcoutinho

Gente de onde saiu isto que Deus nos defenda , porque Jesus não volta hoje e salva a gente por piedade 🙏🙏🙏🙏



Denise Queiroz da Co @dq... · 23 mar ▾

Em resposta a @lcoutinho

É melhor não alcançar mesmo! Eu também não consegui entender....não como capim!



Katia Duarte 🦋 @katiadua... · 23 mar ▾

Em resposta a @lcoutinho

nem a minha :(como podem aceitar esse conteúdo como dissertação de mestrado... imagina o que de tese 🤔🤔



Lurdes B Candido @Candi... · 23 mar ▾

Em resposta a @lcoutinho

Texto da Dilma Rousseff com certeza.....



ANEXO XXIV

 Sequência

Marina Francini @MarinaFr... · 23 mar ▾

Em resposta a @lcoutinho

Esse é o nível dos intelectuais bolivarianos! Quando viram professores, não devemos nos surpreender com os resultados.



Mary @jpg_mary · 23 mar ▾

Em resposta a @lcoutinho

Soube quem é esse indivíduo na faculdade de Pedagogia!!! Aliás temos que digerir muitos textos dele lá ... tá difícil



Anderson Ribeiro @anderi... · 22 mar ▾

Em resposta a @lcoutinho

Um dos mais amados pela esquerda, em humanas este é figurinha carimbada no conteúdo programático.



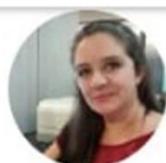
esther.oliveira @esthedoll... · 23 mar ▾

Em resposta a @lcoutinho

É verdade. Seria alguma influência da

Tweete sua resposta

ANEXO XXV

 Sequência**paulini fontes** @Paulini73 · 24 mar 

Em resposta a @lcoutinho

A incompetência do orientador e a capacidade da mestrande se vê no 1o slide

**ELIENAI PAULA DE CASTRO** · 23 mar 

Em resposta a @lcoutinho

Mestrado..... o orientador precisa urgente de ajuda.

**Maria Catanho** @M_Catan... · 23 mar 

Em resposta a @lcoutinho

Eita gota kkkkk gostei de já queimou a largada!

**Cleber de Andrade** 🇧🇷🇺🇷... · 23 mar 

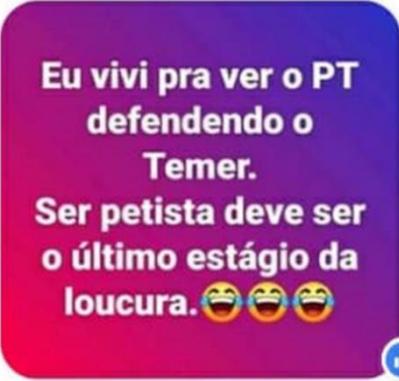
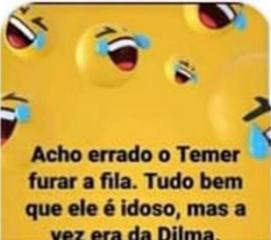
Em resposta a @lcoutinho

Será uma especialista convidada pela Rede Bobo em breve.



ANEXO XXVI

-  A esquerda geralmente tem uma refutação indomável e informativa rsrs.   3
15 min **Riso** Responder Mais
-  **Lukas Costa**
Maconheira  2

15 min Gosto Responder Mais
-  **Silva da Silva**
- 
   4
15 min Gosto Responder Mais
-  **Vanuterio Santos** respondeu · 2 respostas
-  **Edvaldo Sabino De Oliveira Sabino**
#BolsonarotemRazão2022denovo   3
14 min Gosto Responder Mais
-  **Ednilson Almeida**
Envergonhando o Amazonas, pelo mundo...
14 min Gosto Responder Mais
-  **Silva da Silva**
- 
Acho errado o Temer furar a fila. Tudo bem que ele é idoso, mas a vez era da Dilma.

ANEXO XXVII

-  **Marcio Oliveira**
Até aqui só vejo verdades do tcc do filósofo ❤️ 1
21 min Gosto Responder Mais
-  **Cissa Veloso**

21 min Gosto Responder Mais
-  **Ruggery Antunes**
Ufam caindo mais de qualidade dia a dia 😂👍 3
21 min Riso Responder Mais
-  **Marcos Almeida**
MACONHEIROS de plantão...tudo ESQUERDOPATAS ❤️ 1
21 min Gosto Responder Mais
-  **Marcio Oliveira**
E vcs que o atacam procurem ler um livro ❤️ 1
21 min Gosto Responder Mais
-  **Dayana Linda**
Sujando o nome da instituição 😞😞
21 min Gosto Responder Mais
-  **Angelo Fernandes**
Por isso ele vetou o projeto de abrir campus da ufam no interior 🧑🏫 ainda fazem uma merda

ANEXO XXVIII

 **Tweet**

   3 

 **Éder Souza Borges** @derSouza... · 1 d 
Em resposta a [@BolsonaroSP](#)
Não existe doutrinação, é teoria da conspiração da direita delirante...

   3 

 **Ana** 🇧🇷🍗 @WomanDeDireita · 1 d 
Em resposta a [@BolsonaroSP](#)
Espero que não seja verdade, pois senão essa anta recebeu dinheiro público para elaborar esse lixo de “tese”. Inacreditável

Logo, título de mestre e de doutor, no Brasil, é tipo nd praticamente em boa parte de humanas. Aí um exemplo. A tal Cris será “mestre” por essa publicação!

   4 

 **Maria de Lourdes** @Lude7L · 18h 
Em resposta a [@BolsonaroSP](#)
O tamanho do título já mostra o quão incompetente é o desorientador e sua desorientada! [@ricardovelez](#) dá um jeito nisso!

ANEXO XXIX



Tweet



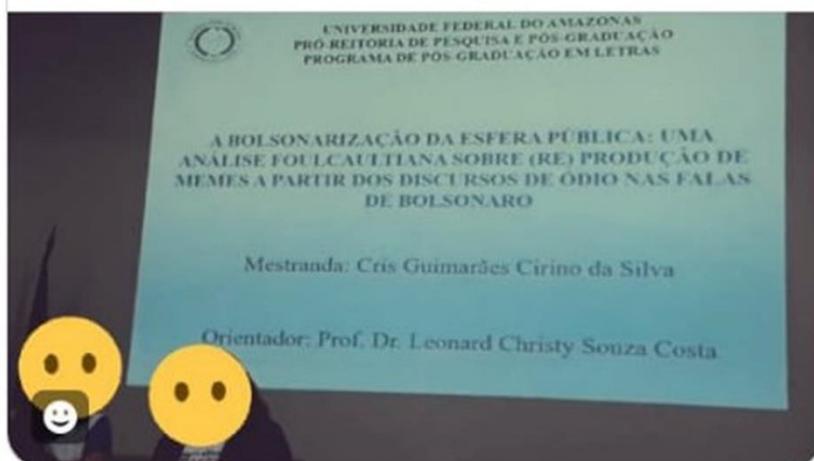
kecke ^{crf} @kecke · 16h

twitter.com/kecke/status/1...



kecke ^{crf} @kecke · 2d

Enquanto isso, na UFAM...



1



Terezoica @Terezoica1 · 1 d

Em resposta a [@BolsonaroSP](#) e [@mariadelurdesme](#)

Daqui alguns anos, a autora do "documento" é que vai chorar...de vergonha!!!

Quando lembrar que conseguiu escrever "isso"....serão rios de lagrimas...



1



5



ANEXO XXX



Tweet



J.K747 JB17 for 2022 @kabo... · 1 d

Em resposta a [@BolsonaroSP](#)

O meu título de mestrando seria : A JUMENTALIZACAO DA ERA PETISTA E A CONSEQUENTE QUEDA NA MÉDIA DE QUOCIENTE DE INTELIGENCIA EQUIPARANDO O PESSOAL DA ESQUERDA A MEROS ZUMBIS DO SEC XXI



1



2



10



Cintia @Cintia_1949 · 1 d



NOTA: 10



1



Silvio BM @lopez_novais · 1 d

Em resposta a [@BolsonaroSP](#)

Eu não entendo o porquê dos reitores das faculdades federais ainda não terem sido exonerados. Há se passaram 3 meses.



1



4



12



ANEXO XXXI

 Tweet**Mari** @marimarimaz · 1 dEm resposta a [@BolsonaroSP](#)

Esse é o nível dos universitários que saem da faculdade para prestar serviço na sociedade. Agora me digam, quem dorme tranquilo sabendo que estes acéfalos irão dar aulas para seus filhos, ser seu médico? seu dentista? ou mesmo cozinhar sua comida num restaurante?



1



3



15

**Mari** @marimarimaz · 1 d

Eles não têm nenhuma consciência de sua responsabilidade social. Estão só jogando nosso dinheiro no lixo. Deveriam saber que o objetivo é seu papel como profissional na sociedade, afinal, é investimento.



1



8

**Sérgio Freire** @sergiofreire · 1 dEm resposta a [@BolsonaroSP](#)m.facebook.com/story.php?stor...

1



18



ANEXO XXXII



Sequência



Rodrigo Moraes @rodrigui... · 23 mar ▾

Em resposta a @lcoutinho e @alexrebelo75

Precisamos renovar o quadro de educadores neste país, porque estão formando militantes ao invés de profissionais em alguma área.



Irapuan @STen_Irapuan · 22 mar ▾

Em resposta a @lcoutinho

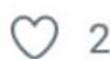
É esse tipo de ciência e produção de conhecimento que as universidades produzem. Espero que @Astro_Pontes de um fim nisso. Cortando dinheiro e exigindo conhecimento de verdade.



Mondeyv @Mondeyv1 · 23 mar ▾

Em resposta a @lcoutinho

Citou foulcaut @museu_UPM



ANEXO XXXIII



Sequência



Ana Maria Pimentel @Ana... · 22 mar ▾

Em resposta a @lcoutinho

Bando de doentes!

[#EuApoioNovaPrevidencia](#)



1



9



ROSANGELA @ROSANGE9... · 22 mar ▾

Em resposta a @lcoutinho

Quem é a "mestranda e o dr orientador"?

Qual é a pauta desses intelectuais imbecis q estão sendo pagos pelo povo e desviando do trabalho q é o de ensinar?É preciso q apurem isso aí.Comunista tem q ser considerado crime no Brasil se não o povo vai continuar pagando esses miliantes.



1



2



8



Blas Fêmea @purushavish... · 22 mar ▾

Divertido alguém achar que análise de discurso a partir de Foucault pode ser comunista! Pergunte aos marxistas o que eles acham de Foucault.



2



7



ANEXO XXXIV



Sequência



FranSalles(#bl4kd43m0n) ... · 22 mar ▾

Em resposta a [@lcoutinho](#)

Não me surpreende nada, durante uma aula de doutorado "companheiros" disseram que era melhor virar puta de tão difícil que estava...



Zelia Harter 17 🇧🇷 [@zfabro...](#) · 22 mar ▾

Em resposta a [@lcoutinho](#)

A minha tb não.



Mario Henrique [@MarioCar...](#) · 23 mar ▾

Em resposta a [@lcoutinho](#)

Há muito tempo colocar dinheiro nas universidades é queimar verbas mais necessárias em outras áreas. Os cursos de humanas se superam no lixo produzido.
O dinheiro da educação tem que ser direcionado ao ensino básico.



ANEXO XXXV

"produção científica" das nossas universidades. Wtf?! O revoltante é que pagamos por essas m...



3

15



Vinícius Almeida @almei... · 15h ✓

Em resposta a [@edmilsonpapo10](#)

A pessoa já mora no cu do mundo...aí me faz LETRAS

Pra piorar me manda uma tese dessas...

Vai ser aprovada e a sair arrotando em sala de aula pra alunos ribeirinhos que é mestre...qndo perguntarem qual foi sua tese vai desconversar por vergonha

2

6

6



Luiz Carioca @cariocano... · 13h ✓

O filho do pobre virou doutor!



2

2



ANEXO XXXVI

"OLAVO DE CARVALHO É O MESTRE DE TODOS NÓS"
IVES GANDRA DA SILVA MARTINS



FANPAGE OFICIAL

Olavo de Carvalho
@opropriolavo

Tweets **3.039** Seguido **89** Seguidores **223 mil** Curtidas **398** [Seguir](#)

Tweets Tweets e respostas Midia

Olavo de Carvalho @opropriolavo · 11 h

"OLAVO DE CARVALHO É O MESTRE DE TODOS NÓS"



Olavo de Carvalho
@opropriolavo

Public Figure - Escritor - Filósofo - Autor de 2 Best-Sellers - Professor do Curso Online de Filosofia (COF)

Olavo de Carvalho @opropriolavo · 19:00 - 2 de ago de 2019

Tanto o catolicismo quanto o judaísmo estão infiltrados de satanistas. Enquanto estes não forem identificados, denunciados e expulsos, os católicos e judeus continuarão levando as culpas de males que jamais praticaram.

1.400 Retweets 8.832 Curtidas

O MUSEU DA DIREITA HISTÓRICA @da_museu · 2 de ago de 2019

Em resposta a @opropriolavo

Precisamos identificá-los, Sr. Olavo. Tribunal inquisitório já!!! Começaremos com os que crêm na terra arrendondada.

"OLAVO DE CARVALHO É O MESTRE DE TODOS NÓS"



Olavo de Carvalho
@opropriolavo

Public Figure - Escritor - Filósofo - Autor de 2 Best-Sellers - Professor do Curso Online de Filosofia (COF)

Cláudio @claudiomet13 · 12 de mai de 2019

Em resposta a @opropriolavo

Relembremos que Dercy Gonçalves era desbocada, aplaudida e muito homenageada antes de depois de sua morte.

A expressão que ora Olavo deixa alguns ruborizados/chocados não é por acaso. Polêmico, sim, mas as obras dele viverá por séculos...

Marcos Moreira @marcosmineiro57 · 12 de mai de 2019

Depois dos 70 se pode falar tudo, inclusive mandat tomar no c! Não são obrigados a nada! Ligarem o botão do f...-se geral!

Guerreiro conservador @ricfonta · 12 de mai de 2019

Em resposta a @opropriolavo

nas universidades tem o bundismo e ozismo cultural também.

Barbosa Neto @BarbosaNeto11 · 12 de mai de 2019

Fazer trenzinho cheirando cus e que é cultura.

Gislene Klein @gigipatriota · 12 de mai de 2019

Em resposta a @opropriolavo

ANEXO XXXVII


Portal do Amazonas.com
...
 28 min · 🌐

#UFAM #Bolsonaro

Tema da dissertação : “ A bolsonarização da esfera pública: uma análise foulcaultiana sobre (RE) produção de memes a partir dos discursos de ódio nas falas de Bolsonaro”



PORTALDOAMAZONAS.COM
Mestrado da UFAM com filósofo de esquerda critica Bolsonaro | PORTAL DO AMAZONAS



 Gosto
  Comentar
 Partilhar

 **161**

33 partilhas

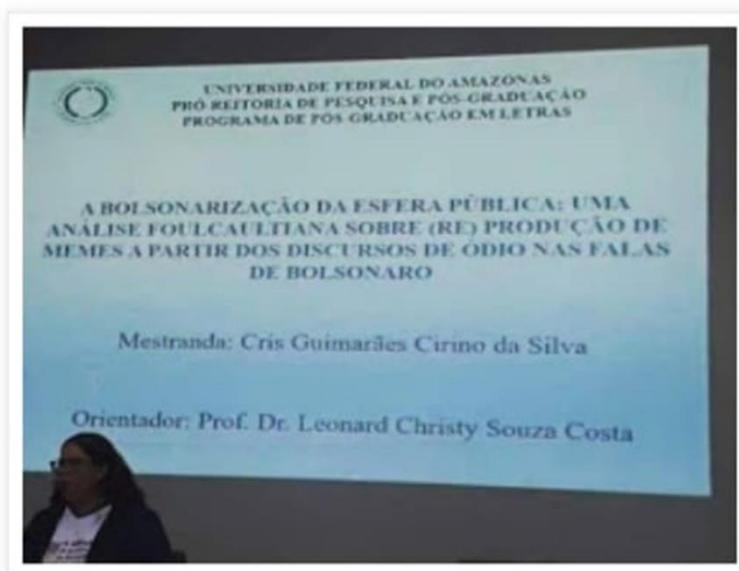
ANEXO XXXVIII



sábado, 23 de março de 2019

Mestranda pesquisa sobre 'A Bolsonarização na Esfera Pública' e provoca reação de Eduardo Bolsonaro, no Twitter

Cris Guimarães Cirino da Silva apresentou trabalho com o tema 'A Bolsonarização da Esfera Pública: Uma Análise Foulcatiana Sobre (RE) Produção de Memes A Partir dos Discursos de Ódio nas Falas de Bolsonaro'



Por Bruno Mazieri

ANEXO XXXIX



AMAZONAS

Publicado em 23 de março de 2019 às 11:50

Eduardo Bolsonaro comenta trabalho de mestrandia da Ufam, no Twitter

Cris Guimarães Cirino da Silva apresentou trabalho com o tema 'A Bolsonarização da Esfera Pública: Uma Análise Foulcatiana Sobre (RE) Produção de Memes A Partir dos Discursos de Ódio nas Falas de Bolsonaro'

Bruno Mazieri / redacao@diarioam.com.br



Manaus – O deputado federal e filho do presidente da República, Flávio Bolsonaro, usou o Twitter, na noite desta sexta-feira (22), para comentar o trabalho da mestrandia Cris Guimarães Cirino da Silva, da Universidade Federal do Amazonas (Ufam). “Alguém me diga que isso é

ANEXO XL

Publicação de memes com discurso de ódio



meme playboy branco | Humor Político – Rir pra não chorar

ANEXO XLI



Revista ISTOÉ

8/03 às 10:05 • 🌐



A edição 2567 de ISTOÉ já está no ar: "E o decoro, presidente?"

Nas bancas e na internet

ISTOÉ
E O DECORO, PRESIDENTE?

ME CONFORTA SABER QUE OS 'FILHOS' DO PRESIDÁRIO ESTÃO CADA VEZ MAIS REVOLTADOS COMIGO!

NÃO ME SINTO CONFORTÁVEL EM MOSTRAR, MAS TEMOS QUE EXPOR A VERDADE PARA A POPULAÇÃO TER CONHECIMENTO E SEMPRE TOMAR SUAS PRIORIDADES. É ISTO QUE TEM VIRADO MUITOS BLOCOS DE RUA NO CARNAVAL BRASILEIRO. COMENTEM E TIREM SUAS CONCLUSÕES (SIC)

ESTAMOS PROCESSANDO ALGUNS, E ESSE "METEORO" SERÁ O PRÓXIMO

O QUE É GOLDEN SHOWER?

E PRA VOCÊS, FALTA O QUÊ? (EM RESPOSTA À JORNALISTA MÔNICA WALDVOGEL, QUE O ACUSOU DE FALTA DE DECORO)

A AGENDA GLOBALISTA MIRA A DIVISÃO DE CLASSES

ERRADO, CÉREBRO MOFADO!

DOIS "FAMOSOS" ACUSAM O GOVERNO JAIR BOLSONARO DE QUERER ACABAR COM O CARNAVAL. A VERDADE É OUTRA: ESSE TIPO DE "ARTISTA" NÃO MAIS SE LOCUPLETARÁ DA LEI ROUANET

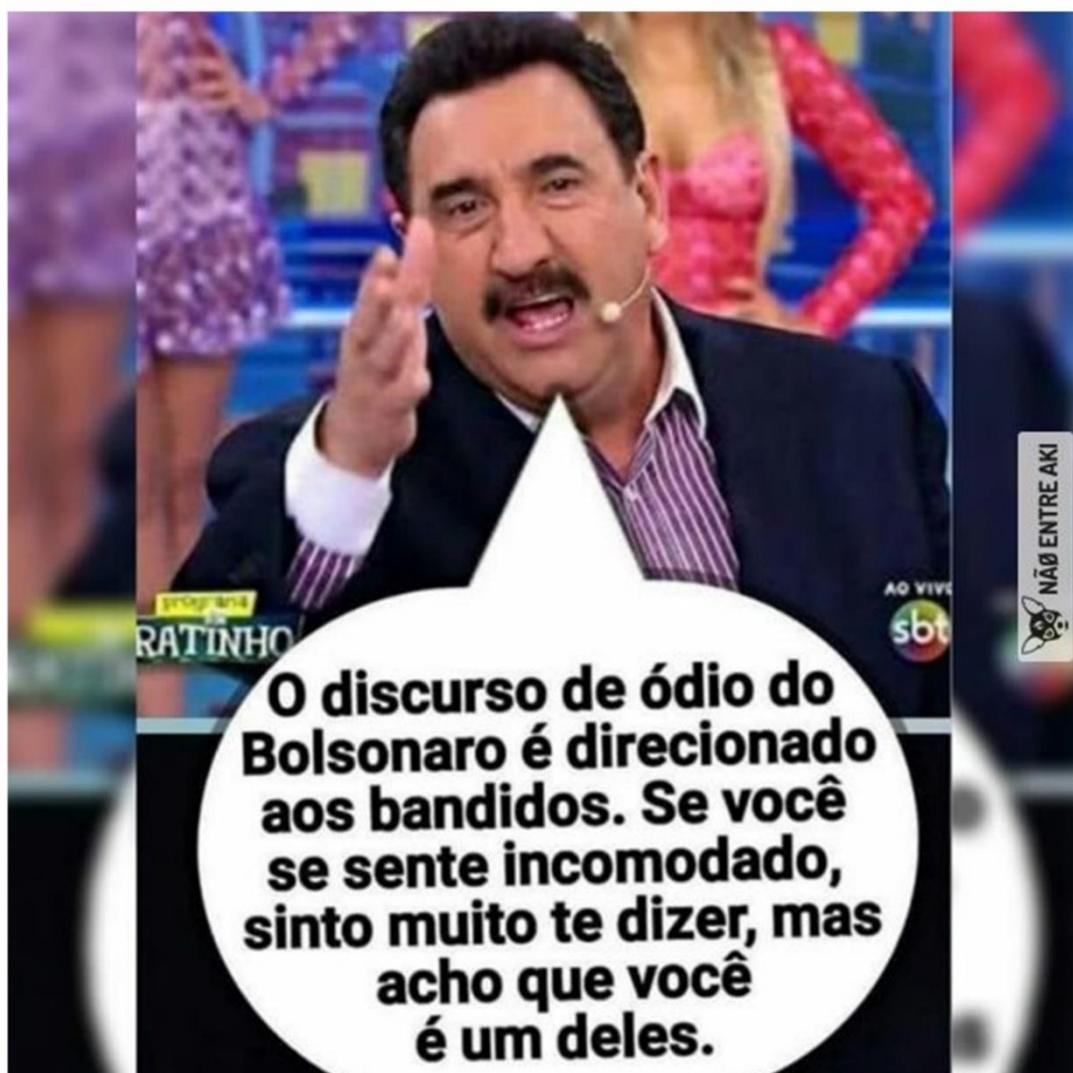
158

030802009 - 000102 - 007200 - 051000

ANEXO XLII



ANEXO XLIII



ANEXO XLIV



ANEXO XLV



ANEXO XLVI

**Bolsonaro diz que vai
fuzilar petistas do Acre**



ANEXO XLVII



ANEXO XLVIII



ANEXO XLIX



ANEXO L

**AMAZÔNIA
EM CHAMAS**



**ÓLEO BRUTO
NO MAR**



**JORNAL
NACIONAL**



PA-TI-FA-RIA

ANEXO LI



ANEXO LII



ANEXO LIII



ANEXO LIV



Rick @kiingdomcold · 12m



Esfaquearam Bolsonaro e conseguiram tirar uma foto no momento do ataque onde aparece o agressor [#facada](#)



ANEXO LV



ANEXO LVII



Jair Messias Bolsonaro



13 de junho de 2019 · 🌐

NOTA DE RETRATAÇÃO

Em razão de determinação judicial, venho pedir publicamente desculpas pelas minhas falas passadas dirigidas à Deputada Federal Maria do Rosário Nunes. Naquele episódio, no calor do momento, em embate ideológico entre parlamentares, especificamente no que se refere à política de direitos humanos, lembrei fato ocorrido em 2003, em que, após ser injustamente ofendido pela congressista em questão, que me insultava, chamando-me de estuproador, retruei afirmando que ela "não merecia ser estuprada".

Aproveito o ensejo para manifestar o meu integral e irrestrito respeito às mulheres. Relembro que na ocasião inicial em que ocorreram os fatos ora tratados, eu havia acabado, justamente de, no plenário da Câmara dos Deputados, defender uma pena mais severa aos autores de estupro e crimes contra a dignidade sexual, relatando o notório caso envolvendo o criminoso "champinha", cuja atrocidade cometida teve repercussão nacional, tendo em vista este sujeito ter estuprado uma mulher e assassinado covardemente o seu namorado. Estava, portanto, exatamente defendendo as vítimas destas práticas repugnantes de estupros e demais crimes sexuais, tendo sido esta sempre uma luta constante nos meus anos de parlamentar. Esta afirmação pode ser constatada por qualquer um, bastando, por exemplo, rememorarem o projeto de lei 5.398 apresentado por mim no ano de 2013 e no qual propunha-se aplicação de castração química a estuproadores, exatamente como medida de proteção às mulheres, a fim de evitar a reincidência por parte destes criminosos. No mesmo ano de 2013, apresentei também o Projeto de Lei nº 5.242, que buscava tornar hediondo os crimes passionais, cujas principais vítimas são as mulheres.

Já no dia de minha posse como Presidente da República, o protagonismo foi feminino, tendo a Primeira Dama discursado antes mesmo do Presidente, com a naturalidade que tratamos essas questões em nossas vidas. Nos primeiros meses de governo reforcei a Lei Maria da Penha permitindo a adoção de medidas protetivas de urgência para mulheres ou a seus dependentes, em casos de violência doméstica ou familiar (Lei 13.827/19). Essas são algumas das nossas ações em tão pouco de governo em prol das mulheres e meninas do nosso país.

Reitero, portanto, que as mulheres brasileiras constituem uma prioridade de meu governo, o que tem sido e será sempre demonstrado através de ações concretas.

Assim, reforço meu respeito a todas as mulheres.

Muito obrigado e um forte abraço!

Jair Messias Bolsonaro.

169 mil

33 mil comentários 12 mil compartilhamentos

Curtir

Comentar

Compartilhar

Mais relevantes ▾

ANEXO LVIII



Jair Messias Bolsonaro · Seguir

31 de maio de 2019 · 🌐



- O Estado é laico, mas eu sou cristão. - Não está na hora de o Supremo ter um ministro evangélico?



👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar 🇺🇦❤️🤔 Merian de Figueiredo, Pedro Urbano e outras 110 mil pessoas · 14 mil comentários

ANEXO LIX

 **Jair Messias Bolsonaro** 5 de maio de 2019 · 🌐


“
Em meu Governo a chama da democracia será mantida sem qualquer regulamentação da mídia, aí incluída as sociais.
Quem achar o contrário recomendo um estágio na Coreia do Norte ou Cuba.
@jairbolsonaro

   92 mil 9 mil comentários 13 mil compartilhamentos

 Curtir  Comentar  Compartilhar

Mais relevantes ▾

ANEXO LX

**Jair Messias Bolsonaro**

7 de maio de 2019 · 🌐

- Cheguei na Câmara em 1991 e encontrei-a tomada pela esquerda num clima hostil às Forças Armadas e contrário às nossas tradições judaico-cristã.
- Aos poucos outros nomes foram se somando na causa que defendia, entre eles Olavo de Carvalho.
- Olavo, sozinho, rapidamente tornou-se um ícone, verdadeiro ídolo para muitos. Seu trabalho contra a ideologia insana que matou milhões no mundo e retirou a liberdade de outras centenas de milhões é reconhecida por mim.
- Sua obra em muito contribuiu para que eu chegasse no Governo, sem a qual o PT teria retornado ao Poder.
- Sempre o terei nesse conceito, continuo admirando o Olavo.
- Quanto aos desentendimentos ora públicos contra militares, aos quais devo minha formação e admiração, espero que seja uma página virada por ambas as partes.
- Jair Bolsonaro/Presidente da República.

  81 mil

10 mil comentários 5,4 mil compartilhamentos

 Curtir Comentar Compartilhar

Mais relevantes ▾

ANEXO LXI

**Jair Messias Bolsonaro**

11 de maio de 2019 · 🌐



- Infelizmente, temos que passar grande parte do tempo desmentindo invenções que parte da mídia e a oposição fazem para desestabilizar o atual governo. Todos sabemos que seria assim, há um interesse gigantesco na máquina pública e não é por preocupação com o futuro do país.

- Hoje, graças a Deus, temos a internet, que possibilitou que a população pudesse observar mais de perto e ter maior influência nas decisões, como sempre deveria ter sido. Isso frustra qualquer pretensão ruim, por isso tentam desanimá-los a todo custo. Se tornou o maior obstáculo.

- O Brasil de sempre, com os velhos vícios, levou os brasileiros a uma situação caótica, com pobreza, violência e desemprego. O establishment quer o de sempre porque não sente as consequências de suas ambições. Nós vamos mudar o Brasil porque não fazemos parte do establishment!

- Por isso precisamos cada vez mais que todos vocês estejam incluídos nesse processo, cobrando, inclusive, do governo. Queremos reproduzir os valores da população brasileira e resgatar nossa identidade como nação. Só assim, juntos, conseguiremos mudar de vez o futuro do Brasil!

- Por isso também ressalto a necessidade de garantir a liberdade nessa importante ferramenta que é a internet, para que nunca mais a população seja afastada do que acontece no cenário político brasileiro e outras liberdades sejam atacadas às sombras. Boa tarde a todos!

151 mil

25 mil comentários 24 mil compartilhamentos

Curtir

Comentar

Compartilhar

Mais relevantes ▾

ANEXO LXII

**Jair Messias Bolsonaro**

21 de maio de 2019 · 🌐



- "E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará" João 8:32.
- Carrego esta mensagem sempre à frente de nossa missão.
- Bom dia a todos!



156 mil

16 mil comentários 9,9 mil compartilhamentos

Curtir

Comentar

Compartilhar

Mais relevantes ▾

ANEXO LXIII

**Jair Messias Bolsonaro**

24 de maio de 2019 · 🌐

- Peço desculpas por frustrar a tentativa de parte da mídia de criar um virtual atrito entre mim e Paulo Guedes. Nosso casamento segue mais forte que nunca kkkkk.

- No mais, caso não aprovemos a Previdência, creio que deva trocar o Min. da Economia pelo da Alquimia, só assim resolve.



154 mil

11 mil comentários 14 mil compartilhamentos



Curtir



Comentar



Compartilhar

Mais relevantes ▾

ANEXO LXIV

 **Jair Messias Bolsonaro** · [Seguir](#)
28 de maio de 2019 · 🌐

- Não queremos ser o pai da criança, queremos destravar nossa economia e fazer nosso país prosperar. - **MAIS BRASIL, MENOS BRASÍLIA.** Esse é um de nossos lemas.

#DomingoEspetacular



 Curtir  Comentar  Compartilhar    Marcela Duarte, Mauricio Nascimento e outras 35 mil pessoas · 2 mil comentários

ANEXO LXV

**Jair Messias Bolsonaro**

1 de junho de 2019 · 🌐

- Não existe democracia sem liberdade de expressão. Jamais exigirei demissão de jornalista por críticas feitas contra minha pessoa. Sou alvo de coisas bem piores há décadas.

- Confio na capacidade das pessoas de discernir o bom do mau jornalismo e tirar suas próprias conclusões.

106 mil

5,7 mil comentários 8,2 mil compartilhamentos

Curtir

Comentar

Compartilhar

Mais relevantes ▾

ANEXO LXVI

**Jair Messias Bolsonaro**

18 de junho de 2019 · 🌐

- O chocante caso do menino Ruan, que teve seu órgão genital decepado e foi esquartejado pela própria mãe e sua parceira, é um dos muitos crimes cruéis que ocorrem no Brasil e que nos faz pensar que, infelizmente, nossa Constituição não permite prisão perpétua.

184 mil

16 mil comentários 16 mil compartilhamentos

Curtir

Comentar

Compartilhar

Mais relevantes ▾

ANEXO LXVII

UOL NEWS PREBANK PROSEGURO CLAROS UOL BATE/PPOU EMAIL

MENU ASSINE FOLHA DE S. PAULO ENTRAR BUSCAR

ambiente > ciência crise da água amazônia sob bolsonaro crise do clima

GOVERNO BOLSONARO PUBLICIDADE

Brasil é 'virgem que todo tarado de fora quer', diz Bolsonaro sobre Amazônia

Presidente comentou pressão de líderes europeus contra o desmatamento que cresce no país

6 jul 2019 às 20h40
Atualizado: 6 jul 2019 às 20h54

Quê e texto A- A+

Fábio Fabríni

BRASÍLIA Ao comentar pressões de líderes europeus e do Papa Francisco contra o **desmatamento em alta no país** e a favor da preservação da Amazônia, o presidente Jair Bolsonaro comparou neste sábado (6) o Brasil a "uma virgem que todo tarado de fora quer".

O presidente falou a respeito ao deixar o Palácio da Alvorada na noite deste sábado (6), rumo a uma festa junina no Clube da Marinha, em Brasília.

Questionado sobre declaração do Papa Francisco horas antes, que alertou para uma situação "séria e insustentável" na floresta, ele fez explanação de alguns minutos, em tom irritado, sobre suas teses relativas ao meio ambiente.

Afirmou que os países estrangeiros querem que o Brasil preserve sua biodiversidade para que eles próprios, no futuro, a explorem.

Francisco disse que "a situação da Amazônia é um triste paradigma do que está acontecendo em muitas partes do planeta: uma mentalidade cega e destruidora que favorece o lucro à justiça".

7/16 Viagem de Bolsonaro ao Japão



Os presidentes da França, Emmanuel Macron, e do Brasil, Jair Bolsonaro, participam de encontro sobre economia digital. Jacques Wit - 28 Jun 19 / AFP

Na semana passada, antes de participar do G-20, no Japão, o presidente foi advertido pelos principais líderes europeus sobre a questão do desmatamento.

A chanceler alemã, Angela Merkel, disse ver com "preocupação" as ações do Brasil contra a devastação e pediu uma conversa clara a respeito. O presidente francês, Emmanuel Macron, cogitou o fim de acordos comerciais com o Brasil, caso o país saia do acordo climático de Paris.

"Vim aqui para mudar. Não estou preocupado com nada, e não ser fazer com que o meu país seja respeitado lá fora e dei a devida resposta para o Macron e para a Angela Merkel. Muito educada", relatou.

Bolsonaro disse que os convidou a voar de Boa Vista a Manaus, desafiando-os a achar destruição pelo caminho. "Se encontrarem um hectare de devastação de terra, eles têm razão", afirmou. Prosseguiu dizendo que pediu também para sobrevoar a Europa. "Se tiver um hectare de floresta, vocês [Macron e Merkel] têm razão".

Na sequência, Bolsonaro resumiu: "O Brasil é uma virgem que todo tarado de fora quer. Desculpe aqui as mulheres".

Bolsonaro sustentou que, na cabeça dos europeus, a Amazônia não é do Brasil. "Você sabe o que é Triplo A? Andes, Amazônia, Atlântico. São 136 milhões de hectares. O primeiro mundo quer para ele a administração dessa área. Você quer perder a Amazônia?".

O presidente chamou seus antecessores de vendilhões por fazer acordos com países como Bolívia e Venezuela. Disse que, quando viajavam ao exterior para eventos como o do G-20, os ex-presidentes voltavam e demarcavam "dezenas de áreas indígenas". E argumentou que ONGs internacionais estão por trás desse processo.

"Uma área maior do que isso [o Sudeste] está reservada para índio. O índio não tem poder de lobby. Quem é que faz a demarcação, se não tem poder de lobby? ONGs, grana de fora do Brasil. Áreas riquíssimas. O que o outro mundo quer é preservar essa área para ele explorar isso um dia", comentou.

O presidente afirmou ainda, sem dar detalhes a respeito, que há uma tentativa de se criar áreas independentes do Brasil no atual território.

"Na ONU se discute há muito tempo a autodeterminação dos povos indígenas: novos países dentro do Brasil. A área dos Yanomâmis é duas vezes o tamanho do Rio de Janeiro. Você acha que um presidente da República qualquer tem de ir para fora se submeter aos caprichos dessas pessoas que querem criar novos países dentro do Brasil?", questionou.

receba notícias da folha
Digite seu e-mail

relacionadas

Ídema diz que multa de Bolsonaro preservou e contraria parecer da AGU

Cientistas dizem que plantar árvores pode salvar o mundo

Birando Salles afirma que Amazônia já tem 'desmatamento relativo zero'

Anuncio InfinitySun Energia Solar
Sabar mais

UM FUNDO DE AÇÕES FOCADO EM EMPRESAS
De boa governança e desenvolvimento social
APROVEITE AGORA
Daycoval
PÚBLICIDADE

veja também

CRISE DO CLIMA
Erosão come praias e até casas litorâneas; obras tentam conter as ressacas frequentes

Após Fundo Amazônia, país pode perder biótiops sem ação ambiental

CREATE AMAZING WEB APPS WITHOUT WRITING CODE
famous
PÚBLICIDADE

ANEXO LXVIII

BRASIL

“Brasileiro não gosta de homossexual”, diz Bolsonaro à BBC

Ator inglês Stephen Fry, que é gay, entrevistou deputado brasileiro em documentário que busca a versão dos mais “notórios homofóbicos do planeta”

Por Marco Prates
© 23 out 2013, 13h37



Jair Bolsonaro, em entrevista ao documentário Out There, da BBC: “Não existe homofobia no Brasil”, disse à rede britânica, que o colocou entre os mais “notórios homofóbicos” do globo (Reprodução YouTube)

São Paulo – Vocês (ingleses) não gostam do Taleban. A sociedade brasileira não gosta de homossexual. Essa é uma das associações feitas pelo deputado federal Jair Bolsonaro (PP-RJ) em um documentário inglês exibido pela rede **BBC** na semana passada. Em **Out There**, o ator e apresentador britânico Stephen Fry, assumidamente **gay**, viaja por vários países para entender as causas da homofobia no mundo (veja trecho abaixo).

No episódio da semana passada, o programa – que afirma entrevistar os **mais notórios homofóbicos do planeta** – mostrou o Brasil. E elegeu Bolsonaro para tal papel.

Não existe homofobia no Brasil. Noventa por cento dos homossexuais que morrem, morrem em locais de consumo de drogas, de prostituição ou executados pelos próprios parceiros, afirmou o deputado federal ao **artista** britânico, que disse ter tido ali um dos encontros mais sinistros de sua vida.

Antes de visitar o **Brasil**, Fry passou pela Uganda, país onde um projeto de lei quer punir com pena de morte a homossexualidade. O apresentador rebateu o deputado em vários momentos.



Tradutor Instantâneo Muama
Invenção Japonesa: Genial Permitte-lhe Falar Instantaneamente 48 Línguas
get-enence.com [Abrir >](#)

É interessante você usar a palavra normal. Existem 480 espécies de **animais** que exibem comportamento homossexual, mas apenas uma espécie na Terra exibe comportamento homofóbico, disse a Bolsonaro.

Apesar do clima de questionamentos, o deputado do **Rio de Janeiro** fez brincadeiras com o apresentador. Estamos pensando em fazer passeatas do orgulho hetero. Você não será convidado, afirmou, entre risos.

Antes de falar com Bolsonaro, o documentarista conversou com a mãe de Alexandre Ivo, garoto de 14 anos que foi assassinado no Rio por skinheads no ano passado.

Veja abaixo:

//www.youtube.com/embed/9Tiqy05JQZs

NOTÍCIAS SOBRE

- BBC
- EMPRESAS
- GAYS
- LGBT
- POLÍTICA NO BRASIL
- PRECONCEITOS

CARTÃO SANTANDER FREE

VOCÊ LIVRE DE ANUIDADE GASTANDO **R\$ 100** EM COMPRAS A CADA FATURA E NÃO PRECISA TER CONTA NO SANTANDER.

[PEÇA O SEU](#)

Newsletter gratuita

As notícias mais importantes da manhã no seu e-mail, de segunda a sexta-feira

Não perca nenhuma notícia.

Inscriva-se em nossa newsletter gratuita.

Aceito receber ocasionalmente ofertas especiais e de outros produtos e serviços do Grupo Abril.

[Política de Privacidade](#)

E-mail [CADASTRAR](#)

Recomendado para você

por laboola

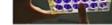
Reforma do serviço público deve acabar com promoções por tempo de serviço



Coronavírus supera Sars na China e se aproxima do Brasil



Inteligência artificial previu epidemia do coronavírus da China



Pela Web

[Links patrocinados por laboola >](#)



Não tenha dores nas articulações na terceira idade, use isto 2x ao dia!

VMD3



O segredo para comprar no Ali Express

Meluz



Novidade: Prepare refeições super saudáveis em instantes.

Master Out

Voos para Fortaleza de Manaus
R\$ 662
[VER MAIS](#)

Voos para São Paulo de Manaus
R\$ 532
[VER MAIS](#)

Voos para Santarém de Manaus
R\$ 325
[VER MAIS](#)

EXAME
O NOVO RISCO DA CHINA

NAS BANCAS
1202 - 05/02/2020
[Acesse o índice](#)

ANEXO LXIX

ESTADÃO

ASSINE



Bolsonaro: próximo passo será legalização da pedofilia

"O próximo passo será a adoção de crianças por casais homossexuais e a legalização da pedofilia", disse ontem o deputado federal Jair Bolsonaro (PP-RJ) ao comentar a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) que reconheceu a união estável entre homossexuais. Para ele, o STF fez um "julgamento político". "O Supremo extrapolou. Quem tem de decidir isso é o Legislativo, com a sanção do Executivo. Agiu por pressão da comunidade homossexual e do governo. Unidade familiar é homem e mulher."

AE, Agência Estado
07 de maio de 2011 | 10h42

Bolsonaro afirmou que proíbe o seu filho de 3 anos de brincar com crianças criadas por gays. "Eu não quero que o meu filho menor vá brincar com o filho adotivo de dois homossexuais. Não deixo. Não quero que ele aprenda com o filho do vizinho que a mamãe usa barba, que isso é normal. Não vou deixá-lo nessas companhias porque o futuro do meu filho também será homossexual", disse o deputado. "Vão dizer que estou discriminando e estou, sim."

Indagado sobre o teor de suas declarações, Bolsonaro atacou o Projeto de Lei 122, que prevê a criminalização da homofobia, e sugeriu que, caso ele seja aprovado, será "mais fácil se livrar de um homicídio do que de uma discriminação homofóbica". "Se ser homofóbico é defender as crianças nas escolas, defender a família e a palavra de Deus, pode continuar me chamando de homofóbico com muito prazer, pode me dar o diploma de homofóbico", declarou. As informações são do jornal **O Estado de S. Paulo**.

Tudo o que sabemos sobre: [STF](#) [gays](#) [direitos](#) [Bolsonaro](#) [críticas](#)

Encontrou algum erro? Entre em contato

DESTAQUES EM GERAL



A importância do Marketing de Conteúdo para escalar negócios



O que significa a palavra 'teira' dos dias da semana? E por que sábado e domingo não têm?



Estadão lança Sextou! com conteúdos de gastronomia, turismo, roteiro e decoração

IN RELACIONADO



RECOMENDADO



ASSINE O ESTADÃO

ANEXO LXX

07/05/2011 10h43 - Atualizado em 07/05/2011 10h43

crisla comunic

Bolsonaro: próximo passo será legalização da pedofilia

Agência Estado



"O próximo passo será a adoção de crianças por casais homossexuais e a legalização da pedofilia", disse ontem o deputado federal Jair Bolsonaro (PP-RJ) ao comentar a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) que reconheceu a união estável entre homossexuais. Para ele, o STF fez um "julgamento político". "O Supremo extrapolou. Quem tem de decidir isso é o Legislativo, com a sanção do Executivo. Agiu por pressão da comunidade homossexual e do governo. Unidade familiar é homem e mulher."

Bolsonaro afirmou que proíbe o seu filho de 3 anos de brincar com crianças criadas por gays. "Eu não quero que o meu filho menor vá brincar com o filho adotivo de dois homossexuais. Não deixo. Não quero que ele aprenda com o filho do vizinho que a mamãe usa barba, que isso é normal. Não vou deixá-lo nessas companhias porque o futuro do meu filho também será homossexual", disse o deputado. "Vão dizer que estou discriminando e estou, sim."

Indagado sobre o teor de suas declarações, Bolsonaro atacou o Projeto de Lei 122, que prevê a criminalização da homofobia, e sugeriu que, caso ele seja aprovado, será "mais fácil se livrar de um homicídio do que de uma discriminação homofóbica". "Se ser homofóbico é defender as crianças nas escolas, defender a família e a palavra de Deus, pode continuar me chamando de homofóbico com muito prazer, pode me dar o diploma de homofóbico", declarou. As informações são do jornal O Estado de S. Paulo.

Brasil
veja tudo sobre

Adolescente é assaltado e morto enquanto ia para o estágio em Ubatuba
29/03/2019

Jovem de 21 anos que sofreu acidente de trânsito em...
21/03/2019

Ceará tem 860 vagas de emprego disponíveis no Sine-IDT no...
13/03/2019



LINK <http://glo.bo/956vLJ>

Shopping

ANEXO LXXI

QUEM Coletivo Político

Inicial A PROPOSTA Quem



Entrevista de Jair Bolsonaro à Revista Playboy

Entretenimento

Jair Bolsonaro

Uma conversa franca com o deputado federal mais intransigente do Brasil sobre homossexualismo, regime militar, justiça com as próprias mãos, tortura, Congresso Nacional e o dia em que um oficial recebeu a visita de Clóvis Bornay no quartel

Jardel Sebba Fotos: Carolina Vianna 12h27 29/06/2011

Compartilhar

Na sala do deputado federal Jair Bolsonaro (PP-RJ) não há retrato de Dilma Rousseff, nem de Lula, nem muito menos de Fernando Henrique Cardoso. Quem entra no gabinete 482 do Anexo 3 da Câmara dos Deputados depara com fotos dos ex-presidentes Emílio Garrastazu Médici (de 1969 a 1974) e João Figueiredo (de 1979 a 1985). O primeiro com a frase "Eu era feliz e não sabia", o segundo ainda com a faixa presidencial. Sob o olhar severo dos dois generais que comandaram o Brasil durante a ditadura militar (1964-1985), há uma mesa caótica com papéis espalhados (que Jair Bolsonaro não deixa ninguém arrumar). Sempre de jeans, sapato e camisa social e dispensando paletó e gravata quando pode, Bolsonaro é bem-humorado. Ri de tudo. Não se preocupa em escolher as palavras. Não sente absolutamente nenhum constrangimento com nada. Discorre sobre o seriado mexicano Chaves (é fã do Seu Madruga) e sobre sexo anal com a mesma serenidade com que trata de tortura e execução.

Apesar de estar no sexto mandato, Jair Messias Bolsonaro, aos 56 anos, ainda não se acostumou ao assédio depois de sua aparição no programa CQC, da TV Bandeirantes, no dia 28 de março. No ar, Preta Gil perguntou o que ele faria se seu filho namorasse uma negra, e ele respondeu que não corria esse risco pois seus filhos haviam sido bem-educados, longe da promiscuidade que marcava a vida da cantora. Alegando não ser racista e não ter entendido a pergunta, Bolsonaro aproveitou a projeção para entrar com os dois pés contra o Projeto de Lei 122, que tramita no Senado e que, em linhas gerais, criminaliza a discriminação contra homossexuais. A questão se tornou uma obsessão na agenda do deputado e deu origem a declarações políticas, para dizer o mínimo. Até o fechamento desta edição, Bolsonaro tinha oito representações na Corregedoria da Câmara, que resultaram em quatro processos inteiros em andamento. Isso não o assusta nem o intimida. Em duas décadas como parlamentar ele já chamou os povos indígenas de "sujos e fedorentos" e proclamou que duas coisas suas nunca estariam à venda: "meu voto e meu rabo".

Nascido em Clébrio, no interior de São Paulo, e o segundo de sete irmãos, ele impressionou na carreira militar como aluno da Escola Preparatória de Cadetes do Exército, em 1973, indo para a Academia Militar das Agulhas Negras no ano seguinte. Estive longe de ser um militar disciplinado. Foi punido, entre outros motivos, por fazer reivindicações salariais em público. Com essa bandeira, deixou o Exército como capitão e foi eleito vereador no Rio de Janeiro em 1988. Depois de dois anos de mandato, elegeu-se para a Câmara dos Deputados, de onde não mais saiu. E seu legado político segue em família. Os dois filhos mais velhos (ele tem cinco, quatro homens e uma mulher), Flávio, de 30 anos, e Carlos, de 28, ocupam respectivamente os cargos de deputado estadual e vereador no Rio, ambos em seu terceiro mandato. Bolsonaro é de extrema direita e muitas vezes profere frases ridículas. Mas não fugiu de nenhuma pergunta da PLAYBOY, mesmo as mais provocadoras e indiscretas. Ele conversou por mais de 7 horas com o editor Jardel Sebba ao longo de três encontros. O primeiro no gabinete de seu filho Carlos e os dois seguintes em seu gabinete em Brasília, sob o olhar atento de Médici e Figueiredo.

O senhor diz que tem saudade do regime militar?

Falam tanto em golpe militar... Ora, eu sempre as Forças Armadas que dão golpe num país. É lógico! Não vão ter os jornalistas ou o pessoal da OAB, eles não têm fuzil! Quem dá golpe é quem tem força. Mas, se foi um golpe em 1964, me digam o nome do general ou do marechal que assumiu no dia 1º de abril. O pessoal reluta um pouquinho e responde: Castello Branco. Não, foi o [então presidente da Câmara dos Deputados] Ranieri Mazzilli. Só em 15 de abril que o [marechal] Castello Branco assumiu. Que golpe é esse?

Existia liberdade na ditadura militar?

Liberdade completa. Falam que a imprensa publicava receita de bolo. Mas em ditadura não tem imprensa. Qual é a imprensa livre que há em Cuba? Qual é a imprensa livre do Hugo Chávez?

Não tinha polícia política, repressão, preso político?

O pessoal da esquerda sempre tenta se vitimizar. Se você pega o Osama Bin Laden vivo e dá dois tapas na cara dele, cai o mundo. Direitos humanos! Tortura! E esquecem os milhares que ele matou nas Torres Gêmeas. Naquela época, quem sequestrou, matou, roubou era preso político? Tá de brincar! Então vou dar uma dica para o Fernando Henrique Beira-Mar se ele ler a PLAYBOY no xadrez. Beira-Mar, começa a falar que é preso político que daqui a pouco você pode estar no governo.

Não existiu tortura durante o governo dos militares?

Tortura sempre existiu desde que o homem é homem. Tem aquela pessoa que vai para um interrogatório enérgico e classifica aquilo como tortura. Primeiro: o que é tortura? Tortura é pegar você por um motivo qualquer e esculhar o corpo. Agora, a partir do momento que, naquela época, se passava gente que estava participando de grupos guerrilheiros, que não tinha amor à própria vida, numa situação dessas, que você precisa obter uma informação, é diferente. Porque eles faziam isso com a gente quando nos prendiam também, né? Você chega para uma pessoa dessas e diz que tem uma informação sobre uma bomba suja que ele vai colocar na Cinelândia. Não sei quantos milhares de pessoas vão virar geleia, e você pergunta: "Então, cadê a bomba suja?" Ele tem direito a advogado? O advogado que eu vou trazer é um cassete desse tamanho! Se uma criança é sequestrada, você pega um dos sequestradores num orelhão fazendo um contato, esse cara não vai ser obrigado a dizer onde fica o cativado? Você deve estar de brincadeira comigo!

O senhor já citou a frase de um colega militar que disse que, "se tivessem dado tratamento correto a esses terroristas, nada disso teria acontecido".

Tratamento correto, nesse caso, é fuzilamento?

Não tem pena de morte no Brasil, mas certas pessoas são irrecuperáveis.

Vamos falar português claro. Quem se engajou em luta armada contra a ditadura militar deveria ter sido eliminado?

Sim, são incorrigíveis. Naquele momento caberia isso porque eles executavam gente nossa, mataram 11 nossos lá no Araguaia. O [ex-capitão Carlos] Lamarca matou um agente da Polícia Federal com tiro nas costas. Covardia. Ele torturou barbaramente o tenente Alberto Mendes Junior, de 23 anos. A grande preocupação dos militares, quando havia passeata de estudantes – e vale lembrar que em ditadura não tem passeata –, era porque se sabia que alguns deles que não estavam muito seguros naquela cartilha seriam executados e eles botariam a culpa na gente. A esquerda sempre se fez em cima de cadáveres. Tem de ter pena de morte no país. Temos que arrancar aquela história da cláusula pétrea. Botaram aquilo lá porque a Constituição de 1988 foi feita no fim do regime militar. Por que não se implantou uma lei para punir o terrorismo? Porque ia pegar a Dilma e muita gente no governo.

O senhor já conversou com a presidente Dilma Rousseff?

Não acredito na hipótese de estar junto com ela. O meu partido já teve café com ela, mas eu não compareço. Conversar para quê? Para ela dizer que é a favor da Comissão da Verdade, que quer identificar torturadores? Ela apoiou esse projeto de lei do governo anterior que quer apurar só determinado tipo de crime, não quer apurar os cometidos pela esquerda. Agora vamos procurar saber do passado dela, por que ela chegou àquele ponto.

O senhor já disse que o problema foi ter torturado, e não malado. A presidente Dilma Rousseff tem uma história conhecida como militante de um grupo armado, o VAR-Palmares, na época da ditadura. Essa frase se aplica a ela também?

Se aplica a todo mundo, até porque a política desse pessoal de esquerda era a de execução.

Deveriam tê-la matado?

Sim, é a minha opinião. Todos esses traidores da pátria deveriam ter recebido pena de morte. Essa é a minha opinião. Espero que nenhum imbecil, ao ler esta entrevista, diga que sou antidemocrático. Tenho imunidade para falar! Não vou perder a minha liberdade ou dar resposta de político velasina para você. Os crimes que o grupo da Dilma cometeu, sequestro de autoridades, assaltos a banco com mortes, latrocínio, merereco e quê?

O senhor tem dificuldade de respeitar a autoridade dela por causa do passado?

Não acredito em cobra domesticada. Ela participou do assalto à casa do Adhemar de Barros, ex-governador de São Paulo, e um grande colega dela, o [deputado estadual no Rio de Janeiro pelo P7] Carlos Miró, participou de latrocínio num assalto a banco. Quando você vê o Barack Obama no meio da Marinha americana, confraternizando no caso Bin Laden, vê o sorriso, o prazer dele. Essa senhora nunca olhou para nós, militares, com o devido respeito.

O senhor olha para ela com o devido respeito?

Fomos nós que concedemos anistia a eles. Além até de que o Congresso estava querendo. Eles não foram vilões. Quero que você me mostre um ato eslando alguém no Brasil. Eles foram embora porque sabem que, naquela época, bandido era tratado como bandido se fosse pago. Tanto que é freixo da legislação é produto deles. A Dilma Rousseff tem tanto medo da verdade que quer criar uma comissão e indicar os sete integrantes.

Do que ela tem medo?

De contarem a vida dela. Ela era mandona, era o capeta naquela época, tinha 20 e poucos anos. E não estava lutando por democracia.

Entrevista completa em:

<http://playboy.abril.com.br/entretenimento/entrevista/jair-bolsonaro/>

Share this:



Seja o primeiro a curtir este post.

ANEXO LXXII

MENU G1

POLÍTICA

Q BUSCAR

21/06/2016 15h55 - Atualizado em 22/06/2016 14h00

Bolsonaro vira réu por falar que Maria do Rosário não merece ser estuprada

Deputado disse que ela é 'feia'; ele responderá por apologia ao crime e injúria. Defesa nega incitação de outros a estuprar; relator vê desprezo por vítimas.

Renan Ramalho
Do G1, em Brasília



O **Supremo Tribunal Federal** (STF) decidiu nesta terça-feira (21) abrir duas ações penais contra o deputado **Jair Bolsonaro** (PSC-RJ). Com a decisão, o deputado se torna réu na Corte pela suposta prática de apologia ao crime e por injúria.

Em 2014, Bolsonaro afirmou, na Câmara e em entrevista a jornal, que a deputada Maria do Rosário (PT-RS) **não merecia ser estuprada** porque ele a considera "muito feia" e porque ela "não faz" seu "tipo". (veja vídeo)

Ao analisar **denúncia da Procuradoria Geral da República** (PGR) e **queixa da própria deputada**, a Primeira Turma da Corte entendeu, por quatro votos a um, que além de incitar a prática do estupro, Bolsonaro ofendeu a honra da colega. Somente o ministro Marco Aurélio Mello foi contra a abertura das ações penais. Os ministros Luiz Fux, Edson Fachin, Rosa Weber e Luiz Roberto Barroso votaram favor de que Bolsonaro se torne réu.

“Ela não merece [ser estuprada] porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria. Eu não sou estuprador, mas, se fosse, não iria estuprar, porque não merece”

— Deputado Jair Bolsonaro (PSC-RJ), em entrevista a jornal em 2014

Defesa

Na defesa, a advogada de Bolsonaro, Lígia Regina de Oliveira Martan, invocou a chamada "imunidade parlamentar", que protege deputados e senadores por opiniões, palavras e votos. Além disso, afirmou que ele não incentivou outras pessoas a estuprar.

saiba mais

Procuradoria vê incitação ao estupro e denuncia Bolsonaro ao STF

Maria do Rosário protocola no STF queixa-crime contra Bolsonaro

Bolsonaro repete que não estupra deputada porque ela 'não merece'

Maria do Rosário desabafa e diz que vai processar Bolsonaro após ofensas

'Não tento agradar', diz Bolsonaro, o deputado federal mais votado no RJ

afirmou.

"A manifestação teve o potencial de incitar homens a vulnerar a fragilidade de outras mulheres [...] 'Se ela merecesse, eu estupraria'. É o que está dito em suas palavras implicitamente. Então, deve haver merecimento para ser vítima de estupro. As palavras do parlamentar podem ser interpretadas no sentido de que uma mulher não merece ser estuprada se é feia. Estaria em posição de avaliar quando a mulher mereceria ser estuprada. Atribui às vítimas merecimento do sofrimento que lhe seja infligido", afirmou.

Acompanharam Fux os ministros Edson Fachin, Rosa Weber e Luís Roberto Barroso. Único ministro a divergir, Marco Aurélio Mello lembrou que a fala de Bolsonaro foi dada em resposta a Maria do Rosário, que o chamou de estuprador, quando ele defendia penas maiores para condenados por violência sexual.

A declaração de Bolsonaro que motivou a denúncia foi feita após discurso de **Maria do Rosário** em defesa das vítimas da ditadura militar (1964-1985). Bolsonaro, que é militar da reserva, subiu à tribuna da Câmara para

Quando Maria do Rosário deixava o plenário, Bolsonaro falou: "Fica aí, Maria do Rosário, fica. Há poucos dias, tu me chamou de estuprador, [...] e eu falei que não ia estuprar você porque você não merece. Fica aqui pra ouvir", disse o parlamentar, repetindo o que havia dito a ela em 2003, em discussão na Câmara.

Política

veja tudo sobre >

Presidente sanciona com veto lei sobre bloqueio de bens de...
08/03/2016

Candidata do PSL em MG diz que ex-assessor de ministro do...
08/03/2016

No Dia da Mulher, Bolsonaro diz que ministério é...
08/03/2016

Bolsonaro e Michelle participam de cerimônia no Planalto...
08/03/2016

Últimas notícias

Shopping

Fnac.com
Microsoft Xbox One X
10 x R\$349,90

compare preços de

Comparar

veja todos os produtos >

21/06/2016 15h55 - Atualizado em 22/06/2016 14h00

"Precisamos considerar o contexto, que inicialmente se apontou que Bolsonaro seria um estuproador. E ele tão somente se defendeu. Se defendeu estarrecido de ser enquadrado como tal e acrescentou que não a estuproaria. [...] O que tivemos aqui foi arroubo de retórica", afirmou.



Os deputados Jair Bolsonaro e Maria do Rosário (Foto: Gabriela Korossy e Luis Macedo / Câmara dos Deputados)

Denúncia

A denúncia contra Bolsonaro por suposta apologia ao crime foi **apresentada em dezembro de 2014** pela vice-procuradora-geral da República, Ela Wiecko. A acusação faz referência a declarações em plenário (veja vídeo abaixo) e ao jornal "Zero Hora" sobre a deputada Maria do Rosário (PT-RS).

Caso condenado, Bolsonaro pode ser punido com pena de 3 a 6 meses de prisão, mais multa.



Dias depois da primeira declaração de Bolsonaro em que ele criticou Maria do Rosário, numa entrevista ao jornal "Zero Hora" ele justificou a fala. "Ela não merece porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estuproaria. Eu não sou estuproador, mas, se fosse, não iria estuproar, porque não merece", disse o deputado.

Para a procuradora Ela Wiecko, "ao dizer que não estuproaria a deputada porque ela não 'merece', o denunciado instigou, com suas palavras, que um homem pode estuproar uma mulher que escolha e que ele entenda ser merecedora do estupro".

A vice-procuradora diz, ainda, que Bolsonaro "abalou a sensação coletiva de segurança e tranquilidade, garantida pela ordem jurídica a todas as mulheres, de que não serão vítimas de estupro porque tal prática é coibida pela legislação penal", segundo informou a PGR.

tópicos: Jair Bolsonaro, Luiz Fux, Maria do Rosário, Supremo Tribunal Federal

ANEXO LXXIII

G1

JORNAL NACIONAL

Jair Bolsonaro (PSL) é entrevistado no Jornal Nacional

O candidato do PSL à Presidência foi entrevistado, ao vivo, na bancada do JN, por William Bonner e Renata Vasconcellos.

Por **Jornal Nacional**

28/09/2018 22:03 Atualizado há um ano



Jair Bolsonaro (PSL) é entrevistado no Jornal Nacional

William Bonner: Nós já estamos a postos para receber o convidado dessa noite, o candidato Jair Bolsonaro, do PSL.

Renata Vasconcellos: Olá, candidato. Seja muito bem-vindo. Boa noite.

William Bonner: O nosso segundo entrevistado. Boa noite. Bem-vindo, candidato. Muito obrigado pela sua presença. Eu peço ao senhor que ocupe a sua cadeira. Com aquele cuidado, só porque a mesa é giratória.

Jair Bolsonaro: Isso aqui tá parecendo uma plataforma de tiro de artilharia. Então, estou confortável aqui.

William Bonner: Esteja certo de que não é. Vamos lá, Renata?

Renata Vasconcellos: Vamos lá. O Jornal Nacional... Boa noite candidato, novamente. O Jornal Nacional dá sequência, nesta terça-feira (28), à série de entrevistas, ao vivo, com os principais candidatos à Presidência da República mais bem colocados na última pesquisa Datafolha de intenção de votos.

Luiz Inácio Lula da Silva, candidato do PT, aparece em primeiro lugar na pesquisa. Mas o ex-presidente não pode dar entrevistas por determinação da Justiça. Ele está preso em Curitiba, condenado por corrupção passiva e lavagem de dinheiro.

A ordem das entrevistas foi determinada em sorteio, com a presença dos assessores dos candidatos. Nesta segunda-feira (27), esteve no Jornal Nacional Ciro Gomes, do PDT. Nesta terça-feira (28), é a vez de Jair Bolsonaro, do PSL. Nesta quarta-feira (29), Geraldo Alckmin, do PSDB. E, na quinta-feira (30), Marina Silva, da Rede.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE



Nas entrevistas, o Jornal Nacional aborda os temas que marcam cada uma das candidaturas, questiona assuntos polêmicos e trata da viabilidade de alguns pontos dos programas de governo.

Na semana de 17 a 21 de setembro, os candidatos mais bem pontuados pela pesquisa Ibope ou Datafolha mais recente da ocasião também vão estar no Jornal da Globo.

O tempo total desta entrevista é de 27 minutos e não pode ser ultrapassado, porque foi esse o tempo dado ao candidato Ciro Gomes na entrevista desta segunda-feira. Ao fim, o candidato terá mais um minuto para dizer que Brasil que ele quer para o futuro.

E o tempo começa a ser contado a partir de agora.

William Bonner: Candidato Jair Bolsonaro, bem-vindo mais uma vez. Nós vamos começar a entrevista falando sobre o velho e o novo na política. O senhor está no seu sétimo mandato. São 27 anos. Por que é que o senhor se apresenta como o novo, contra tudo que está aí, se o senhor e a sua família, como tantas outras famílias de políticos, fizeram da política uma profissão, vamos dizer assim. O senhor vive da política e vive para a política, como outras famílias fizeram o mesmo, e o senhor as critica muito duramente.

Jair Bolsonaro: Geralmente, quando se fala em família na política, são famílias enroladas em atos de corrupção. A minha família é limpa na política. Sempre integrei o baixo clero em Brasília. Se tivesse, na forma de fazer política, ocupado altos postos, com toda certeza eu estaria envolvido na Lava Jato hoje em dia. Então, mantive a minha linha em Brasília, inclusive citado no Mensalão por Joaquim Barbosa como o único deputado da base aliada que não foi comprado pelo PT. Citado por Alberto Yousef como um dos três deputados do PP que não buscou dinheiro na Petrobras. E também, na questão da JBS Friboi, fui o único deputado que recebeu do partido dinheiro oriundo da JBS Friboi e devolveu para o partido. Então, eu não sou, eu estou lá na política há muito tempo, tenho 17 anos de Exército Brasileiro e mantive a minha linha.

William Bonner: Mas...

Jair Bolsonaro: E ser honesto, Bonner, não é virtude, é obrigação.

William Bonner: Mas, eu vou tentar explicar aqui a questão que eu estou colocando. É que tudo o que o senhor tem, em termos de patrimônio, o senhor conquistou com os seus salários de parlamentar, está certo? O senhor declarou à Justiça Eleitoral um patrimônio em torno de R\$ 2 milhões. Isso coloca o senhor em um grupo muito reduzido de brasileiros, 0,2% da população brasileira. Portanto, ao longo de 27 anos, o que aconteceu foi que o senhor fez da política uma profissão. A questão é: o que é que o diferencia de tantos outros políticos que trilham o mesmo caminho?

Jair Bolsonaro: Bonner, nunca recebi dinheiro de empresa nenhuma para campanha. Sempre fiz a minha campanha usando aquilo que consegui ao longo do mandato, em especial as minhas conquistas. Eu tenho reconhecimento popular para isso. Muitas vezes, inclusive no passado, sequer em televisão, no horário eleitoral gratuito, eu apareci. Então, eu fiz um trabalho, no meu entender, reconhecido pelo povo como muito bom. Se não aprovei muitos projetos, também evitei que péssimos projetos fossem avançar em Brasília. E, por tabela, elegi os meus filhos, um federal em São Paulo, um vereador no Rio e outro estadual do Rio de Janeiro. Ninguém é obrigado a votar nos meus filhos, eles acreditam em mim.

Renata Vasconcelos: Mas falando nessa questão, candidato, que ele mencionou, a gente está falando de práticas novas na política que o senhor diz tanto defender, né? O senhor dispensou o auxílio-moradia, mesmo tendo um apartamento em Brasília, em março deste ano. O senhor já tinha dito que isso não é ilegal e, de fato, não é. Mas o que há de novo em um candidato que defende a moralidade no uso do dinheiro público, mas que só volta atrás quando é cobrado publicamente?

Jair Bolsonaro: Não, eu fui para um apartamento novo agora porque eu precisava de um espaço maior. O meu apartamento tinha 70 m², tinha despesas também.

Renata Vasconcelos: Mas o senhor dispensou...

Jair Bolsonaro: Agora, vão me desqualificar por ter recebido auxílio-moradia, que é legal, como a "pejotização" de vocês também é legal?

Renata Vasconcelos: A gente só está falando das práticas novas na política que o senhor defende...

Jair Bolsonaro: Não, não, olha, nunca tive um cargo no governo, nunca tive um secretário de município indicado por mim, do estado, nada, eu sempre fui um parlamentar preocupado com o meu mandato e o meu voto é algo sagrado. O meu voto é a marca do meu trabalho e respeito para com a população.

Renata Vasconcelos: Mas nessa questão do auxílio-moradia, se todos fazem assim e o senhor faz como todos fazem, o que há de novo nisso na política?

Jair Bolsonaro: Olha só, eu estava em um cubículo em Brasília. Todo recurso que eu recebo em Brasília é para a manutenção do meu mandato, era para pagar também o IPTU daquele imóvel, era para pagar o condomínio... Ficava quase no zero a zero. O meu apartamento está à venda. Quem quiser comprar está à disposição, e agora estou morando num funcional. É o tal negócio... A forma de vocês receberem por PJ também é legal e está na lei, eu não estou criticando isso aí.

William Bonner: Vamos falar de economia, candidato?

Jair Bolsonaro: Vamos, fique à vontade.

William Bonner: É um tema caríssimo aos brasileiros, importantíssimo nesse momento. Sobretudo nesse momento que o país está enfrentando. O senhor diz, com sinceridade até, que o senhor não entende de economia. E que quem vai cuidar desse assunto no seu governo, caso eleito, será Paulo Guedes, um economista. A questão é: em nenhuma democracia do mundo há notícia de um candidato a chefe de estado que, com tamanha antecedência, ao longo de uma campanha eleitoral, já tenha delegado tamanho poder a um futuro subordinado. O que é que o senhor diria a um eleitor que esteja preocupado com a possibilidade de o senhor se tornar um refém de um subordinado tão poderoso, em quem o eleitor nem vai votar?

Jair Bolsonaro: Primeiro, o Lula, que não entendia de economia, teve um ministro da mesma, médico, Dilma Rousseff, que entendia de economia, levou o Brasil ao caos. Eu parto do princípio que você tem que confiar nos homens e nas mulheres. Eu às vezes me pergunto o que o senhor Paulo Guedes viu em mim. Ele já me respondeu: "Vi sinceridade e vi confiança". Eu tenho que confiar nele, como tenho que confiar no meu ministro da Justiça, o da Defesa, o da Agronomia, entre outros. E olha só Bonner, pode ter certeza, eu sou o único desses que estão aí com chance de chegar que vai ter isenção para escolher os seus ministros, não vai pedir bênção e nem vai estar preso a indicações políticas, que os ministros geralmente trabalham para os seus partidos políticos. Então, eu tenho essa independência. E o Paulo Guedes é um economista reconhecido, dentro e fora do Brasil.

William Bonner: O senhor tem repetido, inúmeras vezes, que Paulo Guedes vai permanecer com o senhor até o fim. Já foi questionado sobre isso: "Mas se os senhores brigarem? Não, não tem briga, ele vai ficar". No entanto, existe um conceito de gestão que diz o seguinte: não se deve contratar ninguém que depois não possa ser demitido. E o senhor sabe que é impossível o senhor garantir que um subordinado vá acompanhá-lo até o fim do seu mandato. É uma garantia que o senhor não tem como oferecer, candidato. Então, a questão que eu gostaria de propor é a seguinte: digamos que Paulo Guedes um dia entre no seu gabinete como presidente da República e diga assim, sei lá, como ministro, ele diga assim: "Presidente, ou o senhor faz isso, isso e isso ou eu vou pegar o meu boné e vou-me embora". O que o senhor faria numa situação como essa com Paulo Guedes? O senhor deixaria ele ir embora, e aí o senhor descumpria essa promessa de mantê-lo até o fim, ou o senhor obedeceria a exigência feita por ele?

Jair Bolsonaro: Bonner, é quase que um casamento. Eu estou namorando o Paulo Guedes há algum tempo e ele a mim também. Nós, Bonner, somos separados. Até o momento da nossa separação, nós não pensamos numa mulher reserva para isso. Se isso vier a acontecer, por vontade dele ou por uma vontade minha, paciência. O que eu tenho de Paulo Guedes até o momento é de uma fidelidade, de um compromisso enorme para com o futuro do Brasil. Tenho certeza, acredito nas propostas dele e ele vai implementar, se não vai implementar todas é porque temos, sim, um filtro chamado Câmara e Senado. Nem tudo que ele quer ou o que eu quero podemos aprovar, porque passa pelo parlamento brasileiro.

William Bonner: O senhor está então, agora, admitindo que existe essa possibilidade de Paulo Guedes, em algum momento, se descasar do senhor, para usar uma comparação que o senhor está usando.

Jair Bolsonaro: Paulo Guedes, Bonner, quando nós nos casamos, eu com a minha esposa, você com a sua, nós juramos fidelidade eterna. E aconteceu um problema no meio do caminho, que não cabe a ninguém discutir esse assunto. Duvido, pelo que conheço de Paulo Guedes, e passei a conhecê-lo muito mais depois que comecei a conversar com ele, esse descasamento venha, esse divórcio venha a acontecer. O único insubstituível nessa história sou eu, que daí troca todo o ministério. Fora isso, se por ventura vier a acontecer, pode ter certeza, né, que não será por um capricho meu ou o capricho dele. Que nós estamos imbuídos, eu e Paulo Guedes estamos imbuídos, em buscar dias melhores para o nosso Brasil. E nós não queremos uma aventura nesse processo.

Renata Vasconcellos: Candidato, vamos falar agora de um tema muito importante também, que é desigualdade de gênero. Segundo o IBGE, as mulheres ganham 25% menos que os homens. O senhor já disse que no serviço público já há a garantia dessa igualdade salarial. E no setor, na iniciativa privada, vale o que o empregador... O livre-arbítrio do empregador. O senhor já disse que um presidente da República, na sua opinião, não pode fazer nada a respeito para mudar esse quadro. O fato é que o senhor afirmou que, se fosse empregador, não empregaria mulheres com os mesmos salários dos homens. Ou seja, o senhor se solidariza pessoalmente com os empregadores que compartilham dessa desigualdade salarial. Como explicar isso às mulheres?

Jair Bolsonaro: É muito fácil. Renata, você leu isso, ouviu ou viu essa afirmação tua a meu respeito?

Renata Vasconcellos: Acho que eu ouvi e li.

Jair Bolsonaro: Não. Você não...

Renata Vasconcellos: Ouvi na televisão...

Jair Bolsonaro: Não, me desculpe a senhora não ouviu. Eu nunca...

William Bonner: Candidato, nós ouvimos. Se o senhor quiser...

Jair Bolsonaro: Foi no programa da Luciana Gimenez?

William Bonner: É...

Jair Bolsonaro: Mas já existia esse fato em jogo, ela perguntou para mim, eu falei 'é competência'. Daí ela falou: 'O, as mulheres todas são competentes'. Então, a questão de salário é questão de competência... Na CLT já se garante isso. O salário compatível, desde que não haja mais de dois anos em tempo de serviço a mais entre uma e outro. Olha, isso veio...

Renata Vasconcellos: Nós sabemos que, na prática, existe desigualdade salarial entre homens e mulheres.

Jair Bolsonaro: Tudo bem.

Renata Vasconcellos: Tanto é que o IBGE mostra que as mulheres ganham 25% a menos que homens.

Jair Bolsonaro: Renata... Eu estudei.

Renata Vasconcellos: Eu gostaria só de saber do senhor, eleito presidente da República, o senhor é candidato à presidência, que políticas o senhor deve fazer para evitar essa desigualdade?

Jair Bolsonaro: Por que o Ministério Público do Trabalho não age no tocante a isso daí? Passa a agir.

Renata Vasconcellos: O senhor como presidente da República...

Jair Bolsonaro: Mas eu não tenho ingerência no Ministério Público do Trabalho, isso está na CLT. É só as mulheres denunciarem, o MP do Trabalho vai atuar no assunto.

Renata Vasconcellos: O senhor sabe que o Estado, ele tem mecanismos para estimular a iniciativa privada para que não cometa esse tipo de desigualdade salarial.

Jair Bolsonaro: Olha, Bonner...

Renata Vasconcellos: O senhor como candidato à Presidência da República não vai fazer nada para... Ou melhor, como presidente da República, o senhor não fará nada para evitar desigualdades assim?

Jair Bolsonaro: Olha, mas é lógico que a gente faria, mas estou falando que o Ministério Público do Trabalho pode ser questionado. Eu estou vendo aqui uma senhora e um senhor, eu não sei ao certo, mas com toda certeza há uma diferença salarial aqui, parece que é muito maior para ele do que para a senhora. São cargos semelhantes, semelhantes, são iguais...

Renata Vasconcellos: Candidato, desculpe até, eu vou interromper vocês dois. Sim, eu poderia até como cidadã, e como qualquer cidadã brasileira, fazer questionamentos sobre os seus proventos, porque o senhor é um funcionário público, deputado há 27 anos, e eu, como contribuinte, ajudo a pagar o seu salário. O meu salário não diz respeito a ninguém. E eu posso garantir ao senhor, como mulher, que eu jamais aceitaria receber um salário menor de um homem que exercesse as mesmas funções e atribuições que eu. Mas agora eu vou devolver a palavra ao senhor, para o senhor continuar o seu raciocínio.

Jair Bolsonaro: Pode ter certeza, né? Vocês vivem em grande parte aqui de recursos da União. São bilhões que recebem o sistema Globo, de recursos da propaganda oficial do governo.

William Bonner: Candidato...

Jair Bolsonaro: São concessões, mas vamos lá. Não pregue em mim essa pecha que eu defendo isso, porque se tivesse defendido um dia, teria um discurso meu na Câmara. Nunca teve um discurso, um projeto meu da Câmara nesse sentido, não existe. Esse rótulo foi pregado em mim, no ano de 2010 mais ou menos, 2012, quando dei uma entrevista para o jornal Zero Hora, de Porto Alegre. Eu estudei e falei por que mulher ganhava menos do que o homem de acordo com estudos, inclusive do IBGE.

Renata Vasconcelos: O senhor tem então algum projeto nesse sentido, se for eleito?

Jair Bolsonaro: Já está na CLT. A CLT já garante salários iguais para as mesmas funções, para homem e mulher. Não tem que discutir.

William Bonner: O candidato deixou claro que não vai tomar nenhuma providência nesse sentido.

Jair Bolsonaro: E se a lei não está sendo cumprida... Quando uma lei não é cumprida, a quem compete resolver? É a Justiça, é o Ministério Público do Trabalho.

William Bonner: Candidato, vamos falar de emprego, então. Vamos seguindo falando de emprego. É um tema importantíssimo também neste momento. O senhor tem dito que, para ter mais emprego, é preciso ter menos direitos trabalhistas. Eu pediria ao senhor que explicasse. Num governo Bolsonaro, quais direitos trabalhistas os brasileiros deixarão de ter?

Jair Bolsonaro: Faltou um pedacinho antes. Eu tenho falado em todas as reuniões que eu faço, há quase quatro anos, em palestras pelo Brasil, que a classe empregadora - são os comerciantes, são os industriais, os empresários - tem dito o seguinte. Eles têm dito o seguinte: um dia o trabalhador vai ter que decidir: menos direito e emprego ou todos os direitos e desemprego. Por que isso? O custo do Brasil...

William Bonner: O senhor verbaliza o que dizem os empregadores? Na condição de candidato à Presidência.

Jair Bolsonaro: Sim, sim. E eu tenho falado para eles: "Vocês têm que demonstrar isso".

William Bonner: Mas quais são os direitos trabalhistas que o senhor como presidente tiraria?

Jair Bolsonaro: Esses direitos estão previstos no artigo 7º da Constituição, cláusulas pétreas, nenhum pode ser retirado. Nenhum pode ser retirado. O que nós temos que fazer, aí parte do Executivo, nós temos que desonerar a folha de pagamento, nós temos que desburocratizar, nós temos que desregularizar muita coisa. Evitar que, para se abrir uma empresa, leve em média, aí, cem dias no Brasil. E isso tem que fazer para ajudar a ter emprego no Brasil. Bonner, você não consegue no Brasil...

William Bonner: Candidato, eu estou tentando extrair do senhor uma informação objetiva, com o seguinte propósito: não seria mais correto, antes da eleição, o eleitor saber, o trabalhador saber, de que tipo de direitos o senhor está disposto a tirar. Que tipo de direitos o senhor está disposto a suprimir uma vez eleito? Para não ter uma surpresa depois?

Jair Bolsonaro: Primeiro, desculpa Bonner, quem por ventura tirar direito, não vai ser o chefe do Executivo, vai ser a Câmara e o Senado.

William Bonner: O senhor vai propor ao Congresso?

Jair Bolsonaro: Não, não vou. Só se você tiver uma nova Assembleia Nacional Constituinte. E se você abrir, instaurar uma nova Assembleia Nacional Constituinte, a gente não sabe o que vai acontecer dentro do Parlamento, você perde o controle daquilo lá. Agora, isso é uma realidade, você não consegue produzir um prego no Brasil e botar de forma competitiva no Paraguai. E mais ainda, uma grande verdade: o salário hoje é muito para quem paga e pouco para quem recebe. Vou partir dessa premissa para buscar a solução do problema. E não jogue a responsabilidade em cima de um candidato à Presidência por essa quantidade de problemas que nós temos no Brasil.

William Bonner: É que o candidato, o candidato disse que é preciso ter menos direitos trabalhistas para ter mais empregos.

Jair Bolsonaro: São os empresários que têm dito isso.

William Bonner: Mas vou seguir ainda na questão dos direitos trabalhistas.

Jair Bolsonaro: São os empresários que têm dito isso.

William Bonner: O senhor tem verbalizado, candidato... Mas vamos lá. Aparentemente, o senhor concorda com isso. Ainda na questão dos direitos trabalhistas, o Brasil assistiu à aprovação da PEC dos domésticos, e a PEC dos domésticos dignificou a profissão de milhões de trabalhadores brasileiros, né? Deu a eles direitos que até então não tinham. No entanto, o senhor votou contrariamente à PEC dos domésticos. Eu lhe pergunto: por que o senhor considera que esses milhões de cidadãos trabalhadores brasileiros não teriam direito, não mereceriam esses direitos conquistados?

Jair Bolsonaro: Não é o senhor votou contra, eu fui o único a votar contra, em dois turnos, então não houve erro da minha parte. Foi para proteger, o que eu defendia são os mesmos direitos, mas de forma gradativa. Levou milhares, milhões de senhoras e alguns homens que exerciam o trabalho doméstico para ser o quê? Diaristas. E como diaristas não estão, sequer, grande parte deles, recolhendo para a sua Previdência. Então tem que ser devagar. Muita gente teve que demitir, porque não teria como pagar, muitas mulheres perderam o emprego exatamente pelo excesso desses direitos. Essa foi a minha intenção. Nada contra...

William Bonner: Os números do IBGE... Os números recentes do IBGE a respeito disto não atestam com tamanha clareza o que o senhor está dizendo, candidato. Mas, para gente também não ficar só num assunto, eu diria o seguinte: o senhor está... O eleitor deve entender então que o senhor, para o senhor não tem saída. Ou não tem direito, ou não tem emprego.

Jair Bolsonaro: Que tal a gente aprovar todos os direitos trabalhistas para os militares das Forças Armadas, você seria favorável? Eu sei que o entrevistado está sendo eu, vamos aprovar todos direitos trabalhistas para os militares das Forças Armadas e Forças Auxiliares?

William Bonner: Não foi a questão que eu coloquei, candidato.

Jair Bolsonaro: Não, mas espera aí, não...

William Bonner: Eu falei de empregados domésticos e o senhor votou, e como o senhor disse, como o senhor disse, foi o único a votar contrariamente...

Jair Bolsonaro: Não, votei e não nego, votei pretendendo defender e sabendo que ia ser o único votando contra. Então, eu não me joguei no covil dos leões para a imprensa não bater em mim na época. Houve, sim, demissão, Bonner, houve. Muita gente que chegava, dormia no trabalho, passou a não dormir mais. Muita gente chegava cedo, até fazia um café para os patrões ali, não chega mais para não contar aquele tempo de serviço, perderam o café da manhã e perderam o pernoite.

Renata Vasconcellos: Vou pedir então licença para a gente ir agora... São direitos, inclusive, a que o senhor se referiu. Vamos partir para outro tema importante, que é homofobia. A cada 19 horas, um gay, lésbica ou trans é assassinado ou se suicida por causa de homofobia no Brasil. O senhor já disse que não é homofóbico. Mas o senhor também já declarou que vizinho gay desvaloriza imóvel. O senhor já disse que prefere que um filho morra a ser gay. O senhor já, inclusive, relacionou pedofilia com homossexualismo. Candidato, essas declarações não são homofóbicas?

William Bonner: Esse termo, inclusive, "homossexualismo", foi o senhor que usou, porque é um termo...

Jair Bolsonaro: Vamos falar. Vamos falar.

William Bonner: Em geral, a palavra correta para se usar seria...

Renata Vasconcellos: "Homossexualidade".

William Bonner: "Homossexualidade".

Jair Bolsonaro: É.

William Bonner: Renata foi literal na transcrição do que o senhor disse.

Jair Bolsonaro: Olha só, isso começou a acontecer em novembro de 2010 comigo, até aquele momento era uma pessoa normal, como você é normal por aí no tocante a isso. E eu passando nos corredores da Câmara, vi algo acontecendo de forma esquisita, um grupo que... Não é normal, você ir na praia e encontrar gente de paletó e gravata, ou num fórum, gente de short de banho. E estava um pessoal vestido a caráter, e perguntei, sim, para um segurança: "Vai haver alguma parada de orgulho gay na Câmara?". E tomei conhecimento do que estava acontecendo lá. Eles tinham acabado o 9º Seminário LGBT Infantil. Repito, 9º Seminário LGBT Infantil. Estavam discutindo ali, comemorando o lançamento de um material para combater a homofobia, que passou a ser conhecido como "kit gay". Entre esse material, Bonner, estava esse livro lá, Bonner. Então, o pai que tenha filho na sala agora, retira o filho da sala, para ele não ver isso aqui. Se bem que na biblioteca das escolas públicas tem.

Renata Vasconcellos: Candidato, vou pedir para o senhor não mostrar se as crianças não podem ver.

Jair Bolsonaro: Não, mas é um livro escolar. É para criança, é um livro para a criança, os pais não sabem que isso está na biblioteca.

William Bonner: Nós temos uma regra, candidato, que eu estou lembrando, com os seus assessores, os candidatos não mostram documentos, eles não mostram papéis...

Jair Bolsonaro: Não, mas está aqui no livro, uma prova, isso daqui...

William Bonner: Eu pediria ao senhor...

Jair Bolsonaro: Isso daqui, isso daqui não veio... Tudo bem, vou tirar o livro aqui.

William Bonner: Não é, candidato, posso lhe dizer, não é respeitoso. Você pode deixar o livro comigo.

Renata Vasconcellos: Para a gente até... Pra gente até poder seguir adiante.

Jair Bolsonaro: Não, pode deixar, não vou mostrar mais não, fique tranquila. Então olha só, eu vou mostrar numa live, depois do programa o livro, sem problema nenhum. Se bem que fiz esse livro com a minha filha até o momento, de antes do livro entrar em questão, tirei a minha filha e fiz uma live, uma live não, fiz uma matéria no Facebook, deu 40 milhões de acesso em 15 dias.

Renata Vasconcellos: Candidato, essas suas declarações a que eu me referi... Gostaria que o senhor...

Jair Bolsonaro: Então olha só, em sala de aula, sala... Olha só, eu estava defendendo as crianças em sala de aula.

Renata Vasconcellos: Quando o senhor se referiu "a vizinho gay desvaloriza imóvel?"

Jair Bolsonaro: Meu Deus. É. Em todos esses momentos.

Renata Vasconcellos: O que isso tem a ver com as crianças?

Jair Bolsonaro: Um pai não quer chegar em casa e encontrar o filho brincando com boneca por influência da escola, esse é o assunto. Não, mas espera aí...

Renata Vasconcellos: Mas para defender...

William Bonner: Candidato, a Renata lhe fez uma pergunta, mas o senhor não está respondendo.

Jair Bolsonaro: Mas foi em momentos que a temperatura cresceu. Então assim, nada eu tenho contra o gay, eu tenho contra o material escolar em sala de aula.

Renata Vasconcellos: Mas, candidato, por que para defender o seu ponto de vista o senhor faz declarações tão fortes que, inclusive, podem ofender as pessoas?

Jair Bolsonaro: Não, tem muito gay que é pai, que é mãe, e concorda comigo. As declarações foram fortes, foram algumas caneladas. Peço até desculpas, mas foi um momento de temperatura alta em comissões, que quase houve vias de fato em muitas discussões, porque o ativismo LGBT levava para isso. Inclusive, eu peço para você que está em casa: entre na internet, pegue lá 'Plano Nacional de Promoção e Cidadania LGBT'. São 180 itens, entre eles a desconstrução da heteronormatividade, ou seja, estão ensinando em algumas escolas, que homem e mulher está errado, pode ser, sim, homem com homem, mulher e mulher. O que é difícil, Bonner, para criança a partir de 6 anos de idade.

William Bonner: Bom, vamos lá. Renata

Renata Vasconcelos: Vamos falar sobre... Qual é o tema agora?

William Bonner: É segurança pública. Acho que é hora de entrar com esse tema, então. Está na hora. Vamos lá, candidato. Outro tema importantíssimo. O Brasil está preocupadíssimo com o tema, e é um tema caro ao senhor também. O senhor sabe que, nas favelas brasileiras, a imensa maioria dos moradores é de gente honesta, trabalhadora que vive sob o jugo, sob o domínio de traficantes de drogas e, muito frequentemente, é vítima de tiroteios entre bandidos e policiais. O senhor afirmou que violência se combate com energia, se combate com inteligência e, palavras suas, se for o caso, com mais violência ainda. Mais violência ainda, candidato. Como é que o senhor acha que os brasileiros que vivem nessas comunidades dominadas por traficantes, que são vítimas desses tiroteios tão frequentes, como é que elas recebem uma afirmação como essa sua?

Jair Bolsonaro: Com mais violência ainda, que eu declarei, sim, isso que você falou aí, é se o bandido lá está com o 762 atirando, o policial para o lado de cá tem que ter uma .50. Se ele está com uma .50, você tem que ter um tanque de guerra para o lado de cá. Eu já fui vítima de violência, Bonner, você também, infelizmente, Bonner. Só Deus sabe o que passou na tua cabeça, sobre a sua integridade e sobre a minha integridade. Esse tipo de gente, você não pode tratá-lo como se fosse um ser humano normal, tá, que deve ser respeitado, que é uma vítima da sociedade.

Renata Vasconcelos: Mas candidato....

Jair Bolsonaro: Nós não podemos é deixar os policiais continuarem morrendo na mão desses caras...

Renata Vasconcelos: Mas quando o senhor falou....

Jair Bolsonaro: Nós do Exército Brasileiro acabamos de perder três garotos, três jovens garotos, para o crime agora. Nós temos que fazer o quê? Em local que você possa deixar livre da linha de tiro as pessoas de bem da comunidade, ir com tudo para cima deles e dar para o policial, e dar para os agentes da segurança pública o excludente ilicitude. Ele entra, resolve o problema, se matar 10, 15 ou 20 com dez ou trinta tiros cada um, ele tem que ser condecorado e não processado.

Renata Vasconcelos: Mas candidato, como evitar. Desculpe, mas como evitar então uma tragédia maior quando o senhor defende mais violência do que essa que nós já temos. Com tantas balas perdidas...

Jair Bolsonaro: Mas a...

Renata Vasconcelos: Que acometem as pessoas não só dentro e fora das favelas? Ou para o senhor não há alternativa? Só com mais violência?

Jair Bolsonaro: A violência é contra quem está com arma na mão. Nós das Forças, do Exército Brasileiro, em especial...

Renata Vasconcelos: A bala perdida também atinge inocentes.

Jair Bolsonaro: Então, não vão botar o policial para invadir, como invadiram as comunidades tomadas pelo tráfico. Nós, no Haiti, militares do Exército Brasileiro, sem o preparo que tem o policial militar aqui, resolveu, pacificou o Haiti. Por quê? Nós tínhamos uma forma de engajamento. Qualquer elemento com arma de guerra, os militares atiravam 10, 15, 20, 50 tiros e depois ia ver o que aconteceu. Resolveu o problema rapidamente. Você vê bonde aqui no Rio de Janeiro na Praça Seca, com 20 homens de fuzil. Como é que você tem que tratar essas pessoas? Pedindo para levantar as mãos?

Renata Vasconcelos: Na sua opinião, com mais violência...

Jair Bolsonaro: Dar uma florzinha para eles? Ou atirar? Você tem que atirar, se não atirar, não vai resolver nunca. Enquanto isso continuar acontecendo, infelizmente vão continuar existindo mortes de policiais e integrantes das Forças Armadas em todo o Brasil.

William Bonner: E de inocentes no meio de tiroteios, né, candidato?

Jair Bolsonaro: Mas é muito simples, então não vamos colocar a tropa na rua, vamos deixar a PM aquartelada também...

William Bonner: Eu vou convidar o senhor para a próxima pergunta, que também é importante. A gente vai falar de composição política, de aliança, do seu vice. O seu candidato a vice, o general Hamilton Mourão, ao falar sobre crise política brasileira, uma crise que tem se estendido já há um bom tempo, ele falou para um grupo de militares, no ano passado, ele disse o seguinte, eu vou ler aqui a frase dele: "Os poderes terão que buscar solução. Se não conseguirem, chegará a hora que nós teremos que impor uma solução". Hoje, a propósito até, o seu vice, ele voltou a esse assunto, ele disse que isso aí seria só no caso de haver uma situação de caos. Candidato, que solução seria essa que os militares teriam que impor ao Brasil? Impor. Uma democracia.

Jair Bolsonaro: Isso aconteceu em 64, e na forma da lei...

William Bonner: Nós estamos em 2021, candidato.

Jair Bolsonaro: Na forma da lei e da constituição da época...

William Bonner: 2018. Saitei três anos, agora.

Jair Bolsonaro: Os militares chegaram lá, os militares chegaram, chegaram, não, foram eleitos presidente da República por cinco mandatos, está certo? As palavras dele estão em consonância com que grande parte da sociedade fala e ele teve a coragem de externar isso daí, e ele agora é o militar da reserva.

William Bonner: Candidato...

Jair Bolsonaro: Nem eu, nem ele, nós queremos nada pela força, tanto é que nós...

William Bonner: Os historiadores sérios se referem a 1964, candidato, como um golpe militar. É assim que se trata nos livros, é assim que a história mostra que os fatos se deram. O que eu lhe pergunto, é para o momento que estamos vivendo, eu já dei um salto aqui de três anos. Nós estamos em 2018. Em 2018, o seu vice dar uma declaração como essa, dizer que os militares vão impor uma solução, como fica a Constituição numa situação como essa?

Jair Bolsonaro: Olha, no meu entender, foi uma alerta que ele deu e, no mais, deixa os historiadores para lá. Eu fico com Roberto Marinho, o que ele declarou no dia 7 de outubro de 1984, vou repetir aqui.

William Bonner: O senhor vai repetir isso.

Jair Bolsonaro: Eu vou repetir aqui: "Participamos da revolução democrática de 1964, identificados com os anseios nacionais de preservação das instituições democráticas, ameaçadas pela radicalização ideológica, distúrbios sociais, greves e corrupção generalizada". Repito a pergunta aqui: Roberto Marinho foi um ditador ou um democrata? É a história, nós aqui, tenho certeza, eu não falo...

William Bonner: Candidato, nós aqui, trouxemos para a mesa o candidato à Presidência da República, já houve editorial sobre isso, o senhor certamente está informado, mas nós vamos encerrar agora, por causa do tempo, e eu vou convidar o senhor, então, a se dirigir ao público. O senhor tem um minuto para dizer qual é o Brasil...

Jair Bolsonaro: Um minuto?

William Bonner: Que o senhor quer para o futuro.

Jair Bolsonaro: Nos últimos 20 anos, dois partidos mergulharam o Brasil na mais profunda crise, ética, moral e econômica. Vamos juntos mudar esse ciclo, mas para tanto precisamos eleger um presidente da República honesto, que tenha Deus no coração, patriota, que respeite a família, que trate com consideração as crianças em sala de aula, que jogue pesado no tocante à insegurança em nosso Brasil, uma o nosso povo. Brancos, negros, nordestinos, sulistas, ricos e pobres, homens e mulheres, para buscarmos o bem comum. Nós no Brasil temos tudo, tudo para sermos uma grande nação, só falta essa união entre nós e que o presidente....

William Bonner: Candidato...

Jair Bolsonaro: Eleja os seus ministros, indique seus ministros sem indicação política. Muito obrigado a todos.

William Bonner: Muito obrigado, eu tenho que respeitar o tempo que foi concedido ontem ao candidato Ciro. Agradeço mais uma vez a sua presença aqui.

Renata Vasconcelos: Obrigada.

ESCLARECIMENTO: O Jornal Nacional volta a se referir à entrevista com o candidato Jair Bolsonaro. Ele fez menção a 1964. O Grupo Globo emitiu a seguinte nota a respeito: "O candidato Jair Bolsonaro disse há pouco que Roberto Marinho, identificado com os anseios nacionais de preservação das instituições democráticas, apoiou editorialmente o que chamava, então, de revolução de 1964. É fato. Não somente O Globo, mas todos os grandes jornais da época. O candidato Bolsonaro esqueceu-se, porém, de dizer que, em 30 de agosto de 2013, O Globo publicou editorial em que reconheceu que o apoio editorial ao golpe de 1964 foi um erro. Nele, o jornal diz não ter dúvidas de que o apoio pareceu aos que dirigiam o jornal e viveram aquele momento a atitude certa, visando ao bem do país. E finaliza com essas palavras: "À luz da história, contudo, não há por que não reconhecer, hoje, explicitamente, que o apoio foi um erro, assim como equivocadas foram outras decisões editoriais do período que decorreram desse desacerto original. A democracia é um valor absoluto. E, quando em risco, ela só pode ser salva por si mesma."

ANEXO LXXIV



Quem somos | 05 de fevereiro de 2020

Forum



Assuntos ▾ Podcasts Blogs ▾ Colunistas ▾

Seja um apoiador



SEJA #SÓCIOFÓRUM. CLIQUE AQUI E SAIBA COMO

Apoie o jornalismo livre e independente

HOME POLÍTICA

05 DE ABRIL DE 2017, 11H30

Bolsonaro: "Eu tenho 5 filhos. Foram 4 homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher"

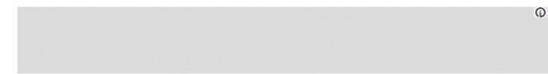
Em palestra na Hebraica, no Rio de Janeiro, nesta terça-feira, o deputado Jair Bolsonaro enfrentou protestos, foi vaiado na chegada e na saída, mas nada disso o impediu de dar o seu habitual show de horrores.

Por Redação



Em palestra na Hebraica, no Rio de Janeiro, nesta terça-feira, o deputado Jair Bolsonaro enfrentou protestos, foi vaiado na chegada e na saída, mas nada disso o impediu de dar o seu habitual show de horrores.

Da Redação



Em palestra na Hebraica, no Rio de Janeiro, nesta terça-feira, o deputado Jair Bolsonaro enfrentou protestos, foi vaiado na chegada e na saída, mas nada disso o impediu de dar o seu habitual show de horrores. Entre as pérolas que soltou, algumas preconceituosas, misóginas e racistas, uma se destaca, pois envolve a sua própria família:

"Eu tenho 5 filhos. Foram 4 homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher."

Veja mais frases de Bolsonaro abaixo:

"O pessoal aí embaixo (jovens de movimentos juvenis, torturados da ditadura militar, ativistas dos direitos humanos), eu chamo de cérebro de ovo cozido. Não adianta botar a galinha, que não vai sair pinto nenhum. Não sai nada daquele pessoal."



"Eu fui num quilombo. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Nem pra procriador ele serve mais."

"Alguém já viu um japonês pedindo esmola por aí? Não, porque é uma raça que tem vergonha na cara. Não é igual a essa raça que tá aí embaixo, ou como uma minoria que tá ruminando aqui do lado."

"Pedi prum assessor meu dar um pulo ali no bar, comprar um sanduíche de mortadela que eu vou jogar pela janela."

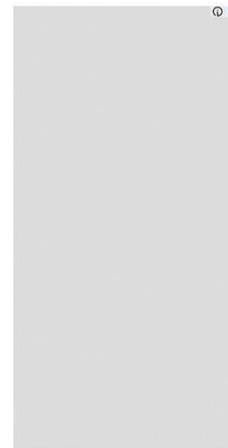
"Se eu chegar lá não vai ter dinheiro pra ONG. Esses vagabundos vão ter que trabalhar. Pode ter certeza que se eu chegar lá (Presidência), no que depender de mim, todo mundo terá uma arma de fogo em casa, não vai ter um centímetro demarcado para reserva indígena ou para quilombola."



"Tínhamos na presidência um emergúmeno que não sabia contar até 10 porque não tinha um dedo."

"Se um idiota num debate comigo falar sobre misoginia, homofobia, racismo, baitolismo, eu não vou responder sobre isso."

"Eu não tenho nada a ver com homossexual. Se bigodudo quer dormir com careca, vai ser feliz."



última hora

Médico que alertou sobre novo coronavírus falece na China

Ives Gandra bloqueia contas de sindicatos para acabar com greve dos petroleiros

Terreiro é alvo de ataque com bomba em Ribeirão Preto

São Paulo teria que pagar R\$ 6 mil aos professores como o Maranhão, diz Jilmar Tatto

mais notícias



ANEXO LXXV



ENTRE UM BANCO DIGITAL E
UM BANCO PESSOAL, ESCOLHA OS DOIS.



POLÍTICA 13/09/2017 20:43 -03 | Atualizado 14/09/2017 09:24 -03

Como toda essa discussão sobre a Amazônia ajuda o plano econômico de Bolsonaro para 2018

Parece que não é só o presidente Michel Temer que conta com a exploração mineral para tirar o País da crise. 😊

By Grasielle Castro, Ana Beatriz Rosa



BOLO AMARILHO: Bolsonaro a favor do fim das reservas.

Pode não parecer, mas toda essa discussão gerada em torno da abertura da Renca (Reserva Nacional do Cobre e Associados) para exploração pela iniciativa privada tem uma ligação direta com os planos do presidente Jair Bolsonaro para 2018.

Uma das principais defesas do deputado do PSC do Rio de Janeiro para recuperação da economia é justamente a exploração de minérios.

O deputado defende um novo mapeamento geológico do País e investimentos no setor.

"Eu tenho falado que um povo que tem uma terra como essa aí (mostra um mapa de minérios pendurado na sala) não pode ser pobre", disse em maio deste ano, [em entrevista ao HuffPost Brasil](#).

O presidente [Michel Temer](#) acredita na mesma premissa. Por isso, tem investido em mudar o marco regulatório do minério no País para aumentar de 4% para 6% a participação do setor no Produto Interno Bruto brasileiro.

Entre as propostas em estudo no Ministério de Minas e Energia está a [abertura da faixa de fronteira](#) para exploração mineral.

Uma das regiões de maior interesse mineral está no local, a chamada Cabeça de Cachorro, em São Gabriel, no Amazonas, na divisa com a Colômbia e a Venezuela.

Essa área é rica em nióbio, elemento químico xodó de Bolsonaro. É exatamente nela que fica o Morro dos Seis Lagos, a maior jazida inexplorada do minério no Brasil.

"O nióbio pode nos dar a independência. (...) Esquece a madeira. Pega o mapa metalogenético que eu tenho conhecimento de 1973... De lá para cá, acabou. Esse projeto das reservas indígenas não são coincidentes", diz o deputado.

Pela exploração do minério, o deputado, assim como seu filho, deputado Eduardo Bolsonaro (PSC-SP), defende o fim das reservas indígenas no local.

"**Onde tem uma terra indígena, tem uma riqueza embaixo dela. Temos que mudar isso daí**", afirmou o presidente, [em maio](#), em palestra em São Paulo.

No caso de São Gabriel da Cachoeira, [segundo o Instituto Socioambiental](#), mais de 90% da extensão é de terras indígenas, com cerca de 30 etnias.

"Infelizmente não é possível explorar (a região) porque sobre ela está uma reserva indígena. E aqui é a crítica que eu faço. A atual política indigenista no Brasil faz com que o índio fique isolado da sociedade. E é uma política totalmente equivocada", acrescenta Eduardo Bolsonaro, em vídeo publicado no [canal do YouTube Bolsonaro 2018](#).

Riqueza?

Apesar de o Brasil ser riquíssimo em nióbio, não basta a exploração do minério para tirar o País da crise. Em entrevista à [Gazeta do Povo](#), o pesquisador Leandro Tessier, do Instituto de Física da Unicamp, destaca que, além do nióbio poder ser substituído por outro elemento, o País não tem tecnologia para aproveitá-lo.

"A mesma coisa que se fala do nióbio, poderiam falar do silício. O Brasil tem as maiores reservas de silício do mundo, só que a gente exporta silício com 99,5% de pureza, por US\$ 15 a tonelada, e importa de volta na forma de chips, onde ele foi purificado para 99,99999% de pureza. O Brasil não sabe, não tem tecnologia para purificar o silício desse jeito", disse o pesquisador ao [Jornal](#).

LEIA MAIS

- [Ministério paralisa processos sobre Renca e diz que vai debater mineração](#)



Produção Multimídia: tudo o que você precisa saber

BOMBANDO

Morre médico chinês que tentou alertar colegas sobre gravidade do coronavírus

Queda de cabelo? Estes 7 alimentos podem ajudar a fortalecer os fios

A morte de Carlos pelo caso 'sintetiza toda a alma da novela', diz autora de 'Éramos Seis'

Adeus a Kirk Douglas: 5 Filmes inesquecíveis estrelados pelo ator que você precisa ver

Em 'Aves de Rapina', Arlequina e fetiche masculino embalado num conceito de girl power

'Jojo Rabbit' é o filme errado na hora certa

ASSINE A NEWSLETTER
Quero receber por e-mail as melhores notícias importantes da semana. [Política de Privacidade](#)

✉ Newsletter

enderepo@email.com

Inscreva-se →

Twitter Facebook Instagram Flipboard

RECOMENDAMOS PRA VOCE



ANEXO LXXVI



ENTRE UM BANCO DIGITAL E
UM BANCO PESSOAL, ESCOLHA OS DOIS.



Jair Bolsonaro: 'Sou o Neymar da política. Todos me querem'

Em entrevista exclusiva ao HuffPost Brasil, presidencialista falou sobre o assédio dos partidos políticos, as polêmicas e a perseguição da imprensa.

By Grasielle Castro

22/05/2017 12:04 -03 | Atualizado 22/05/2017 12:39 -03



FABIO RODRIGUES/REUTERS - AGENCIA BRASIL

Um homem polêmico, #chateado e crítico ferrenho dos direitos humanos.

Militar da reserva, [Jair Messias Bolsonaro](#) (PSC-RJ) é deputado federal desde 1991. No segundo ano do seu sétimo mandato, as pesquisas para eleições de 2018 já o transportam do Legislativo para a realização de um sonho: o comando do Executivo. Presidente Bolsonaro — o que chega a causar temor para alguns é a aposta de 15% do eleitorado, [segundo Datafolha](#), melhor resultado já aferido. Só perde para o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (30%).

Os números não lhe causam surpresa. "Acho que é questão de coerência", diz. Em razão disso, o político tem sido assediado por diversos partidos, mais recentemente pelo Muda Brasil — legenda que busca agilidade pelo registro no TSE (Tribunal Superior Eleitoral), idealizado pelo delator do mensalão, ex-deputado Valdemar Costa Neto. "Todos me procuram. Sou a virgem da praça. (...) Sou o Neymar da política, quer queira quer não. Não sei como vai ser amanhã, mas hoje em dia todos me querem."

A declaração de que todos o querem, entretanto, não vale para o Congresso. Bolsonaro sabe da resistência dos colegas. Por isso, não se arrisca a lançar candidatura neste momento em que o cenário mais provável é de eleições indiretas, caso o presidente Michel Temer deixe o comando do País. "Não tenho um grande apoio entre os parlamentares e não vou concorrer para pagar um mico", disse em suas redes sociais, uma semana após entrevista ao HuffPost Brasil.

Na conversa com a reportagem, no último dia 9 de maio, antes da notícia da delação-bomba de JBS que implica o presidente, Bolsonaro foi combativo. Chateado, se diz perseguido pela imprensa. "Só cego não vê. É igual ao Trump, só cego não vê. O Doria vai para a Coreia do Sul e é matéria de capa, eu vou para Israel e ainda levo pancada como se estivesse usando dinheiro da Câmara para viajar", queixa-se.

ASSINE A NEWSLETTER

Quero receber por e-mail as matérias mais importantes da semana. [Política de](#)

Apesar de estar nitidamente incomodado com o tratamento que vem recebendo da imprensa, Bolsonaro é didático e paciente para explicar seu ponto. Se sente equado quando é questionado sobre planos para a economia e já elegeu "todos eles" como adversários, de Lula a Doria. Talvez só Ciro Gomes se salve dessa. "Se o Ciro Gomes aparecer para conversar, bato papo numa boa. Acho que votei nele para presidente."

Com um sorriso no rosto, ele discorre como quem tem total domínio sobre a política armamentista e o projeto da Escola Sem Partido. Os direitos humanos? Esses, na avaliação dele, merecem um "cavalo de pau". Isso porque "não temos que ter privilégio no Brasil, nem para índio, nem para brancos, nem para negros, para gays ou ninguém, somos todos brasileiros". E as mulheres, público com menor índice de intenção de votos no deputado? Essa resistência, ele minimiza: "A cada pesquisa que sai, que eu acompanho, aumenta o percentual de apoio de mulheres. Eles vão cair na real".

Leia os principais trechos da entrevista:

HuffPost Brasil: A que o senhor atribui seu desempenho nas pesquisas eleitorais?

Jair Bolsonaro: Os outros já foram presidente da República, presidente da Câmara, senador, ministro de Estado, realmente eu sou o patinho feio da história. Ao que isso deve? Acho que é questão de coerência. Uma linha que eu adotei: não se envolver em nada errado, não andar com péssimas companhias e ter uma proposta para o País.

Qual é essa proposta?

Eu tenho falado que um povo que tem uma terra como essa aí (mostra um mapa de minérios pendurado na sala) não pode ser pobre. É o mapeamento geológico. Há 10, 15 dias, a Folha de S.Paulo ficou uma hora conversando comigo e fizeram a pauta sobre o nióbio, saiu domingo (14) a matéria escutando comigo, me chamando de ignorante, incompetente, dizendo que o Brasil não precisa se preocupar com o nióbio que o mundo já está abastecido, que eu desconheço o que eu tô falando, que o meu mapa é da ditadura militar. Isso que o cara fez, esse é mais ou menos o retrato da imprensa brasileira. Como a Folha tem simpatia por um candidato do PSDB e não pode elevar esse cidadão ao nível que eu estou, tenta recalcar os demais.

Essa é a sua proposta para a economia?

Primeiro, é preciso se libertar das amarras do Mercosul, partir para o bilateralismo, fazer comércio com o mundo todo e adotar alguns parceiros prioritários. Por exemplo, eu adotaria os Estados Unidos. Você vê a Base de Alcântara, não pode ficar impedida de funcionar por causa de uma comunidade quilombola. Não dá. Atrapalha os dois lados. A comunidade não se expande, não evolui, e uma base do lado que também não pode ter projetos com mais seriedade porque tem a pressão de invasão. Outra coisa: o Brasil fez um acordo com a Ucrânia no passado, que ela estava no guarda-chuva da Rússia, quando a Rússia mostrou para a Ucrânia que não era bem assim, a Ucrânia foi obrigada a sair, o Brasil jogou um dinheiro fora e estamos aí com uma Base de Alcântara... Inclusive, nós lançamos um satélite agora e foi fora do Brasil. Não tem cabimento. Estava aqui até a última legislatura o deputado Domingos Dutra (PT-MA), não foi reeleito, mas tinha um projeto dizendo que 20% do lucro do lançamento de satélites ia para os quilombolas. Ah, meu Deus do céu, o que é isso? Não temos que ter privilégio no Brasil, nem para índio, nem para brancos, nem para negros, para gays ou ninguém, somos todos brasileiros. O lucro de Alcântara tem que reverter para todo mundo e aí, a comunidade quilombola, não tem nada de mais ficar aí, só não pode ameaçar. Quando você fala em economia, economia, em primeiro lugar, é o Estado não atrapalhar você que quer produzir. Por que não jogar pesado para estimular o turismo que mexe com 10% do PIB do mundo?



Não temos que ter privilégio no Brasil, nem para índio, nem para brancos, nem para negros, para gays ou ninguém, somos todos brasileiros.

Como?

Para isso, tem que dar um cavalo de pau na política de direitos humanos. A política de direitos humanos não tem que ser essa que está aí. Se você sofrer uma violência, eu vou ser solidário a você, vou fazer o possível para ir atrás de quem fez maldade contigo e punir esse cara. Até para dar de exemplo para outros não fazerem besteira, mas a política de direitos humanos no Brasil basicamente está voltada para defender interesses de bandido.

Política de direitos humanos no Brasil só defende bandido. Tanto é que o cara faz uma besteira qualquer aqui, assalta, sequestra, rouba, vai para a delegacia... Nem delegacia é mais, é audiência de custódia. Querem saber se o PM maltratou o cara. Por que audiência de custódia? Nós todos somos obrigados a cumprir lei, audiência de custódia não é lei. É um presidente da República fraco, ele tem que mexer nisso aí, tem que cuidar da integridade do seu povo. Não tem discussão. O preso está mal acomodado? Problema dele. É só não sequestrar, não matar, não estuprar que ele não vai para a antessala do inferno. Preocupação? Inclusive a ONU com a comunidade carcerária. Hoje são 600 mil. Nos Estados Unidos, seis milhões. Eu, quando chegar lá, vou passar os Estados Unidos. Lugar de vagabundo é atrás das grades, ou vai deixar estuprando mulheres por aí? Ai vem umas idiotas, feministas, com bandeirinhas dizendo que nós temos que investir em coisa diferente do que eu proponho, como punir com rigor os marginais.



O preso está mal acomodado? Problema dele. É só não sequestrar, não matar, não estuprar que ele não vai para a antessala do inferno.

As mais resistentes a seu nome para presidente são justamente as mulheres. Como conquistar esse eleitorado?

A cada pesquisa que sai, que eu acompanho, aumenta o percentual de apoio de mulheres. Elas vão cair na real. Falaram que eu sou contra mulher. Onde está escrito que eu disse que mulher tem que ganhar menos que homem? Onde você viu isso? Escrito não, porque idiotas escreveram. Me aponte um vídeo, um áudio meu falando isso. O jornal Zero Hora inventou isso. Um jornal chapa branca, que comita na mão do Tarso Getrô. Esse mesmo jornal inventou [aquela brincadeira com a Maria do Rosário](#).



Elas vão cair na real.

O senhor se sente perseguido pela imprensa?

Só cego não vê. É igual ao Trump, só cego não vê. O Doria vai para a Coreia do Sul e é matéria de capa, eu vou para Israel e ainda levo pancada como se estivesse usando dinheiro da Câmara para viajar. Ninguém me liga para perguntar o que eu vi em Israel, para falar como é a agricultura lá, que podemos fazer no semiárido nordestino. Lá a precipitação pluviométrica é menor que no Nordeste e lá tem garantia alimentar e ainda exportam para a Europa. Fui ver a criação de peixe no deserto. O israelense está louco para contribuir conosco. Há uns dois anos, quando nem sonhava em ser candidato - assim como não sou. Sonho em disputar a convenção de 2018 - disse ao cônsul de Israel que se eu chegasse lá exploraria diversidade com eles no Amazonas. Estamos jogando isso fora.



Nem sonhava em ser candidato, assim como não sou. Sonho em disputar a convenção de 2018.

Quando vou para o interior do Brasil, eu mostro o que está acontecendo. Estão demarcando uma terra indígena agora em Miracatu, São Paulo, montanhas de grafite, demarcadas como terras indígenas para índios do Paraguai. (...) Dá para a gente pensar em Brasil grande dessa forma? Não dá. Tive agora em Goiás, Niquelândia, não é a toa que o nome da cidade é Niquelândia. Quem explora o níquel lá? A China. Quem explora o nióbio em Catalão, no Goiás? A China.

A ideia seria um governo como o norte-americano de incentivar o fechamento das fronteiras?

A ideia seria um governo como o norte-americano de incentivar o fechamento das fronteiras?

Cuidado com esse linguajar "fechar". Temos duas coisas para discutir. Uma é esse projeto que abre as fronteiras do mundo. Outro dia critiquei a questão dos haitianos da tribuna da Câmara e um cara lá embelou disse que eu estava criticando porque era negro. Eu falei: "Ó, idiota, você acha que algum sueco lá quer vir para este país aqui?". O IDH lá em cima, com segurança, saúde, educação, tem tudo. Vai querer vir para cá fazer o quê? Vem pescar, fazer turismo sexual talvez, vem fazer outra coisa qualquer. A questão de abrir fronteiras. E não é fechar; nós temos que investir em tecnologia, onde aplica o nióbio, o grafite, o níquel? Nós temos que pesquisar, transformar isso em nota fiscal. Nós estamos perdendo o bonde da História. E alguns me criticam, dizem que só falo em nióbio e grafite. São aqueles caras, ou são ignorantes ou a serviço de empresas que nos exploram.

Seria uma política geradora de emprego?

Além de gerar emprego, você ajuda a trazer recursos para cá. (...) Tenho mais coisa para falar sobre economia. Um exemplo de economia para nós é o Paraguai. Estou para ir lá ver. O que o governo fez depois que mandou embora aquele picareta do Lugo - tão picareta quanto Lula, Dilma, Moraes, Maduro entre outros? Botaram para correr o cara, em 72 horas fizeram impeachment lá. O que ele (Horario Cartes, atual presidente paraguaio) fez? Simplesmente acabou com aquelas barreiras comerciais de exportação. O país vai exportar sem imposto. Ouso dizer para você que daqui a pouco teremos produtos aqui fabricados na China que conseguiram mais barato no Paraguai, porque está aqui do lado. Nós temos que pensar no Brasil grande, em infraestrutura.

Alguns idiotas falam que Bolsonaro não entende de economia. Eu falo: "olha, os cinco presidentes militares, os cinco generais, foram formados em artilharia, infantaria e cavalaria e eles pagaram o Brasil de 49ª economia do mundo e entregaram em 8ª". O Itamar Franco também não entendia de economia, muito menos o FHC, um sociólogo, que era amigo de Fidel Castro, entre outros, foi feito um plano econômico e o Itamar que não entendia de economia se tornou o pai do plano Real.

Sobre o desarmamento...

Este é um assunto que eu sou apaixonado pela legislação americana. Hoje só o cidadão de bem que não tem, é quase impossível para vocês [mulheres] ter um arma para se defender. Falam em defender a mulher. Quem defende a mulher é ela. Apesar dos meus 62 anos, se você não tiver uma atividade esportiva marcial, acho que na pancada eu ganho de você. Agora se você tiver uma arma na cintura, você segura o Mike Tyson, o Maguila, o Aldo. Se alguém com esse porte físico quiser fazer uma besteira com você, não vai fazer. O armamento mais que assegura a sua vida, é a garantia da liberdade e democracia de um país. Toda ditadura foi precedida por campanha desarmamentista. E o PT tinha isso no seu sonho e ainda tem na sua meta política. A arma na mão de quem quiser sendo um bom cidadão, e posse tem que dar, o porte tem que ser flexibilizado e muito. Nós vamos diminuir a violência.



O armamento mais que assegura a sua vida, é a garantia da liberdade e democracia de um país.

Mas e o caso dos tiroteios em escolas dos Estados Unidos?

Mas tivemos Realengo no Brasil. E pera aí, eles vão e atiram em áreas livres de arma de fogo. Tanto é que tem escola que está autorizando as pessoas armadas, duvidou que esse malucos vão para essas escolas onde tem professor armado. Não vão. Se são malucos, por que não invadem o quartel da Marinha americana e atiram lá dentro? Eles querem é o terror. Você vê que o terrorismo no mini-manual de terrorismo do Marighella, cujo motorista foi Aloysio Nunes Ferreira (PSDB, ministro das Relações Exteriores). Ele ensina como levar o pânico e o terror pela sociedade. E outra: morre mais gente por arma de fogo ou acidente de carro? Vamos então acabar com os carros no Brasil. Simples. De vez em quando a pessoa não morre na mesa de cirurgia? Vamos acabar com a cirurgia. Dizem que vai ter mais crime passional, e não ser que haja um flagrante, e não ser isso, o cara quer matar a mulher coloca chumbinho, ela bota água quente nas orelhas dele.

Como estão as conversas com o Muda Mais?

Como é que eu vou entrar no seu barco se ele não existe? Não existe partido militar também. Todos me procuram. Sou a virgem da praça. Chegam aqui coisas que não prestam, mas outras que eu concordo como a cláusula de barreira. Tem muito partido ali na zona do agrário, como a gente chama no futebol, que vão acabar em 2018, podem ser rebaixados se não tiverem 2% dos votos e eu sou o Neymar hoje em dia da política, quer queira quer não. Não sei como vai ser amanhã, mas hoje em dia todos me querem. Muda Brasil me quer. PHS, PR, Partido Militar. Agora Reinaldo Azevedo, um tucano até o pescoço dizendo que eu tô indo para o partido do Valdemar da Costa Neto? Prefiro o partido do Valdemar ao PSDB com tanta gente citada na Lava Jato... Se tivesse que fazer opção e eu não tenho que fazer opção.



Sou o Neymar hoje em dia da política, quer queira quer não.

O senhor homenageou o coronel Ustra no voto favorável ao impeachment e, por isso, recebeu diversas críticas. Faria isso de novo?

João 8:32 diz: "reconheceis a verdade e a verdade os libertará". O coronel Brilhante Ustra de 1970 a 1974 estava no olho do furacão. Ele aqui e do outro lado tinha José Dióceu, tinha Dilma Rousseff, Franklin Martins. Nessa história, em qual lado você estaria? Esse pessoal treineva em Cuba, na Coreia do Norte, na China comunista e vivia em Cuba para lutar por democracia. Só um imbecil para acreditar nisso. Graças a Deus houve o bom trabalho realizado por esse coronel.

E as acusações? Torturador, olha a política da intimidação. Eles aprenderam o que na China comunista ou em Cuba? Boas maneiras? Corte e costura? Direitos Humanos? Aprenderam o quê? Aprenderam o terror para através dele chegar ao poder. Perderam, se vitimizam, atrás de compaixão, voto e poder. Então, entre esses dois, devemos e vocês da mídia devem a liberdade que temos hoje a gente como o coronel Brilhante Ustra.

A gente que teve coragem de ir às ruas contrários ao governo de João Goulart. As mulheres na rua, a OAB nas ruas, toda mídia, exceto jornal Última Hora, padres, produtores rurais pedindo que alguém assumisse o País com as terras jogadas para reforma agrária. Os empresários, ninguém queria, tanto que o Congresso cassou João Goulart. Não foi golpe.

Tanto estou com razão que há três anos um projeto do PSoI anulou a sessão que cassou

Jair Bolsonaro: 'Sou o Neymar da política. Todos me querem'

Tanto estou com razão que há três anos um projeto do PSol anulou a sessão que cassou João Goulart. Enquanto Lênin apagava fotos, a esquerdinha brasileira apaga fatos. Vamos colocar a verdade na mesa. Teve excesso? Teve. Onde é que não tem? Nos cometemos excesso com nossas filhas, nossas esposas. Já cometi excesso. Felei o que não devia falar para ela, ela já falou o que não devia para mim também. Ela já deu castigo na nossa filha que achei que não devia dar. Acontece. Quem dirá em um país enorme como o nosso.

Por que senhor não se posicionou no voto do projeto que ampliou a terceirização?

Coloquei abstenção. Você vai me julgar por um voto?

Não estou julgando o senhor...

(sobe o tom) Um voto aprovava o outro projeto, aprovava a [matéria] do Senado. Votei favorável à reforma trabalhista. O meu voto aqui, quem não gosta de mim sabe tudo aqui. Esses dias eu perguntei para um deputado qual a cor da minha cueca, só faltava me dizer isso. Pega um voto... ele se absteve. Um voto abstenção pode ser necessário para aproveitar ou rejeitar uma matéria porque alcança o quórum de 257.

Não foi um ataque, deputado...

Desculpe a minha... (pense) Eu não sou agressivo também, não. Eu sou... Como dizem, super-sincero.

Um perfil próximo ao de Ciro Gomes?

Ciro Gomes parece que extrapolou. Eu não faria o que ele fez. Quando se referiu ao Dória agora, usando um palavrão, que ele tem "areia no olho". Eu não falaria aquilo para ninguém. Ciro Gomes tem uma bagagem cultural enorme, está faltando ele medir a força dele.

Esses dias ele me disse que preferia mil vezes um Bolsonaro ao Dória...

Eu não sou inimigo dele. Se o Ciro Gomes aparecer para conversar, bato papo numa boa. Acho que votei nele para presidente. Tinha simpatia pelas propostas dele. Depois de ter maturidade, uma certa experiência, deixa aquela fase de garoto, hoje tem que ter pé no chão, quando se fala em proposta tem que ver se dá para atingir ou não.

Se as escolas fossem campo de doutrinação, não era para a esquerda estar mais forte?

Essa guinada do conservadorismo, eu chamo de direita, a oposição ao que a esquerda propõe. Devemos em grande parte a Olavo de Carvalho, que era de esquerda, em menor quantidade a minha pessoa quando discuto a condição do Brasil. Entrei na luta armada com 15 anos de idade ao lado do Exército Brasileiro. E via três, quatro vezes por ano na minha cidade o Rubens Paiva, nenhum jornal tem a coragem de publicar o que eu falo na tribuna, a molecada está se libertando da perfeição hipotética. O que tira o pobre, não interessa se homem, mulher, gay, é o conhecimento. Alguns falam do Escola Sem Partido, que vamos querer cantar o Hino Nacional toda semana... Se for possível todo dia o nosso hino, não a internacional socialista, como na escola do sem-terrinha.

Como o senhor avalia o primeiro ano da gestão Temer?

Um governo refém do PSDB, com um câmbio apontado para a cabeça que é a Lava Jato, que pegou o País com 10 milhões de desempregados e agora está com 12 milhões. País que não arrecada, que dado a corrupção em escala, faz que os empresários cheguem lá fora para fazer negócio com o manto da desconfiança, um país com uma das mãos de obras mais caras do mundo e não tão bem preparada.

LEIA TAMBÉM:

- [Marina Silva: 'Polarização política disputava comando da corrupção que golpeou a democracia'](#)
- [Ciro Gomes: 'Mil vezes um Bolsonaro do que um enganador como o Dória'](#)
- [Após delação da Odebrecht, Lula e Bolsonaro se fortalecem na disputa de 2018, segundo Datafolha](#)



Grasielle Castro
Editora sênior, HuffPost Brasil

Sugira uma correção

ETC:

[direitos humanos](#) [eleições 2018](#) [jair bolsonaro](#) [política](#)

ANEXO LXXVII

ASSUNTOS EM DESTAQUE: Últimas notícias Região: Distrito Condições Radar Páginas amarelas Podcasts Revista

MENU **veja** ASSINAR BUSCAR

RADAR COLUNISTAS ECONOMIA POLÍTICA MUNDO CIÊNCIA E TECNOLOGIA PLACAR ENTRETENIMENTO

Brasil, Política

Bolsonaro é acusado de racismo por frase em palestra na Hebraica

Duas representações são encaminhadas à Procuradoria-Geral da República em razão de crítica a negro quilombola; 'nem para procriar ele serve mais', disse

Por Da Redação @ 04 de 2017, 21h51




O deputado federal Jair Bolsonaro (PSC-RJ), que foi denunciado por frases ditas em palestra na Hebraica do Rio Fábio Rodrigues Pozzoboni/Agência Brasil

Dez parlamentares do PT e uma do PCdoB e a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq) entraram nesta quinta-feira com duas representações na **Procuradoria-Geral da República** pedindo a abertura de investigação contra o deputado federal **Jair Bolsonaro (PSC-RJ)** pelo crime de **racismo** em razão de comentários feitos durante uma palestra na sede da **Hebraica**, no Rio de Janeiro, na última segunda-feira.

O ponto em comum nas duas representações são os **ataques a indígenas e quilombolas** (descendentes de escravos) – o parlamentar prometeu, caso seja eleito presidente da República em 2018, acabar com todas as demarcações de terra para essas comunidades. “Pode ter certeza de que, se eu chegar lá, não vai ter dinheiro pra ONG (...). Não vai ter um centímetro demarcado para reserva indígena ou para quilombola. Onde tem uma terra indígena, tem uma riqueza embaixo dela. Temos que mudar isso daí”, afirmou.

Ele também fez crítica aos quilombolas. “Eu fui num quilombo. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas (arroba é uma medida usada para pesar gado; cada uma equivale a 15 kg). Não fazem nada. **Eu acho que nem para procriador ele serve mais**. Mais de R\$ 1 bilhão por ano é gasto com eles”, disse, sob risos da plateia de cerca de 300 pessoas.

Na representação, a Conaq diz que Bolsonaro “compara um integrante de comunidade quilombola a um animal que tem sua massa corporal medida através de arrobas” e lembra que “durante mais de três séculos e meio, pessoas negras foram legalmente comercializadas como escravas no Brasil, comercializadas inclusive em função da massa corporal que ostentavam.”

Como orar?
Veja como Deus nos ensina a orar e quais orações ele responde.
SuaEscolha.com

Outras críticas
O deputado também criticou o acolhimento a **refugiados** pelo Brasil. “Não podemos abrir as portas para todo mundo”, disse. Mas não se mostrou avesso a todos os estrangeiros. “Alguém já viu algum japonês pedindo esmola? É uma raça que tem vergonha na cara!”, afirmou.

Em outra frase polêmica, ele prometeu revogar o **Estatuto do Desarmamento** e incentivar o armamento da população. “Se depender de mim, **todo cidadão vai ter uma arma de fogo** dentro de casa”, afirmou.

Mesmo quando pretendeu desconstrair a plateia, o deputado provocou polêmica, como ao falar dos seus cinco filhos. “Foram quatro homens, na quinta, **dei uma fraquejada e veio uma mulher**”, afirmou, novamente sob risos da plateia.

Protesto
Bolsonaro deu palestra na Hebraica do Rio depois de ter a **sua participação cancelada** em evento na Hebraica de São Paulo, após protestos de parte da comunidade judaica. No evento do Rio, o deputado também foi recebido com protestos – cerca de 150 pessoas fizeram uma manifestação do lado de fora.

Partners

veja

RADAR COLUNISTAS ECONOMIA POLÍTICA MUNDO CIÊNCIA E TECNOLOGIA PLACAR ENTRETENIMENTO ASSINAR BUSCAR

O parlamentar ironizou. “O pessoal aí embaixo [manifestantes] eu chamo de cérebro de ovo cozido. Não adianta botar a galinha, porque não vai sair pinto nenhum. Não sai nada daquele pessoal”, afirmou. Foi aplaudido.

Na representação, os parlamentares pedem quem, além da condenação por racismo, o deputado seja processado por **improbidade administrativa** (por violação aos princípios da administração pública) e que seja proposta contra ele também uma **ação de reparação moral** por danos coletivos pela **violação da dignidade** das populações indígenas e comunidades quilombolas.

Assinaram a representação os senadores Gleisi Hoffmann (PT-PR), Humberto Costa (PT-PE) e Paulo Rocha (PT-PA) e os deputados federais Benedita da Silva (PT-RJ), Maria do Rosário (PT-RS), Vicentinho Paulo da Silva (PT-SP), Paulo Fernando dos Santos (PT-AL), Wadih Damous (PT-RJ), Erika Kokay (PT-DF), Carlos Zarattini (PT-SP) e Jandira Feghali (PCdoB-RJ).

Procurada, a assessoria de Bolsonaro disse que ele iria se manifestar por meio de suas redes sociais, o que não havia feito até as 21h40 desta quinta-feira.

Publicidade



Como orar?

Aprenda a orar como Deus deseja. Veja as orações que ele responde.

SuaEscolha.com

Incitação ao estupro

Em março deste ano, o **Supremo Tribunal Federal (STF)** rejeitou, por unanimidade, todos os recursos de Bolsonaro em dois processos e manteve o parlamentar como réu pela suposta prática dos delitos de incitação ao crime de estupro e injúria contra a deputada federal **Maria do Rosário** (PT-RS).

Em discurso no plenário da **Câmara dos Deputados**, em dezembro de 2014, Bolsonaro, durante discussão com a parlamentar gaúcha, disse que a deputada **“não merecia ser estuprada”**. No dia seguinte, segundo a acusação, em entrevista ao jornal *Zero Hora*, Bolsonaro reafirmou as declarações, dizendo que Maria do Rosário **“é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria”**.

Publicidade



Seu make vegano e ecofriendly para curtir um **#Carnaval Consciente**

oBoticário

ANEXO LXXVIII

Redação Pragmatismo

RACISMO NÃO 03/OUT/2017 ÀS 15:31 COMENTÁRIOS

Compartilhar

Justiça condena Bolsonaro por discurso de ódio contra Quilombolas

"Não fazem nada; nem pra procriar servem mais". Após discurso de ódio contra Quilombolas, Jair Bolsonaro é condenado a pagar indenização de R\$ 50 mil



A juíza Frana Elizabeth Mendes condenou o deputado Jair Bolsonaro (PSC-RJ), em ação civil pública, ao pagamento de indenização por danos

morais no valor de R\$ 50 mil.

O Ministério Público Federal, no Rio, por meio dos procuradores da República Ana Padilha e Renato Machado, acusou Bolsonaro por danos morais coletivos a comunidades quilombolas e à população negra em geral.

Em 3 de abril, o deputado fez uma palestra no Clube Hebraica, no Rio de Janeiro, na qual 'ofendeu e depreciou a população negra e os indivíduos pertencentes às comunidades quilombolas, bem como incluiu a discriminação contra esses povos' ([relembre aqui](#)).

Na ocasião, o deputado afirmou que visitou uma comunidade quilombola e "o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas". Ainda citando a visita, disse também: "Não fazem nada, eu acho que nem pra procriador servem mais".

Na ação, os procuradores da República sustentaram que Bolsonaro usou informações distorcidas, expressões injuriosas, preconceituosas e discriminatórias com o claro propósito de ofender, ridicularizar, maltratar e desumanizar as comunidades quilombolas e a população negra. O Ministério Público Federal havia pedido R\$ 300 mil de danos morais.

No processo, Bolsonaro alegou que a ação se tratava de 'demanda com flagrante cunho político', e que suas declarações "são flagrantemente interpretadas de forma tendenciosa e, com um claro intuito de prejudicar sua imagem, e de toda a sua família".



Ex-padre Marcelo surpreende e viraliza na Internet

Marcelo da Luz

ABRIR

O deputado afirmou ainda que havia sido 'convidado pela Hebraica RJ como Deputado Federal para expor as suas ideologias para o público em geral' e que, nesta qualidade, 'goza de imunidade parlamentar, sendo inviolável, civil e penalmente, por qualquer de suas opiniões palavras e votos, conforme dispõe o artigo 53 da CRFB'.

Ao condenar Bolsonaro, a juíza afirmou: "Impende ressaltar que, como parlamentar, membro do Poder Legislativo, e sendo uma pessoa de altíssimo conhecimento público em âmbito nacional, o réu tem o dever de assumir uma postura mais respeitosa com relação aos cidadãos e grupos que representa, ou seja, a todos, haja vista que suas atitudes influenciam pessoas, podendo incitar reações exageradas e prejudiciais à coletividade."

Agência Estado

Acompanhe *Pragmatismo Político* no [Twitter](#) e no [Facebook](#)

Tags [Contra o Preconceito](#) [Jair Bolsonaro](#) [Ódio](#) [Racismo](#)

Recomendações



Mãe de Cazuzu repudia ataque de Bolsonaro a



Na Globo, Bocardi faz comentário racista e



Em live, Bolsonaro se irrita com seguidores



A decisão judicial que desmonta a mentira do

Não ao preconceito!



Na Globo, Bocardi faz comentário racista e ataca quem o criticou

sodexo

Atendimento diferenciado. Perceba a diferença conosco!



sodexo

Atendimento diferenciado. Perceba a diferença conosco!



SOLICITE UMA PROPOSTA

sodexo

Atendimento diferenciado. Perceba a diferença conosco!



SOLICITE UMA PROPOSTA

ANEXO LXXIX

Discurso de Bolsonaro deixa ativistas 'estarcidos' e leva OAB a pedir sua cassação

Mariana Della Barba e Marina Wentzel
Da BBC Brasil em São Paulo e da Basileia (Suíça)

20 abril 2016

Compartilhar



Ativistas de direitos humanos repudiaram menção feita por Jair Bolsonaro, na votação na Câmara, ao torturador coronel Ustra

"Estarcecedor", "Execrável", "Deprimente". Esses foram alguns dos termos usados por ativistas de direitos humanos ao comentarem a homenagem feita pelo deputado Jair Bolsonaro (PSC-RJ) ao coronel Brilhante Ustra, o primeiro militar reconhecido pela Justiça brasileira como torturador.

A menção foi feita durante a votação no processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff, ocorrida na noite de domingo na Câmara dos Deputados.

"Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias, pelas Forças Armadas, pelo Brasil acima de tudo e por Deus acima de tudo, o meu voto é sim" - foi o trecho final do discurso de Bolsonaro, em meio a vaia e aplausos.

Durante o regime militar, entre 1970 e 1974, Ustra foi o chefe do DOI-Codi do Exército de São Paulo, órgão de repressão política do governo militar. Ali, sob o comando do coronel, ao menos 50 pessoas foram assassinadas ou desapareceram e outras 500 foram torturadas, segundo a Comissão Nacional da Verdade.

- **Leia também:** 'Enquanto me dava choques, Ustra me batia com cipó e gritava', diz torturado aos 19 anos
- **Leia também:** Temer pediu ajuda para rebater 'discurso de golpe' no exterior, diz tucano em missão nos EUA



Durante o regime militar, entre 1970 e 1974, Ustra foi o chefe do DOI-Codi do Exército de São Paulo, órgão de repressão política do governo militar

"Ver essa homenagem ao Ustra deveria chocar e entristecer a todos que prezam a democracia, independentemente da posição política", afirmou à BBC Brasil Átila Roque, diretor-executivo da Anistia Internacional no Brasil.

Talvez também te interesse

- Por que o papa Francisco decidiu mudar um trecho do Pal Nosso em italiano
- Coronavírus: morte de médico que havia tentado avisar sobre vírus causa revolta e protestos na China
- Coronavírus: como está a vida a bordo de cruzeiro no qual 61 passageiros já pegaram a doença
- O que faz da Tesla, de Elon Musk, a 2ª montadora de carros mais valiosa do mundo

"Dessa vez Bolsonaro foi além nos seus elogios à ditadura. Ele, um personagem nefasto, escolheu um momento de grande dramaticidade da vida democrática brasileira para fazer uma homenagem ao símbolo mais acabado do horror da nossa ditadura. Foi chocante."

Principais notícias

Homenagem em bolo e foto em casamento: quem são os 'superfãs' de Jair Bolsonaro

BBC News Brasil acompanhou por alguns dias redes sociais do presidente e identificou pessoas que se definem como mais que apoiadores: são superfãs declarados de Bolsonaro, a quem rendem homenagens, fotos e declarações.

7 fevereiro 2020

Coronavírus: morte de médico que havia tentado avisar sobre vírus causa revolta e protestos na China

7 fevereiro 2020

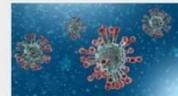
CNI contesta regra que dá estabilidade no emprego a pessoas com HIV

6 fevereiro 2020

Destaques e Análises



Como a extrema direita provocou um 'terremoto' na política alemã



Coronavírus: projeções mostram contágio maior, mas letalidade menor



Por que o papa Francisco decidiu mudar um trecho do Pal Nosso em italiano



'Fui abusada e obrigada a assistir abuso de crianças na escola por diretor e padre'



'Vinha uma bomba por cima do ônibus e o pessoal começou a cantar': os brasileiros que viveram a 2ª Guerra Mundial em Londres



Coronavírus: como está a vida a bordo de cruzeiro no qual 61 passageiros já pegaram a doença



Grandes mineradoras relutarão em atuar em terras indígenas, dizem analistas



#EuNaoSouDespesa: a reação à declaração de Bolsonaro sobre

BBC Account Menu

Busca

NEWS | BRASIL

Notícias | Brasil | Internacional | Economia | Saúde | Ciência | Tecnologia | Aprenda Inglês | #SalaSocial | Galeria de Fotos

'Apologia à tortura'

Na tarde desta terça-feira, a OAB/RJ anunciou que irá recorrer ao Supremo Tribunal Federal (STF) para pedir a cassação do mandato de Bolsonaro

"Houve apologia a uma figura que cometeu tortura e também desrespeito à imagem da própria presidente", disse Felipe Santa Cruz, presidente da OAB/RJ, em nota. "A apologia à tortura, ao fascismo e a tudo que é antidemocrático e intolerável. Além da falta de ética, que deve ser apreciada pelo Conselho de Ética da Câmara, é preciso que o STF julgue também o crime de ódio."

Além disso, a entidade informou que pode recorrer à Corte Interamericana de Direitos Humanos para pedir que o deputado deixe o cargo e que um grupo de juristas está elaborando um estudo com argumentos e processos para pedir a cassação.



ROBERTO STUCKERT FILHO PR

"É terrível ver alguém votando em homenagem ao maior torturador que o Brasil conheceu", disse Dilma sobre a homenagem de Bolsonaro

Para Jessica Morris, diretora-executiva da ONG Conectas, também é preciso analisar o artigo 287 do Código Penal. "Ele diz que apologia a um autor de um crime é um crime. Imagino que ele vá alegar imunidade parlamentar, como já fez outras vezes", disse à BBC Brasil.

"Agora, é necessário analisar se existe vínculo do que ele disse com a função parlamentar. É isso que o STF terá de responder. Porque a imunidade não pode ser uma carta branca para parlamentares não respeitarem direitos."

O professor de direito Octávio Luiz Motta Ferraz, da universidade britânica King's College Law School, lembra que a jurisprudência do STF diz que a inviolabilidade (imunidade parlamentar) não é absoluta e concorda com Jéssica que o artigo 287 poderia ser usado para indiciar o deputado.

"A discussão seria então sobre se a condenação de Ustra em 2008, mantida em 2012 pelo TJ-SP, pode configurá-lo (Bolsonaro) como autor de crime. A condenação foi civil, pois houve anistia aos crimes", disse Ferraz, em referência à lei que anistiu os crimes políticos e conexos da época.

'Execrável e lamentável'

Para Maria Laura Carneiro, diretora no Brasil da organização Human Rights Watch, "viver numa democracia, sem censuras, é enfrentar manifestações lamentáveis como a do deputado Bolsonaro".

"Ela (a declaração) é, no entanto, execrável e absolutamente violenta à memória de tantos que morreram pelo ideal dessa própria democracia que ele ataca", completa Maria Laura, dizendo que o fato de que a fala do deputado representa a visão de algum eleitor no Brasil "é ainda mais lamentável".

O Tortura Nunca Mais/RJ, um grupo que luta pela memória do período da ditadura, também rechaçou a homenagem de Bolsonaro.



CAMARA DOS DEPUTADOS

A presidente da organização, Victória Lavínia Grabois Olímpio, disse à BBC Brasil que é "deprimente e estarecedor ter de ver alguém exaltar a tortura e elogiar um torturador", mas explicou por que não se espantou tanto.

"Isso acontece porque nenhum dos governos civis que sucederam os militares fez nada pelos brasileiros mortos, torturados e desaparecidos", afirmou.

"De Samey a Collor, Itamar, FHC, que teve papel predominante contra a ditadura, Lula, um grande sindicalista responsável pelas greves que iniciaram a ruptura do regime militar, e Dilma, uma militante barbaramente torturada: nenhum deles tomou ações efetivas contra as mortes, torturas e desaparecimentos. Militares continuam ocupando cargos no governo e nenhum dos que cometeram crime de lesa-humanidade foi responsabilizado."

Estudo mapeia 2.658 tipos de câncer e pode revolucionar tratamento da doença

Estudo mapeia 2.658 tipos de câncer e pode revolucionar tratamento da doença

Mais lidas

- Por que o papa Francisco decidiu mudar um trecho do Pai Nosso em italiano
- Coronavírus: morte de médico que havia tentado avisar sobre vírus causa revolta e protestos na China
- Coronavírus: como está a vida a bordo de cruzeiro no qual 61 passageiros já pegaram a doença
- O que faz da Tesla, de Elon Musk, a 2ª montadora de carros mais valiosos do mundo
- Coronavírus: 5 coisas que você precisa saber
- 'Fui abusada e obrigada a assistir abuso de crianças na escola por diretor e padre'
- Homenagem em bolo e foto para casamento: quem são os 'superfãs' de Jair Bolsonaro
- 'Parasita': as pessoas reais que vivem nos porões de Seul retratados pelo filme
- Coronavírus: projeções mostram contágio maior, mas letalidade menor
- #EuNaoSouDespesa: a reação à declaração de Bolsonaro sobre pessoas com HIV

PUBLICIDADE

Contrate o Empréstimo Itaú.

BBC Account Menu Busca

NEWS | BRASIL

Notícias | Brasil | Internacional | Economia | Saúde | Ciência | Tecnologia | Aprenda Inglês | #SalaSocial | Galeria de Fotos

Leniência

A falta de prestação de contas com a época da ditadura também é apontada por Viciória, do Tortura Nunca Mais, como um elemento que criou um clima onde Bolsonaro pode elogiar um torturador: "O problema é que esse passado, em geral, já foi esquecido. Até nos livros das escolas ele é pouco estudado. Só não cai no esquecimento completo por grupos de familiares das vítimas, que não deixam essa memória se apagar".



Átala, da Anistia, concorda com a ativista, ao dizer que somente em um país "que não foi capaz de levar à frente e julgar os crimes da ditadura, é que se aceita conviver com tamanha naturalidade com elogios como esses".

E diretor da Anistia afirma ainda que Bolsonaro só fez a citação a Ustra pela conivência ou leniência que enfrenta de seus pares.

"Isso acontece pela maneira como a classe política, sobretudo o Congresso, tem tratado como galhofa ou mero exagero do politicamente correto os atos repetidos de Bolsonaro que se aproximam da incitação à violência e do crime, como aconteceu no caso da deputada Maria do Rosário", diz.

Em 2014, Bolsonaro disse que não estupraria Maria do Rosário "porque ela não merece", repetindo uma ofensa que já havia proferido antes. "O Congresso se transformou em um lugar de conforto para que ele repita seu discurso de ódio e antidemocrático", afirma Átala.

Contraposto a argumentos que defendem que Bolsonaro estava apenas compartilhando suas opiniões, Átala opina que não se deve relativizar a liberdade de expressão.

"A princípio, as pessoas podem falar e defender as ideias como quiserem. Mas elas também devem responder por isso. Quando as ideias ultrapassam os limites da legalidade, elas se transformam em incitação à violência."

Na manhã desta terça-feira, Dilma – que foi torturada inclusive no DOI-Codi – comentou a homenagem de Bolsonaro. "Eu fui presa nos anos 1970. De fato, eu conheci bem esse senhor a que ele se referiu. Foi um dos maiores torturadores do Brasil, contra ele recai não só a acusação de tortura, mas também de mortes", disse.

"É terrível ver alguém votando em homenagem ao maior torturador que o Brasil conheceu."

Compartilhar Sobre compartilhar

✉ f t in

▲ Voltar ao topo

ANEXO LXXX

BRASIL

Governo repudia menção de Bolsonaro a torturador na votação do impeachment

Durante a votação do impeachment, o deputado Jair Bolsonaro (PP-RJ) exaltou a memória do coronel Brilhante Ustra, o primeiro militar a ser reconhecido, pela Justiça, como torturador durante a ditadura

2 min de leitura

AGÊNCIA BRASIL
19 ABR 2016 - 18H15 | ATUALIZADO EM 19 ABR 2016 - 23H59

LEIA TODAS AS REVISTAS DA EDITORA GLOBO EXPERIMENTE 30 DIAS GRÁTIS globo+



O deputado federal Jair Bolsonaro (PP/RJ) faz discurso antes da votação do impeachment da presidente Dilma Rousseff. (Foto: Nelson Bastian/Câmara dos Deputados)

A Secretaria Especial de Direitos Humanos do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos divulgou hoje (19) nota de repúdio em que condena a menção e os aplausos a reconhecidos torturadores da ditadura militar brasileira durante votação na Câmara dos Deputados no último



domingo (17), em que parlamentares decidiram pela continuidade do processo de impeachment da presidenta **Dilma Rousseff**.

A secretaria diz que o período ditatorial é uma "sombra na história do Brasil" e que os desafios criados pela ditadura militar ainda são obstáculos para a consolidação da democracia. "Encarar a exaltação aos horrores e às afrontas aos direitos humanos dentro do Parlamento brasileiro nos recorda não só que a redemocratização ainda está em processo, mas que há muito trabalho pela frente", diz a nota, assinada pelo Secretário Especial de Direitos Humanos, Rogério Sottill.

A crítica é direcionada principalmente ao discurso do deputado Jair Bolsonaro (PP-RJ), que usou seu tempo de voto para exaltar a memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, "um dos maiores torturadores da história desse país", segundo a secretaria.

Ao justificar seu voto pela abertura do impeachment de Dilma, Bolsonaro disse: "Perderam em 64, perderam agora em 2016. Pela família, pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve, contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo, pela memória do coronel Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias, pelas Forças Armadas, pelo Brasil acima de tudo e por Deus acima de tudo, o meu voto é sim."

A Secretaria de Direitos Humanos diz que o discurso é criminoso e lamenta a "brutalidade e a gramática da violência" de algumas manifestações feitas atualmente. "Inclusive no Poder Legislativo, onde os debates e argumentos essenciais deveriam ter a democracia e o respeito a todos os seres humanos como princípio. Tais posições são inadmissíveis em contextos democráticos, já que são, inclusive, apologias a crimes previstos pelo Código Penal como hediondos, inafiançáveis e imprescritíveis."

Mais cedo, em entrevista a correspondentes estrangeiros, Dilma classificou de "lamentável" o discurso de Bolsonaro. "De fato, fui presa nos anos 70, de fato, eu conheci bem esse senhor ao qual ele se refere. Foi um dos maiores torturadores do Brasil. Sobre ele, recali não só acusação de tortura, mas também acusação de morte. É só ler os papéis da Comissão da Verdade e mesmo outros relatos", disse a presidenta.



MAIS LIDAS



5 dicas para proteger o cérebro de pensamentos negativos - Época Negócios | Vida



Coronavírus: China usa drones com alto-falantes para pedir às pessoas que usem...



A estratégia brilhante de Warren Buffett para usar melhor o seu tempo -

ANEXO LXXXI

POLÍTICA

Após falar sobre AI-5, Eduardo Bolsonaro publica vídeo em homenagem a Ustra

21 DE OUTUBRO DE 2019



EDUARDO BOLSONARO EM FRENTE À ESCULTURA PELA PAZ FAZENDO GESTO DE ABENÇA (FOTO: RICARDO SOUZA)

O Deputado publicou vídeo em que Jair Bolsonaro, então deputado, declarava voto favorável ao impeachment de Dilma e fazia ode ao torturador

Após declarar que o Brasil poder ter um novo AI-5, decreto instituído no período da ditadura e que, entre outras medidas, fez com que parlamentares contrários aos militares perdessem seus mandatos, o deputado Eduardo Bolsonaro republicou em suas redes sociais o vídeo em que Jair Bolsonaro, como deputado federal, faz ode à memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra. Eduardo ainda escreveu: "Se você está do lado da verdade, NÃO TENHAIS MEDO!"



A menção ao ditador, conhecido pelas torturas durante o período da ditadura militar, foi feita durante a explanação do voto do deputado federal Jair Bolsonaro pelo impeachment da presidente Dilma, em 2016. "Contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo, pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, o meu voto é sim", declarou à época. A ex-presidente Dilma foi presa e torturada durante o período da ditadura militar.

A declaração de Eduardo Bolsonaro sobre o AI-5 pode colocar em xeque o seu mandato na Câmara. Líderes da oposição como PSOL e Redes já declararam que vão entrar com pedido de cassação no Conselho de Ética da Câmara e também com uma denúncia contra ele no Supremo Tribunal Federal.

► **Leia também:**

- "Se esquerda se radicalizar, um novo AI-5 pode ser feito", diz Eduardo Bolsonaro
- Mais dtz nua declaração de Friauro sobre AI-5 à nassível de ninicã

rico

Saia da poupança e faça seu dinheiro render mais.

Abra sua conta

CONFIRA TAMBÉM

BOLSONARO SOBRE MILITAR COM COCAÍNA: "MEU GRANDE LAMENTO É QUE NÃO FOI NA INDONÉSIA"

A GORDURA DA SUA BARRIGA PODE REDUZIR MUITO COM UM TRUQUE SIMPLES. CONFIRA!

NOVO ESTIMULANTE NATURAL VIRA FEBRE NO BRASIL

BOLSONARO NÃO REFORMARÁ MINISTÉRIOS E MANTERÁ WEINTRAUB, DIZ QNYX

NOVO SITE ENCONTRA OS VOTOS MAIS BARATOS EM SEGUNDOS

► **Leia também:**

- "Se esquerda se radicalizar, um novo AI-5 pode ser feito", diz Eduardo Bolsonaro
- **Mala diz que declaração de Eduardo sobre AI-5 é passível de punição**

O presidente da Câmara dos Deputados, o parlamentar Rodrigo Mala, soou uma nota repudiando a fala do deputado, além de afirmar que a declaração é cabível de punição.

Leia a nota na íntegra

"Uma Nação só é forte quando suas instituições são fortes.

O Brasil é um Estado Democrático de Direito e retornou à normalidade institucional desde 15 de março de 1985, quando a ditadura militar foi encerrada com a posse de um governo civil.



Eduardo Bolsonaro, que exerce o mandato de deputado federal para o qual foi eleito pelo povo de São Paulo, ao tomar posse jurou respeitar a Constituição de 1988.

Foi essa Constituição, a mais longeva Carta Magna brasileira, que fez o país reencontrar sua normalidade institucional e democrática. A Carta de 88 abomina, criminaliza e tem instrumentos para punir quaisquer grupos ou cidadãos que atentem contra seus princípios – e atos institucionais atentam contra os princípios e os fundamentos de nossa Constituição.

O Brasil é uma democracia.

Manifestações como a do senhor Eduardo Bolsonaro são repugnantes, do ponto de vista democrático, e têm de ser repelidas como toda a indignação possível pelas instituições brasileiras.

A apologia reiterada a instrumentos da ditadura é passível de punição pelas ferramentas que detêm as instituições democráticas brasileiras. Ninguém está imune a isso. O Brasil jamais regressará aos anos de chumbo."

Rodrigo Mala, presidente da Câmara dos Deputados

Muito obrigado por ter chegado até aqui...

...Mas não se vá ainda. Ajude-nos a manter de pé o trabalho de CartaCapital.

O jornalismo vigia a fronteira entre a civilização e a barbárie. Fiscaliza o poder em todas as suas dimensões. Está a serviço da democracia e da diversidade de opinião, contra a escuridão do autoritarismo do pensamento único, da ignorância e da brutalidade. Há 25 anos CartaCapital exerce o espírito crítico, fiel à verdade factual, atenta ao compromisso de fiscalizar o poder onde quer que ele se manifeste.

Nunca antes o jornalismo se fez tão necessário e nunca dependeu tanto da contribuição de cada um dos leitores. Seja Sócio CartaCapital, assine, contribua com um veículo dedicado a produzir diariamente uma informação de qualidade, profunda e analítica. A democracia agradece.

SEJA SÓCIO



NOVO SITE ENCONTRA OS VOOS MAIS BARATOS EM SEGUNDOS
JETCOST



SECRETÁRIA DE SAÚDE INDÍGENA DE BOLSONARO LIMPA GAVETAS E DEVE DEIXAR O GOVERNO

rico



Nome*

Email*

Aceito receber comunicações promocionais e ou informativas de CartaCapital

Inscriver

Prometemos não utilizar suas informações de contato para enviar qualquer tipo de SPAM.

ANEXO LXXXII



Bolsonaro tem direito de homenagear quem quiser, diz viúva de Ustra

Maria Joseita diz ter ficado 'profundamente emocionada' quando deputado justificou voto

BRASIL
por BNC NEWS BRASIL

02/10/2018 - 13h45 (Atualizado em 18/05/2019 - 01h32)



Jair Bolsonaro fez homenagem ao Ustra durante voto do impeachment

Alfonso Bastoni/10.12.2014/Câmara dos Deputados

Maria Joseita Silva Brilhante Ustra tem 79 anos e muitas memórias. Professora aposentada, ela conta dedicar o tempo livre à pesquisa sobre a história do Brasil, em especial sobre a ditadura militar, período durante o qual seu marido foi um dos personagens principais — e também uma das

figuras mais controversas.

Maria Joseita foi casada com o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra. Chefe do DOI-Codi de São Paulo, ele foi acusado pelo desaparecimento e morte de pelo menos 60 pessoas. Outras 500 teriam sido torturadas nas dependências do órgão durante seu comando. Único militar considerado torturador pelo MPF (Ministério Público Federal), Ustra morreu de câncer aos 83 anos, em outubro do ano passado.

No último domingo, Ustra voltou ao debate nacional após ter sido homenageado pelo deputado federal Jair Bolsonaro (PSC-RJ) durante votação pela aprovação da abertura do processo de impeachment contra a presidente Dilma Rousseff.

— Fiquei profundamente emocionada”, disse Maria Joseita em entrevista à BBC Brasil. “Ele foi de uma felicidade muito grande.

A menção ao torturador feita por Bolsonaro provocou forte reação de indignação manifestada principalmente nas redes sociais. Mais de 17 mil pessoas reclamaram da conduta do deputado diretamente à procuradoria-geral da União, que prometeu analisar os pedidos.

Por outro lado, a principal página no Facebook relacionada ao coronel Ustra ganhou quase 3.000 curtidas em três dias.

Muitos comentários alegam que a homenagem feita por Bolsonaro seriam equivalentes às referências elogiosas, feitas por um outro deputado, Glauber Braga (PSOL-RJ), ao votar contra o impeachment, a Carlos Marighella, morto por organizar resistência ao regime militar.

De sua casa em Brasília, ela conversou por telefone com a BBC Brasil.

BBC Brasil: Durante votação pela abertura do processo de impeachment contra a presidente Dilma Rousseff no último domingo, o deputado federal Jair Bolsonaro (PSC-RJ) dedicou o voto ao seu marido. O que a senhora achou da homenagem?

Maria Joseita Silva Brilhante Ustra: Fiquei profundamente emocionada. Acho que ele foi de uma felicidade muito grande. Acredito que Bolsonaro tem o direito de prestar homenagem a quem ele quiser porque outros deputados homenagearam terroristas, como Marighella e Lamarca, que pregaram durante toda a vida a luta armada, a violência e a separação do país. Se eles têm esse direito, por que o deputado Bolsonaro não tem?

BBC Brasil: Mas o seu marido foi considerado pela Justiça como torturador. Isso é motivo de homenagem?

Maria Joseita: Meu marido nunca foi condenado pela Justiça em última instância. O processo está parado. Não há prova nenhuma, só testemunhal. Interessante notar que prova testemunhal serve para considerar meu marido torturador, mas prova testemunhal não serve para condenar os corruptos da Lava Jato (Operação Lava Jato, que investiga o esquema de corrupção na Petrobras).



mais lidas

- 1 Roque, fiel escudeiro de Sílvia Santos, é internado em SP
- 2 'Fui abusada e obrigada a assistir abuso de crianças na escola por diretor e padre'
- 3 Brasileiros embarcam na China sob forte esquema de proteção ao vírus
- 4 Pai chora ao ver nome da filha em berço no local da quarentena
- 5 Jesus. Nome vetado para assumir a seleção. Muito independente
- 6 Paquistão: Parlamento propõe enfocar pedófilos em público
- 7 Desmatamento na Amazônia dobra em um ano, aponta Inpe



BBC Brasil: Mas o vereador Gilberto Natalini (PV-SP) disse, em entrevista à BBC Brasil, que foi torturado pelo seu marido...

Maria Joseita: Natalini passou uma única noite lá no DOI-Codi. Ele foi detido para averiguação. Quando declarou ter sido torturado, meu marido enviou-lhe uma carta aberta pedindo informações sobre essa suposta tortura. Nunca obteve resposta.

O problema é que muita gente usou isso, e continua usando, para se eleger, para conseguir cargos públicos e ganhar indenizações do governo. Não estou dizendo que a ditadura militar foi um mar de rosas. Não foi.

Sofro pelas famílias que perderam seus entes queridos do outro lado. Vejo com tristeza uma mãe que não sabe onde o filho está. Jovens que tinham a vida pela frente e que podiam lutar pelo Brasil de outra maneira, mas que foram iludidos por alguns grupos mais antigos de raposas velhas que tentavam implantar o comunismo no país.

BBC Brasil: A senhora diz que a ditadura não foi um "mar de rosas". O coronel Ustra cometeu erros?

Publicado



Maria Joseita: Não sei se ele cometeu erros. A mídia retrata meu marido como se ele fosse onipresente, onipotente e onisciente. Parece que ele foi um super-homem.

Quem começou isso tudo não foram as Forças Armadas. Houve apenas uma reação ao caos que já estava sendo implantando no Brasil. O grupo de militantes que estava se organizando já ia para China, para Cuba, para a União Soviética para fazer treinamento de guerrilha.

Era preciso tomar uma providência. Agora, por que o meu marido é um símbolo de tudo de ruim que aconteceu no regime militar?

BBC Brasil: Porque relatos documentados indicam que o seu marido torturou pelo menos 60 pessoas...

Maria Joseita: Não posso jurar que o meu marido não cometeu nenhum deslize. Deslize na vida todo mundo comete. Eu presenciei muita coisa. Certa vez acompanhei seis presas lá dentro (DOI-Codi). Uma delas estava grávida e não sabia. Fiquei tocada pela situação.

Tanto insisti que meu marido me permitiu um contato com ela para ver se eu podia ajudar em alguma coisa. Ela fez questão de ficar lá com as companheiras porque tinha assistência, era atendida no Hospital das Clínicas, fazia pré-natal e tinha toda a atenção possível.

Chegamos inclusive a fazer enxoval para o bebê. Minha empregada fazia tortas para elas lancharem. Coisas gostosas. No entanto, quando ela teve o bebê e saiu de lá — até porque já não podia ficar mais, pois se tratava de uma concessão por pedido dela própria, passou a dizer que foi torturada todos os dias.



BBC Brasil: A senhora sempre defendeu publicamente seu marido. Por quê?

Maria Joseita: Eu não fui defensora do meu marido. Ele não precisava de defesa. Foi uma defensora da verdadeira história e não da história que está sendo contada. Decidi me manifestar publicamente porque eu sou uma cidadã brasileira. Passei minha juventude e minha maturidade durante o período do regime militar. Vi, vivi e tenho conhecimento de muitas coisas que aconteceram naquela época. Aquela época era semelhante ao que estava acontecendo agora.

BBC Brasil: Por que aquela época era semelhante ao que está acontecendo agora?

Maria Joseita: Porque era um caos. Um grupo de jovens — alguns idealistas outros iludidos — queria tomar o poder. A maioria desse grupo está no governo agora e pertencia àquelas organizações. E deu no que deu. Uma das maiores empresas do mundo (*Petrobras*) foi sucateada, o dinheiro desapareceu de tudo o que foi maneira. O desejo deles é permanecer no poder.

BBC Brasil: A senhora é a favor do impeachment da presidente Dilma Rousseff?

Maria Joseita: Acho que vamos passar um momento difícil. Não há vejo outra solução melhor. Ela poderia renunciar. Haveria uma solução melhor?

BBC Brasil - Todos os direitos reservados - É proibido todo tipo de reprodução sem autorização por escrito da BBC



ANEXO LXXXIII



POLÍTICA

Jair Bolsonaro: 'Sou o Neymar da política. Todos me querem'

Em entrevista exclusiva ao HuffPost Brasil, presidente eleito falou sobre o assédio dos partidos políticos, as polêmicas e a perseguição da imprensa.

By Grasielle Castro

22/05/2017 12:04:03 | Atualizado 22/05/2017 12:39:43



FABRICIO RIBEIRO/POZZOBON/AP/OLYMPIA

Um homem polêmico, #chateado e crítico ferrenho dos direitos humanos.

Militar da reserva, [Jair Messias Bolsonaro](#) (PSC-RJ) é deputado federal desde 1991. No segundo ano do seu sétimo mandato, as pesquisas para eleições de 2018 já o transportam do Legislativo para a realização de um sonho: o comando do Executivo. Presidente Bolsonaro — o que chega a causar temor para alguns e a aposta de 15% do eleitorado, [segundo Datafolha](#), melhor resultado já aferido. Só perde para o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (30%).

Os números não lhe causam surpresa. "Acho que é questão de coerência", diz. Em razão disso, o político tem sido assediado por diversos partidos, mais recentemente pelo Muda Brasil — legenda que busca agilidade pelo registro no TSE (Tribunal Superior Eleitoral), idealizado pelo delator do mensalão, ex-deputado Valdemar Costa Neto. "Todos me procuram. Sou a virgem da praça. (...) Sou o Neymar da política, quer queira quer não. Não sei como vai ser amanhã, mas hoje em dia todos me querem."

A declaração de que todos o querem, entretanto, não vale para o Congresso. Bolsonaro sabe da resistência dos colegas. Por isso, não se arrisca a lançar candidatura neste momento em que o cenário mais provável é de eleições indiretas, caso o presidente Michel Temer deixe o comando do País. "Não tenho um grande apoio entre os parlamentares e não vou concorrer para pagar um míco", disse em suas redes sociais, uma semana após entrevista ao HuffPost Brasil.

Na conversa com a reportagem, no último dia 9 de maio, antes da notícia da delação-bomba da JBS que implica o presidente, Bolsonaro foi combativo. Chateado, se diz perseguido pela imprensa. "Só cego não vê. É igual ao Trump, só cego não vê. O Dória vai para a Coreia do Sul e é matéria de capa, eu vou para Israel e ainda levo pancada como se estivesse usando dinheiro da Câmara para viajar", queixa-se.

ASSINE A NEWSLETTER

Quero receber por e-mail as matérias mais importantes da semana. [Pública de @naozipode](#)

[inscreva-se →](#)

[Twitter](#)
[Facebook](#)
[Instagram](#)
[Flipboard](#)

Apesar de estar nitidamente incomodado com o tratamento que vem recebendo da imprensa, Bolsonaro é didático e paciente para explicar seu ponto. Se sente acuado quando é questionado sobre planos para a economia e já elegeu "todos eles" como adversários, de Lula a Dória. Talvez só Ciro Gomes se salve dessa. "Se o Ciro Gomes aparecer para conversar, bato papo numa boa. Acho que votel nele para presidente."

Com um sorriso no rosto, ele discorre como quem tem total domínio sobre a política armamentista e o projeto da Escola Sem Partido. Os direitos humanos? Esses, na avaliação dele, merecem um "cavalo de pau". Isso porque "não temos que ter privilégio no Brasil, nem para índio, nem para brancos, nem para negros, para gays ou ninguém, somos todos brasileiros". E as mulheres, público com menor índice de intenção de votos no deputado? Essa resistência, ele minimiza: "A cada pesquisa que sai, que eu acompanho, aumenta o percentual de apoio de mulheres. Elas vão cair na real".

Jair Bolsonaro: 'Sou o Neymar da política. Todos me querem'

Leia os principais trechos da entrevista:

HuffPost Brasil: A que o senhor atribui seu desempenho nas pesquisas eleitorais?

Jair Bolsonaro: Os outros já foram presidente da República, presidente da Câmara, senador, ministro de Estado, realmente eu sou o patinho feio da história. Ao que isso deve? Acho que é questão de coerência. Uma linha que eu adotei: não se envolver em nada errado, não andar com péssimas companhias e ter uma proposta para o País.

Qual é essa proposta?

Eu tenho falado que um povo que tem uma terra como essa aí (mostra um mapa de minérios pendurado na sala) não pode ser pobre. É o mapeamento geológico. Há 10, 15 dias, a Folha de S.Paulo ficou uma hora conversando comigo e fizeram a pauta sobre o nióbio, saiu domingo (14) a matéria escutachando comigo, me chamando de ignorante, incompetente, dizendo que o Brasil não precisa se preocupar com o nióbio que o mundo já está abastecido, que eu desconheço o que eu tô falando, que o meu mapa é da ditadura militar. Isso que o cara fez, esse é mais ou menos o retrato da imprensa brasileira. Como a Folha tem simpatia por um candidato do PSDB e não pode elevar esse cidadão ao nível que eu estou, tenta recalcar os demais.

Essa é a sua proposta para a economia?

Primeiro, é preciso se libertar das amarras do Mercosul, partir para o bilateralismo, fazer comércio com o mundo todo e adotar alguns parceiros prioritários. Por exemplo, eu adotaria os Estados Unidos. Você vê a Base de Alcântara, não pode ficar impedida de funcionar por causa de uma comunidade quilombola. Não dá. Atrapalha os dois lados. A comunidade não se expande, não evolui, e uma base do lado que também não pode ter projetos com mais seriedade porque tem a pressão de investido. Outra coisa: o Brasil fez um acordo com a Ucrânia no passado, que ela estava na guarda-chuva da Rússia, quando a Rússia mostrou para a Ucrânia que não era bem assim, a Ucrânia foi obrigada a sair, o Brasil jogou um dinheiro fora e estamos aí com uma Base de Alcântara... Inclusive, nós lançamos um satélite agora e foi fora do Brasil. Não tem cabimento. Estava aqui até a última legislatura o deputado Domingos Dutra (PT-MA), não foi reeleito, mas tinha um projeto dizendo que 20% do lucro do lançamento de satélites ia para os quilombolas. Ah, meu Deus do céu, o que é isso? Não temos que ter privilégio no Brasil, nem para índio, nem para brancos, nem para negros, para gays ou ninguém, somos todos brasileiros. O lucro de Alcântara tem que reverter para todo mundo e ali, a comunidade quilombola, não tem nada de mais ficar ali, só não pode ameaçar. Quando você fala em economia, economia, em primeiro lugar, é o Estado não atrapalhar você que quer produzir. Por que não jogar pedeso para estimular o turismo que mexe com 10% do PIB do mundo?

“

Não temos que ter privilégio no Brasil, nem para índio, nem para brancos, nem para negros, para gays ou ninguém, somos todos brasileiros.

Como?

Para isso, tem que dar um cavalo de pau na política de direitos humanos. A política de direitos humanos não tem que ser essa que está aí. Se você sofrer uma violência, eu vou ser solidário a você, vou fazer o possível para ir atrás de quem fez maldade contigo e punir esse cara. Até para dar de exemplo para outros não fazerem besteira, mas a política de direitos humanos no Brasil basicamente está voltada para defender interesses de bandido.

Política de direitos humanos no Brasil só defende bandido. Tanto é que o cara faz uma besteira qualquer aqui, assalta, sequestra, rouba, vai para a delegacia... Nem delegacia é mais, é audiência de custódia. Querem saber se o PM maltratou o cara. Por que audiência de custódia? Nós todos somos obrigados a cumprir lei, audiência de custódia não é lei. É um presidente da República fraco, ele tem que mexer nisso aí, tem que cuidar da integridade do seu povo. Não tem discussão. O preso está mal acomodado? Problema dele. É só não sequestrar, não matar, não estuprar que ele não vai para a antessala do inferno. Preocupação? Inclusive a ONU com a comunidade carcerária. Hoje são 600 mil. Nos Estados Unidos, seis milhões. Eu, quando chegar lá, vou passar os Estados Unidos. Lugar de vagabundo é atrás das grades, ou vai deixar estuprando mulheres por aí? Ai vem umas idiotas, feministas, com bandeirinhas dizendo que nós temos que investir em coisa diferente do que eu proponho, como punir com rigor os marginais.

“

O preso está mal acomodado? Problema dele. É só não sequestrar, não matar, não estuprar que ele não vai para a antessala do inferno.

As mais resistentes a seu nome para presidente são justamente as mulheres. Como conquistar esse eleitorado?

A cada pesquisa que sai, que eu acompanho, aumento o percentual de apoio de mulheres. Elas vão cair na real. Falaram que eu sou contra mulher. Onde está escrito que eu disse que mulher tem que ganhar menos que homem? Onde você viu isso? Escrito não, porque idiotas escreveram. Me aponte um vídeo, um áudio meu falando isso. O jornal Zero Hora inventou isso. Um jornal chapa branca, que comia na mão do Tarso Genro. Esse mesmo jornal inventou [aquela brincadeira com a Maria do Rosário](#).

“

Elas vão cair na real.

O senhor se sente perseguido pela imprensa?

Só cego não vê. É igual ao Trump, só cego não vê. O Doria vai para a Coreia do Sul e é matéria de capa, eu vou para Israel e ainda levo pancada como se estivesse usando dinheiro da Câmara para viajar. Ninguém me liga para perguntar o que eu vi em Israel, para falar como é a agricultura lá, que podemos fazer no semiárido nordestino. Lá a precipitação pluviométrica é menor que no Nordeste e lá tem garantia alimentar e ainda exportam para a Europa. Foi ver a criação de peixe no deserto. O Israelense está louco para contribuir conosco. Há uns dois anos, quando nem sonhava em ser candidato - assim como não sou. Sonho em disputar a convenção de 2018 - disse ao cônsul de Israel que se eu chegasse lá exploraria diversidade com eles no Amazonas. Estamos jogando isso fora.



Nem sonhava em ser candidato, assim como não sou. Sonho em disputar a convenção de 2018.

Quando vou para o interior do Brasil, eu mostro o que está acontecendo. Está demarcando uma terra indígena agora em Miracatu, São Paulo, montanhas de grafite, demarcadas como terras indígenas para índios do Paraguai. (...) Dá para a gente pensar em Brasil grande dessa forma? Não dá. Tive agora em Goiás, Niquelândia, não é a toa que o nome da cidade é Niquelândia. Quem explora o níquel lá? A China. Quem explora o níbio em Catalão, no Goiás? A China.

A ideia seria um governo como o norte-americano de incentivar o fechamento das fronteiras?

Cuidado com esse linguajar "fechar". Temos duas coisas para discutir. Uma é esse projeto que abre as fronteiras do mundo. Outro dia critiquei a questão dos haitianos da tribuna da Câmara e um cara lá embalou disse que eu estava criticando porque era negro. Eu falei: "Ó, idiota, você acha que algum suco lá quer vir para este país aqui?". O IDH lá em cima, com segurança, saúde, educação, tem tudo. Vai querer vir para cá fazer o quê? Vem passear, fazer turismo sexual talvez, vem fazer outra coisa qualquer. A questão de abrir fronteiras. E não é fechar; nós temos que investir em tecnologia, onde aplica o níbio, o grafite, o níquel? Nós temos que pesquisar, transformar isso em nota fiscal. Nós estamos perdendo o bonde da História. E alguns me criticam, dizem que só falo em níbio e grafite. São aqueles caras, ou são ignorantes ou a serviço de empresas que nos exploram.

Seria uma política geradora de emprego?

Além de gerar emprego, você ajude a trazer recursos para cá. (...) Tenho mais coisa para falar sobre economia. Um exemplo de economia para nós é o Paraguai. Estou para ir lá ver. O que o governo fez depois que mandou embora aquele picareta do Lugo - tão picareta quanto Lula, Dilma, Moraes, Maduro entre outros? Botaram para correr o cara, em 72 horas fizeram impeachment lá. O que ele (Horacio Cartes, atual presidente paraguaio) fez? Simplesmente acabou com aquelas barreiras comerciais de exportação. O país vai exportar sem imposto. Ouso dizer para você que daqui a pouco teremos produtos aqui fabricados na China que conseguiram mais barato no Paraguai, porque está aqui do lado. Nós temos que pensar no Brasil grande, em infraestrutura.

Alguns idiotas falam que Bolsonaro não entende de economia. Eu falo: "olha, os cinco presidentes militares, os cinco generais, foram formados em artilharia, infantaria e cavalaria e eles pegaram o Brasil de 49ª economia do mundo e entregaram em 8ª". O Itamar Franco também não entendia de economia, muito menos o FHC, um sociólogo, que era amigo de Fidel Castro, entre outros, foi feito um plano econômico e o Itamar que não entendia de economia se tornou o pai do plano Real.

Sobre o desarmamento...

Este é um assunto que eu sou apaixonado pela legislação americana. Hoje só o cidadão de bem que não tem, é quase impossível para vocês [mulheres] ter um arma para se defender. Falam em defender a mulher. Quem defende a mulher é ela. Apesar dos meus 62 anos, se você não tiver uma atividade esportiva marcial, acho que na pancada eu ganho de você. Agora se você tiver uma arma na cintura, você segura o Mike Tyson, o Magulla, o Aldo. Se alguém com esse porte físico quiser fazer uma besteira com você, não vai fazer. O armamento mais que assegure a sua vida, é a garantia da liberdade e democracia de um país. Toda ditadura foi precedida por campanha desarmamentista. E o PT tinha isso no seu sonho e ainda tem na sua meta política. A arma na mão de quem quiser sendo um bom cidadão, a posse tem que dar, o porte tem que ser flexibilizado e muito. Nós vamos diminuir a violência.



O armamento mais que assegure a sua vida, é a garantia da liberdade e democracia de um país.

Mas e o caso dos tiroteios em escolas dos Estados Unidos?

Mas tivemos Realengo no Brasil. E pera aí, eles vão o atiram em áreas livres de arma de fogo. Tanto é que tem escola que está autorizando as pessoas armadas, ouviu que esse malucos vão para essas escolas onde tem professor armado. Não vão. Se são malucos, por que não invadem o quartel da Marinha americana e atiram lá dentro? Eles querem é o terror. Você vê que o terrorismo no mini-manual de terrorismo do Marignella, cujo motorista foi Aloysio Nunes Ferreira (PSDB, ministro das Relações Exteriores). Ele ensina como levar o plástico e o terror pela sociedade. E outro morre mais gente por arma de fogo ou acidente de carro? Vamos então acabar com os carros no Brasil. Simples. De vez em quando a pessoa não morre na mesa de cirurgia? Vamos acabar com a cirurgia. Dizem que vai ter mais crime passional, a não ser que haja um flagrante, a não ser isso, o cara quer matar a mulher coicica chumbinho, ela bota água quente nas orelhas dele.

Como estão as conversas com o Muda Mais?

Como é que eu vou entrar no seu barco se ele não existe? Não existe partido militar também. Todos me procuram. Sou a virgem da praça. Chegam aqui coisas que não prestam, mas outras que eu concordo como a cláusula de barreira. Tem muito partido ali na zona do agrário, como a gente chama no futebol, que vão acabar em 2018, podem ser rebaixados se não tiverem 2% dos votos e eu sou o Neymar hoje em dia da política, quer queira quer não. Não sei como vai ser amanhã, mas hoje em dia todos me querem, Muda Brasil me quer. PHS, PR, Partido Militar. Agora Renaldo Azevedo, um tucano ate o pescoço dizendo que eu tô indo para o partido do Valdemar da Costa Neto? Prefiro o partido do Valdemar ao PSDB com tanta gente citada na Lava Jato... Se tivesse que fazer opção e eu não tenho que fazer opção.



Sou o Neymar hoje em dia da política, quer queira quer não.

O senhor homenageou o coronel Ustra no voto favorável ao impeachment e, por isso, recebeu diversas críticas. Faria isso de novo?

João 8:32 diz: "reconheceis a verdade e a verdade os libertará". O coronel Brilhante Ustra de 1970 a 1974 estava no olho do furacão. Ele aqui e do outro lado tinha José Dirceu, tinha Dilma Rousseff, Franklin Martins. Nessa história, em qual lado você estaria? Esse pessoal treinava em Cuba, na Coreia do Norte, na China comunista e vivia em Cuba para lutar por democracia. Só um imbecil para acreditar nisso. Graças a Deus houve o bom trabalho realizado por esse coronel.

E as acusações? Torturador, olha a política da intimidação. Eles aprenderam o que na China comunista ou em Cuba? Boas maneiras? Corte e costura? Direitos Humanos? Aprenderam o quê? Aprenderam o terror para através dele chegar ao poder. Perderam, se vitimizam, atrás de compatilho, voto e poder. Então, entre esses dois, devemos e vocês da mídia devem a liberdade que temos hoje a gente como o coronel Brilhante Ustra.

A gente que teve coragem de ir às ruas contrários ao governo de João Goulart. As mulheres na rua, a OAB nas ruas, toda mídia, exceto jornal Última Hora, padres, produtores rurais pedindo que alguém assumisse o País com as terras jogadas para reforma agrária. Os empresários, ninguém queria, tento que o Congresso cassou João Goulart. Não foi golpe.

Tanto estou com razão que há três anos um projeto do PSol anulou a sessão que cassou João Goulart. Enquanto Lênin apagava fotos, a esquadinha brasileira apaga fatos. Vamos colocar a verdade na mesa. Teve excesso? Teve. Onde é que não tem? Nós cometermos excesso com nossos filhos, nossas esposas, já cometi excesso. Falei o que não devia falar para ela, ela já falou o que não devia para mim também. Ela já deu castigo na nossa filha que achei que não devia dar. Acontece. Quem dirá em um país enorme como o nosso.

Por que senhor não se posicionou no voto do projeto que ampliou a terceirização?

Coloquei abstenção. Você vai me julgar por um voto?

Não estou julgando o senhor...

[sobe o tom] Um voto aprovava o outro projeto, aprovava a [matéria] do Senado. Votar favorável à reforma trabalhista. O meu voto aqui, quem não gosta de mim sabe tudo aqui. Esses dias eu perguntei para um deputado qual a cor da minha cueca, só faltava me dizer isso. Pega um voto... ele se absteve. Um voto abstenção pode ser necessário para aproveitar ou rejeitar uma matéria porque alcança o quórum de 257.

Não foi um ataque, deputado...

Desculpe a minha... (pensa) Eu não sou agressivo também, não. Eu sou... Como dizem, super-sincero.

Um perfil próximo ao de Ciro Gomes?

Ciro Gomes parece que extrapolou. Eu não faria o que ele fez. Quando se referiu ao Dória agora, usando um palavrão, que ele tem "areia no olho". Eu não falaria aquilo para ninguém. Ciro Gomes tem uma bagagem cultural enorme, está faltando ele medir a força dele.

Esses dias ele me disse que preferia mil vezes um Bolsonaro ao Dória...

Eu não sou inimigo dele. Se o Ciro Gomes aparecer para conversar, bato papo numa boa. Acho que votei nele para presidente. Tinha simpatia pelas propostas dele. Depois de ter maturidade, uma certa experiência, deixo aquela fase de garoto, hoje tem que ter pé no chão, quando se fala em proposta tem que ver se dá para atingir ou não.

Se as escolas fossem campo de doutrinação, não era para a esquerda estar mais forte?

Essa guinada do conservadorismo, eu chamo de direita, a oposição ao que a esquerda propõe. Devemos em grande parte a Olavo de Carvalho, que era de esquerda, em menor quantidade a minha pessoa quando discuto a condição do Brasil. Entrei na luta armada com 15 anos de idade ao lado do Exército brasileiro. E via três, quatro vezes por ano na minha cidade o Rubens Paiva, nenhum jornal tem a coragem de publicar o que eu falo na tribuna, a molecada está se libertando da perfeição hipotética. O que tra o pobre, não interessa se homem, mulher, gay, é o conhecimento. Alguns falam do Escola Sem Partido, que vamos querer cantar o Hino Nacional toda semana... Se for possível todo dia o nosso hino, não a Internacional socialista, como na escola do sem terrinha.

Como o senhor avalia o primeiro ano da gestão Temer?

Um governo refém do PSDB, com um cenhão apontado para a cabeça que é a Leva Jato, que pegou o País com 10 milhões de desempregados e agora está com 12 milhões. País que não arrecada, que dá a corrupção em escala, faz que os empresários cheguem lá fora para fazer negócio com o manto da desconfiança, um país com uma das mãos de obras mais caras do mundo e não tão bem preparada.

LEIA TAMBÉM:

- [Marina Silva: 'Polarização política disputava comando da corrupção que golpeou a democracia'](#)
- [Ciro Gomes: 'Mil vezes um Bolsonaro do que um enganador como o Dória'](#)
- [Após delação da Odebrecht, Lula e Bolsonaro se fortalecem na disputa de 2018, segundo Datafolha](#)



Graciele Castro 
Escritora sênior, HuffPost Brasil

[Siga uma correção](#)

ETC:

[direitos humanos](#) [eleições 2018](#) [jair bolsonaro](#) [política](#)

ANEXO LXXXIV

17 Dias 06 Horas 00 Minutos 30 Segundos
PARA O CARNAVAL
Agenda
Vídeos

Bolsonaro faz post machista comparando sua esposa com a de Macron

O presidente brasileiro passou do limite, mais uma vez, em meio a críticas internacionais sobre a Amazônia

25/08/2019 - 10:22
Por: Redação



Ouvir:

0:00
ouvir



Crédito: Frederico Mellado / ARG
O presidente da França, Emmanuel Macron, com Jair Bolsonaro durante reunião do G20 no Japão

Anuncie no **UOL** e conquiste novos clientes

COMECE AGORA

Em meio às críticas internacionais pelas queimadas na **Amazônia**, o presidente **Jair Bolsonaro** (PSL) fez um comentário machista sobre Brigitte Macron, esposa do presidente francês, Emmanuel Macron.

No Facebook, um seguidor do presidente da República postou uma montagem com fotos dos dois casais e escreveu: "Agora entende por que Macron persegue Bolsonaro?". O próprio Bolsonaro respondeu: "Não humilha cara. Kkkkkkk".

É inveja presidente 🇧🇷 do macron pode crê.

Entende agora pq Macron persegue Bolsonaro?

44 min **Haha** Responder

Jair Messias Bolsonaro

Rodrigo Andreaça não humilha cara. Kkkkkkk

29 min **Haha** Responder



Crédito: Reprodução / Facebook
Bolsonaro respondeu a um seguidor que ironizou Macron

A primeira-dama francesa tem 24 anos a mais do que seu marido. Antes de se casarem, o presidente foi aluno de Brigitte. Já Michelle Bolsonaro tem 27 anos a menos do que seu marido e é a terceira esposa dele.

Na mesma publicação, outros internautas fizeram comentários machistas e ofensivos. "Td homem bem sucedido tem ao seu lado uma mulher especial..", "nossa primeira dama é digna de muito orgulho! Linda, simpática e humilde!!!" e "é o Macaulay Culkin auge das drogas versão mulher kkk" são algumas das mensagens misóginas no post.

Muitas pessoas fizeram críticas à atitude do presidente brasileiro e a hashtag #calabocabolsonaro ficou entre os assuntos mais comentados do Twitter.

"O fato de uma pessoa tentar ofender uma mulher por sua aparência física, por si só já é vergonhoso. Quando essa pessoa é Chefe de Estado, é vergonha nacional. Se envolve a Primeira-Dama de uma nação amiga, vira vexame diplomático. Nosso Presidente é um moleque!", escreveu a roteirista Antonia Pellegrino.

Veja abaixo:

Dilma Bolada

É inadmissível que um Chefe de Estado ofenda a Primeira-Dama de uma nação amiga por desavenças políticas. Isso é surreal, baixo e absurdo. Bolsonaro tem que calar esse buraco que só sai merda que ele chama de boca. #CalaBocaBolsonaro

8.188 20:25 - 24 de ago de 2019

2.123 pessoas estão falando sobre isso



jef @jeferson

Chega a ser engraçado ver Bolsonaro tentando ofender a Primeira-Dama de França. Imagina se Macron resolve ofender a Michelle? Avô traficante, mãe falsificadora, receptora de cheques de laranja, marido miliciano... #CalaBocaBolsonaro

22.2 mil · 20:48 - 24 de ago de 2019

5.174 pessoas estão falando sobre isso

Antonia Pellegrino @apeligrino

O fato de uma pessoa tentar ofender uma mulher por sua aparência física, por si só já é vergonhoso. Quando essa pessoa é Chefe de Estado, é vergonha nacional. Se envolve a Primeira-Dama de uma nação amiga, vira vexame diplomático. Nosso Presidente é um moleque! #CalaBocaBolsonaro

Rodrigo Andraça
É inveja presidente do macron pode crê.

Entende agora pq Macron persegue Bolsonaro?

44 min · Haha · Responder

Jair Messias Bolsonaro
Rodrigo Andraça não humilha cara. Kkkkkkk

29 min · Haha · Responder

18.3 mil · 21:43 - 24 de ago de 2019

6.409 pessoas estão falando sobre isso



Debora Diniz @Debora_D_Diniz

Presidente Bolsonaro está acuado pela Amazônia em chamas. Em resposta a Macron, optou pelo sarcasmo do macho ofendido. Como nada lhe resta, nem inteligência, poder militar ou econômico, ofereceu a primeira dama, Michele Bolsonaro, em retaliação à Brigitte Macron

Respostas

Rodrigo Andraça
É inveja presidente do macron pode crê.

Entende agora pq Macron persegue Bolsonaro?

44 min · Haha · Responder

Jair Messias Bolsonaro
Rodrigo Andraça não

8.476 · 19:42 - 24 de ago de 2019

2.057 pessoas estão falando sobre isso

ANEXO LXXXV

Coluna Política
Por Ronaldo Nóbrega

Quem somos Como Anunciar Fale Conosco

**Olavo de Carvalho esclarece polêmica após comentários sobre governo Bolsonaro**

© 21 de março de 2019

Por Ronaldo Nóbrega |

Em vídeo postado nas redes sociais, o filósofo Olavo de Carvalho, elucidou declarações que fez sobre o governo não durar mais de 6 meses. Segundo Olavo, jornais da mídia brasileira fizeram o que sabem de melhor: fantasiar. Sua declaração foi de que "o governo não duraria 6 meses, **se não tomar providências contra a mídia criminoso**", mas a própria mídia (criminoso) divulgou apenas o primeiro trecho da fala que condenaria o governo de Jair Bolsonaro a apenas mais um semestre de duração.

Além disso, as manchetes associaram a política econômica de Paulo Guedes à suposta previsão feita por Olavo de Carvalho. No vídeo, o filósofo fala que "não há nada de mal entre eu e o Paulo Guedes. Eu sempre apoiarei a política do Paulo Guedes. Acho um dos melhores ministros que nós já tivemos na nossa história inteira. Competentíssimo, confio inteiramente. Acho que ele vai alcançar o maior sucesso".

Olavo de Carvalho aproveitou a ocasião para detonar parte da grande mídia que vem atacando o governo e tentando ser porta-voz do que ele fala. Segundo Olavo, "a mídia brasileira não tem sequer fake news, porque fake e true são coisas que se referem à realidade, a coisa é falsa ou verdadeira relacionada à realidade, mas a mídia brasileira só tem fantasia. E tudo fantasia, é tudo inventado".

Olavo destacou ainda a relevância do encontro entre os presidentes Jair Bolsonaro e Donald Trump que aconteceu nesse mês de março. Ele afirmou que nunca um governo brasileiro tinha alcançado tamanha vitória e que o Brasil subiu muito no conceito americano. Ainda disse que os brasileiros deveriam se sentir orgulhosos pelo que o governo está conquistando.

Fato é que a as ideias de Olavo de Carvalho colidem com o senso comum implantando no imaginário do brasileiro que se acostumou, há décadas, às verdades universais ditadas pela mídia. Em um de seus inúmeros textos*, Olavo fala da repulsa do brasileiro ao conhecimento, ele afirma: "De fato, o traço mais conspicuo da mente dos nossos compatriotas era o desprezo soberano pelo conhecimento". Ainda fala do comodismo das opiniões, "eu me via cercado de pessoas que não queriam conhecer coisa alguma, que estavam perfeitamente satisfeitas com suas ideias toscas sobre todos os assuntos".

Fato é que o alinhamento de pensamentos entre o governo de Bolsonaro e a filosofia de Olavo de Carvalho significa uma nova perspectiva que colide com o pensamento de esquerda arraigado na mídia, nas universidades e demais setores da sociedade brasileira. É natural que essas forças se choquem na guerra das narrativas e no convencimento da população que, aos poucos, vai se libertando da ignorância e buscando mais fontes de informação para construir a sua própria verdade dos fatos.

A internet, nesse sentido, tem sido o principal meio capaz de libertar as mentes dos brasileiros com a ascensão das redes sociais e da mídia independente que promovem alternativas às tradicionais fontes de informação. O brasileiro está, cada vez mais, questionando, duvidando e se aprofundando nos assuntos. De certa forma, o brasileiro está, cada vez mais, aproximando-se de um dos princípios mais básicos da filosofia Olavista: a honestidade intelectual.

* O texto citado é "Desejo de conhecer" publicado no Diário do Comércio, em 10 de janeiro de 2011. Está presente na obra de Olavo de Carvalho: "O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota", ed. Record, Rio de Janeiro, 2013.

redacao@colunapolitica.com.br

Clique aqui e leia também

A velha mídia e a esquerda perdem cada vez mais espaço. Bolsonaro se fortalece



ANEXO LXXXVI

MENU

Sexta-Feira, 7 de Fevereiro de 2020



CartaCapital

SEJA SOCIO
LOGIN
ACERVO



POLÍTICA ECONOMIA SOCIEDADE JUSTIÇA MUNDO DIVERSIDADE EDUCAÇÃO OPINIÃO BLOGS MAIS

PROCURE AQUI

POLÍTICA

Bolsonaro diz que Leonardo DiCaprio colaborou para queimadas na Amazônia

SIUVANNA SALDINI 29 DE NOVEMBRO DE 2019



© ATRIL/LEONARDO DICAPRIO FOTO: ANDRÉZA CORREIA

Em live semanal, presidente acusa o ator e brigadistas de colocarem fogo na floresta

O presidente Jair Bolsonaro acusou, sem provas, o ator norte-americano Leonardo DiCaprio de ter doado dinheiro para "queimar a Amazônia". A fala foi feita na transmissão ao vivo que o presidente fez, nesta quinta-feira 28.



Bolsonaro comenta sobre o ator quando retoma o assunto das queimadas na Amazônia, temática que lançou seu governo em uma crise internacional sobre a assistência à floresta. Na época, também sem evidências, o presidente disse que desconfiava que ONGs estivesse envolvidas nos crimes ambientais. A forte reação contra a fala também foi comentada por ele na live.

"Me acusaram de tudo quanto é jeito de ser conivente com as queimadas. Eu falei que suspeitava – fui bem claro, suspeitava – de ONGs. Pronto. A imprensa... três, quatro dias comendo meu fígado pelo Brasil", diz.

Em seguida, ele acusa os brigadistas de Alter do Chão de realmente serem os culpados pelo incêndio na região, em setembro. Os quatro voluntários foram liberados pela Justiça na tarde da quinta-feira, antes da transmissão do presidente. O delegado do caso também chegou a ser afastado pelo governador do Pará, Helder Barbalho, que falou que "ninguém pode ser vítima de prejuízo ou ter seu direito de defesa cerceado".

► Leia também:

- Após decisão judicial, brigadistas de Alter do Chão saem da prisão
- "Difícil não haver ação política por trás", diz ambientalista sobre prisão de voluntários

A falta de evidências que os brigadistas e as ONGs acusadas realmente cometeram o crime não impediu Bolsonaro de continuar acusando-os. A suposta doação do ator também foi negada pela organização WWF: "É o Leonardo DiCaprio? Mico do ano. O que é mais fácil? Tirar foto, filme, vende. Leonardo doou 500 mil dólares pra essa ONG. Leonardo DiCaprio, pô, você tá colaborando pra queimada da Amazônia", diz.

Anúncio

Plano Funerário Familiar

O Plano Funerário com a satisfação mais completa possível para você e sua família.

Amar Assist [Acessar](#)

O presidente também comenta sobre fotos que recebeu que mostrariam, em tese, uma "vida de luxúrias" dos quatro voluntários. Em entrevista à CartaCapital, a mãe de um dos acusados relata que a casa do filho em Santarém não tem eletrodomésticos ou paredes – uma "maloca", como popularmente dito.

"Pisou na bola, hein, DiCaprio? Pelo amor de Deus", encerra o presidente.

Muito obrigado por ter chegado até aqui...

...Mas não se vá ainda. Ajude-nos a manter de pé o trabalho de CartaCapital.

CONFIRA TAMBÉM

BOLSONARO RECUA EM RECONTRATAR ASSESSOR QUE USOU AVIAO DA FAB

NOVO ESTIMULANTE NATURAL VIRA FEBRE NO BRASIL

MONITOR ATUAL

ZUMBIDO: VOCÊ TENTARÁ ESSE NOVO TRUQUE MALUCO PARA PARAR OS SONS IRRITANTES EM SEUS OUVIDOS?

NOVA ABORDAGEM COM OUVIDOS

BOLSONARO DIZ QUE SECRETÁRIO INVESTIGADO PELA PF ESTÁ "ESTA MAIS FIRME DO QUE NUNCA"

EDUARDO BOLSONARO ANUNCIA QUE VAI APRESENTAR PROGRAMA DE ENTREVISTAS

EMAGRECEDOR ELIMINA 4X MAIS GORDURA DA BARRIGA DO QUE SUSTRAMINA

HEPATITIM | EMAGRECIMENTO

Nome*

Email*

Aceito receber comunicações promocionais e ou informativas de CartaCapital

[Inscrever](#)

Proteçamos não utilizar suas informações de contato para enviar qualquer tipo de SPAM.

ANEXO LXXXVII



Home > Notícias > Ano se encerra com 116 ataques de Bolsonaro à imprensa

Ano se encerra com 116 ataques de Bolsonaro à imprensa

JAN 2, 2020

42

A cada três dias, presidente fez um ataque a jornalistas e veículos em meios oficiais, segundo monitoramento da FENAJ



Quase dez ataques por mês foram deferidos pelo presidente Jair Bolsonaro a profissionais jornalistas, a veículos de comunicação e à imprensa em geral, em seu primeiro ano à frente do País. O monitoramento vem sendo

feito pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), que aponta um total de 116 declarações contra a imprensa em 2019. Foram 11 ataques a jornalistas, e 105 tentativas de descredibilização da imprensa.

O mês de dezembro registrou mais cinco ataques, todos classificados como tentativas de descredibilização da imprensa. Quatro deles foi pelo twitter. No dia 13 de dezembro, por exemplo, o perfil oficial do presidente no microblog postou uma capa de jornal do dia, acompanhada do comentário: "A RENDIÇÃO DA IMPRENSA. O Brasil vai bem, apesar dela. Bom dia a todos!"

Esse monitoramento feito pela FENAJ inclui apenas os pronunciamentos registrados por escrito nos meios oficiais do presidente, que são o twitter e as entrevistas e discursos transcritos no site do Planalto. Por isso, o número de ataques ao jornalismo é ainda maior que o já verificado até aqui. No dia 20 de dezembro, Bolsonaro fez violentos ataques a jornalistas em entrevista na portaria do Palácio da Alvorada, de teor homofóbico e pessoal a profissionais que estavam ali simplesmente exercendo seu dever de ofício. No mesmo dia, em nota, a FENAJ e o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Distrito Federal ressaltaram que os ataques tentavam desviar das denúncias que ligam sua família e amigos a atividades criminosas. Federação e sindicato também apelam às redações que reavaliam a decisão de deslocar repórteres para cobrir entrada e saída do Palácio da Alvorada, onde os jornalistas dividem espaço com apoiadores do presidente, que constantemente ameaçam os profissionais (confira a íntegra no final desta matéria).

"Nossa principal preocupação é com a democracia e as instituições democráticas, entre elas as que convençamos chamar de imprensa. Também nos preocupa a questão objetiva da segurança dos Jornalistas. Quando um chefe de Estado ataca sistematicamente profissionais e veículos de imprensa, incentivo que seus apoiadores façam o mesmo, inclusive com intimidação, ameaças e até agressões. Bolsonaro potencializa a agressividade contra jornalistas, e com isso afronta os valores democráticos", diz Maria José Braga, presidenta da FENAJ.

O levantamento produzido pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) começou a ser divulgado com dados de janeiro a outubro de 2019, na véspera do Dia Internacional pelo fim da Impunidade dos Crimes contra Jornalistas, lembrado em 2 de novembro. O mapeamento se refere a dados coletados com base em todas as postagens de Bolsonaro no microblog twitter e no facebook este ano (as contas são sincronizadas), além das transcrições dos discursos e entrevistas oficiais, que constam no site do Palácio do Planalto. Foram avaliadas todas as ocasiões em que o presidente se refere a jornalistas, mídia, imprensa e produção de notícias. A FENAJ continuará divulgando o balanço no ano de 2020.

[Acesse aqui a linha do tempo, de janeiro a dezembro de 2019.](#)

[Acesse aqui a planilha com os hiperlinks de redirecionamento.](#)

Violência contra jornalistas

O monitoramento dos ataques de Bolsonaro à imprensa constará no Relatório Anual da Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil, que será divulgado no próximo dia 16, no Rio de Janeiro.

Em 2018, os casos de agressões a jornalistas cresceram 36,36% em relação ao ano anterior. Foram 135 ocorrências de violência registradas pela FENAJ, entre elas um assassinato, que vitimaram 227 profissionais. A polarização do cenário eleitoral foi um dos fatores relacionados a esse aumento. Em 30 casos, os eleitores/manifestantes foram os agressores, sendo em 23 casos partidários do então candidato Jair Bolsonaro, e em sete apoiadores do ex-presidente Lula, que não chegou a ser candidato.

"As declarações do presidente alimentaram a hostilidade contra jornalistas neste ano de 2019. Alguns ministros também passaram a fazer uso dessa tática, e isso incentivou apoiadores do governo a perseguir os jornalistas nos meios digitais, com mensagens ameaçadoras e exposição de dados privados. É uma tentativa desesperada de enfraquecer o exercício do jornalismo, e de desviar o foco das denúncias contra o governo que vêm se somando desde o início de 2019", diz Márcio Garoni, diretor da FENAJ.

Saiba mais:

[Nota de repúdio a ataques homofóbicos e a jornalistas pelo presidente Bolsonaro](#)

[Dezembro: Ataques de Bolsonaro à imprensa já somam 111 ocorrências](#)



ANEXO LXXXVIII

AE
Login [Seja um apoiador](#)

Em 398 dias como presidente, Bolsonaro deu 650 declarações falsas ou distorcidas

Esta base agrega todas as declarações de Bolsonaro feitas a partir do dia de sua posse como presidente. As checagens são feitas pela equipe do Aca Fatos semanalmente.

Atualizado em 03 de Fevereiro, 2020

Número de afirmações sobre **Todos os temas**

ACUMULADO
DIÁRIO
MENSAL

Afirmações mais repetidas

<

“Montamos nossa equipe de forma técnica, sem o tradicional viés político...”

>

Checagem:

Na fase de transição de governo, quando sua equipe era montada, Bolsonaro não estabeleceu alianças do mesmo modo que administrações anteriores costumavam fazer. Suas negociações com o Congresso têm sido guiadas por interlocutores de bancadas, e não exclusivamente dos partidos (o Legislativo terá maior fragmentação partidária do que em gestões anteriores). Isso não significa, no entanto, que não haja interesses políticos em jogo. O presidente, que recebeu apoio das bancadas ruralista e evangélica durante a campanha, integrou membros das respectivas frentes parlamentares em sua equipe de governo. Essas bancadas têm interesses políticos bem claros: a bancada ruralista pressionou por dar aval ao indicado ao Ministério do Meio Ambiente, Ricardo Salles, que teve apoio de entidades ligadas ao setor, além do ramo da construção civil. Já a bancada evangélica interferiu na escolha do ministro da Educação, inicialmente Bolsonaro cogitou o nome do educador Mozart Neves Ramos. A indicação foi criticada publicamente pelos evangélicos: “pelo que é sabido, ele tem um posicionamento ideológico totalmente diferente dos conceitos e princípios da bancada evangélica”, comentou à época, deputado Ronaldo Nogueira (PTB-RS), ligado à Assembleia de Deus. Com as críticas, Ricardo Vélaz, mais simpático às bandeiras evangélicas, foi nomeado como ministro da Educação.

REPETIDO 19 VEZES. Em 2019: 01.jan, 02.jan, 22.jan, 07.mar, 23.mar, 02.abr, 05.mai, 11.jun, 30.jun, 01.ago, 25.out, 30.out, 27.nov, 02.dec. Em 2020: 01.jan, 03.jan, 04.jan, 16.jan, 29.jan.

Explore as afirmações

Filtrar por tema

Atentado

Forças Armadas

Filtrar por origem

Discurso

ANEXO LXXXIX

BRASIL | Simplifique! | Participe | Acesso à informação | Legislação | Canais

Ir para o conteúdo 1 | Ir para o menu 2 | Ir para a busca 3 | Ir para o rodapé 4

ACESSIBILIDADE | ALTO CONTRASTE | MAPA DO SITE

Programa

Queimadas

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS

Buscar no portal

INPE | Perguntas Frequentes | Notícias | Dados Abertos | Contato

SISTEMAS DE MONITORAMENTO

BDQueimadas 1 BDQueimadas Exemplos e Validações Download de dados	CIMAN Virtual 2 Centro Integrado Multiagências de Coord. Operacional e Federal em Brasília Briefings meteorológicos	TerraMA2Q 3 Acessar ao hotsite do TerraMA2Q.	Focos nas APs 4 Monitoramento de Focos nas Áreas de Proteção Ambiental, ontem
Área Queimada 5 Resolução - 1km Resolução - 30m Geral	Risco de Fogo 6 Análise e Previsão de Risco de Fogo em mapas e Fogogramas, e Meteorologia Anuário de Risco de Fogo	SISAM 7 Aplicativo - Impacto das Queimadas / Incêndios e Meteorologia na Saúde	Receber por e-mail 8 Alertas de focos em Áreas Protegidas, Relatórios Diários, Boletim InfoQueima Mensal, mensagens operacionais, etc.

RELATÓRIOS E PUBLICAÇÕES

Informações atuais 9 Situação Atual Relatório Diário Localização dos Satélites	Boletins internos 10 InfoQueima InfoClima/CPTec PrevFogo/IBAMA	Resumo histórico e animações 11 Estatísticas/Gráficos Países Estatísticas/Gráficos Estados, Biomas e Regiões - BRA Mapas e Animações	Publicações e impacto 12 Referenciadas Na Mídia
--	--	--	--

INFORMAÇÕES E CONTATO

Aspectos básicos 13 Apresentação Perguntas Frequentes Agradecimentos Equipe Manual de uso da marca Trabalhe conosco	Links externos 14 Links sobre Queimadas: nacionais, exterior e materiais de terceiros	Capacitação 15 Cursos Vídeosaulas Seminários e Workshops Experimentos em Campo	Entre em contato 16 Envie suas críticas e sugestões Verificação de focos de queimada
--	---	---	---

Saiba Mais

- Em qual contexto os dados de queimadas do INPE são úteis?
- Que produtos este sistema de queimadas/incêndios do INPE oferece?
- Os produtos de Queimadas do INPE têm algum custo?
- Que tamanho de queimada os satélites detectam?
- O que é a "base 2" de focos de calor e por quais motivos ela foi lançada?

Direitos Autorais

Use estes dados livremente, mas citando a fonte:
 INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, 2018.
 Portal do Monitoramento de Queimadas e Incêndios.
 Disponível em <http://www.inpe.br/queimadas>.
 Acesso em: DD/MM/AAAA.

Fonte: <http://queimadas.dgi.inpe.br/queimadas/portal>

ANEXO XC

PODER360 Portal de Notícias e Opinião Brasileira

www.poder360.com.br

Compartilhe

Comprova: mamadeiras eróticas não foram entregues em creches pelo PT

Produto é vendido em sex shops
Vídeo com informação falsa circula na rede

Falso

Mamadeira com bico em formato de pênis é vendida em sex shops e não tem distribuição em creches

PODER360
28 set. 2018 (sexta-feira) - 6h19
atualizado: 28 set. 2018 (sexta-feira) - 7h57

É falsa a afirmação de que mamadeiras com bico de borracha em formato de pênis foram distribuídas em creches para combater a homofobia. Em 1 vídeo publicado por 1 usuário do Facebook, em 25 de setembro, o autor da gravação mostra o objeto e diz que a mamadeira é "distribuída em creche, para seu filho, com a desculpa de combater a homofobia".

O vídeo não menciona em qual unidade de ensino, município ou Estado ocorreria a suposta distribuição. Ele ainda afirma que se trata de "parte do kit gay, uma invenção de Haddad", em referência ao candidato à Presidência pelo PT, Fernando Haddad.

Embora vários usuários tenham entendido a publicação como sátira, ironizado o post e contestado a veracidade do conteúdo nos comentários, houve quem manifestasse indignação e revolta, confiando nas informações do autor. Até esta 5ª feira (27.set.2018), o Facebook informava que 4.300 pessoas que curtiram o vídeo haviam reagido com humor (Hehe); outras 2.200 com indignação (Grr).

Receba a newsletter do Poder360
todas as dias no seu e-mail

O Comprova fez buscas com a descrição do objeto no Google e constatou que o produto existe e é comercializado para o público adulto em sex shops. Uma das lojas que anuncia a venda pela internet informou ao Comprova que a mercadoria é importada.

A Secretaria Nacional de Comunicação do PT disse desconhecer o vídeo do Facebook e afirmou que o partido e a campanha de Haddad não tem qualquer ligação com o produto mostrado na gravação.

O MEC (Ministério da Educação) observou que cada município e Estado é autônomo e que a gestão de educação básica é dos entes federados, confirmando que não existiu distribuição de material daquele tipo por parte do governo federal.

O Comprova tentou contato com o responsável pelo post no Facebook para esclarecer se ele é o autor da gravação e qual seria sua intenção ao divulgar o vídeo, mas não obteve resposta até a publicação desta verificação. As publicações mais recentes do perfil apoiam candidatura de Jair Bolsonaro.

A publicação original do vídeo no Facebook teve cerca de 2,4 milhões de visualizações e 71.000 compartilhamentos entre 25 e 27 de setembro.

—

O Poder360 integra o projeto [Comprova](#). A iniciativa é uma [coalizão](#) de 24 veículos de imprensa que visa combater a desinformação durante as eleições presidenciais. Leia sobre essa checagem também no [site do Comprova](#). Para ler todos os posts publicados pelo Poder360, [clique aqui](#).

—

Esse texto foi produzido pela AFP e NSC. Nenhuma apuração é publicada antes de ao menos 3 veículos diferentes entrarem em acordo sobre a veracidade do material. As informações foram verificadas por: **Poder360** e **Jornal do Comércio**.

—

Recebeu algum conteúdo duvidoso sobre as eleições presidenciais e quer sugerir uma verificação? Mande uma mensagem para o WhatsApp do Comprova (11) 97795-0022.

IGUATEMI
Empresa do Shopping Centers SA

IGUATEMI:
PIONEIRISMO
E INOVAÇÃO
EM PROJETOS
IMOBILIÁRIOS
HÁ MAIS DE
50 ANOS.

Lela mais

Isabella Paeshaal se diz "indignada" com notícia de divórcio de João Dória por Poder360

PT veta aliança eleitoral com DEM, PSDB e partidos do extremo direito por Poder360

Pré-candidata do PSDB no Rio defende parceria com indústria privada por Poder360

IGUATEMI
Empresa do Shopping Centers SA

IGUATEMI: PIONEIRISMO E INOVAÇÃO
EM PROJETOS IMOBILIÁRIOS HÁ MAIS
DE 50 ANOS.

ANEXO XCI

Assine o Estadão | Arquivo | Agência Estadão | BR Política | Classificador | Estradao | E+ | RFEPA | Imóveis | Jornal do Camo | Lupa | Pálpado | PWC | Rádio Eldorado

ESTADÃO Política **Assine**

FINANCEIRO Família carbonizada em São Bernardo vivia ascensão econômica Cratera em rodovia engole veículos e Botucatu decretará calamidade Temporal desta segunda foi maior chuva de São Paulo em quase 50 anos Quiz da Semana

BLOGS
Estadão Verifica
 Checagem de fatos e desmonte de boatos

As informações e opiniões formadas neste blog são de responsabilidade única do autor.

Códigos de urnas eletrônicas não foram entregues a venezuelanos

Uma das empresas citadas no boato, a Smartmatic é americana e já não tem mais escritório na Venezuela

Estadão Verifica
20 de setembro de 2018 | 14h51

Falso
Enganoso
Fonte não confiável

JORNAL DA CIDADE
 TSE entregou códigos de segurança das urnas eletrônicas para a Venezuela e negou acesso para auditores brasileiros (vídeo)

GRAVISSIMO

UMA NOVA EXPERIENCIA GAMER

DESTAQUES EM POLITICA
 Site distorce pesquisa do IBGE para atacar Dilma
 Negacionista do clima divulga informações falsas sobre processo de difamação no Canadá
 Dupla do 'BBB 20' é alvo de boato

A checagem abaixo foi publicada pelo Projeto Comprova. A verificação foi realizada por uma equipe de jornalistas da Piauí, Gazeta Online, Folha de S. Paulo e O Povo. Outras redações concordaram com a checagem, no processo conhecido como "crosscheck": UOL, SBT, Rádio Bandeirantes, Gazeta do Povo, Poder 360 e Jornal do Commercio.

O Projeto Comprova é uma coalizão de 24 veículos de mídia com o objetivo de combater a desinformação durante o período eleitoral. Você pode sugerir checgagens por meio do número de WhatsApp (11) 97795-0022.

É falsa a informação que circula em redes sociais de que o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) "entregou códigos de segurança das urnas eletrônicas para venezuelanos", como divulgado inicialmente pelo site Jornal da Cidade. De acordo com o texto enganoso, uma empresa estrangeira, com os tais códigos, poderia gerar votos falsos e fazer com que eles passassem como verdadeiros, fraudando as eleições brasileiras.

Segundo o texto publicado no site, a entrega dos códigos teria sido feita a uma empresa comandada por venezuelanos, vencedora do edital de licitação nº 106/2017. Entretanto, a licitação mencionada no texto não previa entrega de códigos da urna e nem chegou a ser concluída, pois as duas únicas empresas interessadas foram desclassificadas.

O Comprova verificou que o edital 106, de 2017, foi aberto para a compra de módulos impressores para as urnas eletrônicas. A primeira empresa vencedora foi a Smartmatic. Fundada em 2000, de acordo com seu site, nos Estados Unidos, por venezuelanos, ela atuou em eleições venezuelanas por mais de dez anos, razão pela qual costuma ser associada ao governo daquele país.

Em 2017, envolveu-se em uma **confusão na Venezuela** ao acusar o Conselho Nacional Eleitoral de fraude nas eleições para a Assembleia Constituinte. Este ano, fechou seus escritórios venezuelanos. A Smartmatic foi reprovada no teste técnico do TSE, realizado em fevereiro deste ano. Segundo a comissão de assessoramento da Corte, os QRs impressos pela empresa foram lidos corretamente, mas as medidas não atenderam às exigências. A organização foi, portanto, desclassificada.

A segunda empresa vencedora do edital e posteriormente desclassificada, foi a TSC Pontual. O motivo, segundo o TSE, foi que a proposta apresentada tinha um valor considerado alto. Convocada para reconsiderar o montante, a TSC Pontual manteve o mesmo número e acabou reprovada.

Este ano foi aberto um **outro edital** com o mesmo intuito, o 16/2018, cuja empresa vencedora foi a CIS Eletrônica da Amazônia. Registrada em Manaus, não há indícios de que ela tenha qualquer relação com a Venezuela.

O edital de 2018, porém, foi revogado por causa da decisão do TSE de suspender a implementação do voto impresso, após a Procuradoria-Geral da República mover uma Ação Direta de Inconstitucionalidade contra um trecho da minireforma eleitoral feita pelo Congresso, em 2015.

Os dois editais, ao contrário do que diz o texto, não envolvem os códigos-fonte das urnas, e sim códigos para o funcionamento das impressoras. Segundo informou o TSE em nota, "a Justiça Eleitoral nunca entregou códigos-fonte da urna eletrônica para qualquer empresa privada, seja estrangeira ou nacional".

"Esse dado pode ser comprovado no Edital nº 106/2017, cujo objeto é a contratação de módulos impressores para a urna eletrônica. Em momento algum do documento está prevista a entrega dos códigos das urnas, especialmente os módulos criptográficos, que são os responsáveis por garantir a identidade e a segurança do processo eleitoral", diz trecho da nota.

Ainda de acordo com o TSE, o edital de 2017 previa apenas o fornecimento de parte do Sistema Operacional Linux, um sistema de código aberto e de conhecimento público, que no caso da Justiça Eleitoral foi adequado para funcionamento específico nas urnas eletrônicas.



Parte das alegações do texto enganoso do Jornal da Cidade Online são atribuídas ao professor de Ciências da Computação da UnB Pedro de Rezende. As afirmações dele, no entanto, foram descontextualizadas.

O especialista **participou de audiência pública** realizada no Senado, em 6 de março de 2018, para discutir a segurança do sistema de votação eletrônica no Brasil. Conforme os **registros oficiais**, Rezende, na verdade, lia aos parlamentares um pedido do Comitê Multidisciplinar Independente (CMInd) para a suspensão da licitação 106/2017, do TSE.

O CMInd reúne especialistas em votação eletrônica e havia apresentado sete petições para suspender a licitação. Na opinião do grupo, ela poderia resultar no compartilhamento de "informações confidenciais, sensíveis à segurança do processo de votação, entre a empresa estrangeira e o TSE".

Para a agência Aos Fatos, Rezende disse que a informação de que os dados das urnas foram enviados a empresas estrangeiras é falsa. Para ele, o correto é dizer que, se a licitação tivesse sido confirmada, "poderiam ser entregues dados sensíveis do sistema de segurança do processo de votação".

Publicado às 21:22 dessa segunda-feira, 17 de setembro, o texto publicado no Jornal da Cidade Online sofreu atualizações cujos horários não foram informados. Entre outras mudanças, primeiro, a redação incluiu a palavra "quase" no título. Depois, o título do texto passou a atribuir informação a professor da UnB.

No Facebook, posts com o link para o texto do Jornal da Cidade Online, até a noite desta quarta-feira, 19, receberam mais de 208 mil interações. Foram publicados em páginas como Brasil Conversador, Canal da Direita e Queremos Bolsonaro Presidente. No Twitter, foram outras 6,9 mil curtidas e retweets. Nesta rede social, o boato foi impulsionado principalmente após o vereador Carlos Bolsonaro, filho do presidenciável Jair Bolsonaro, publicá-lo em seu perfil, na terça-feira.

A informação sobre a suposta entrega de códigos da urna aos estrangeiros já foi desmentida por Aos Fatos, Agência Lupa, Boatos.org e e-farsas.

Tudo o que sabemos sobre:

[votando](#)

[urna eletrônica](#)

[eleições 2018](#)

ANEXO XCII

PODER360 Portal de Relação
Empresário e Investidor

meu perfil
de **compartilhe**

Compartilhe

Comprova: foto em que agressor de Bolsonaro aparece ao lado de Lula é falsa

Adélio foi incluído na montagem
Imagem original foi registrada em 2017
Agressor nunca foi filiado ao PT



A foto original foi feita em maio de 2017 por Ricardo Stuckert, do Instituto Lula. Nela, havia um homem de óculos escuros no lugar em que Oliveira foi inserido

PODER360
10 set. 2019 (segunda-feira) - 19h35

A **imagem** que coloca o **agressor do candidato à Presidência Jair Bolsonaro** (PSL), Adélio Bispo de Oliveira, próximo ao ex-presidente Lula (PT) é uma montagem. O material manipulado digitalmente foi compartilhado em redes sociais, inclusive pelo senador Magno Malta (PR-ES). As informações foram verificadas pelo [Comprova](#).

Apolador de Bolsonaro, Malta postou a imagem enganosa no Twitter e escreveu "*Olha em que time joga o marginal!*" (sic). Na montagem, o rosto de Adélio foi inserido na foto em que Lula aparece ao centro, ladeado pelos senadores Lindbergh Farias (PT-R) e Gleisi Hoffmann (PT-PR), presidente do PT, entre outros apoiadores.

Um círculo vermelho, também inserido digitalmente, destaca o rosto de Adélio, o homem que **atacou Bolsonaro** na tarde da última 5ª feira (6) em Juiz de Fora (MG).

Receba a newsletter do Poder360
todas as dias no seu e-mail

A foto original foi feita em maio de 2017 por Ricardo Stuckert, do [Instituto Lula](#). Na ocasião, Lula prestou depoimento ao juiz Sérgio Moro, em Curitiba. A foto já foi [reproduzida no site do PT](#), em portais e jornais. Um homem de óculos escuros aparece originalmente no lugar onde o rosto de Oliveira foi inserido digitalmente na última quinta.

A localização e a identificação da foto original são possíveis com ferramentas de busca reversa de imagem, como o TinEye.

Usuários da rede comentaram no tuite de Magno Malta que aquilo se tratava de uma montagem. O senador acabou apagando a publicação ainda na 5ª feira, mas o Comprova recuperou a imagem usando o Wayback Machine, uma ferramenta que permite arquivar conteúdos mesmo depois de removidos da internet.

Antes de ser apagada, a postagem do parlamentar já tinha sido retuitada 1.267 vezes. A conta @HelioNogueiraTV também tuitou a foto acrescentando que Adélio é filiado ao PT, o que é falso. De acordo com [dados do TSE](#) (Tribunal Superior Eleitoral), Adélio Bispo de Oliveira foi filiado ao PSOL entre 2007 e 2014. Ele não tem filiação partidária no momento, informação que pode ser verificada no site [ElaWeb](#), mantido pelo Tribunal.

O general Hamilton Mourão (PRTB), candidato a vice de Bolsonaro, e Levy Fidelix, presidente do PRTB, também procuraram vincular Oliveira ao PT. Em nota, eles disseram que o ataque foi feito "*por um militante do Partido dos Trabalhadores*". Outros sites ainda associaram o agressor ao PDT.

As agências [Aos Fatos](#) e [Lupo](#) e o portal [Congresso em Foco](#) também apontaram que a imagem do agressor próximo a Lula é uma montagem.

O **Poder360** integra o projeto [Comprova](#). A iniciativa é uma [coalizão](#) de 24 veículos de imprensa que visa combater a desinformação durante as eleições presidenciais. Leia sobre essa checagem também no [site do Comprova](#). Para ler todos os posts publicados pelo **Poder360**, [clique aqui](#).

Esse texto foi produzido pelo Uol. Nenhuma apuração é publicada antes de ao menos 3 veículos diferentes entrarem em acordo sobre a veracidade da informação. Este post foi verificado por: [Jornal do Commercio](#), [Nexo](#) e **Poder360**.

IGUATEMI
Empresa de Shopping Centers SA

IGUATEMI:
**PIONEIRISMO
E INOVAÇÃO
EM PROJETOS
IMOBILIÁRIOS
HÁ MAIS DE
50 ANOS.**



Lela mais

Janaina Paeshead se diz "indignada" com
revelia de divergência de João Dória
que Poder360



PT veta aliança eleitoral com DEM, PSDB
e partidos de extrema direita
que Poder360



Pré-candidata do PSDB no Rio de Janeiro
por conta com fidelidade privada
que Poder360



IGUATEMI
Empresa de Shopping Centers SA

IGUATEMI: PIONEIRISMO E INOVAÇÃO
EM PROJETOS IMOBILIÁRIOS HÁ MAIS
DE 50 ANOS.

ANEXO XCIII

PODER360 Diretor de Relação
Fernando Rodrigues

Comprova: Haddad não disse que governo deve decidir o gênero das crianças

Não há registro de que ele tenha dito frase

O candidato petista nega e não há registro de que tenha afirmado que o governo deve decidir sobre o gênero de crianças.

PODER360
25 set 2018 (terça-feira) - 21h33
atualizado: 26 set 2018 (quarta-feira) - 14h47

Não há registro de que o candidato à Presidência Fernando Haddad (PT) tenha afirmado que o governo deve decidir sobre o gênero de crianças, diferentemente do que aparece em 1 meme que viralizou no Facebook.

Receba a newsletter do Poder360
tudo os dias no seu e-mail

Segundo o meme, o petista teria dito que "ao completar 5 anos, a criança passa a ser propriedade do Estado" e que cabe ao governo "decidir se menino será menina e vice-versa".

Em pesquisas com as palavras-chave "criança", "propriedade" e "Estado", não foi encontrada nenhuma referência a falas de Haddad nesse sentido. O [Comprova](#) usou as ferramentas de busca do Google, YouTube, Facebook, Twitter e também em portais de notícia.

Receba a newsletter do Poder360
tudo os dias no seu e-mail

A assessoria do presidencial também negou que Haddad tenha feito as declarações que viralizaram.

No [programa de governo do PT](#) a palavra "criança" aparece 18 vezes, mas em nenhum trecho o termo é utilizado no mesmo sentido do boato. No documento, há referências ao combate da mortalidade infantil, repressão do trabalho de crianças e incentivos à educação, além de prevenção ao abandono e à violência.

O meme é aparentemente uma reedição de 1 boato que circulou em fevereiro de 2017, baseado em declaração de Deborah Duprat, procuradora federal dos Direitos do Cidadão, que foi tirada de contexto para dar a ideia de que as crianças são propriedade do Estado.

Na ocasião, Duprat defendia a inconstitucionalidade do projeto Escola Sem Partido. Ela afirmou ser "equivocado" a percepção de que a família tem "poder absoluto sobre a criança" e que a "Constituição diz que a criança é 1 problema da família, da sociedade e do Estado". Posts e textos sobre essa declaração repercutiram nas redes.

Ex-ministro da Educação, Haddad também é [contra](#) o Escola Sem Partido. Foi na gestão do petista à frente do ministério que surgiu, em 2011, a polêmica em torno do material "Escola sem homotopia", que críticos chamam pejorativamente de "kit gay". O material foi vetado pelo governo federal.

A postagem do meme feita na manhã deste domingo, 23 de setembro, em uma página no Facebook teve 152 mil compartilhamentos até o início da tarde desta 3ª feira (25.set.2018). O meme também foi compartilhado pelo WhatsApp.

—

O **Poder360** integra o projeto [Comprova](#). A iniciativa é uma [coalizão](#) de 24 veículos de imprensa que visam combater a desinformação durante as eleições presidenciais. Leia sobre essa checagem também no [site do Comprova](#). Para ler todos os posts publicados pelo **Poder360**, [clique aqui](#).

—

Esse texto foi produzido por: Nexo, Uoi e Estadão. Nenhuma apuração é publicada antes de ao menos 3 veículos diferentes entrarem em acordo sobre a veracidade do material. As informações foram verificadas por: **Poder360**, AFP, *Jornal do Commercio*, *Folha de S.Paulo* e *Band*.

IGUATEMI
Empresa de Shopping Centers SA

IGUATEMI:
PIONEIRISMO
E INOVAÇÃO
EM PROJETOS
IMOBILIÁRIOS
HÁ MAIS DE
50 ANOS.

Ler mais

Amélia P. Pacheco de Sá: 'Indignada' com notícia de divórcio de João Dória
por Roberto

PT tenta alcançar aliados com DEM, PSD e partidos de extrema direita
por Roberto

Pré-candidata do PSD no Rio deturpa parceria com indústria privada
por Maurício Ferraz

IGUATEMI
Empresa de Shopping Centers SA

IGUATEMI: PIONEIRISMO E INOVAÇÃO EM PROJETOS IMOBILIÁRIOS HÁ MAIS DE 50 ANOS.

ANEXO XCIV

PODER360 Projeto de Boicote e Ferramentas Tecnológicas         

Compartilhe    

Comprova: livro de Haddad publicado em 1998 não defende incesto

Projeto Comprova seu publicação
 Post falso foi publicada por Olavo de Carvalho
 Filósofo diz que se equivocou e apagou postagem



Não há informações sobre defesa do incesto no livro publicado por Haddad. Posteriormente, Olavo de Carvalho afirmou ter se equivocado e apagou a publicação.

PODER360
 18 out. 2018 (quinta-feira) - 16h13

O candidato do PT à Presidência da República, Fernando Haddad, não defendeu o incesto no seu livro "Em defesa do socialismo: Por ocasião dos 150 anos do Manifesto" (Editora Vozes, 67 páginas), escrito em 1998. A informação falsa foi publicada no perfil oficial no Facebook do escritor Olavo de Carvalho. Posteriormente, a publicação foi apagada.

Segundo Olavo, Haddad teria escrito na obra que era preciso derrubar "o tabu do incesto" para a implantação do socialismo. "O homem quer que os meninos comam suas mães", escreveu Olavo na publicação que foi apagada.

Receba a newsletter do Poder360
 todos os dias no seu e-mail

No sábado, 13 de outubro, em nova publicação no Facebook, Olavo escreveu: "Em sentido literal e material, não é exato o que escrevi às pressas num post que logo em seguida retirei de circulação, segundo o qual o Haddad 'defende' ou 'prega' a prática do incesto. Ele apenas subscreve integralmente o programa da 'sociedade erótica' pregado pela Escola de Frankfurt, o qual advoga claramente a erotização das relações entre as mães e seus filhos".

A primeira publicação de Olavo com a informação falsa circulou por redes sociais em 11 de maio. Ao lado da imagem (uma captura de tela do texto de Olavo) estava a foto do livro do candidato do PT com o escrito: "BOMBA! POW! LIVRO DE HADDAD DEFENDE SEXO ENTRE PAIS E FILHOS [sic]".

A informação falsa foi republicada no Twitter de Carlos Bolsonaro, filho do candidato à Presidência pelo PSL, Jair Bolsonaro.

"É isso que você quer ver governando o país?", questionou Carlos na rede social ao publicar uma captura de tela da publicação de Olavo no Twitter. Depois, Carlos também apagou o tuíte.

A equipe do Comprova fez a leitura de 1 exemplar do livro de Haddad, consultado na biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo.

O livro é uma obra política que contém uma análise crítica sobre o Manifesto Comunista escrito e publicado pelos pensadores Karl Marx e Friedrich Engels em 1848. Não há citações sobre incesto ou relações que rompam dogmas do relacionamento familiar tradicional na obra.

Durante ato de campanha em São Paulo no domingo, 14 de outubro, Haddad negou com veemência a informação falsa.

"Qual o limite da loucura do meu adversário? Acusar 1 oponente de defender o incesto. Onde nós vamos parar?", questionou Haddad.

Em seu [site de campanha](#), o PT afirma que o livro fala em "subverter o conservadorismo ao dar maior liberdade sexual aos jovens", e nega que a obra tenha passagens com apologia ao incesto.

Em nota, a editora que publicou o livro (Vozes) [informou](#) que o conteúdo compartilhado nas redes sociais "não existe" na obra.

A publicação apagada por Olavo circulou em correntes de WhatsApp durante o sábado e domingo, nos dias 13 e 14 de outubro, como mostra o Monitor de WhatsApp, ferramenta desenvolvida pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais).

Há outros memes que trazem 1 suposto trecho de uma página do livro de Haddad. O Comprova verificou que o conteúdo, entretanto, também não corresponde com a publicação escrita pelo petista. Estaria no livro, segundo algumas postagens, 1 suposto "Decálogo de Lênin", lista de recomendações para a implantação do comunismo que teria sido escrito por Vladimir Lênin, líder da Revolução Russa. O tal decálogo também não consta na obra do candidato petista.

—

O Poder360 integra o projeto [Comprova](#). A iniciativa é uma [coalizão](#) de 24 veículos de imprensa que visa combater a desinformação durante as eleições presidenciais. Leia sobre essa checagem também no [site do Comprova](#). Para ler todos os posts publicados pelo Poder360, [clique aqui](#).

IGUATEMI
 Empresa de Shopping Centers SA

IGUATEMI:
 PIONEIRISMO
 E INOVAÇÃO
 EM PROJETOS
 IMOBILIÁRIOS
 HÁ MAIS DE
 50 ANOS.



Lela mais



Jamaina Paeschoal se diz 'indignada' com notícia de divórcio de João Dória por Paulo Serra



PT sella aliança eleitoral com DEM, PSDB e partidos de extrema direita por Paulo Serra



Pré-candidata do PSDB no Rio defende parceria com indústria privada por Marcelo Ferraz

ANEXO XCV

☰
PODER360 Portal de Notícias e Análises Político
🔍 Buscar

🌐
📧
📱
📺

Mantenha-se atualizado

Comprova: médico de Bolsonaro falou sobre câncer de intestino em tom sarcástico

Frase foi retirada de contexto em gravação
Ele fazia brincadeira sobre postagem falsa

Contexto errado



O médico disse realmente "câncer de intestino" na gravação em vídeo, mas não estava fazendo um diagnóstico

PODER360
27. out. 2018 (sábado) - 16h:10

Um dos médicos do candidato à Presidência Jair Bolsonaro (PSL) realmente disse o termo "câncer de intestino" enquanto se preparava para examinar o deputado federal no último domingo (21.out.2018) como mostra vídeo divulgado em reportagem da TV Record.

O profissional, porém, não estava, naquele momento, dando um diagnóstico ao capitão da reserva. Na realidade, o médico fazia uma brincadeira sobre uma informação falsa que circulou nas redes sociais anteriormente de que Bolsonaro estaria com câncer.

Receba a newsletter do Poder360

Sobor os dias no seu e-mail

OK

Pelo Twitter, trechos do vídeo foram publicados acompanhados de legendas enganosas que sugeriam que o militar estaria realmente com câncer. "Olha! o momento exato em que o médico fala o diagnóstico de Bolsonaro: câncer de intestino. Pra quem desconfiava da teoria de que ele estava doente, tá aí uma prova difícil de refutar" (sic), escreveu uma usuária.

"Médico de Jair Bolsonaro falando ao fundo da reportagem da Record que o candidato a presidência está com **CANCER DE INTESTINO**. 'Montagem'? Reportagem saiu no próprio canal da Record no Youtube" (sic), escreveu outro internauta ao também compartilhar trecho do vídeo.

Realizado no último domingo (21.out), na casa do candidato, no Rio de Janeiro, o exame foi acompanhado pela equipe da TV Record que [produziu uma reportagem](#) sobre o estado de saúde de Bolsonaro para o programa "Domingo Espetacular".

A brincadeira do médico, que aparece aos 9 minutos e 32 segundos, acabou vazando na matéria exibida pela emissora.

Na última 4ª feira (24.out), o blog *Coluna da Fraga*, do portal *R7*, publicou o trecho de gravação sem a edição da reportagem. No vídeo, de 6seg, o médico diz, aos risos: "Operou um câncer no intestino dele. Um câncer no intestino". Uma outra voz masculina complementa: "É uma fake news".

Bolsonaro passou por duas cirurgias complexas após ser atacado com uma faca na barriga enquanto fazia campanha de rua na cidade de Juiz de Fora (MG), em 6 de setembro. O responsável pelo ataque está preso.

Do dia em que foi esfaqueado até o dia que recebeu alta do hospital Albert Einstein, onde ficou em recuperação, Bolsonaro passou 23 dias internado.

O vídeo que tenta induzir que Bolsonaro estaria com câncer foi compartilhado em ao menos 8 contas no Twitter. Em uma delas, o vídeo somou 65,2 mil visualizações, 752 retuites e 1.980 curtidas, até a publicação deste texto.

Em outra conta, o vídeo teve 62,5 mil visualizações, 412 retuites e 902 curtidas entre as 7h34min de 4ª feira (24.out) e às 15h15min de quinta-feira, 25 de outubro.

O **Poder360** integra o projeto **Comprova**. A iniciativa é uma **coalizão** de 24 veículos de imprensa que visa combater o desinformação durante as eleições presidenciais. Leia sobre essa checagem também no [site do Comprova](#). Para ler todos os posts publicados pelo **Poder360**, [clique aqui](#).

IGUATEMI
Empresa de Shopping Centers SA

IGUATEMI:
**PIONEIRISMO
E INOVAÇÃO
EM PROJETOS
IMOBILIÁRIOS
HÁ MAIS DE
50 ANOS.**



Leia mais



Banca Paulista se diz "inligada" com notícia de divórcio de João Dória
por Record



PT tenta aliança eleitoral com DEM, PSDB e partidos de extrema direita
por Record



Pré-candidata do PSDB no Rio defende parceria com indústria privada
por Record News

ANEXO XCVI

PODER360 Diretor de Redação Fernando Rodrigues

Buscar

inscreva-se em nossa newsletter

Compartilhe

Comprova: pesquisa falsa indica 100% de rejeição a Bolsonaro nos presídios

Não há registro desta sondagem no TSE
Informação foi verificada pelo Comprova

IdentificadaG1.com.br

Foi digitalmente alterada

Enganosa

Pesquisa aponta que o índice de rejeição a Jair Bolsonaro chega a 100% em cadeias e presídios

O G1 informa que nunca publicou a notícia. Também não há registro de pesquisa no TSE

PODER360
08 ago. 2018 (quarta-feira) - 15h31
atualizado: 08 ago. 2018 (quarta-feira) - 16h51

O boato que circula nas redes sociais de que foi realizada uma pesquisa de intenção de voto nos presídios brasileiros é falso. O resultado do levantamento seria uma rejeição de 100% ao candidato à Presidência Jair Bolsonaro (PSL). A pesquisa não existe.

O boato afirma que o levantamento foi realizado com 13.000 detentos em 450 presídios e 130 delegacias de todo o país. As informações foram checadas por integrantes do projeto [Comprova](#).

Receba a newsletter do Poder360
Todos os dias no seu e-mail

Leia mais

Jaraina Paeschold diz "indignada" com notícia de divórcio de João Dória

PT volta à arena eleitoral com DEM, PSDB e partidos de extrema direita

Pré-candidata do PSDB no Rio de Janeiro perde com fidelidade privada

IGUATEMI
Empresa de Shopping Centers SA

IGUATEMI: PIONEIRISMO E INOVAÇÃO EM PROJETOS IMOBILIÁRIOS HÁ MAIS DE 50 ANOS.